

JULIO JACOBO WASELFISZ

MAPA DA VIOLÊNCIA 2011

Os JOVENS DO BRASIL

1ª EDIÇÃO

**SÃO PAULO
2011**

INSTITUTO SANGARI

Ministério da
Justiça

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Realização
Instituto Sangari

Produção Editorial

AUTOR: Julio Jacobo Waiselfisz

AUXILIAR DE PESQUISA: Tiago Branco Waiselfisz

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Elissa Khoury Daher

REVISÃO: Globaltec Artes Gráficas Ltda.

CAPA: William Yamamoto

EDITORIAÇÃO: Fernando de Andrade, Marcos Cotrim,
Ricardo Salamon e William Yamamoto

PROJETO GRÁFICO: Fernanda do Val

Equipe Comunicação Sangari

David Moisés

Adriana Fernandes

Luciano Milhomem

Valmir Zambrano

Juliana Pisaneschi

Maíra Villamarin

Oscar Neto

Marcello Queiroz

Cíntia Silva

INSTITUTO SANGARI
Rua Estela Borges Morato, 336
Vila Siqueira
CEP 02722-000 • São Paulo-SP
Tel.: 55 (11) 3474-7500
Fax: 55 (11) 3474-7699
www.institutosangari.org.br

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Esplanada dos Ministérios
Bloco T – 4º andar
CEP 70064-900
Brasília-DF
www.mj.gov.br

www.mapadaviolencia.org.br

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	7
1. Notas Conceituais e Técnicas	9
1.1. Notas Conceituais	9
1.2. Notas Técnicas	12
2. Marco da mortalidade juvenil no Brasil	17
3. Homicídios	21
3.1. Evolução dos Homicídios nas Unidades Federadas.....	21
3.2. Evolução dos Homicídios nas Capitais	31
3.3. Evolução dos Homicídios nas Regiões Metropolitanas.....	40
3.4. Os Homicídios nos Municípios	43
3.5. Visão Conjunta das Áreas: Interiorização da Violência Homicida	49
3.6. A Questão Etária	52
3.7. Homicídios por Raça/Cor	55
3.8. Homicídios Segundo o Sexo	64
3.9. Comparações Internacionais.....	67
3.10. Vitimização Juvenil	70
4. Acidentes de Transporte	77
4.1. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas UF.....	77
4.2. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Capitais	86
4.3. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Regiões Metropolitanas.....	93
4.4. As Mortes por Acidentes de Transporte nos Municípios	95
4.5. As Idades das Vítimas.....	100

4.6. Óbitos em Acidentes de Transporte Segundo o Sexo	103
4.7. Sazonalidade dos Óbitos por Acidentes de Transporte	108
4.8. Comparações Internacionais.....	109
4.9. Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte.....	112
5. Suicídios	117
5.1. Evolução dos Suicídios nas Unidades Federadas	117
5.2. Evolução dos Suicídios nas Capitais	123
5.3. Evolução dos Suicídios nas Regiões Metropolitanas.....	128
5.4. Os Suicídios nos Municípios	131
5.5. A Idade dos Suicidas	137
5.6. Os Suicídios por Sexo.....	140
5.7. Cor/Raça e Suicídios	145
5.8. Comparações Internacionais.....	148
6. Considerações Finais	151
Bibliografia	159

APRESENTAÇÃO

O presente estudo é resultado da colaboração entre o Ministério da Justiça do Brasil e o Instituto Sangari, na tentativa de contribuir para a compreensão de um dos maiores desafios que hoje enfrenta nosso país: o da violência irrompendo e transformando o cotidiano da sociedade.

Apesar da grande precariedade nas informações disponíveis, as fontes são coincidentes em afirmar que:

- As políticas desenvolvidas a partir de 2003 conseguiram estancar o íngreme crescimento da violência homicida que se vinha alastrando, desde 1980, sem solução de continuidade.
- Nossos índices permanecem ainda extremamente elevados, tanto quando comparamos nossos indicadores com os de outros países do mundo quanto na percepção e temores da população sobre sua própria insegurança.
- Nossa preocupação cresce quando verificamos que essa violência continua a ter como principal ator e vítima a nossa juventude. É nessa faixa etária, a dos jovens, que duas em cada três mortes se originam numa violência, seja ela homicídio, suicídio ou acidente de transporte.
- Nas mortes no trânsito, depois das quedas ocasionadas pelo novo Código de Trânsito de 1997, em 2004, os números retornam ao patamar anterior e seguem crescendo a partir dessa data.
- Os suicídios, por sua vez, continuam a não ter grande expressividade no país. Todavia, foi possível verificar a existência de um determinado número de municípios com índices exageradamente elevados, nos quais a totalidade ou a maior parte dos suicídios acontece nas populações indígenas, principalmente entre seus jovens.

Fica evidente, nos dados arrolados no estudo, que Governo e sociedade não ficaram nem estão de braços cruzados. Há diferentes iniciativas articulando esforços de diversos níveis e estruturas de Governo – Federal, Estadual e Municipal – e da sociedade civil voltadas para o enfrentamento da violência em geral e da violência entre jovens em particular. São essas iniciativas que conseguiram estagnar nossos níveis de violência homicida a partir de 2003 e, em várias Unidades Federadas, fazer os índices retrocederem de forma significativa.

São iniciativas que, de forma original em cada caso, aliaram componentes repressivos – como a retomada de territórios dominados pela criminalidade, a melhoria da eficiência e a depuração e articulação das estruturas da segurança pública – com ações preventivas, como a campanha do desarmamento, ou as propostas para dar aos jovens alternativas às drogas, à exclusão educacional, cultural e laboral.

Contudo, os dados também indicam que ainda nos encontramos em uma situação de equilíbrio instável. Esses notórios avanços na contenção da violência homicida estão sendo contrabalançados por fortes crescimentos em outras áreas, num movimento rumo às cidades do interior, que o estudo identifica como *interiorização*. Ou também rumo a Estados até o momento considerados de baixo ou médio potencial, num processo que o trabalho denomina *espalhamento*. Em ambos os casos, a resultante foi um deslocamento dos pólos dinâmicos da violência rumo a locais com menor presença do Estado na área de segurança pública.

É inegável que essa situação de equilíbrio instável vai exigir esforços redobrados tanto dos Governos quanto da sociedade civil, no sentido de também *interiorizar e espalhar* as políticas de contenção e enfrentamento da violência.

É nesse quadro que o presente estudo pretende cumprir um papel na construção de um Brasil menos violento para todos e, principalmente, para sua juventude. Oferece-nos um amplo panorama que permite identificar e localizar as cidades e as regiões brasileiras com maior vulnerabilidade à violência e assim poder focalizar nesses locais as ações necessárias para coibir ou suprimir as causas da violência que ceifa tantas vidas. Conhecer – ou reconhecer – os problemas e sua magnitude é um passo imprescindível para agir no sentido de equacioná-lo. E estamos falando aqui de um dos direitos humanos fundamentais: o direito à vida, sem o qual nenhum dos outros direitos tem o mínimo sentido ou significação.

INTRODUÇÃO

Estamos retomando o tema de nossa juventude. Esse retorno não é novo. Já o fizemos em repetidas ocasiões, a partir de diversas perspectivas e múltiplos recortes.

Foi assim na série de quatro estudos agrupados genericamente sob o título *Juventude, Violência e Cidadania*, realizada em fins da década de 1990, focando a situação específica dos jovens a partir de pesquisas de campo em quatro grandes capitais: Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro e Fortaleza. Também quando decidimos construir um *Índice de Desenvolvimento Juvenil*, visando a criar um indicador contínuo que, da mesma forma que o Índice de Desenvolvimento Humano, possibilitasse exprimir as condições e dificuldades de acesso de nossa juventude a benefícios sociais considerados básicos, como educação, saúde, trabalho e renda. Nesse campo, foram divulgados dois relatórios, um em 2004 e outro em 2007.

Por último, a série dos *Mapas*. Desde 1998, ano que viu a luz o primeiro, com dados de 2006 até o atual, foram ao todo 11 mapas. A maior parte, seis, agrupados sob um subtítulo genérico – *Os jovens do Brasil* – e, como o atual, abordam as especificidades e evolução da mortalidade violenta da juventude brasileira. Inclui-se nessa categoria de *mortalidade violenta* não apenas os homicídios, mas, também, diversas outras violências letais, como suicídios e mortes em acidentes de transporte.

Fazer esse exame temporal dos estudos produzidos nos leva, de forma quase inexorável, a nos perguntarmos: O que mudou nesse ínterim, desde 1996, ano-base dos dados do primeiro mapa, até os dias de hoje?

Em 1996, nossa taxa de homicídios juvenis foi de 41,7 em 100 mil. Hoje, com os dados correspondentes a 2008, estamos com 52,9 vítimas juvenis. Jovens mortos em acidentes de transporte: tínhamos 24,2 em cada 100 mil em 1996; agora, são 25,7 em 100 mil. Suicídios: subiram de 4,8 em 1996

para 5,1 em 2008. Devemos reconhecer que o grande inchaço nos homicídios juvenis, como fica evidente nos diversos mapas, aconteceu nas décadas de 1980 e 1990, entrando na virada do século até 2003. A partir dessa data, começaram a declinar. Mas ainda com níveis que podemos considerar, no mínimo, insuportáveis. Também no trânsito, depois de um breve refluxo a partir da promulgação do novo Código, em fins de 1997, as taxas de mortalidade começam novamente a subir, superando, inclusive, as existentes antes da promulgação da lei. Nossas taxas de suicídio sempre foram relativamente baixas no contexto internacional. No entanto, vêm se elevando nos últimos anos e evidenciando a emergência de novos fenômenos: áreas com taxas de suicídios extremamente altas, inclusive em termos internacionais, e áreas de suicídios culturais ou étnicos (comunidades indígenas).

Foi precisamente a grande preocupação com os índices alarmantes de mortalidade de nossa juventude que nos levou a traçar o primeiro desses mapas e continuar depois com os estudos. Hoje, com grande pesar, vemos que tais motivos ainda existem e subsistem, apesar de reconhecer os avanços realizados em diversas áreas. Contudo, são avanços ainda insuficientes diante da magnitude do problema.

Mais que acabados e frios estudos acadêmicos, os mapas constituem chamados de alerta. Nosso propósito é contribuir, de forma corresponsável e construtiva, para o enfrentamento da violência por parte da sociedade brasileira. Colocado de maneira simples, pretendemos fornecer informação sobre como morrem nossos jovens: em suas capitais, em seus estados, nos grandes conglomerados urbanos, nos municípios, por causas que a Organização Mundial da Saúde qualifica como *violenta*. Todavia, é nítido que estamos lidando com a violência letal, isto é, a violência em seu grau extremo, mas que representa a ponta visível do *iceberg* da modernidade de nossas relações sociais. Não se alude, ao menos de forma direta, salvo em algumas exceções, a outras tantas preocupações concomitantes que não são apenas do Brasil, mas de dimensão quase planetária. Assim, não se fala diretamente do alarmante incremento do consumo de drogas e do narcotráfico; não se fala das diversas formas emergentes de dominação e controle territorial que disputam com o Estado a legitimidade no uso da violência, seja resultante do tráfico, de milícias, de madeiras ilegais e interesses econômicos e políticos rondando grandes empreendimentos agrícolas no arco do desmatamento. Ou nas áreas de biopirataria, ou nos municípios de fronteira na rota do tráfico, do contrabando de armas e produtos etc. Um exemplo bem recente dessa territorialização da violência e sua possível erradicação foi a retomada do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro.

Não pretendemos, aqui, realizar um diagnóstico da violência no país. Além de não ter essa pretensão, seria impossível para nós abranger a realidade diversificada de 5.564 municípios, 27 Unidades Federadas, 27 Capitais, dez grandes regiões Metropolitanas. De forma bem mais modesta, pretendemos, sim, subsidiar esse diagnóstico.

Assim, esperamos que as informações aqui oferecidas possam servir de base para estudos mais aprofundados sobre o tema, para discussões locais e, fundamentalmente, para diagramar políticas e estratégias que permitam reverter o quadro observado. Só isso justificaria o esforço realizado.

1. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS

1.1. Notas Conceituais

O contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo todo, como o evidenciam diversas pesquisas de opinião pública.

Todavia, também assistimos, de meados para finais do século passado, a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de fenômenos que parecem ser características marcantes da nossa época: a violência e a insegurança. Como assevera Wieviorka¹, “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”. Efetivamente, assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência no mundo: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc., índices de criminalidade, incluindo nesta categoria o narcotráfico etc. Também assistimos, nas últimas décadas, a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume, “(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”², como

-
1. WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo social*: revista de Sociologia da USP, v. 9, n. 1, 1997.
 2. PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia. Brasília, ago., 1997.

a violência intrafamiliar contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas etc.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes a determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que “há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”³.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e, ainda, o sentido atribuído, neste trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar, como já apontamos, a violência, da forma anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência. Nem toda, sequer a maior parte das violências cotidianas, conduzem necessariamente à morte de algum dos protagonistas implicados. Porém, a morte revela, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma maneira que a virulência de uma epidemia é indicada, frequentemente, pela quantidade de mortes que originou, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que causa.

Em segundo lugar, porque não existem muitas alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no Distrito Federal⁴, tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto/furto, foram somente 4%; nos casos de violência no trânsito, apenas 15%. Já no campo dos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) que centraliza informações sobre os óbitos em todo o país, e cobre um universo bem abrangente das mortes acontecidas e de suas causas.

Dada a utilização desse Sistema, entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios. O que permite unificar, em uma categoria única, circunstâncias aparentemente pouco semelhantes? Diferentemente das mortes por causas endógenas, que remetem a uma deterioração da saúde causada por algum tipo de enfermidade ou doença, nos casos aqui tratados, a morte é resultado de uma intervenção humana, ou seja, resultado de alguma ação dos indivíduos, seja contra si, como no caso dos suicídios, seja pela intervenção, intencional ou não, de outras pessoas.

3. MICHAUD, Y. *A violência*. Ática: São Paulo, 1989.

4. WAISELFISZ, J.J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 1998.

Se cada uma dessas mortes tem sua história individual, seu conjunto de determinantes e causas diferentes e específicas para cada caso, irredutíveis em sua diversidade e compreensíveis só a partir de seu contexto específico, sociologicamente falando, temos que notar como serão desenvolvidas, ao longo do trabalho, sua regularidade e constância. Um número determinado de mortes violentas acontece todos os anos, levemente maior ou menor que o número de mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas. E são essas regularidades as que nos possibilitam inferir que, longe de ser resultado de decisões individuais tomadas por indivíduos isolados, estamos perante fenômenos de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade.

Durkheim⁵, em fins do século passado, escreveu um tratado sobre o tema do suicídio que pode ser considerado uma das pedras fundamentais da moderna Sociologia. Ressaltava o autor que as taxas de suicídio representam um excelente indicador da situação social, e que seus movimentos se encontram fortemente relacionados a problemas gerais que afetam o conjunto societal. Entendia ele que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual. Pelo contrário, as maneiras coletivas de agir e de pensar resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento, a elas se conformam. O tratamento do crime, da violência e do suicídio como fato social permitir-lhe-ia reabilitar cientificamente esses fenômenos e demonstrar que a prática de um crime depende não tanto do indivíduo, senão das diversas formas de coesão e de solidariedade social. Do mesmo modo, ao longo deste trabalho, pretendemos indicar que as diversas formas de violência abordadas, longe de serem produtos aleatórios de atores isolados, configuram “tendências” que encontram sua explicação nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

Os estudos mais recentes sobre a violência têm-se concentrado na área urbana, o que se explica pelo fato de as grandes questões da sociedade se localizarem, principalmente, nas grandes cidades. Segundo Dubet⁶, o espaço urbano aparece como sintoma, símbolo, representação “da civilização e da barbárie modernas”. Isso explica os níveis de desagregação das informações utilizados no presente estudo: Unidades Federadas e capitais dessas Unidades. Mas certos fenômenos que começaram a ser detectados nos últimos mapas da violência, a partir de 2004, que caracterizamos sob o termo *interiorização da violência* nos levaram a trabalhar, também, com o panorama dos municípios do país, área que contava com enormes lacunas de informação. Entretanto, também, nos estimularam a trabalhar, em nível municipal, evidências nacionais e internacionais de que as experiências exitosas de enfrentamento da violência tinham uma profunda base municipal de atuação.

5. DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996.

6. DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

Também a definição de juventude – em cujas configurações específicas pretende concentrar-se este estudo – pode adquirir conotações diversas e passíveis de serem identificadas segundo os interesses de cada área do conhecimento. A alternativa fácil do recorte etário, se por um lado introduz uma referência concreta, não permite superar o problema da caracterização do conceito de juventude. Mas, inclusive, com relação à faixa etária, também existem divergências na identificação da categoria juventude. Neste documento, seguiremos as definições da Organização Pan-americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, nas quais adolescência e juventude se diferenciariam pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Para a OPS/OMS⁷ a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

1.2. Notas Técnicas

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde passou a divulgar as informações do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), cujas bases de dados foram utilizadas para a elaboração do presente relatório.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei n. 15, de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei n. 6.216, de 30/06/1975), nenhum sepultamento pode ser realizado sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de atestado médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A certidão, normalmente, fornece dados relativos a: idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência. Determina, igualmente, a legislação, que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, no local da ocorrência do evento. Visando ao interesse de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se no presente trabalho este último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Isso, porém, não deixa de trazer alguns problemas que, no formato atual da certidão de registro, não tem solução. É o caso das situações em que o lugar onde aconteceu o “incidente” que levou à morte difere do local onde ocorreu o falecimento. Feridos em “incidentes” levados para hospitais localizados em outros municípios, ou até em outros Estados, aparecem dessa forma, contabilizados no “lugar do falecimento”.

7. OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington. D.C., 1985.

Outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9) da Organização Mundial da Saúde. A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão vigente até os dias de hoje (CID-10).

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento etc.) é registrado, descrevem-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte do indivíduo. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10, foram utilizadas as seguintes:

- **Acidentes de transporte**, que correspondem às categorias V01 A V99 do CID-10 e incorporam, além dos comumente denominados “acidentes de trânsito”, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água etc.
- **Homicídios**, que correspondem ao somatório das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de *Agressões*. Têm como característica a presença de uma agressão *intencional* de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.
- **Suicídios**, que correspondem às categorias X60 a X84, todas sob o título *Lesões autoprovocadas intencionalmente*.

As informações usadas sobre cor/raça das vítimas são as que constam no sistema. O SIM começou a incorporar essa informação com a adoção, em 1996, do CID-10, utilizando o mesmo esquema classificatório do IBGE: branca, preta, amarela, parda e indígena. Mas, nos primeiros anos, até depois da virada do século, o subregistro da cor/raça das vítimas foi muito elevado. Por tal motivo, somente a partir do ano de 2002 começamos a considerar essa informação, quando já 92% das vítimas de homicídios, acidentes de transporte e suicídio tinham a informação de cor/raça. Além disso, para simplificar as análises, as categorias *preto* e *parda* foram somadas para constituir a categoria *negro*, desconsiderando *amarelo* e *indígena* por escassa participação na população (entre ambas, menos de 0,5%). Utilizaremos somente, pela sua relevância, a categoria *indígena* ao analisar os suicídios no país.

Nas análises específicas relativas às regiões metropolitanas do país foram estudadas as nove regiões metropolitanas tradicionais – Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre – criadas ao longo da década de 1970, agregando também a região metropolitana de Vitória que, apesar de ser bem mais recente, apresenta um interesse específico quando se trata de analisar a violência letal no país.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS⁸ em cuja metodologia foi baseado o nosso SIM, pelo que ambas as séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando comparações internacionais em larga escala. A partir dessas bases, foi possível completar os dados de mortalidade de 100 países. Contudo, como os países atualizam suas informações na OMS em datas muito diferentes, resulta muito limitado utilizar dados de um único ano. Assim, foram usados os últimos dados disponibilizados entre 2004 e 2008.

Para o cálculo das taxas de mortalidade do Brasil, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo Datasus que, por sua vez, utiliza as seguintes fontes:

- **1980, 1991 e 2000:** IBGE – Censos Demográficos;
- **1996:** IBGE – Contagem Populacional;
- **1981-1990, 1992-1999, 2001-2006:** IBGE – Estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/Datasus;
- **2007-2009:** IBGE – Estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) – População e Desenvolvimento. Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Todavia, no nível municipal, principalmente quando se trata de municípios de pequeno porte, podem existir grandes flutuações de um ano para outro. Alguns poucos homicídios ou um acidente de trânsito com vítimas fatais em uma estrada elevam insuportavelmente as taxas desse ano, voltando praticamente a zero no ano seguinte. Por tal motivo, foram adotados os seguintes critérios:

- Elaborar taxas para municípios com um mínimo de 10 mil casos (habitantes, para as taxas totais ou pessoas de 15 a 24 anos de idade, para as taxas juvenis).
- Para municípios entre 10 e 30 mil casos, a taxa média dos 3 últimos anos disponibilizados pelo MS: 2006, 2007 e 2008.
- Para municípios de 30 mil casos ou mais, a taxa do ano de 2008.

Contudo, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de erro, o que aumenta progressivamente devido à distância temporal do último censo disponível.

Ainda sobre o tema, resta esclarecer que apesar de as taxas serem divulgadas com uma casa decimal, para maior precisão, os cálculos (por exemplo, de crescimento decenal ou entre diversos anos etc.) são realizados com 5 casas decimais. Assim, diferenças podem aparecer quando se realizam os cálculos a partir das taxas divulgadas na publicação, com uma casa decimal: isso se deve ao efeito do arredondamento.

8. WHOSIS, *World Mortality Databases*.

Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do *US Census Bureau*⁹.

Uma última ressalva deve ser ainda colocada. Refere-se à peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos devido a sua peculiar forma de organização.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM¹⁰, e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello Jorge¹¹; Ramos de Souza et al.¹²).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o subregistro. Esse subregistro se deve, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões Norte e Nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidades dos municípios. O próprio SIM¹³ estima que os dados apresentados em 1992 podem representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Mas, pelas evidências existentes, esse subregistro afeta bem mais as mortes por causas naturais do que as mortes violentas.

Não apenas a quantidade, mas também a qualidade dos dados tem sofrido reparos: mortes sem assistência médica que impede o apontamento correto das causas e ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

9. <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>.

10. SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/I, 1995.

11. MELLO JORGE, M.H.P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

12. RAMOS de SOUZA, et al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1996.

13. SIM/DATASUS/MS. op. cit.

2. MARCO DA MORTALIDADE JUVENIL NO BRASIL

Segundo as estimativas populacionais do IBGE, para o ano de 2008 o país contava com um contingente de 34,6 milhões de jovens na faixa dos 15 aos 24 anos de idade. Esse quantitativo representa 18,3% do total dos 189,6 milhões de habitantes que a instituição projetava para o país. A proporção já foi maior. Em 1980, existia menor quantidade absoluta de jovens: 25,1 milhões mas, no total dos 118,7 milhões de habitantes, representavam 21,1%. Diversos processos, ligados fundamentalmente à urbanização e modernização da sociedade brasileira, originariam quedas progressivas nas taxas de fertilidade, o que derivou no estreitamento da base da pirâmide populacional do país.

Nas capitais dos estados, a proporção de jovens foi levemente menor. Para o ano de 2008, e sempre seguindo as estimativas do IBGE, dos 45 milhões de moradores das capitais, 7,9 milhões eram jovens, o que representa 17,6% do total.

Mas esse ritmo de crescimento no número absoluto de jovens – de 25,1 milhões, em 1980, para 34,6 milhões, em 2008 – começou a declinar progressivamente já em meados da década atual, em função das referidas mudanças nas curvas demográficas do país.

A taxa global de mortalidade da população brasileira caiu de 633 em 100 mil habitantes, em 1980, para 568, em 2004, fato bem evidente na no aumento da expectativa de vida da população, um dos índices cuja progressiva melhora possibilitou singificativos avanços no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH dos últimos anos. Apesar desses ganhos gerais, a taxa de mortalidade juvenil manteve-se praticamente inalterada ao longo do período, e só teve um leve aumento, passando de 128, em 1980, para 133 a cada 100 mil jovens, em 2008. Esse diferencial nos ritmos de evolução da mortalidade indica a existência de processos diversos. Isso se deve ao fato de as características da mortalidade juvenil não terem permanecido congeladas ao longo do tempo, mas mudado radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar “*novos padrões da mortalidade juvenil*”.

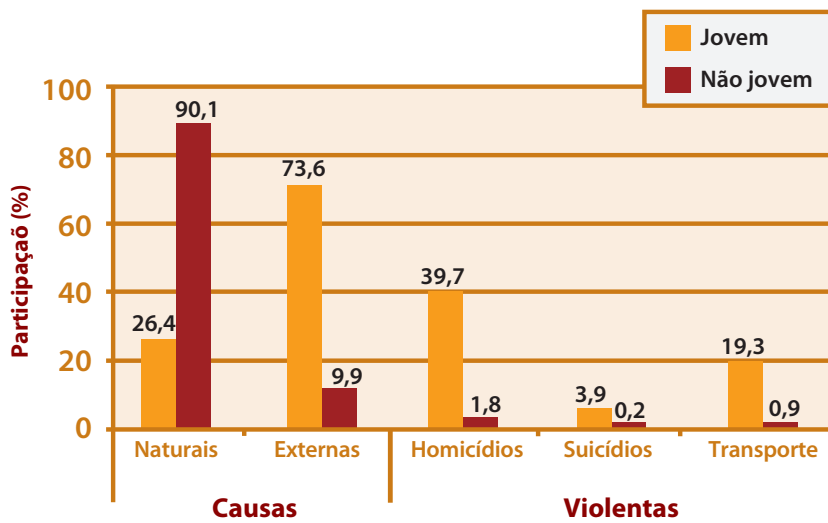
Estudos históricos realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro (Vermelho e Mello Jorge¹⁴) mostram que as epidemias e doenças infecciosas – as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas –, foram progressivamente substituídas pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente, acidentes de trânsito e homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa significativa mudança. Em 1980, as “causas externas” já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Vinte e oito anos depois, em 2008, dos 46.154 óbitos juvenis registrados no SIM/SVS/MS, 33.770 tiveram sua origem em causas externas, pelo que esse percentual elevou-se de forma drástica: em 2004, quase 3/4 de nossos jovens (72,1%) morreram por causas externas. Como veremos ao longo deste trabalho, o maior responsável continua sendo o capítulo de homicídios, apesar da queda no ano de 2004 em razão do impacto das políticas de desarmamento.

Dividindo a população em dois grandes grupos: os *jovens* – 15 a 24 anos – e os *não jovens* – 0 a 14 e 25 e mais anos – teremos o panorama sintetizado na Tabela 2.1. Na população *não jovem*, só 9,9% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por 73,6% das mortes. Se na população *não jovem* só 1,8% dos óbitos são causados por homicídios, entre os jovens, os homicídios são responsáveis por 39,7% das mortes. Mas essas são as médias nacionais. Em alguns estados, como Alagoas, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo e Distrito Federal, mais da metade das mortes de jovens foi provocada por homicídio. Além dessas mortes, acidentes de transporte são responsáveis por mais 19,3% dos óbitos juvenis, e suicídios adicionam ainda 3,9%. Em conjunto, essas três causas são responsáveis por quase 2/3 (62,8%) das mortes dos jovens brasileiros.

14. VERMELHO, L.L.; MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*. n. 30, v. 4, 1996. Apud: MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

Olhando para as configurações regionais, vemos que no Norte e no Nordeste, na faixa jovem, a proporção de mortes por causas naturais é bem mais elevada do que no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, fenômeno que pode ser também atribuído às dificuldades relativas de acesso aos sistemas de saúde. Essa situação se torna extrema nos estados do Acre e Piauí, onde acima de 40% dos jovens morre, ainda, por causas naturais.

Gráfico 2.1. Causas de Mortalidade Jovem e Não Jovem (em %). Brasil, 2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 2.1. Estrutura da Mortalidade: Participação (%) das Diversas Causas. Por UF e Região.
População Jovem e Não Jovem. Brasil, 2008.

UF/REGIÃO	CAUSAS POPULAÇÃO JOVEM							CAUSAS POPULAÇÃO NÃO JOVEM						
	NATURAIS	EXTERNAS	TOTAL	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE	MORTES VIOLENTAS	NATURAIS	EXTERNAS	TOTAL	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE	MORTES VIOLENTAS
ACRE	44,7	55,3	100,0	25,9	2,4	17,1	45,3	90,2	9,8	100,0	1,6	0,1	1,1	2,9
AMAZONAS	33,5	66,5	100,0	37,7	7,0	13,5	58,1	88,3	11,7	100,0	2,7	0,5	1,0	4,2
AMAPÁ	25,0	75,0	100,0	49,0	7,8	12,0	68,8	85,0	15,0	100,0	4,9	0,8	1,2	6,9
PARÁ	29,5	70,5	100,0	48,0	3,2	11,1	62,3	86,5	13,5	100,0	4,0	0,3	0,9	5,2
RONDÔNIA	23,2	76,8	100,0	36,1	6,3	23,7	66,1	82,5	17,5	100,0	2,4	0,4	1,6	4,4
RORAIMA	35,2	64,8	100,0	14,3	13,3	23,8	51,4	80,1	19,9	100,0	1,1	1,0	1,8	4,0
TOCANTINS	30,6	69,4	100,0	25,4	6,4	29,1	60,9	86,6	13,4	100,0	1,5	0,4	1,7	3,6
NORTE	30,4	69,6	100,0	41,5	4,9	14,7	61,1	86,5	13,5	100,0	3,2	0,4	1,1	4,7
ALAGOAS	20,4	79,6	100,0	60,9	2,3	12,2	75,4	86,9	13,1	100,0	5,2	0,2	1,0	6,4
BAHIA	23,0	77,0	100,0	50,7	1,4	9,2	61,2	88,5	11,5	100,0	3,0	0,1	0,5	3,7
CEARÁ	26,7	73,3	100,0	37,7	5,4	20,9	64,0	89,5	10,5	100,0	1,9	0,3	1,0	3,2
MARANHÃO	35,0	65,0	100,0	31,6	3,9	19,6	55,1	89,2	10,8	100,0	2,0	0,2	1,2	3,5
PARAÍBA	28,8	71,2	100,0	39,3	3,1	21,6	63,9	91,6	8,4	100,0	1,7	0,1	0,9	2,8
PERNAMBUCO	21,8	78,2	100,0	57,7	2,7	10,4	70,7	88,9	11,1	100,0	3,5	0,2	0,6	4,3
PIAUI	41,8	58,2	100,0	16,4	7,3	25,5	49,2	90,9	9,1	100,0	0,8	0,3	1,2	2,3
RIO GRANDE DO NORTE	25,3	74,7	100,0	37,3	3,8	14,6	55,7	89,7	10,3	100,0	1,9	0,2	0,7	2,8
SERGIPE	31,5	68,5	100,0	38,3	3,7	18,6	60,7	88,4	11,6	100,0	1,8	0,2	0,9	2,8
NORDESTE	26,0	74,0	100,0	45,7	3,2	14,5	63,5	89,2	10,8	100,0	2,6	0,2	0,8	3,6
ESPIRITO SANTO	16,8	83,2	100,0	57,7	1,3	17,7	76,7	84,8	15,2	100,0	3,9	0,1	1,2	5,2
MINAS GERAIS	27,5	72,5	100,0	36,0	4,6	22,4	63,0	91,3	8,7	100,0	1,4	0,2	0,9	2,4
RIO DE JANEIRO	24,5	75,5	100,0	42,2	0,8	11,6	54,6	90,7	9,3	100,0	1,6	0,0	0,4	2,1
SÃO PAULO	33,0	67,0	100,0	24,4	4,2	26,7	55,3	92,3	7,7	100,0	0,7	0,1	0,8	1,6
SUDESTE	28,2	71,8	100,0	34,5	3,2	20,9	58,6	91,4	8,6	100,0	1,2	0,1	0,7	2,1
PARANÁ	18,2	81,8	100,0	46,3	4,1	25,2	75,6	89,2	10,8	100,0	2,3	0,2	1,2	3,7
RIO GRANDE DO SUL	27,0	73,0	100,0	35,1	7,7	21,5	64,3	91,9	8,1	100,0	1,0	0,2	0,6	1,9
SANTA CATARINA	22,3	77,7	100,0	23,1	6,3	37,6	66,9	89,6	10,4	100,0	0,9	0,2	1,5	2,6
SUL	21,9	78,1	100,0	38,2	5,7	26,3	70,2	90,4	9,6	100,0	1,5	0,2	1,0	2,7
DISTRITO FEDERAL	24,4	75,6	100,0	50,8	4,6	15,7	71,0	87,2	12,8	100,0	3,1	0,3	0,9	4,3
GOIÁS	20,4	79,6	100,0	41,2	4,2	25,1	70,5	87,1	12,9	100,0	2,3	0,2	1,4	3,9
MATO GROSSO DO SUL	22,9	77,1	100,0	36,6	9,3	24,7	70,6	88,0	12,0	100,0	2,0	0,5	1,3	3,8
MATO GROSSO	25,1	74,9	100,0	32,8	5,4	27,4	65,6	83,2	16,8	100,0	2,1	0,3	1,7	4,1
CENTRO OESTE	22,7	77,3	100,0	40,4	5,5	23,7	69,6	86,5	13,5	100,0	2,3	0,3	1,4	4,0
BRASIL	26,4	73,6	100,0	39,7	3,9	19,3	62,8	90,1	9,9	100,0	1,8	0,2	0,9	2,8

Fonte: SIM/SVS/MS

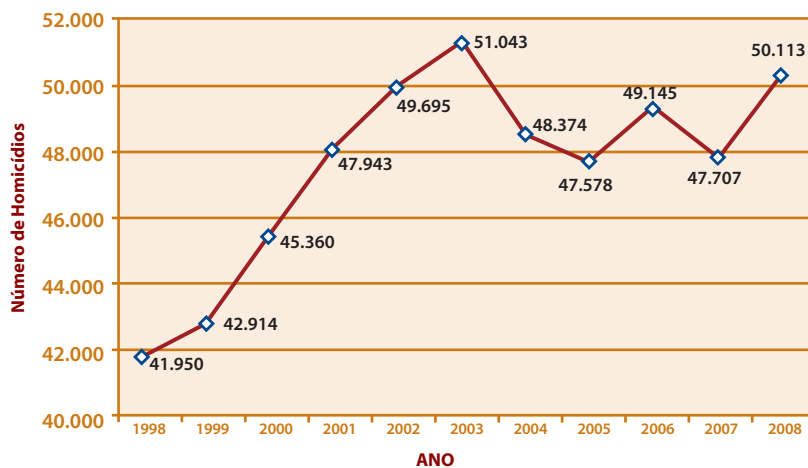
3. HOMICÍDIOS

3.1. Evolução dos Homicídios nas Unidades Federadas

No período que compreende os anos de 1998 e 2008, o número total de homicídios registrados pelo SIM passou de 41.950 para 50.113, o que representa um incremento de 17,8%, levemente superior ao incremento populacional do período que, segundo estimativas oficiais, foi de 17,2%.

No Gráfico a seguir, pode-se verificar que a quantidade de homicídios cresceu significativamente e de forma muito regular até o ano de 2003, com elevados incrementos: em torno de 5% ao ano. Já em 2004, essa tendência se reverte, quando o número de homicídios cai 5,2% em relação a 2003. A queda – como veremos mais adiante – pode ser atribuída às políticas de desarmamento desenvolvidas na época.

Gráfico 3.1.1. Evolução do Número de Homicídios. Brasil, 1998/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

Com menor intensidade, o declínio continua em 2004. Porém, a partir de 2005, os números absolutos começam a oscilar fortemente: elevam-se em 2006, e caem novamente em 2007 para voltar a crescer de forma acentuada em 2008. Contrastando com o período anterior, de crescimento sistemático, os dados se revelam contraditórios, crescendo em um ano, caindo no outro. Isso indica a presença de forças também contraditórias, cuja prevalência circunstancial pressiona os quantitativos nacionais ora para cima ora para baixo. Encontramos uma primeira explicação ao focarmos a situação e evolução nas grandes regiões do país ou nas Unidades da Federação, o que nos dá um panorama bem complexo e heterogêneo.

A Tabela 3.1.1 permite verificar que na década estudada todas as regiões, salvo a Sudeste, evidenciam crescimento em seus quantitativos. E em todas elas, o ritmo de crescimento foi significativamente elevado. Neste sentido, destacam-se as regiões Norte e Nordeste, onde vários estados – Pará, Alagoas, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Norte e Sergipe – quadruplicaram, ou quase, seu número de homicídios na década analisada. Aqui, merece destaque Maranhão, que a partir de números bem modestos, em 1998, evidencia um crescimento de 367% no lapso de 10 anos. Também outros estados, como Piauí, Ceará e Paraíba, sem chegar ao extremo dos anteriores, ostentam índices de crescimento elevados, mais que duplicando os números de 1998. Tudo isso leva as respectivas regiões a evidenciar preocupantes taxas de crescimento, sendo elas de 108,1 para a região Norte e 101,5 para a região Nordeste.

Também o Sul mostra um expressivo aumento – 86,4% – no número de homicídios, puxado pelo incremento de 111,5% do Paraná e 97,7% de Santa Catarina.

Já no Centro-Oeste, os homicídios cresceram em ritmo menor: 48,3%, mas ainda muito elevado e também acima da média nacional.

É na região Sudeste que encontramos a maior polarização: por um lado, Minas Gerais, onde os homicídios cresceram 163%, isto é, mais que duplicaram, ainda que com indícios de reversão a partir de 2004, processo mais evidente ainda em sua Capital e região Metropolitana, como veremos mais à frente. No outro extremo, São Paulo, com quedas expressivas e sistemáticas a partir de 1999, onde o número absoluto de homicídios, em 2008, fica reduzido em menos da metade do nível de 1998. Dado o elevado peso demográfico do estado de São Paulo, suas quedas afetam não só os índices regionais, que caem 29,9%, mas também os nacionais.

Também o Rio de Janeiro, com menor intensidade que São Paulo, vê seu número absoluto de homicídios cair 28,7% na década, principalmente a partir de 2003, coincidindo temporalmente com a Campanha do Desarmamento.

Tabela 3.1.1. Número de Homicídios na População Total por UF e Região. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	109	51	108	122	151	135	115	125	155	133	133	22,0
AMAPÁ	163	193	155	184	181	190	173	196	203	171	211	29,4
AMAZONAS	536	527	557	483	512	561	523	598	697	711	827	54,3
PARÁ	769	637	806	955	1.186	1.383	1.522	1.926	2.073	2.204	2.868	273,0
RONDÔNIA	489	434	466	565	606	559	562	552	589	435	480	-1,8
RORAIMA	132	154	128	107	121	106	83	94	110	116	105	-20,5
TOCANTINS	136	148	179	223	180	225	205	202	236	224	232	70,6
NORTE	2.334	2.144	2.399	2.639	2.937	3.159	3.183	3.693	4.063	3.994	4.856	108,1
ALAGOAS	585	552	724	836	989	1.041	1.034	1.211	1.617	1.839	1.887	222,6
BAHIA	1.251	890	1.223	1.579	1.735	2.155	2.255	2.823	3.278	3.614	4.765	280,9
CEARÁ	941	1.108	1.229	1.298	1.443	1.560	1.576	1.692	1.793	1.936	2.031	115,8
MARANHÃO	266	251	344	536	576	762	696	903	925	1.092	1.243	367,3
PARAIBA	454	404	519	490	608	620	659	740	819	861	1.021	124,9
PERNAMBUCO	4.428	4.200	4.276	4.697	4.431	4.512	4.173	4.307	4.478	4.560	4.431	0,1
PIAUI	141	131	234	279	315	316	347	386	437	406	387	174,5
RIO GRANDE DO NORTE	223	226	251	316	301	409	342	408	450	594	720	222,9
SERGIPE	176	338	416	532	549	473	464	492	597	526	574	226,1
NORDESTE	8.465	8.100	9.216	10.563	10.947	11.848	11.546	12.962	14.394	15.428	17.059	101,5
ESPÍRITO SANTO	1.692	1.543	1.449	1.472	1.639	1.640	1.630	1.600	1.774	1.885	1.948	15,1
MINAS GERAIS	1.471	1.546	2.056	2.344	2.977	3.822	4.241	4.208	4.155	4.103	3.869	163,0
RIO DE JANEIRO	7.570	7.249	7.337	7.352	8.321	7.840	7.391	7.098	7.122	6.313	5.395	-28,7
SÃO PAULO	14.001	15.810	15.631	15.745	14.494	13.903	11.216	8.727	8.166	6.234	6.118	-56,3
SUDESTE	24.734	26.148	26.473	26.913	27.431	27.205	24.478	21.633	21.217	18.535	17.330	-29,9
PARANÁ	1.633	1.698	1.766	2.039	2.226	2.525	2.813	2.981	3.095	3.112	3.453	111,5
RIO GRANDE DO SUL	1.514	1.523	1.662	1.848	1.906	1.900	1.963	2.015	1.964	2.174	2.367	56,3
SANTA CATARINA	399	381	423	460	572	653	632	616	656	632	789	97,7
SUL	3.546	3.602	3.851	4.347	4.704	5.078	5.408	5.612	5.715	5.918	6.609	86,4
DISTRITO FEDERAL	720	723	770	774	744	856	815	745	769	815	873	21,3
GOIÁS	636	800	1.011	1.102	1.275	1.259	1.427	1.398	1.410	1.426	1.754	175,8
MATO GROSSO	846	825	996	986	963	929	867	907	899	892	942	11,3
MATO GROSSO DO SUL	669	572	644	619	694	709	650	628	678	699	690	3,1
CENTRO-OESTE	2.871	2.920	3.421	3.481	3.676	3.753	3.759	3.678	3.756	3.832	4.259	48,3
BRASIL	41.950	42.914	45.360	47.943	49.695	51.043	48.374	47.578	49.145	47.707	50.113	19,5

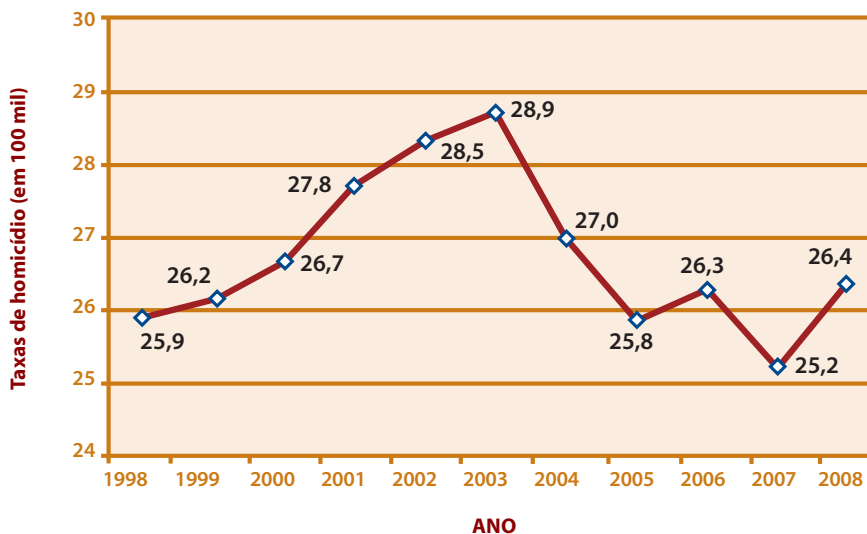
Fonte: SIM/SVS/MS

Observando mais atentamente as Unidades Federadas, ficam evidentes modos de evolução altamente diferenciados, com extremos que vão do Maranhão, Pará ou Ceará, onde os índices decenais se elevam drasticamente, até uns poucos estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, cujos números caíram na década considerada.

Mas o que realmente impressiona nesses números são suas magnitudes. No ano de 2008, com todas as quedas derivadas da Campanha do Desarmamento e de diversas iniciativas estaduais, aconteceram mais de 50 mil homicídios, nível semelhante ao pico de 51 mil homicídios de 2003. Isso representa 137 vítimas diárias, número maior que um massacre de Caradiru¹⁵ a cada dia do ano. Na década analisada, morreram, no Brasil, exatamente 521.822 mil pessoas vítimas de homicídio, quantitativo que excede, largamente, o número de mortes da maioria dos conflitos armados registrados no mundo¹⁶.

Tomando em conta o crescimento demográfico, a evolução na década apresenta-se como uma grande pirâmide (Gráfico 3.1.2) com anos extremos muito semelhantes (em torno de 26 homicídios em 100 mil habitantes) e um pico pronunciado nos anos centrais – 2002 e 2003 –, quando as taxas se elevaram para quase 29 homicídios em 100 mil habitantes.

Gráfico 3.1.2. Evolução das Taxas de Homicídios (em 100 Mil). Brasil, 1998/2008.



Chamam a atenção, em primeiro lugar, as fortes oscilações do final do período e, em segundo, a indagação se presenciaremos a retomada do crescimento da violência homicida.

15. Um tumulto na Casa de Detenção do Complexo de Carandiru, na zona norte de São Paulo, originou a intervenção das forças policiais, que deixou um saldo de 111 mortes segundo os dados oficiais. Esse fato ficou conhecido internacionalmente como “Massacre do Carandiru”.

16. Estudamos esse tema em *Mortes matadas por armas de fogo 1979-2003*. Brasília: UNESCO, 2004.

A Tabela 3.1.2 desagrega essas taxas por Unidade Federada e Região. Vemos que 11 das 27 Unidades Federativas evidenciaram crescimento negativo em níveis variados: Espírito Santo e Acre, abaixo de 10%. São Paulo apresentou uma queda acima de 62%, redução que deixou o Estado com 1/3 dos índices de 1998.

Tabela 3.1.2. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População Total por UF e Região. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	21,2	9,7	19,4	21,2	25,7	22,5	18,7	18,7	22,6	18,9	19,6	-7,8
AMAPÁ	38,7	43,9	32,5	36,9	35,0	35,5	31,3	33,0	33,0	26,9	34,4	-11,2
AMAZONAS	21,3	20,4	19,8	16,7	17,3	18,5	16,9	18,5	21,1	21,0	24,8	16,4
PARÁ	13,3	10,8	13,0	15,1	18,4	21,0	22,7	27,6	29,2	30,4	39,2	193,8
RONDÔNIA	38,3	33,5	33,8	40,1	42,3	38,4	38,0	36,0	37,7	27,4	32,1	-16,1
RORAIMA	50,6	57,7	39,5	31,7	34,9	29,7	22,6	24,0	27,3	27,9	25,4	-49,8
TOCANTINS	12,3	13,0	15,5	18,8	14,9	18,3	16,4	15,5	17,7	16,5	18,1	47,6
NORTE	19,7	17,7	18,6	19,9	21,7	22,9	22,6	25,1	27,0	26,0	32,1	63,1
ALAGOAS	21,8	20,3	25,6	29,3	34,3	35,7	35,1	40,2	53,0	59,6	60,3	177,2
BAHIA	9,7	6,8	9,4	11,9	13,0	16,0	16,6	20,4	23,5	25,7	32,9	237,5
CEARÁ	13,4	15,6	16,5	17,2	18,9	20,1	20,0	20,9	21,8	23,2	24,0	79,1
MARANHÃO	5,0	4,6	6,1	9,4	9,9	13,0	11,7	14,8	15,0	17,4	19,7	297,0
PARAÍBA	13,5	12,0	15,1	14,1	17,4	17,6	18,6	20,6	22,6	23,6	27,3	101,5
PERNAMBUCO	58,9	55,4	54,0	58,7	54,8	55,3	50,7	51,2	52,7	53,1	50,7	-13,8
PIAUI	5,2	4,8	8,2	9,7	10,9	10,8	11,8	12,8	14,4	13,2	12,4	138,9
RIO GRANDE DO NORTE	8,5	8,5	9,0	11,2	10,6	14,2	11,7	13,6	14,8	19,3	23,2	172,8
SERGIPE	10,4	19,7	23,3	29,3	29,7	25,2	24,4	25,0	29,8	25,9	28,7	174,8
NORDESTE	18,5	17,5	19,3	21,9	22,4	24,0	23,2	25,4	27,9	29,6	32,1	73,9
ESPIRITO SANTO	58,4	52,5	46,8	46,7	51,2	50,5	49,4	46,9	51,2	53,6	56,4	-3,5
MINAS GERAIS	8,6	8,9	11,5	12,9	16,2	20,6	22,6	21,9	21,3	20,8	19,5	126,6
RIO DE JANEIRO	55,3	52,5	51,0	50,5	56,5	52,7	49,2	46,1	45,8	40,1	34,0	-38,6
SÃO PAULO	39,7	44,1	42,2	41,8	38,0	35,9	28,6	21,6	19,9	15,0	14,9	-62,4
SUDESTE	35,9	37,4	36,6	36,6	36,8	36,1	32,1	27,6	26,7	23,0	21,6	-39,7
PARANÁ	17,6	18,1	18,5	21,0	22,7	25,5	28,1	29,0	29,8	29,6	32,6	84,9
RIO GRANDE DO SUL	15,3	15,3	16,3	17,9	18,3	18,1	18,5	18,6	17,9	19,6	21,8	42,1
SANTA CATARINA	7,9	7,5	7,9	8,4	10,3	11,6	11,1	10,5	11,0	10,4	13,0	64,3
SUL	14,7	14,7	15,3	17,1	18,3	19,5	20,6	20,8	20,9	21,4	24,0	63,7
DISTRITO FEDERAL	37,4	36,7	37,5	36,9	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	-8,8
GOIÁS	13,4	16,5	20,2	21,5	24,5	23,7	26,4	24,9	24,6	24,4	30,0	123,8
MATO GROSSO	36,3	34,7	39,8	38,5	37,0	35,0	32,1	32,4	31,5	30,7	31,8	-12,2
MATO GROSSO DO SUL	33,5	28,2	31,0	29,3	32,4	32,7	29,6	27,7	29,5	30,0	29,5	-11,9
CENTRO-OESTE	26,1	26,0	29,4	29,3	30,4	30,5	30,0	28,2	28,3	28,4	31,1	19,1
BRASIL	25,9	26,2	26,7	27,8	28,5	28,9	27,0	25,8	26,3	25,2	26,4	1,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Contrabalançando essas quedas, 16 estados tiveram crescimento positivo na década, com casos extremos, como o do Maranhão, que quadruplicou seus índices.

Essas mudanças alteram o mapa tradicional dos homicídios no país, como pode ser visto na Tabela 3.1.3, na qual encontramos as Unidades Federadas ordenadas pela situação de suas taxas de homicídio em 1998 e 2008.

Um estado como Alagoas, que há até poucos anos apresentava taxas moderadas, abaixo da média nacional, em pouco tempo passou a liderar o triste *ranking* da violência do país, com crescimento vertiginoso a partir de 1999. De forma semelhante, Paraná, Pará e Bahia, que em 1998 apresentavam índices relativamente baixos, em 2008 passam a ocupar lugares de maior destaque nessa nova configuração. No sentido contrário, São Paulo, que com sua taxa de 39,7 homicídios em 1998 ocupava a 5ª posição nacional, em 2008, dez anos depois, suas taxas caem para 14,9 homicídios em 100 mil habitantes, passando a ocupar uma das últimas posições, a 25ª.

Tabela 3.1.3. Ordenamento das UF por Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População Total. 1998/2008.

UF	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.
ALAGOAS	21,8	11º	60,3	1º
ESPIRITO SANTO	58,4	2º	56,4	2º
PERNAMBUCO	58,9	1º	50,7	3º
PARÁ	13,3	19º	39,2	4º
AMAPÁ	38,7	6º	34,4	5º
DISTRITO FEDERAL	37,4	8º	34,1	6º
RIO DE JANEIRO	55,3	3º	34,0	7º
BAHIA	9,7	22º	32,9	8º
PARANÁ	17,6	14º	32,6	9º
RONDÔNIA	38,3	7º	32,1	10º
MATO GROSSO	36,3	9º	31,8	11º
GOIÁS	13,4	18º	30,0	12º
MATO GROSSO DO SUL	33,5	10º	29,5	13º
SERGIPE	10,4	21º	28,7	14º
PARAÍBA	13,5	16º	27,3	15º
RORAIMA	50,6	4º	25,4	16º
AMAZONAS	21,3	12º	24,8	17º
CEARÁ	13,4	17º	24,0	18º
RIO GRANDE DO NORTE	8,5	24º	23,2	19º
RIO GRANDE DO SUL	15,3	15º	21,8	20º
MARANHÃO	5,0	27º	19,7	21º
ACRE	21,2	13º	19,6	22º
MINAS GERAIS	8,6	23º	19,5	23º
TOCANTINS	12,3	20º	18,1	24º
SÃO PAULO	39,7	5º	14,9	25º
SANTA CATARINA	7,9	25º	13,0	26º
PIAUI	5,2	26º	12,4	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

Se a magnitude de homicídios correspondentes ao conjunto da população já pode ser considerada muito elevada, a relativa ao grupo jovem adquire caráter de epidemia. Os 34,6 milhões de jovens que o IBGE estima que existiam no Brasil em 2008, representavam 18,3% do total da população. Mas os 18.321 homicídios que o DATASUS registra para esse ano duplicam exatamente essa proporção: 36,6%, indicando que a vitimização juvenil alcança proporções muito sérias.

Tabela 3.1.4. Número de Homicídios na População de 15 a 24 anos por UF e Região. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	51	14	50	50	68	56	51	42	61	37	44	-13,7
AMAPÁ	71	90	81	90	94	104	91	95	90	86	94	32,4
AMAZONAS	256	241	249	201	218	255	211	245	299	290	319	24,6
PARÁ	297	195	289	361	423	521	546	733	746	830	1.086	265,7
RONDÔNIA	145	113	139	150	174	151	184	158	163	134	137	-5,5
RORAIMA	45	53	53	40	51	33	33	22	35	35	15	-66,7
TOCANTINS	40	48	62	60	57	61	65	57	78	61	83	107,5
NORTE	905	754	923	952	1.085	1.181	1.181	1.352	1.472	1.473	1.778	96,5
ALAGOAS	174	196	279	336	386	431	456	491	694	763	772	343,7
BAHIA	452	331	464	591	685	874	854	1.107	1.291	1.405	2.004	343,4
CEARÁ	311	347	432	442	480	495	551	614	647	735	776	149,5
MARANHÃO	74	70	133	208	194	259	252	322	337	394	455	514,9
PARAÍBA	149	137	212	198	231	216	232	271	296	318	368	147,0
PERNAMBUCO	1.808	1.640	1.745	1.938	1.759	1.808	1.743	1.810	1.807	1.832	1.776	-1,8
PIAUÍ	54	52	89	94	126	113	134	147	168	126	125	131,5
RIO GRANDE DO NORTE	89	57	76	99	99	137	116	165	147	211	281	215,7
SERGIPE	53	112	152	195	212	180	147	156	219	188	185	249,1
NORDESTE	3.164	2.942	3.582	4.101	4.172	4.513	4.485	5.083	5.606	5.972	6.742	113,1
ESPIRITO SANTO	596	573	533	558	681	639	645	645	671	684	754	26,5
MINAS GERAIS	451	520	776	872	1.120	1.550	1.743	1.715	1.635	1.607	1.477	227,5
RIO DE JANEIRO	2.753	2.710	2.817	2.746	3.184	2.983	2.812	2.704	2.652	2.310	1.933	-29,8
SÃO PAULO	5.378	6.133	6.430	6.242	5.991	5.707	4.295	3.036	2.621	1.846	1.747	-67,5
SUDESTE	9.178	9.936	10.556	10.418	10.976	10.879	9.495	8.100	7.579	6.447	5.911	-35,6
PARANÁ	511	546	615	690	849	947	1.144	1.202	1.204	1.261	1.388	171,6
RIO GRANDE DO SUL	463	511	533	604	664	626	716	697	641	751	737	59,2
SANTA CATARINA	107	97	105	139	177	218	201	220	230	229	276	157,9
SUL	1.081	1.154	1.253	1.433	1.690	1.791	2.061	2.119	2.075	2.241	2.401	122,1
DISTRITO FEDERAL	330	332	341	369	356	407	374	331	303	342	366	10,9
GOIÁS	195	257	355	396	438	440	529	532	534	520	613	214,4
MATO GROSSO	230	218	278	289	280	276	252	269	298	249	267	16,1
MATO GROSSO DO SUL	201	172	213	177	210	244	222	208	206	231	243	20,9
CENTRO-OESTE	956	979	1.187	1.231	1.284	1.367	1.377	1.340	1.341	1.342	1.489	55,8
BRASIL	15.284	15.765	17.501	18.135	19.207	19.731	18.599	17.994	18.073	17.475	18.321	19,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Vemos por essa Tabela 3.1.4 que o incremento decenal dos homicídios juvenis: 19,9% foi semelhante ao crescimento de homicídios da população total, quando até a década passada, como ficou evidente em mapas anteriores, os homicídios jovens cresciam em ritmo bem mais rápido que os do resto da população. O Gráfico 3.1.3 detalha a evolução dessa participação juvenil nos homicídios desde 1979. Ele deixa claro o crescimento tendencial da participação até o fim da década passada, estagnação até 2003 e quedas posteriores até 2008, acompanhando o movimento de interiorização ao qual dedicaremos um capítulo específico mais adiante.

Gráfico 3.1.3. Participação dos Homicídios Juvenis no Total de Homicídios. Brasil, 1979/2008.



De toda forma, a Tabela 3.1.4 permite verificar que, também nos homicídios juvenis, a situação dos estados é muito heterogênea. Unidades como Rio de Janeiro, Roraima¹⁷ e, principalmente, São Paulo conseguem diminuir significativamente seus números absolutos. Já diversos outros estados, principalmente aqueles que tinham baixos números no início da década analisada, apresentam um crescimento fora dos padrões aceitáveis, como o caso do Maranhão, que cresce 514% na década, ou Alagoas e Bahia¹⁸, que mais que quadruplicam. Os extremos podem ser encontrados nestas Unidades: Maranhão, cujos números crescem 514%, até São Paulo, que cai 68% na década analisada.

Levando em conta a população de 15 a 24 anos dos estados, as taxas de homicídios ficam detalhadas na Tabela 3.1.5.

17. Surpreendem, no caso de Roraima, as grandes oscilações de ano para ano, com elevado crescimento ou fortes quedas pouco explicáveis.

18. Para o caso da Bahia, um fenômeno de subnotificação evidente no início do período analisado, como esclarecido em nota anterior, explica esse crescimento como problema de fidedignidade e subnotificação na década passada.

Tabela 3.1.5. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População de 15 a 24 anos por UF e Região. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	45,3	12,1	40,5	39,2	52,5	42,7	37,0	29,6	42,6	25,6	31,7	-30,1
AMAPÁ	75,5	91,6	75,8	80,3	82,2	89,2	73,5	73,8	68,6	64,3	72,5	-4,0
AMAZONAS	46,4	42,7	39,8	31,2	33,4	38,5	30,9	35,0	42,4	40,9	46,0	-0,9
PARÁ	24,1	15,5	21,3	25,9	30,1	36,6	37,4	48,5	49,3	54,7	71,3	196,1
RONDÔNIA	53,7	41,2	47,2	49,9	57,4	49,4	59,0	50,2	51,7	42,4	45,5	-15,2
RORAIMA	82,5	94,9	75,7	55,0	69,2	44,3	42,6	26,7	42,0	41,4	18,1	-78,0
TOCANTINS	16,9	19,7	24,9	23,4	21,9	23,2	24,0	20,8	28,3	22,0	31,7	88,0
NORTE	35,4	28,9	32,7	32,8	36,9	39,7	38,5	42,9	46,5	46,3	56,8	60,2
ALAGOAS	30,6	34,2	46,0	54,6	62,3	69,1	72,8	79,3	113,1	125,6	125,3	309,3
BAHIA	16,5	11,9	16,0	20,0	23,0	29,2	28,6	37,9	45,1	50,1	70,7	328,8
CEARÁ	22,5	24,8	28,7	28,8	31,1	31,8	34,7	37,2	39,1	44,2	45,5	102,1
MARANHÃO	6,6	6,2	10,6	16,2	14,9	19,7	18,9	23,6	24,9	29,3	33,6	406,2
PARAIBA	21,9	20,0	29,8	27,5	31,9	29,6	31,7	37,0	40,8	44,2	49,8	127,6
PERNAMBUCO	115,7	104,1	105,7	116,0	104,6	106,8	102,4	108,1	108,9	111,4	106,1	-8,3
PIAUI	9,4	9,0	14,3	14,9	19,8	17,6	20,8	22,6	26,1	19,8	19,5	106,3
RIO GRANDE DO NORTE	17,0	10,7	13,4	17,1	17,0	23,4	19,6	27,1	24,2	34,9	46,0	171,1
SERGIPE	14,9	31,0	39,8	50,1	54,0	45,5	36,7	38,1	53,7	46,3	47,2	216,9
NORDESTE	33,3	30,6	35,1	39,5	39,9	42,8	42,3	47,8	53,2	57,2	63,8	91,6
ESPÍRITO SANTO	102,2	96,8	83,9	86,0	104,0	96,8	96,7	96,7	101,4	104,3	120,0	17,4
MINAS GERAIS	13,4	15,3	21,8	24,2	30,8	42,4	47,6	47,5	45,8	45,4	41,6	209,6
RIO DE JANEIRO	110,7	107,9	107,7	103,6	119,4	111,2	104,7	103,1	102,3	90,1	76,9	-30,5
SÃO PAULO	79,2	89,0	89,6	85,3	81,3	76,8	57,5	41,3	36,0	25,6	25,3	-68,1
SUDESTE	69,4	74,2	75,5	73,2	76,6	75,4	65,5	56,8	53,7	46,2	43,5	-37,4
PARANÁ	28,5	30,1	33,8	37,6	46,1	51,3	61,7	64,4	64,6	67,7	73,3	157,3
RIO GRANDE DO SUL	26,9	29,4	29,2	32,7	35,8	33,6	38,5	36,7	34,0	40,2	40,4	50,0
SANTA CATARINA	11,3	10,1	10,4	13,5	17,1	21,0	19,2	20,4	21,4	21,3	25,4	124,6
SUL	24,2	25,6	26,9	30,4	35,7	37,7	43,3	43,7	43,0	46,6	50,0	106,1
DISTRITO FEDERAL	75,6	74,2	74,3	78,5	74,8	84,6	76,3	71,8	66,1	74,9	77,2	2,2
GOIÁS	19,6	25,3	34,6	37,9	41,5	41,3	48,8	50,5	50,7	49,4	57,7	194,0
MATO GROSSO	46,9	43,6	53,2	54,2	52,1	50,9	45,5	48,9	54,0	45,0	47,0	0,3
MATO GROSSO DO SUL	50,8	42,8	51,6	42,2	49,8	57,6	51,8	47,9	47,6	53,4	55,9	10,0
CENTRO-OESTE	41,3	41,4	49,1	49,9	51,6	54,4	53,9	53,6	53,7	53,8	58,6	42,1
BRASIL	47,7	48,5	51,4	52,3	55,0	56,1	52,4	50,9	51,4	50,1	52,9	10,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Podemos ver por essa Tabela e também pela 3.1.6 níveis de violência homicida juvenil marcadamente diferenciados entre os estados. Todavia, inclusive nos melhores casos, os elevados níveis de vítimas juvenis não deixam de ser altamente preocupantes e graves. Roraima, com seus dados com problemas de fidedignidade, e o Piauí, com sua taxa de 19 homicídios juvenis para cada 100 mil jovens, são as Unidades que apresentam as menores taxas do país. Ainda assim, mostram-se muito elevadas quando transpostas para o contexto internacional, como veremos no capítulo correspondente às comparações internacionais. Já no outro extremo, Alagoas, Espírito Santo e Pernambuco, com suas taxas acima de 100 vítimas jovens a cada 100 mil jovens, ostentam marcas que não têm comparação mundial.

Tabela 3.1.6. Ordenamento das UF por Taxas de Homicídio (em 100 Mil). 15 a 24 anos de idade. 1998/2008

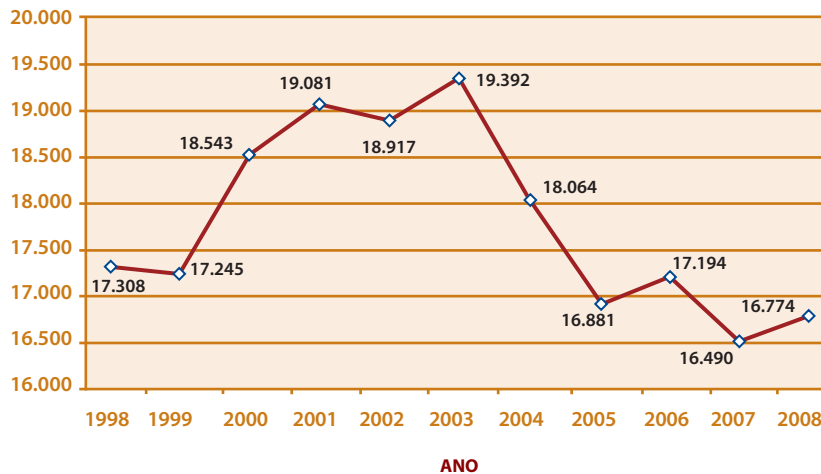
UF	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.
ALAGOAS	30,6	13º	125,3	1º
ESPIRITO SANTO	102,2	3º	120,0	2º
PERNAMBUCO	115,7	1º	106,1	3º
DISTRITO FEDERAL	75,6	6º	77,2	4º
RIO DE JANEIRO	110,7	2º	76,9	5º
PARANÁ	28,5	14º	73,3	6º
AMAPÁ	75,5	7º	72,5	7º
PARÁ	24,1	16º	71,3	8º
BAHIA	16,5	22º	70,7	9º
GOIÁS	19,6	19º	57,7	10º
MATO GROSSO DO SUL	50,8	9º	55,9	11º
PARAIBA	21,9	18º	49,8	12º
SERGIPE	14,9	23º	47,2	13º
MATO GROSSO	46,9	10º	47,0	14º
AMAZONAS	46,4	11º	46,0	15º
RIO GRANDE DO NORTE	17,0	20º	46,0	16º
CEARÁ	22,5	17º	45,5	17º
RONDÔNIA	53,7	8º	45,5	18º
MINAS GERAIS	13,4	24º	41,6	19º
RIO GRANDE DO SUL	26,9	15º	40,4	20º
MARANHÃO	6,6	27º	33,6	21º
TOCANTINS	16,9	21º	31,7	22º
ACRE	45,3	12º	31,7	23º
SANTA CATARINA	11,3	25º	25,4	24º
SÃO PAULO	79,2	5º	25,3	25º
PIAUI	9,4	26º	19,5	26º
RORAIMA	82,5	4º	18,1	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

3.2. Evolução dos Homicídios nas Capitais

Considerando exclusivamente as Capitais é possível verificar que a evolução decenal de homicídios tomou rumos diferentes aos experimentados pelas Unidades Federadas, evidenciando que os polos dinâmicos da violência homicida já não se concentram nas grandes capitais como teremos oportunidade de analisar mais à frente. Com 17.308 homicídios em 1998, o total das capitais cai para 16.774 em 2008, o que representa uma diminuição de 3,1% na década (contra 19,5% de aumento nas UF). Isto, *per se*, já indica uma mudança nos padrões vigentes até inícios da presente década, período caracterizado por forte concentração de homicídios nas capitais e nas grandes metrópoles do país.

Gráfico 3.2.1. Evolução do Número de Homicídios nas Capitais. População Total. Brasil, 1998/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

No balanço da década, as capitais evidenciaram uma leve queda. Contudo, podemos observar na Tabela 3.2.1 que várias capitais apresentaram incrementos bem preocupantes. São os casos de Salvador¹⁹, Maceió, São Luís e Florianópolis – ainda que esta última com baixos quantitativos – mais do que triplicou seu número de homicídios. Perto desses valores encontram-se, também, Aracaju e Curitiba.

19. As taxas da Bahia encontram-se, atualmente, distorcidas por uma inexplicável subnotificação acontecida a partir de 1998 na capital do estado, fenômeno já indicado em Mapas anteriores. A partir de 2001, os quantitativos começam a se regularizar, mas distorcendo as séries históricas.

Número de Homicídios. Salvador. 1994/2008.

ANO	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
SALVADOR	863	653	846	935	351	182	315	530	585	730	739	1.062	1.187	1.357	1.771

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.2.1. Número de Homicídios na População Total por Capital e Região. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/ REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	341	179	332	352	420	466	403	628	484	496	669	96,2
BOA VISTA	84	86	81	67	82	73	49	56	55	66	65	-22,6
MACAPÁ	125	164	131	131	135	140	127	135	132	123	151	20,8
MANAUS	498	443	464	366	395	448	410	484	545	563	656	31,7
PALMAS	14	24	30	40	33	37	39	27	30	30	34	142,9
PORTO VELHO	214	172	204	229	220	181	257	211	261	199	178	-16,8
RIO BRANCO	96	44	92	102	120	104	87	73	114	97	87	-9,4
NORTE	1.372	1.112	1.334	1.287	1.405	1.449	1.372	1.614	1.621	1.574	1.840	34,1
ARACAJU	74	157	184	285	258	243	229	202	236	199	219	195,9
FORTALEZA	418	529	604	609	707	666	654	808	846	991	888	112,4
JOÃO PESSOA	220	210	226	251	263	281	272	318	327	387	416	89,1
MACEIÓ	255	243	360	485	511	520	559	620	904	917	990	288,2
NATAL	110	66	74	113	102	171	100	144	162	227	248	125,5
RECIFE	1.559	1.368	1.388	1.397	1.312	1.336	1.352	1.324	1.374	1.338	1.321	-15,3
SALVADOR	351	182	315	530	585	730	739	1.062	1.187	1.357	1.771	404,6
SÃO LUÍS	135	107	144	244	194	284	307	294	313	391	428	217,0
TERESINA	120	97	159	169	206	214	198	232	269	230	217	80,8
NORDESTE	3.242	2.959	3.454	4.083	4.138	4.445	4.410	5.004	5.618	6.037	6.498	100,4
BELO HORIZONTE	530	574	779	791	979	1.329	1.506	1.293	1.175	1.201	1.019	92,3
RIO DE JANEIRO	3.498	2.998	3.316	3.274	3.728	3.350	3.174	2.552	2.846	2.204	1.910	-45,4
SÃO PAULO	6.065	6.890	6.764	6.669	5.575	5.591	4.275	3.096	2.556	1.927	1.622	-73,3
VITÓRIA	287	293	231	252	240	221	253	263	273	242	235	-18,1
SUDESTE	10.380	10.755	11.090	10.986	10.522	10.491	9.208	7.204	6.850	5.574	4.786	-53,9
CURITIBA	352	410	416	453	530	612	693	778	874	827	1.032	193,2
FLORIANÓPOLIS	26	25	35	60	89	100	109	97	79	81	91	250,0
PORTO ALEGRE	410	432	534	501	560	508	566	573	511	688	670	63,4
SUL	788	867	985	1.014	1.179	1.220	1.368	1.448	1.464	1.596	1.793	127,5
BRASÍLIA	720	723	770	774	744	856	815	745	769	815	873	21,3
CAMPO GRANDE	231	200	261	231	239	249	221	214	207	251	191	-17,3
CUIABÁ	340	311	336	379	260	253	235	237	221	214	233	-31,5
GOIÂNIA	235	318	313	327	430	429	435	415	444	429	560	138,3
CENTRO-OESTE	1.526	1.552	1.680	1.711	1.673	1.787	1.706	1.611	1.641	1.709	1.857	21,7
BRASIL CAPITAIS	17.308	17.245	18.543	19.081	18.917	19.392	18.064	16.881	17.194	16.490	16.774	-3,1

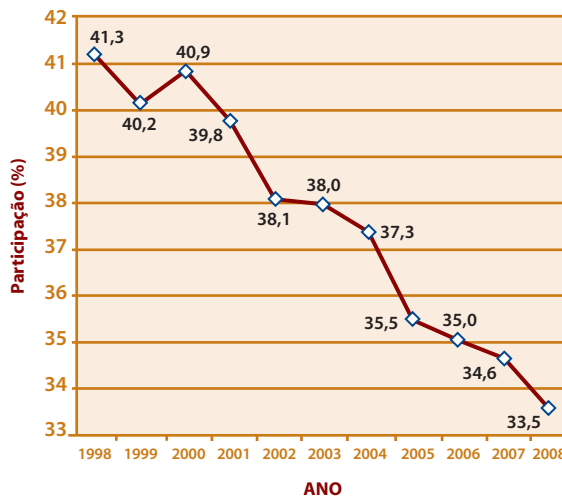
Fonte: SIM/SVS/MS

Em 18 das 27 Unidades Federadas, a década apresentou crescimento, e em alguns casos como os vistos anteriormente, de grande magnitude. Como se explica, então, que, no atacado, as Capitais tenham sofrido uma leve queda? Pelo enorme peso demográfico de umas poucas capitais que apresentaram quedas acentuadas, como São Paulo, cujos números despencaram de 6.065 homicídios em 1998 para 1.622 em 2008, uma exemplar queda de quase 73,3%. Também o Rio de Janeiro deu sua contribuição, com uma queda global de 45,4% entre as datas consideradas.

A Tabela 3.2.2 relaciona o número de homicídios com a população existente nas capitais. Permite verificar que:

- a. Apesar das quedas registradas a partir de 2003, as taxas das capitais são, ainda, bem superiores às das UF (a taxa nacional, no ano 2008, foi de 26,4 homicídios em 100 mil habitantes, enquanto que a taxa das capitais foi de 37,3), indicando que ainda existe concentração de violência nas capitais do país,
- b. Mas essa concentração vai perdendo peso de forma gradual, caindo ao longo do tempo, como pode ser visto no Gráfico 3.2.2. Em 1998, os homicídios acontecidos nas capitais do país representavam 41,3% do total nacional. Especialmente, a partir do ano 2000, as quedas na participação foram contínuas, chegando, em 2008, a representar 33,5% do total nacional.

Gráfico 3.2.2. Participação (%) das Capitais nos Homicídios Totais. Brasil, 1998/2008.



- c. Isso se explica pelo fato de as taxas das capitais terem caído 17,7% no período, quando as taxas das UF cresceram 1,9%.

Tabela 3.2.2. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População Total por Capital e Região. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	29,1	15,1	25,9	27,0	31,8	34,7	29,6	44,7	33,9	34,2	47,0	61,7
BOA VISTA	51,5	51,4	40,4	32,1	38,2	33,0	21,5	23,1	22,0	25,7	24,9	-51,7
MACAPÁ	51,0	64,1	46,2	44,3	44,0	44,1	38,5	38,0	35,8	32,3	42,1	-17,6
MANAUS	40,7	35,3	33,0	25,2	26,5	29,3	26,2	29,4	32,3	32,5	38,4	-5,6
PALMAS	12,7	19,7	21,8	26,5	20,5	21,5	21,3	13,0	13,6	12,8	18,5	46,1
PORTO VELHO	70,3	55,5	61,0	66,9	63,2	51,1	71,4	56,4	68,5	51,3	46,9	-33,2
RIO BRANCO	38,4	17,0	36,4	39,0	44,8	37,9	30,9	23,9	36,3	30,1	28,9	-24,8
NORTE	39,5	31,3	34,2	32,1	34,2	34,4	31,8	35,6	34,9	33,0	39,8	0,8
ARACAJU	16,8	35,2	39,9	60,9	54,4	50,6	47,2	40,5	46,7	38,9	40,8	142,6
FORTALEZA	20,3	25,2	28,2	27,9	31,8	29,5	28,5	34,0	35,0	40,3	35,9	76,6
JOÃO PESSOA	38,4	36,0	37,8	41,3	42,5	44,7	42,6	48,1	48,7	56,6	60,0	56,4
MACEIÓ	33,3	30,9	45,1	59,3	61,3	61,2	64,5	68,6	98,0	97,4	107,1	222,0
NATAL	16,2	9,6	10,4	15,6	13,9	23,0	13,2	18,5	20,5	28,3	31,1	91,7
RECIFE	114,0	99,3	97,5	97,2	90,5	91,4	91,8	88,2	90,7	87,5	85,2	-25,2
SALVADOR	15,4	7,9	12,9	21,3	23,2	28,6	28,5	39,7	43,7	49,3	60,1	289,1
SÃO LUÍS	16,5	12,8	16,6	27,4	21,4	30,8	32,6	30,0	31,4	38,4	43,4	163,3
TERESINA	17,6	14,0	22,2	23,2	27,8	28,5	26,0	29,4	33,5	28,2	27,0	53,3
NORDESTE	33,6	30,2	34,0	39,5	39,4	41,7	40,8	44,8	49,6	52,4	55,5	65,2
BELO HORIZONTE	25,0	26,8	34,8	35,0	42,9	57,6	64,7	54,4	49,9	49,5	41,9	67,7
RIO DE JANEIRO	62,6	53,5	56,6	55,5	62,8	56,1	52,8	41,9	46,4	35,7	31,0	-50,5
SÃO PAULO	61,1	69,1	64,8	63,5	52,6	52,4	39,8	28,3	23,2	17,4	14,8	-75,8
VITÓRIA	106,6	108,3	79,0	85,1	80,2	73,0	82,7	83,9	86,1	75,4	73,9	-30,7
SUDESTE	58,0	59,8	58,9	58,0	55,0	54,5	47,5	36,5	34,5	27,8	24,0	-58,5
CURITIBA	22,7	25,9	26,2	28,0	32,2	36,6	40,8	44,3	48,9	45,5	56,5	148,6
FLORIANÓPOLIS	9,3	8,9	10,2	17,0	24,7	27,1	28,9	24,4	19,4	19,5	22,6	142,3
PORTO ALEGRE	31,4	32,9	39,2	36,5	40,5	36,4	40,3	40,1	35,5	47,3	46,8	49,2
SUL	25,1	27,3	29,9	30,3	34,8	35,5	39,3	40,4	40,3	43,3	49,0	94,8
BRASÍLIA	37,4	36,7	37,5	36,9	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	-8,8
CAMPO GRANDE	36,4	30,8	39,3	34,0	34,5	35,3	30,7	28,5	27,1	32,2	25,6	-29,8
CUIABÁ	76,0	68,5	69,5	76,9	52,0	49,8	45,5	44,4	40,7	38,8	42,8	-43,7
GOIÂNIA	22,6	30,1	28,6	29,4	38,1	37,4	37,4	34,6	36,4	34,6	44,3	95,8
CENTRO-OESTE	37,7	37,6	39,2	39,1	37,4	39,3	36,8	33,4	33,4	34,1	36,3	-3,8
BRASIL CAPITAIS	45,3	44,6	45,8	46,5	45,5	46,1	42,4	38,5	38,7	36,6	37,3	-17,7

Fonte: SIM/SVS/MS

A Tabela 3.2.3 ordena as capitais do país segundo suas taxas de homicídio (em 100 mil habitantes). Podemos observar três situações diferenciadas.

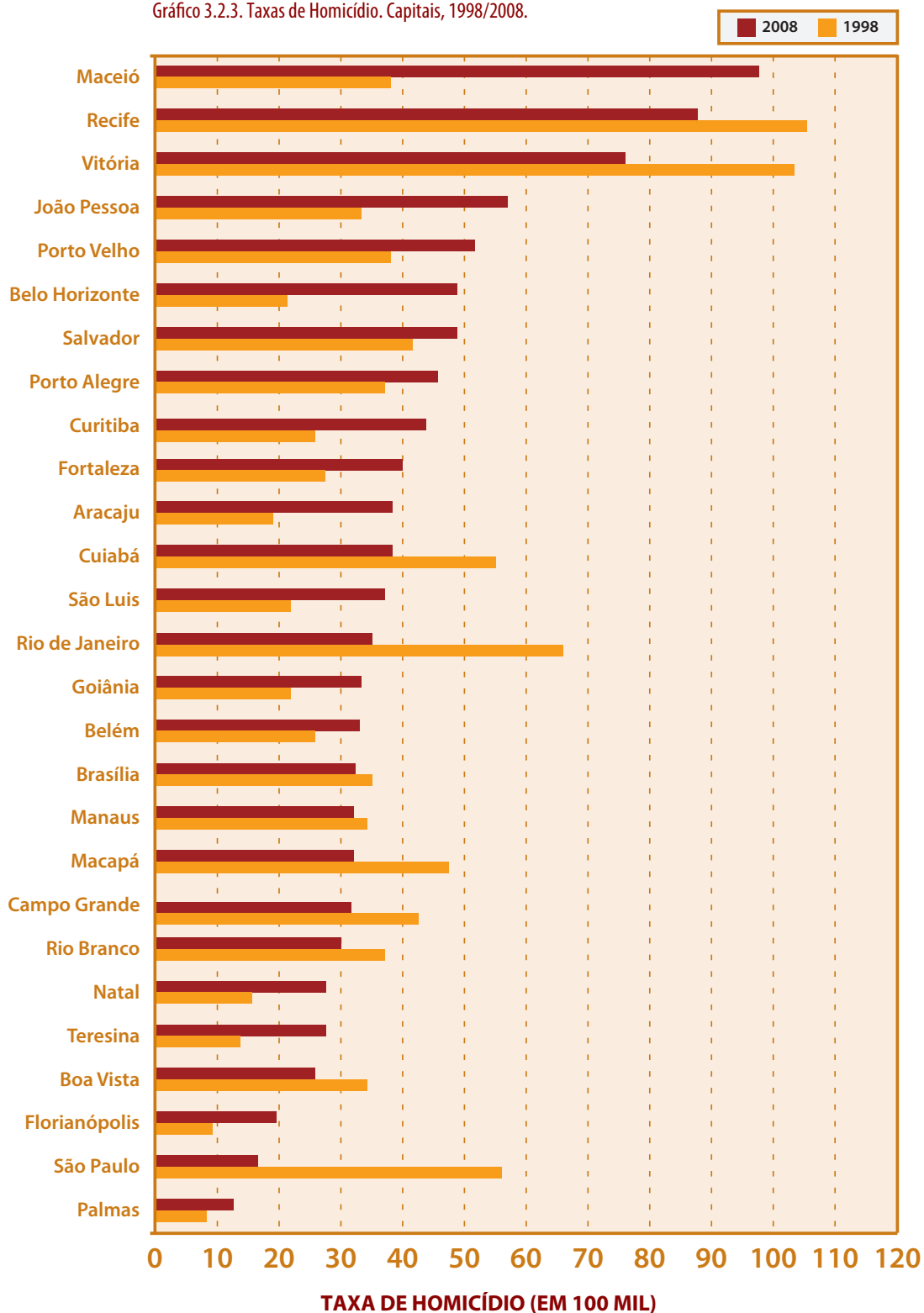
- a. Capitais que, a partir de situações de moderada ou baixa letalidade na década passada, ocupam, agora, posição de destaque, como Maceió, que em 1998 ocupou posições intermediárias, passa a ser a capital com maiores índices de homicídio do país em 2008.
- b. Capitais que continuam ocupando posições mais ou menos semelhantes, como Recife e Vitória, com índices elevados, ou Florianópolis e Teresina, com índices baixos.
- c. Capitais que, de posições de destaque no mapa da violência da década passada, viram seus índices cair significativamente, como o caso de São Paulo, que em 1998 ocupava a 4ª posição, em 2008 cai para a penúltima.
- d. Essas transformações decenais podem ser mais bem visualizadas no Gráfico 3.2.3

Tabela 3.2.3. Ordenamento das Capitais por Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População Total. 1998/2008.

CAPITAL	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.
MACEIÓ	33,3	14º	107,1	1º
RECIFE	114,0	1º	85,2	2º
VITÓRIA	106,6	2º	73,9	3º
SALVADOR	15,4	25º	60,1	4º
JOÃO PESSOA	38,4	11º	60,0	5º
CURITIBA	22,7	18º	56,5	6º
BELEM	29,1	16º	47,0	7º
PORTO VELHO	70,3	4º	46,9	8º
PORTO ALEGRE	31,4	15º	46,8	9º
GOIANIA	22,6	19º	44,3	10º
SÃO LUIS	16,5	23º	43,4	11º
CUIABÁ	76,0	3º	42,8	12º
MACAPÁ	51,0	8º	42,1	13º
BELO HORIZONTE	25,0	17º	41,9	14º
ARACAJU	16,8	22º	40,8	15º
MANAUS	40,7	9º	38,4	16º
FORTALEZA	20,3	20º	35,9	17º
BRASÍLIA	37,4	12º	34,1	18º
NATAL	16,2	24º	31,1	19º
RIO DE JANEIRO	62,6	5º	31,0	20º
RIO BRANCO	38,4	10º	28,9	21º
TERESINA	17,6	21º	27,0	22º
CAMPO GRANDE	36,4	13º	25,6	23º
BOA VISTA	51,5	7º	24,9	24º
FLORIANÓPOLIS	9,3	27º	22,6	25º
PALMAS	12,7	26º	18,5	26º
SÃO PAULO	61,1	6º	14,8	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 3.2.3. Taxas de Homicídio. Capitais, 1998/2008.



A faixa de 15 a 24 anos de idade acompanhou de perto essas tendências gerais nas capitais, mas com algumas peculiaridades que tentaremos evidenciar.

A Tabela 3.2.4 permite verificar que a queda de 1,9% nos homicídios juvenis da década foi muito semelhante à da população total: 3,1%, embora levemente menor. Assim, a brecha já histórica da vitimização juvenil do país, longe de encurtar, continua aumentando.

Também nas capitais, algumas cidades de grande peso demográfico apresentaram quedas expressivas, como o caso de São Paulo, onde os homicídios juvenis passam de 2.335 em 1998 para 423 em 2008, o que representa uma queda de 82%. Em menor medida, o Rio de Janeiro também vê seus quantitativos caindo praticamente pela metade.

Tabela 3.2.4. Número de Homicídios na Faixa de 15 a 24 Anos por Capital e Região. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	147	81	152	176	183	223	174	268	210	214	287	95,2
BOA VISTA	34	37	41	29	42	25	27	15	25	24	15	-55,9
MACAPÁ	57	76	64	70	69	80	69	67	69	59	64	12,3
MANAUS	242	217	209	160	168	209	172	205	244	237	266	9,9
PALMAS	5	4	5	12	11	11	17	12	11	8	10	100,0
PORTO VELHO	82	48	82	78	85	72	113	73	95	80	65	-20,7
RIO BRANCO	45	11	45	49	56	42	41	26	49	22	29	-35,6
NORTE	612	474	598	574	614	662	613	666	703	644	736	20,3
ARACAJU	27	56	84	123	116	95	87	65	98	69	78	188,9
FORTALEZA	162	184	237	240	261	231	239	336	374	435	403	148,8
JOÃO PESSOA	88	88	111	105	114	107	120	127	131	157	169	92,0
MACEIÓ	91	113	163	228	229	246	290	299	430	413	444	387,9
NATAL	45	25	23	52	48	76	44	81	67	100	113	151,1
RECIFE	716	595	643	628	563	603	660	625	635	635	595	-16,9
SALVADOR	172	94	150	234	284	353	346	460	531	616	862	401,2
SÃO LUÍS	46	35	59	102	69	113	125	121	142	168	176	282,6
TERESINA	46	44	71	72	101	85	91	112	131	92	80	73,9
NORDESTE	1.393	1.234	1.541	1.784	1.785	1.909	2.002	2.226	2.539	2.685	2.920	109,6
BELO HORIZONTE	186	241	353	334	442	603	721	581	544	574	477	156,5
RIO DE JANEIRO	1.352	1.137	1.342	1.261	1.508	1.354	1.264	1.041	1.092	811	675	-50,1
SÃO PAULO	2.335	2.666	2.797	2.707	2.339	2.349	1.695	1.082	801	556	423	-81,9
VITÓRIA	110	142	97	114	122	115	104	111	115	98	98	-10,9
SUDESTE	3.983	4.186	4.589	4.416	4.411	4.421	3.784	2.815	2.552	2.039	1.673	-58,0
CURITIBA	122	152	171	181	239	262	307	342	383	368	428	250,8
FLORIANÓPOLIS	14	10	9	25	38	56	53	57	40	45	49	250,0
PORTO ALEGRE	156	176	217	176	224	199	236	235	190	271	219	40,4
SUL	292	338	397	382	501	517	596	634	613	684	696	138,4
BRASÍLIA	330	332	341	369	356	407	374	331	303	342	366	10,9
CAMPO GRANDE	81	80	107	86	80	102	92	85	73	105	84	3,7
CUIABÁ	133	110	140	153	121	116	95	100	115	87	80	-39,8
GOIÂNIA	79	122	128	124	179	180	172	178	181	169	215	172,2
CENTRO-OESTE	623	644	716	732	736	805	733	694	672	703	745	19,6
BRASIL	6.903	6.876	7.841	7.888	8.047	8.314	7.728	7.035	7.079	6.755	6.770	-1,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Todavia, várias capitais tiveram aumentos expressivos, dando a entender situações muito diferenciadas de tratamento da segurança pública e, junto com ela, as questões relativas à juventude. Maceió e Salvador²⁰ aparecem no topo, com incrementos altamente preocupantes. Mas não são menos preocupantes os também elevados incrementos de São Luís, Curitiba ou Florianópolis.

As taxas de homicídio (Tabelas 3.2.5 e 3.2.6) permitem delinear um melhor panorama da situação e evolução dos homicídios juvenis nas capitais do país.

Tabela 3.2.5. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População de 15 a 24 anos, por Capital e Região. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELEM	53,8	29,3	52,7	59,9	61,4	73,8	56,7	84,6	65,3	75,7	105,9	96,8
BOA VISTA	94,7	100,5	91,0	61,9	87,2	50,4	52,9	27,6	44,6	46,8	29,4	-69,0
MACAPÁ	100,0	127,6	98,6	103,3	98,2	109,9	91,3	82,3	81,8	72,9	85,2	-14,8
MANAUS	84,9	74,3	64,6	47,9	49,0	59,4	47,7	54,1	62,8	67,8	78,2	-7,9
PALMAS	18,8	13,6	14,9	32,6	28,0	26,2	38,0	23,6	20,4	15,8	25,4	35,3
PORTO VELHO	125,8	72,4	113,7	105,7	113,4	94,4	145,6	90,6	115,7	98,5	83,0	-34,0
RIO BRANCO	80,6	19,0	79,2	83,4	93,1	68,1	64,9	37,9	69,4	33,3	47,7	-40,7
NORTE	76,6	57,9	67,6	62,9	65,8	69,2	62,6	64,6	66,5	66,9	80,4	4,9
ARACAJU	27,2	55,8	81,1	117,0	109,0	88,2	79,8	58,1	86,4	69,0	76,9	182,3
FORTALEZA	38,0	42,3	52,6	52,2	55,9	48,6	49,5	67,2	73,5	87,2	81,6	114,4
JOÃO PESSOA	72,8	71,4	87,8	81,8	87,1	80,5	88,9	90,9	92,2	114,9	124,2	70,7
MACEÍO	54,3	65,8	96,2	131,3	129,4	136,3	157,7	155,8	219,5	225,7	251,4	362,6
NATAL	32,0	17,5	15,3	34,1	31,0	48,4	27,6	49,4	40,2	63,0	73,2	128,5
RECIFE	255,7	211,0	225,6	218,1	193,9	206,0	223,6	207,8	209,2	224,1	211,3	-17,4
SALVADOR	33,6	18,2	26,9	41,3	49,4	60,5	58,5	75,4	85,7	116,8	158,4	370,7
SÃO LUÍS	23,4	17,4	28,0	47,4	31,5	50,6	55,0	51,1	58,8	75,0	83,7	257,4
TERESINA	29,7	27,9	42,7	42,5	58,7	48,7	51,3	61,1	70,3	52,6	47,9	61,6
NORDESTE	66,4	57,9	69,4	79,0	77,8	82,0	84,8	91,3	102,5	117,4	128,9	94,0
BELO HORIZONTE	42,9	55,3	77,8	72,9	95,4	129,0	152,8	120,6	111,8	137,1	116,3	170,8
RIO DE JANEIRO	141,1	118,3	131,2	122,5	145,5	129,8	120,4	97,8	101,9	85,6	72,8	-48,4
SÃO PAULO	122,3	139,1	138,8	133,5	114,2	113,9	81,6	51,3	37,6	29,7	23,4	-80,9
VITÓRIA	202,8	260,3	160,5	186,3	197,1	183,8	164,4	171,4	175,4	173,6	181,9	-10,3
SUDESTE	118,7	124,3	129,2	123,5	122,2	121,6	103,3	75,6	68,0	61,9	52,3	-56,0
CURITIBA	39,4	48,0	54,8	56,8	73,9	79,7	91,9	98,9	108,8	115,0	135,1	243,0
FLORIANÓPOLIS	25,2	17,8	12,9	34,7	51,5	74,2	68,7	70,3	48,1	60,9	70,4	178,9
PORTO ALEGRE	67,6	75,7	87,2	70,1	88,5	78,0	91,8	89,9	72,1	114,4	96,0	42,1
SUL	49,0	55,9	62,9	59,5	77,0	78,4	89,2	92,1	87,7	108,4	113,3	131,2
BRASÍLIA	75,6	74,2	74,3	78,6	74,1	83,0	74,8	63,4	56,8	74,9	77,2	2,2
CAMPO GRANDE	63,7	61,4	79,4	62,3	56,9	71,2	63,0	55,8	47,0	71,3	60,6	-4,9
CUIABÁ	135,4	110,4	130,8	140,2	109,2	103,1	83,1	84,6	95,7	80,0	76,6	-43,5
GOIÂNIA	34,4	52,3	53,3	50,7	72,1	71,4	67,3	67,4	67,5	74,1	95,1	176,2
CENTRO-OESTE	69,9	70,8	76,1	76,2	75,1	80,7	72,1	65,7	62,4	74,7	79,0	13,1
BRASIL	89,2	87,8	95,3	94,5	95,0	96,9	89,0	78,7	78,1	83,2	85,3	-4,4

Fonte: SIM/SVS/MS

20. As taxas da capital baiana encontram-se prejudicadas por um inexplicado subregistro acontecido a partir de 1998, fenômeno já indicado em nossos Mapas anteriores e detalhado na nota 4.

Tabela 3.2.6. Ordenamento das Capitais por Taxas de Homicídio (em 100 Mil). 15 a 24 Anos de Idade. 1998/2008.

CAPITAIS	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.
MACEIÓ	54,3	15º	251,4	1º
RECIFE	255,7	1º	211,3	2º
VITÓRIA	202,8	2º	181,9	3º
SALVADOR	33,6	21º	158,4	4º
CURITIBA	39,4	18º	135,1	5º
JOÃO PESSOA	72,8	12º	124,2	6º
BELO HORIZONTE	42,9	17º	116,3	7º
BELÉM	53,8	16º	105,9	8º
PORTO ALEGRE	67,6	13º	96,0	9º
GOIÂNIA	34,4	20º	95,1	10º
MACAPÁ	100,0	7º	85,2	11º
SÃO LUÍS	23,4	26º	83,7	12º
PORTO VELHO	125,8	5º	83,0	13º
FORTALEZA	38,0	19º	81,6	14º
MANAUS	84,9	9º	78,2	15º
BRASÍLIA	75,6	11º	77,2	16º
ARACAJU	27,2	24º	76,9	17º
CUIABÁ	135,4	4º	76,6	18º
NATAL	32,0	22º	73,2	19º
RIO DE JANEIRO	141,1	3º	72,8	20º
FLORIANÓPOLIS	25,2	25º	70,4	21º
CAMPO GRANDE	63,7	14º	60,6	22º
TERESINA	29,7	23º	47,9	23º
RIO BRANCO	80,6	10º	47,7	24º
BOA VISTA	94,7	8º	29,4	25º
PALMAS	18,8	27º	25,4	26º
SÃO PAULO	122,3	6º	23,4	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

3.3. Evolução dos Homicídios nas Regiões Metropolitanas

Pela Tabela 3.3.1 é possível conferir que, de forma global, os homicídios nas Regiões Metropolitanas apresentaram crescimento negativo de 10,9%, marcadamente diferente do ritmo do país (crescimento positivo de 19,5%) e, inclusive, diferente das Capitais (negativo de 3,1%). Essas quedas, tanto das capitais quanto das Regiões Metropolitanas, concomitante ao crescimento nos estados, deverão ser analisadas em um capítulo específico, quando examinarmos as áreas em conjunto e o processo de interiorização da violência homicida. Ainda assim, a Tabela permite verificar uma evolução decenal extremamente complexa, sujeita a determinantes diferenciados segundo o local.

Tabela 3.3.1. Número de Homicídios na População Total, por Região Metropolitana. Brasil, 1998/2008.

RM	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	403	212	339	398	491	558	584	837	834	803	1.166	189,3
BELO HORIZONTE	870	899	1.254	1.416	1.790	2.386	2.756	2.474	2.306	2.225	2.016	131,7
CURITIBA	554	658	694	770	839	1.042	1.163	1.313	1.381	1.329	1.649	197,7
FORTALEZA	493	658	781	759	860	849	875	992	1.090	1.267	1.232	149,9
PORTO ALEGRE	812	820	1.002	1.006	1.078	1.095	1.138	1.151	1.103	1.364	1.485	82,9
RECIFE	2.788	2.568	2.577	2.877	2.534	2.666	2.591	2.632	2.666	2.680	2.553	-8,4
RIO DE JANEIRO	6.464	6.086	6.074	5.980	6.876	6.475	6.065	5.610	5.773	4.855	4.165	-35,6
SALVADOR	441	209	359	605	703	958	982	1.372	1.576	1.787	2.360	435,1
SÃO PAULO	10.122	11.499	11.321	11.214	9.855	9.517	7.378	5.613	5.028	3.812	3.625	-64,2
VITÓRIA	1.273	1.171	1.059	1.074	1.216	1.200	1.241	1.164	1.291	1.329	1.334	4,8
TOTAL RM	24.220	24.780	25.460	26.099	26.242	26.746	24.773	23.158	23.048	21.451	21.585	-10,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Em primeiro lugar, podemos observar que em 7 das 10 regiões os números cresceram e, em casos extremos, de forma muito expressiva. Excluindo o caso de Salvador, com problemas de fidedignidade nos anos finais da década passada²¹, Belém e Curitiba evidenciam índices preocupantes de crescimento, quase triplicando os números da violência na década. Em contraposição a esses incrementos, a RM de São Paulo evidencia fortes e expressivas quedas, seguida, também, pela RM de Rio de Janeiro, mas com menor intensidade. Essas regiões, pelo seu peso demográfico, influenciam decididamente nos resultados gerais.

21. Ver nota 4.

Levando em conta as respectivas populações, a Tabela 3.3.2 evidencia uma significativa diminuição dos índices de homicídio no período: 25%, atribuíveis às quedas, em primeiro lugar, de São Paulo, em segundo, do Rio de Janeiro e, ainda, em menor medida, de Vitória e Recife.

Focalizando as taxas, vemos na Tabela a seguir que a RM de Vitória, com um índice de 80,2 homicídios em 100 mil habitantes, e pouco abaixo, a de Recife, com 68,4 encabeçam a lista das Regiões Metropolitanas por seus índices de violência homicida.

Tabela 3.3.2. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População Total, por Região Metropolitana. Brasil, 1998/2008.

RM	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELEM	24,3	12,5	18,9	21,6	26,1	29,1	29,9	41,0	40,0	37,7	56,1	130,7
BELO HORIZONTE	21,4	21,8	28,8	31,8	39,5	51,7	58,7	50,7	46,4	43,9	40,0	86,3
CURITIBA	21,1	24,5	25,1	27,0	28,8	35,0	38,3	41,2	42,3	39,8	50,6	139,2
FORTALEZA	17,5	22,8	26,2	24,9	27,7	26,8	27,2	29,6	31,9	36,4	35,0	100,6
PORTO ALEGRE	23,0	22,9	26,9	26,6	28,2	28,2	29,0	28,5	26,9	32,8	36,8	60,3
RECIFE	88,1	80,2	77,2	84,9	74,0	76,9	73,9	73,1	73,1	72,6	68,4	-22,3
RIO DE JANEIRO	63,3	59,2	56,7	55,3	62,9	58,7	54,5	49,4	50,3	41,9	36,0	-43,1
SALVADOR	15,3	7,2	11,6	19,2	21,9	29,4	29,7	40,0	45,2	50,4	62,6	308,3
SÃO PAULO	59,2	66,4	63,3	61,9	53,6	51,1	39,1	28,9	25,6	19,1	18,5	-68,8
VITÓRIA	95,9	86,5	73,6	72,8	81,0	78,4	79,5	71,5	77,7	78,4	80,2	-16,4
TOTAL RM	49,1	49,5	48,9	49,3	48,9	49,1	44,9	40,7	39,9	36,6	37,0	-24,5

Fonte: SIM/SVS/MS

As Tabelas 3.3.3 e 3.3.4, que detalham as informações referentes à população jovem, permitem evidenciar que nas Regiões Metropolitanas as quedas foram menores do que nas capitais: tanto na população total quanto na jovem.

Tabela 3.3.3. Número de Homicídios na Faixa de 15 a 24 anos, por Região Metropolitana. Brasil, 1998/2008.

RM	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	173	92	155	186	209	258	243	357	340	350	520	200,6
BELO HORIZONTE	289	351	563	586	773	1.103	1.263	1.147	1.047	1.020	915	216,6
CURITIBA	176	234	281	284	351	416	505	563	571	589	679	285,8
FORTALEZA	196	226	311	297	313	289	319	403	452	536	542	176,5
PORTO ALEGRE	276	306	375	368	420	408	473	443	407	533	492	78,3
RECIFE	1.285	1.125	1.165	1.312	1.125	1.217	1.242	1.229	1.233	1.220	1.134	-11,8
RIO DE JANEIRO	2.438	2.329	2.430	2.286	2.683	2.521	2.363	2.217	2.206	1.838	1.543	-36,7
SALVADOR	211	105	169	268	340	463	449	573	684	790	1.129	435,1
SÃO PAULO	3.910	4.434	4.639	4.464	4.108	3.950	2.867	2.022	1.645	1.169	1.056	-73,0
VITÓRIA	497	466	421	453	559	515	515	494	528	531	568	14,3
TOTAL RM	9.451	9.668	10.509	10.504	10.881	11.140	10.239	9.448	9.113	8.576	8.578	-9,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.3.4. Taxas de Homicídio (em 100 Mil) na População de 15 a 24 anos, por Região Metropolitana. Brasil, 1998/2008.

RM	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	45,2	23,5	38,3	44,8	49,4	59,8	55,2	77,6	72,4	82,9	129,2	185,8
BELO HORIZONTE	34,5	41,1	62,7	63,9	82,7	115,9	130,4	113,9	108,1	107,5	102,4	196,9
CURITIBA	33,4	43,2	51,3	50,4	61,0	70,7	84,0	89,3	88,5	96,9	115,7	246,6
FORTALEZA	33,8	38,1	49,9	46,7	48,2	43,7	47,4	57,6	63,4	74,9	75,8	124,5
PORTO ALEGRE	43,4	47,5	54,4	52,6	59,2	56,8	65,0	59,1	53,5	73,9	71,4	64,4
RECIFE	192,6	166,7	169,4	188,0	159,4	170,4	171,9	165,7	164,0	174,2	163,4	-15,1
RIO DE JANEIRO	132,6	125,7	125,9	117,3	136,2	126,8	117,7	108,2	106,6	99,6	85,2	-35,8
SALVADOR	32,4	15,9	23,7	36,9	46,1	61,7	58,9	72,6	85,2	114,7	159,8	392,6
SÃO PAULO	116,8	130,6	131,9	125,1	113,5	107,7	77,2	52,9	42,4	33,6	31,6	-72,9
VITÓRIA	183,9	169,0	141,1	148,0	179,4	162,1	159,1	146,3	153,2	168,0	188,4	2,5
TOTAL RM	97,1	97,9	101,9	100,2	102,3	103,2	93,6	83,7	79,9	82,1	84,6	-12,9

Fonte: SIM/SVS/MS

3.4. Os Homicídios nos Municípios

A distribuição espacial da violência homicida, principalmente quando desagregada no nível do município, tem-se revelado uma fonte profícua de descobertas para a análise dos fatores que incidem em sua produção e reprodução e, a partir desse quadro, dar condições de delinear políticas específicas de enfrentamento. Conformam situações bem diferenciadas quando se trata de polos de desenvolvimento do interior, atrativas de população e investimentos que, perante a limitada presença do poder público, atrativas também para a criminalidade e a violência; ou dos municípios de zona de fronteira, dominados por megaestruturas dedicadas ao contrabando de armas, de produtos, de pirataria e/ou rotas de tráfico; ou municípios do arco do desmatamento amazônico, incentivados por interesses políticos e econômicos em torno de gigantescos empreendimentos agrícolas que se apoiam em madeireiras ilegais, grilagem de terras, extermínio de populações indígenas e trabalho escravo; também municípios amazônicos, boca de absorção de biopirataria; ou municípios com domínio territorial, em maior ou menor medida, de quadrilhas, milícias e/ou tráfico; ou, tanto ou mais importante que as anteriores, municípios e áreas onde impera uma sólida cultura da violência: crimes chamados “de honra” e/ou crimes de proximidade.

Não é objetivo do presente trabalho aprofundar neste tema, dada a impossibilidade material de abranger e diagnosticar a situação dos 5.564 municípios do país. Pretende-se apenas subsidiar essa análise com dados de violência homicida que emergem do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

Dada uma outra impossibilidade material, a de agrupar nesta publicação os 5.564 municípios nos vários capítulos de mortalidade abordados, foi decidido elencar aqui os 100 municípios de maior índice em cada categoria para oferecer, a quem se interessar, a possibilidade de consultar ou aceder ao conjunto dos municípios no *site* www.mapadaviolencia.org.br.

Como foi esclarecido no capítulo metodológico, para evitar as oscilações em municípios de pequeno porte, onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas que relacionam esses incidentes com a base populacional do local, foi decidido trabalhar com municípios de 10 mil habitantes ou mais – no caso das taxas juvenis, com municípios com um mínimo de 10 mil jovens. No mesmo sentido, em municípios com menos de 30 mil habitantes (ou jovens), trabalhou-se com a taxa média dos últimos 3 anos disponíveis: 2006, 2007 e 2008.

As Tabelas 3.4.1 e 3.4.2 detalham os 100 municípios de maior taxa para a população total e a juvenil, respectivamente. Nessas Tabelas, além de identificar o município e a UF, registra-se a população em 2008 segundo o IBGE²², que serve de base para a estimativa das taxas, a média de anos utilizada para o cálculo das mesmas (de 10 a 30 mil casos, a média 2006 a 2008, de 30 mil para

22. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil (BRA/98/P08).

acima, os quantitativos de 2008), o número de homicídios registrado pelo SIM/SVS/Datasus em 2006, 2007 e 2008 e, por último, as taxas e a posição do município no contexto nacional.

Antes de começar a analisar as Tabelas sintéticas, devemos mencionar um fator relevante que se pode visualizar na Tabela total: a existência de uma forte concentração de violência homicida em um número limitado de polos:

- No ano de 2008, em 2.283 dos 5.564 municípios do país, isto é, 41% das localidades, não se registrou nenhum homicídio.
- Em 1.296 municípios, isto é, 23,3% do total, não se registraram homicídios nos três últimos anos disponíveis (2006, 2007 e 2008).
- Ainda no ano de 2008, dos 50.113 homicídios registrados no país, 41.764, isto é, 83,3% aconteceram em 10% dos municípios.

A Tabela 3.4.1 também permite verificar a existência de um reduzido número de municípios que ultrapassa a casa dos 100 homicídios em cada 100 mil habitantes, fato sem comparação no contexto internacional, como teremos oportunidade de detalhar ainda neste capítulo. Esses municípios mais que quadruplicam a já elevada média nacional de 26,4 homicídios em 100 mil habitantes.

Mas se esses índices já são muito elevados, os juvenis conseguem superá-los largamente. Dois municípios (entre os quais uma capital: Maceió) rondam os 250 homicídios juvenis para cada 100 mil jovens. Aqui, no âmbito juvenil, a concentração da violência homicida é bem mais exorbitante e preocupante:

- Em 2008, foram contabilizados homicídios de jovens em 1.894 municípios, isto em, só em um terço dos municípios do país.

Tabela 3.4.1. Número e Taxas (em 100 Mil) de Homicídio na População Total nos Municípios com 10 Mil Habitantes ou Mais. Brasil, 2006/2008.

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (POR MIL)	MÉDIA ANOS	HOMICÍDIOS			TAXA 2008	Posição
				2006	2007	2008		
ÍTUPIRANGA	PA	42,3	1	46	38	68	160,6	1º
SIMÕES FILHO	BA	114,6	1	86	99	175	152,6	2º
CAMPINA GRANDE DO SUL	PR	36,6	1	27	39	46	125,5	3º
MARABÁ	PA	199,9	1	164	186	250	125,0	4º
PILAR	AL	32,5	1	15	23	36	110,6	5º
GOIANÉSIA DO PARÁ	PA	28,6	3	34	21	39	109,6	6º
SERRA	ES	397,2	1	368	387	433	109,0	7º
MACEIÓ	AL	924,1	1	904	917	990	107,1	8º
ITAPISSUMA	PE	24,0	3	21	32	24	106,8	9º
GUAIRÁ	PR	29,6	3	24	28	40	103,6	10º
ILHA DE ITAMARACÁ	PE	18,4	3	7	25	25	103,2	11º
CORONEL SAPUCAIA	MS	14,4	3	13	13	18	101,7	12º
ITABUNA	BA	212,2	1	143	174	208	98,0	13º
RONDON DO PARÁ	PA	47,1	1	23	28	46	97,7	14º
ESCADA	PE	62,2	1	32	49	60	96,5	15º
LAURO DE FREITAS	BA	153,0	1	94	115	145	94,8	16º
PORTO SEGURO	BA	120,5	1	123	71	114	94,6	17º
CABO DE SANTO AGOSTINHO	PE	170,0	1	119	151	159	93,5	18º
AMAMBÁ	MS	34,5	1	13	18	32	92,8	19º
ARAPIRACA	AL	208,4	1	135	198	193	92,6	20º
TAILÂNDIA	PA	69,6	1	70	72	64	92,0	21º
DIAS D'ÁVILA	BA	56,6	1	21	27	52	91,9	22º
EUNÁPOLIS	BA	98,2	1	53	57	88	89,6	23º
ARIQUEMES	RO	84,6	1	62	55	75	88,7	24º
ARMAÇÃO DOS BÚZIOS	RJ	27,7	3	22	25	26	87,8	25º
TUCURUI	PA	94,0	1	46	73	82	87,2	26º
RECIFE	PE	1.550,0	1	1.374	1.338	1.321	85,2	27º
ANANINDEUA	PA	495,5	1	295	247	417	84,2	28º
CARIACICA	ES	362,3	1	299	286	302	83,4	29º
NOVO REPARTIMENTO	PA	54,5	1	53	19	45	82,6	30º
SANTA TEREZINHA DE ITAIPU	PR	20,4	3	10	27	13	81,9	31º
RIO LARGO	AL	67,4	1	49	52	53	78,7	32º
RIO FORMOSO	PE	21,7	3	16	25	10	78,2	33º
LINHARES	ES	130,9	1	106	120	102	77,9	34º
PIRAQUARA	PR	86,0	1	46	60	67	77,9	35º
ELDORADO DOS CARAJÁS	PA	29,3	3	17	29	22	77,3	36º
TEOTÔNIO VILELA	AL	41,5	1	17	35	32	77,1	37º
VILA RICA	MT	19,7	3	16	13	16	76,3	38º
MARECHAL DEODORO	AL	46,6	1	16	28	35	75,2	39º
GUARATUBA	PR	32,3	1	5	13	24	74,3	40º
VITÓRIA	ES	317,8	1	273	242	235	73,9	41º
ALTO ALEGRE	RR	14,6	3	24	7	1	73,3	42º
AMARAJI	PE	20,6	3	21	18	6	72,8	43º
IMPERATRIZ	MA	236,3	1	158	172	172	72,8	44º
BARRA DE SÃO FRANCISCO	ES	41,3	1	33	25	30	72,6	45º
ALMIRANTE TAMANDARÉ	PR	96,7	1	46	51	70	72,4	46º
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	GO	139,8	1	55	19	101	72,2	47º
SÃO SEBASTIÃO	AL	31,9	1	12	15	23	72,1	48º
IPOJUCA	PE	74,1	1	33	48	53	71,6	49º

continua ▶

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (POR MIL)	MÉDIA ANOS	HOMICÍDIOS			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
CABO FRIO	RJ	180,6	1	119	125	129	71,4	50º
PARAGOMINAS	PA	95,5	1	52	70	67	70,2	51º
DUQUE DE CAXIAS	RJ	864,4	1	693	646	606	70,1	52º
CARUARU	PE	294,6	1	191	178	205	69,6	53º
FOZ DO IGUAÇU	PR	319,2	1	327	292	222	69,6	54º
PLANALTIMA	GO	79,2	1	15	7	55	69,5	55º
PACAJÁ	PA	40,8	1	10	19	28	68,7	56º
GUARAPARI	ES	103,1	1	42	54	70	67,9	57º
JACUNDÁ	PA	54,5	1	28	36	37	67,9	58º
SÃO MATEUS	ES	100,7	1	37	52	68	67,6	59º
TRINDADE	PE	25,9	3	18	18	16	67,0	60º
VIANA	ES	60,2	1	54	61	40	66,5	61º
BETIM	MG	429,5	1	285	244	283	65,9	62º
PONTA PORÁ	MS	74,6	1	39	42	49	65,7	63º
NOVA IPIXUNA	PA	14,8	3	4	15	10	65,3	64º
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO	PE	125,7	1	69	72	82	65,2	65º
MARITUBA	PA	98,7	1	54	58	64	64,8	66º
NOVA BANDEIRANTES	MT	13,4	3	7	10	9	64,6	67º
RIO BONITO DO IGUAÇU	PR	15,0	3	10	12	7	64,4	68º
JABOATÃO DOS GUARARAPES	PE	678,3	1	475	489	430	63,4	69º
BARBALHA	CE	52,5	1	20	31	33	62,9	70º
PARAUAPEBAS	PA	145,3	1	69	67	91	62,6	71º
PARATY	RJ	35,2	1	19	14	22	62,5	72º
FLORESTA	PE	27,8	3	12	16	24	62,3	73º
BURITIS	RO	33,9	1	19	14	21	62,0	74º
ITAINGA	CE	32,4	1	9	11	20	61,8	75º
UNIÃO DOS PALMARES	AL	62,4	1	40	27	38	60,9	76º
CAMAÇARI	BA	228,0	1	108	98	138	60,5	77º
MACAÉ	RJ	188,8	1	133	145	114	60,4	78º
VILA VELHA	ES	407,6	1	246	292	246	60,4	79º
CRISTALINA	GO	38,1	1	13	18	23	60,3	80º
SÃO MIGUEL DOS CAMPOS	AL	53,1	1	22	30	32	60,3	81º
URUARÁ	PA	34,9	1	15	6	21	60,2	82º
TAMANDARÉ	PE	18,9	3	11	12	11	60,1	83º
SALVADOR	BA	2.948,7	1	1.187	1.357	1.771	60,1	84º
JOÃO PESSOA	PB	693,1	1	327	387	416	60,0	85º
ALAGOINHAS	BA	137,2	1	52	47	82	59,8	86º
PALMARES	PE	58,6	1	25	36	35	59,7	87º
TEIXEIRA DE FREITAS	BA	123,9	1	42	45	73	58,9	88º
ITAGUAÍ	RJ	103,5	1	70	87	61	58,9	89º
REDENÇÃO	PA	66,8	1	18	29	39	58,4	90º
CARAGUATATUBA	SP	94,6	1	78	40	55	58,1	91º
CARAÚBAS	RN	20,3	3	6	14	15	57,4	92º
SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO	GO	57,9	1	29	21	33	57,0	93º
CURITIBA	PR	1.828,1	1	874	827	1.032	56,5	94º
NAZARÉ DA MATA	PE	30,1	1	20	13	17	56,4	95º
ÍTABELA	BA	26,6	3	14	12	19	56,3	96º
ARAGUAÍNA	TO	119,1	1	50	43	67	56,2	97º
IBIMIRIM	PE	28,6	3	14	15	19	55,9	98º
SÃO MIGUEL DO IGUAÇU	PR	26,3	3	10	15	19	55,8	99º
MESSIAS	AL	15,5	3	6	12	8	55,7	100º

Fonte: SIM/SVS/MS (a tabela completa em www.mapadaviolencia.org.br)

Tabela 3.4.2. Número e Taxas (em 100 Mil) de Homicídio Juvenil nos Municípios com 10 Mil Jovens ou Mais. Brasil, 2006/2008.

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (POR MIL)	MÉDIA ANOS	HOMICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	Posição
				2006	2007	2008		
MACEIÓ	AL	176,6	1	430	413	444	251,4	1º
SERRA	ES	76,1	1	154	148	187	245,8	2º
ITABUNA	BA	40,1	1	59	70	92	229,4	3º
MARABÁ	PA	43,3	1	60	77	96	221,5	4º
SIMÕES FILHO	BA	23,1	3	32	49	71	219,8	5º
RECIFE	PE	281,5	1	635	635	595	211,3	6º
ANANINDEUA	PA	99,3	1	106	110	198	199,5	7º
CARIACICA	ES	67,2	1	128	117	134	199,3	8º
LAURO DE FREITAS	BA	28,9	3	41	52	78	197,6	9º
CABO DE SANTO AGOSTINHO	PE	33,2	1	47	68	65	195,6	10º
RIO LARGO	AL	12,8	3	26	23	24	190,2	11º
VITÓRIA	ES	53,9	1	115	98	98	181,9	12º
LINHARES	ES	24,6	3	46	50	38	181,3	13º
PORTO SEGURO	BA	24,4	3	57	25	49	178,6	14º
FOZ DO IGUAÇU	PR	63,4	1	153	143	105	165,7	15º
DUQUE DE CAXIAS	RJ	146,4	1	306	270	242	165,3	16º
CARUARU	PE	56,8	1	70	54	92	162,1	17º
IMPERATRIZ	MA	48,8	1	63	72	79	161,9	18º
BETIM	MG	83,0	1	133	104	134	161,5	19º
PIRAQUARA	PR	17,0	3	16	27	38	159,1	20º
SALVADOR	BA	544,4	1	531	616	862	158,4	21º
EUNÁPOLIS	BA	19,4	3	23	25	44	157,9	22º
JABOATÃO DOS GUARARAPES	PE	129,3	1	214	203	193	149,3	23º
TAILÂNDIA	PA	15,6	3	25	24	20	147,4	24º
OLINDA	PE	71,3	1	124	93	104	145,8	25º
CABO FRIO	RJ	31,4	1	37	46	45	143,1	26º
ARAPIRACA	AL	40,6	1	46	85	57	140,2	27º
CAMAÇARI	BA	46,4	1	47	35	65	140,2	28º
UNIÃO DOS PALMARES	AL	12,1	3	22	15	14	140,0	29º
MACAÉ	RJ	33,0	1	44	46	46	139,6	30º
VIANA	ES	11,5	3	13	16	19	138,6	31º
VILA VELHA	ES	71,3	1	102	118	98	137,4	32º
CURITIBA	PR	316,7	1	383	368	428	135,1	33º
NILÓPOLIS	RJ	24,5	3	40	27	32	134,6	34º
GOVERNADOR VALADARES	MG	46,4	1	102	48	61	131,6	35º
GOIANA	PE	14,6	3	21	20	16	130,4	36º
PARAUPEBAS	PA	32,8	1	19	30	42	128,1	37º
ABREU E LIMA	PE	17,7	3	20	19	29	127,9	38º
MARITUBA	PA	20,1	3	24	25	28	127,6	39º
GUARAPARI	ES	18,6	3	13	28	30	127,3	40º
ALMIRANTE TAMANDARÉ	PR	18,7	3	20	26	25	126,6	41º
JOÃO PESSOA	PB	136,0	1	131	157	169	124,2	42º
LIMOEIRO	PE	10,6	3	9	18	12	123,0	43º
CARAGUATATUBA	SP	16,1	3	33	10	16	122,2	44º
ITAGUAÍ	RJ	17,5	3	21	24	19	122,1	45º
CAMARAGIBE	PE	26,2	3	32	34	30	122,1	46º
TUCURUÍ	PA	20,1	3	22	28	23	120,9	47º
SÃO PEDRO DA ALDEIA	RJ	13,8	3	19	19	11	118,2	48º
ARIQUEMES	RO	17,0	3	20	14	26	117,9	49º
FORMOSA	GO	18,4	3	18	26	21	117,7	50º

continua ▶

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (POR MIL)	MÉDIA ANOS	HOMICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
CAMPO MOURÃO	PR	15,3	3	17	12	25	117,5	51º
BELO HORIZONTE	MG	410,1	1	544	574	477	116,3	52º
MOSSORÓ	RN	48,3	1	26	31	56	115,9	53º
SÃO MIGUEL DOS CAMPOS	AL	10,7	3	10	11	16	115,8	54º
TEÓFILO OTONI	MG	23,1	3	30	22	27	114,2	55º
SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO	GO	11,3	3	14	16	8	112,5	56º
PALMARES	PE	11,6	3	9	12	18	112,3	57º
ESCADA	PE	12,6	3	6	13	23	111,4	58º
SÃO MATEUS	ES	19,5	3	18	15	32	111,2	59º
ILHÉUS	BA	43,2	1	53	38	48	111,1	60º
DIAS D'ÁVILA	BA	11,8	3	6	10	23	109,9	61º
VITÓRIA DA CONQUISTA	BA	59,5	1	40	52	65	109,3	62º
IBIRITÉ	MG	29,8	3	43	23	31	108,6	63º
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO	PE	24,3	3	22	24	33	108,3	64º
TOLEDO	PR	21,0	3	17	18	33	108,2	65º
ALVORADA	RS	38,9	1	25	45	42	108,0	66º
RIBEIRÃO DAS NEVES	MG	64,6	1	72	60	69	106,7	67º
BELEM	PA	270,9	1	210	214	287	105,9	68º
CASCAVEL	PR	55,9	1	41	40	59	105,5	69º
IPOJUCA	PE	15,4	3	13	19	16	104,0	70º
ALAGOINHAS	BA	26,1	3	17	24	40	103,3	71º
PINHAIS	PR	21,3	3	18	19	29	103,1	72º
BEZERROS	PE	10,4	3	16	6	10	102,5	73º
CIDADE OCIDENTAL	GO	10,1	3	7	10	14	102,4	74º
IGARASSU	PE	19,3	3	22	22	15	102,1	75º
ARCOVERDE	PE	12,7	3	12	14	13	102,0	76º
ITABORAÍ	RJ	37,5	1	56	59	38	101,3	77º
ARARUAMA	RJ	17,3	3	15	27	10	100,3	78º
PARAGOMINAS	PA	20,9	3	21	22	20	100,3	79º
BELFORD ROXO	RJ	85,4	1	85	87	85	99,6	80º
NOVO GAMA	GO	17,2	3	15	15	21	99,1	81º
CAMPOS DOS GOYTACAZES	RJ	72,0	1	76	59	71	98,6	82º
PAULISTA	PE	57,5	1	83	87	56	97,4	83º
VALPARAÍSO DE GOIÁS	GO	24,1	3	23	29	18	96,8	84º
PORTO ALEGRE	RS	228,1	1	190	271	219	96,0	85º
ANGRA DOS REIS	RJ	28,6	3	28	30	24	95,7	86º
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	PR	51,3	1	39	46	49	95,5	87º
GOIÂNIA	GO	226,1	1	181	169	215	95,1	88º
DOURADOS	MS	35,0	1	31	29	33	94,3	89º
SANTA RITA	PB	24,8	3	18	28	24	94,2	90º
TEIXEIRA DE FREITAS	BA	24,4	3	18	16	35	94,1	91º
SÃO GONÇALO	RJ	154,1	1	172	181	144	93,4	92º
MARACANAÚ	CE	42,9	1	24	36	40	93,1	93º
UMUARAMA	PR	17,2	3	11	21	16	93,0	94º
SÃO LEOPOLDO	RS	37,7	1	36	35	35	92,7	95º
SÃO LOURENÇO DA MATA	PE	19,5	3	22	23	9	92,2	96º
LUZIÂNIA	GO	39,3	1	39	39	36	91,7	97º
CASTANHAL	PA	33,0	1	21	24	30	90,9	98º
GUAÍBA	RS	17,0	3	20	14	12	90,2	99º
SAQUAREMA	RJ	10,8	3	10	11	8	89,4	100º

Fonte: SIM/SVS/MS (a tabela completa em www.mapadaviolencia.org.br)

- Em 2.700 municípios (48,5% do total de municípios) não se registraram homicídios entre 2006 e 2008.

3.5. Visão Conjunta das Áreas: Interiorização da Violência Homicida

Neste item, analisaremos em conjunto as três agregações populacionais que foram vistas de forma relativamente independente: as Unidades Federadas, as Capitais e as 10 Regiões Metropolitanas. Assim, comparando os modos de evolução dessas três aglomerações, poderemos evidenciar outras peculiaridades recentes da violência homicida do país. Para ter maior capacidade inferencial, devemos, primeiro, ampliar o escopo temporal da nossa análise, retrocedendo até 1980, por se tratar de fenômenos que tiveram início antes da década demarcada para o presente relatório.

Com a finalidade de destacar essas novas modalidades na evolução da violência homicida no país, julgou-se necessário introduzir outra categoria, derivada das anteriores, procurando caracterizar, além das Unidades Federadas, das capitais e das 10 Regiões Metropolitanas, o Interior dos estados. No contexto do estudo, definiremos operacionalmente o Interior como os municípios que não são nem capital nem formam parte das Regiões Metropolitanas tradicionais (as 10 regiões metropolitanas trabalhadas nos diversos capítulos).

No Gráfico 3.5.1 e Tabela 3.5.1 podemos observar que as três áreas apresentam modalidades de crescimento diferenciadas. Considerando conjuntamente as capitais e as RM, os homicídios cresceram, num ritmo de 7,7% ao ano, entre 1980 e 1996. O crescimento das metrópoles foi bem mais intenso que o do interior dos estados, cuja evolução no período foi de 4,9% ao ano. Nessa fase, fica evidente que o motor da violência homicida se encontrava centrado nas grandes capitais e Regiões Metropolitanas do país. Entre 1996 e 2003, que poderíamos considerar como um período de transição, arrefece enormemente o ritmo de crescimento nas capitais e Regiões Metropolitanas. A taxa anual dessa área, que era de 7,7% ao ano no período anterior, cai para 2,6% ao ano, enquanto a do interior cresce a um ritmo mais elevado, subindo para 6,5% ao ano. Na última fase, que vai de 2003 até 2008, capitais e Regiões Metropolitanas apresentam saldos negativos (-2,8% aa), enquanto o interior continua a crescer, mas com um ritmo bem menor: 3% ao ano. Ainda assim, vemos que entre quedas nas capitais e Regiões Metropolitanas e aumentos no interior, a diferença de ritmos de crescimento entre ambas as áreas é ainda de 5,8% ao ano.

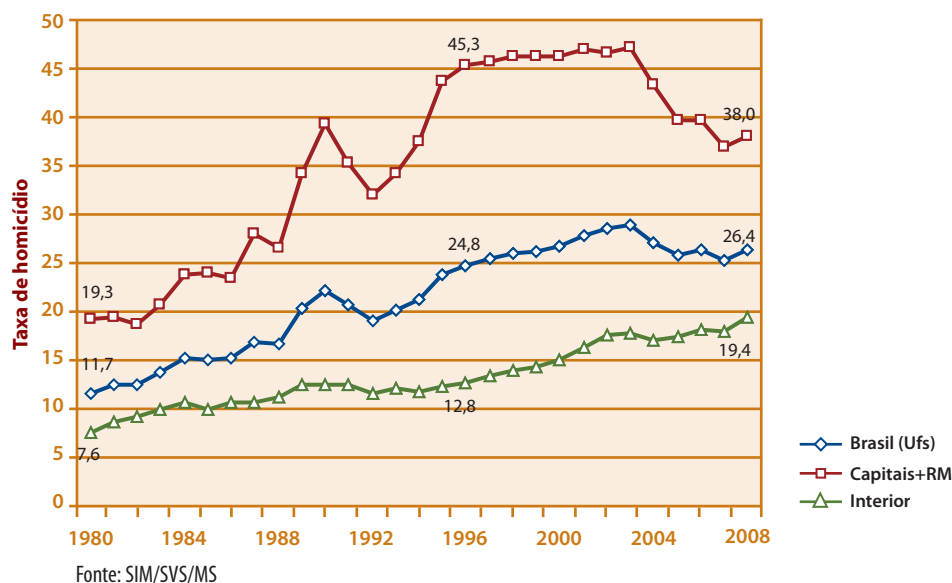
Tabela 3.5.1. Crescimento % Anual do Número de Homicídios por Área Geográfica e Períodos. Brasil, 1980/2008.

ÁREA	1980/1996	1996/2003	2003/2008
BRASIL	6,6%	4,0%	-0,4%
CAPITAIS+RM	7,7%	2,6%	-2,8%
INTERIOR	4,9%	6,5%	3,0%

Fonte: SVS/MS

Isso fica bem visível no Gráfico 3.5.1, que discrimina a evolução das taxas de homicídio nos diversos cortes geográficos desde 1980.

Gráfico 3.5.1. Taxas de Homicídio por Área. 1980/2008.



Capitais e Regiões Metropolitanas experimentaram crescimentos contínuos e muito elevados desde 1980 – primeiro ano dos registros do SIM – até 1996, com uma taxa de crescimento de 7,7% ao ano. Nesse mesmo período, o interior crescia também, mas com um ritmo mais modesto: 4,9% ao ano. Esse diferencial deu origem à brecha que se observa no Gráfico: em 1998 as RM tem uma taxa de 49,1 homicídios em 100 mil habitantes, e as capitais 45,3, mas o interior conserva-se com uma taxa comparativamente baixa: 14 homicídios em 100 mil, menos de 1/3 das capitais ou RMs. A partir dessa data, e até 2003, as taxas das capitais e RM praticamente estagnam, mas o interior continua crescendo e agora com um ritmo bem maior: 6,5 % ao ano. A partir dessa data, e até 2008, as capitais e RMs sofrem significativas quedas, da ordem de 2,8% ao ano, enquanto, no interior, o crescimento arrefece, mas ainda continua a crescer com um ritmo de 3% ao ano. Isso determinou que a larga brecha existente fosse diminuindo até que, em 2008, as taxas das metrópoles nem chegaram a duplicar as do interior.

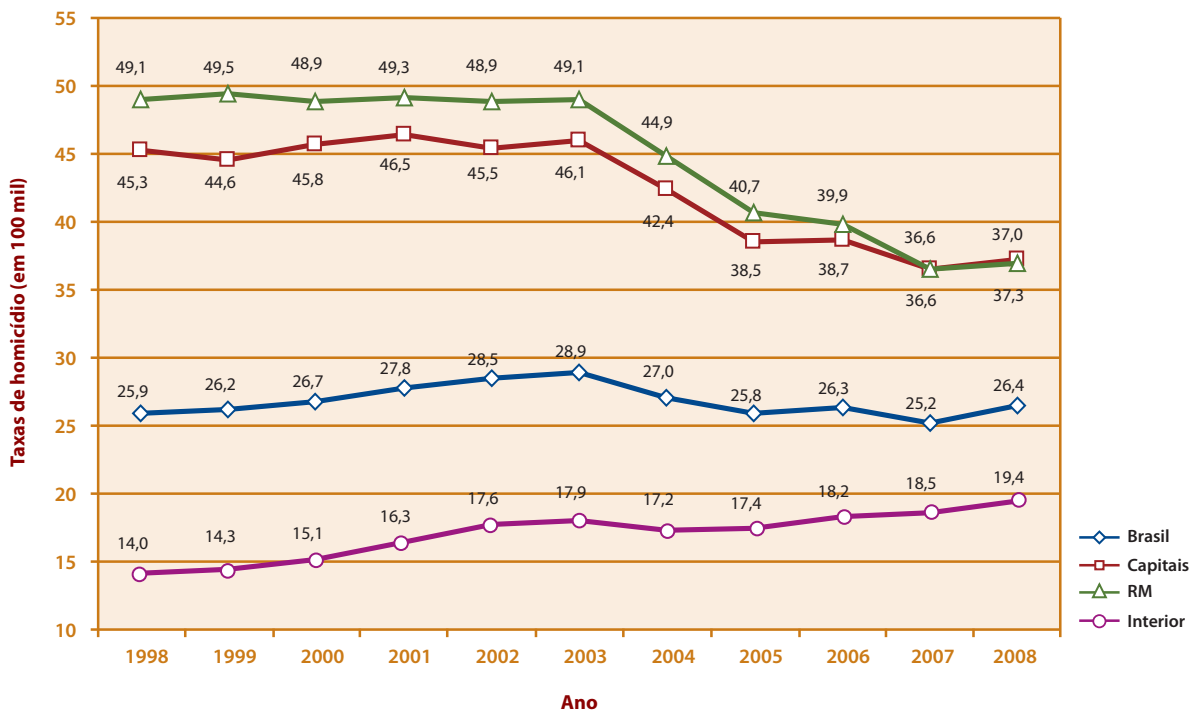
A Tabela 3.5.2 e o Gráfico 3.5.2 permitem quantificar melhor esse fenômeno. Vemos que as taxas do Brasil na década analisada permaneceram praticamente estagnadas (crescimento de 1,9% entre 1998 e 2008). Capitais e Regiões Metropolitanas evidenciam fortes quedas (-17,7 e -24,6% respectivamente). Em contrapartida, o Interior dos estados cresce 38,6% entre ambas datas.

Tabela 3.5.2. Evolução das Taxas de Homicídio na População Total Segundo Área Geográfica. Brasil, 1998/2008.

ÁREA	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BRASIL	25,9	26,2	26,7	27,8	28,5	28,9	27,0	25,8	26,3	25,2	26,4	1,9
CAPITAIS	45,3	44,6	45,8	46,5	45,5	46,1	42,4	38,5	38,7	36,6	37,3	-17,7
RM	49,1	49,5	48,9	49,3	48,9	49,1	44,9	40,7	39,9	36,6	37,0	-24,6
INTERIOR	14,0	14,3	15,1	16,3	17,6	17,9	17,2	17,4	18,2	18,5	19,4	38,6

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 3.5.2. Evolução das Taxas de Homicídio na População Total por Área. Brasil, 1998/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

Esse diferencial de ritmos, com Regiões Metropolitanas e Capitais estagnando ou caindo enquanto o interior continua crescendo, é o que denominamos, já desde os trabalhos de 2002, *Interiorização da Violência*, indicando uma mudança nos polos dinâmicos. Essa interiorização não significa que as taxas do interior sejam maiores que as dos grandes conglomerados urbanos. Significa, simplesmente, que é o Interior que assume a responsabilidade pelo crescimento das taxas de homicídios, e já não mais as Capitais ou as metrópoles.

Restaria, ainda, indagar sobre os possíveis fatores determinantes dessa reversão.

Em primeiro lugar, a emergência de polos de crescimento em municípios do interior de diversos estados do país torna-se atrativa para investimentos e para as migrações pela expansão do

emprego e da renda. Todavia, convertem-se, também, em polos atrativos, pelos mesmos motivos, para a criminalidade, em ausência de esquemas de proteção dos aparelhos do Estado.

Em segundo lugar, investimentos nas capitais e nas grandes Regiões Metropolitanas declaradas prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança, instituído em janeiro de 2001, fizeram com que fossem canalizados recursos federais e estaduais, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco.

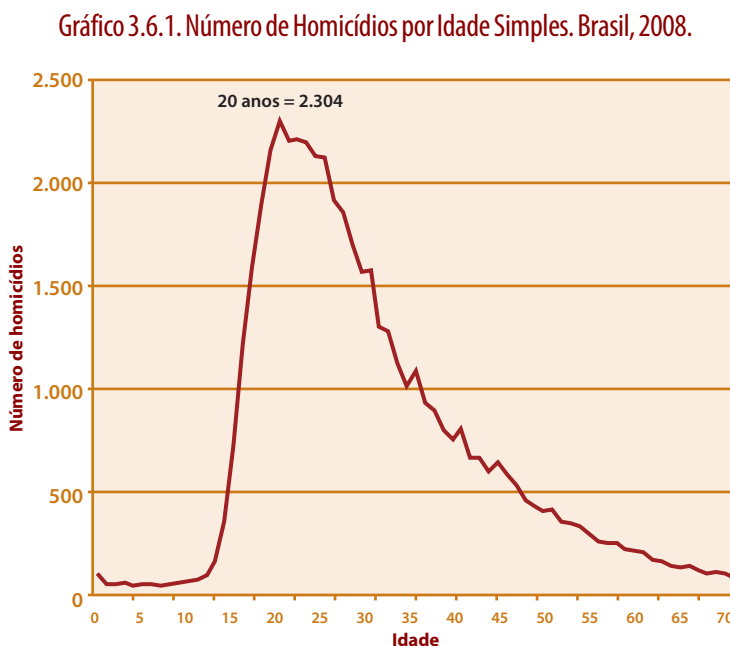
Em terceiro lugar, melhor cobertura dos sistemas de coleta dos dados de mortalidade no interior do país diminuíram a subnotificação nas áreas do interior.

3.6. A Questão Etária

Um fato relevante, já destacado nos itens anteriores, é a estrutura etária dos óbitos por homicídio. Em primeiro lugar, como pode ser visualizado no Gráfico 3.6.1, registram-se marcadas diferenças na incidência de homicídios ao longo ciclo de vida da população.

Até 12 anos de idade, o número de vítimas é relativamente baixo. Como máximo, nos 12 anos, foram 70 as vítimas em 2008. A média de homicídios, nessa faixa de 0 a 12 anos, foi de 32,6 vítimas no ano por idade simples.

A partir dos 13 anos, o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente, até atingir o pico de 2.304 na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo lenta e gradativamente.



Fonte: SIM/SVS/MS

As taxas de homicídios (em 100 mil) estabelecidas para as diversas idades simples e faixas etárias (ver Tabela 3.6.1) confirmam essas evidências.

- a. É na faixa “jovem”, dos 15 aos 24 anos, que os homicídios atingem sua máxima expressão, principalmente na faixa dos 20 aos 24 anos de idade, com taxas em torno de 63 homicídios por 100 mil jovens.

Tabela 3.6.1. Número e Taxas de Homicídio por Idades Simples e Faixas Etárias. Brasil, 2008.

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	HOMICÍDIOS	
	NÚMERO	TAXA
0 A 4 ANOS	164	1,0
5 A 9 ANOS	111	0,7
10 A 14 ANOS	615	3,7
10 ANOS	35	1,1
11 ANOS	44	1,3
12 ANOS	70	2,1
13 ANOS	136	4,1
14 ANOS	330	10,0
15 A 19 ANOS	7.543	44,5
15 ANOS	705	21,2
16 ANOS	1.202	35,9
17 ANOS	1.586	46,9
18 ANOS	1.891	55,2
19 ANOS	2.159	62,5
20 A 24 ANOS	11.053	62,5
20 ANOS	2.304	66,1
21 ANOS	2.207	62,8
22 ANOS	2.212	62,5
23 ANOS	2.200	61,7
24 ANOS	2.130	59,2
25 A 29 ANOS	9.146	52,6
30 A 34 ANOS	6.241	41,1
35 A 39 ANOS	4.382	32,9
40 A 44 ANOS	3.266	26,0
45 A 49 ANOS	2.299	20,3
50 A 59 ANOS	2.684	15,8
60 A 69 ANOS	1.102	10,7
70 E MAIS ANOS	662	7,8

Fonte: SIM/SVS/MS

- b. As taxas mais elevadas, acima de 60 homicídios em 100 mil jovens, encontram-se dos 19 aos 23 anos de idade.

Tabela 3.6.2. Participação (%) dos Homicídios no Total de Óbitos Juvenis por Idade Simples, UF e Região. Brasil, 2008.

UF/REGIÃO	IDADE SIMPLES										TOTAL
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
ACRE	26,7	12,5	41,7	21,4	26,3	18,2	30,0	19,0	20,0	37,5	25,9
AMAPÁ	22,2	45,5	50,0	47,1	59,1	48,3	63,6	60,0	55,6	33,3	49,0
AMAZONAS	24,0	29,0	35,7	41,8	43,2	38,9	39,0	39,8	41,5	33,3	37,7
PARÁ	34,7	48,1	45,7	52,5	49,3	50,4	51,9	45,2	47,3	46,7	48,0
RONDÔNIA	39,3	45,5	39,1	33,3	42,1	38,3	47,1	25,5	26,7	33,3	36,1
RORAIMA	20,0	28,6	16,7	25,0	12,5	5,9	7,7	20,0	12,5	14,3	14,3
TOCANTINS	20,0	26,9	26,9	22,6	35,1	25,6	30,6	27,5	17,5	19,0	25,4
NORTE	30,7	40,3	41,7	44,6	45,0	42,3	45,3	39,8	40,1	39,2	41,5
ALAGOAS	43,9	59,1	63,1	65,6	65,8	66,7	61,1	63,7	54,7	55,8	60,9
BAHIA	32,8	41,4	54,8	47,6	49,6	55,9	54,6	54,9	50,5	49,7	50,7
CEARÁ	30,4	38,5	43,6	39,9	38,5	43,2	38,9	31,6	36,0	34,4	37,7
MARANHÃO	17,1	24,0	32,8	29,1	32,3	41,2	32,9	36,0	33,1	26,3	31,6
PARAÍBA	39,1	43,8	36,0	36,1	39,6	42,3	33,6	38,6	45,4	39,2	39,3
PERNAMBUCO	47,8	55,8	55,2	58,6	63,1	63,4	54,5	60,1	56,0	53,8	57,7
PIAUI	8,1	9,4	9,8	14,9	19,4	20,7	16,7	23,0	17,6	13,3	16,4
RIO GRANDE DO NORTE	32,1	43,5	38,4	39,7	36,0	34,8	40,9	39,8	37,5	30,1	37,3
SERGIPE	29,0	27,8	28,6	30,6	50,0	47,4	34,0	43,1	46,7	36,7	38,3
NORDESTE	33,4	42,0	46,3	45,5	47,4	51,3	46,6	48,4	45,1	42,6	45,7
ESPIRITO SANTO	57,1	60,2	58,3	61,9	66,0	52,9	54,4	60,2	53,0	54,8	57,7
MINAS GERAIS	31,6	41,8	41,5	38,8	40,5	33,2	34,0	36,1	29,5	34,9	36,0
RIO DE JANEIRO	35,4	41,8	49,0	43,3	41,6	39,5	43,1	42,0	40,9	42,9	42,2
SÃO PAULO	18,7	18,1	24,6	24,2	24,4	24,1	27,1	23,2	26,7	25,9	24,4
SUDESTE	28,9	34,7	38,6	35,7	36,0	32,4	34,8	33,9	33,4	34,5	34,5
PARANÁ	39,2	50,4	50,9	51,5	43,8	49,5	45,3	46,1	39,3	44,9	46,3
RIO GRANDE DO SUL	26,0	28,6	32,8	42,3	36,9	37,1	33,2	32,5	40,2	35,1	35,1
SANTA CATARINA	18,4	27,9	23,7	27,9	25,9	22,1	22,8	15,6	21,3	24,8	23,1
SUL	31,2	40,1	40,5	43,7	37,8	39,8	37,3	35,5	36,2	37,3	38,2
DISTRITO FEDERAL	53,8	59,6	64,3	62,2	62,3	48,8	53,3	43,0	42,5	31,8	50,8
GOIÁS	35,2	44,4	32,8	39,2	45,6	45,8	39,8	43,6	41,7	38,5	41,2
MATO GROSSO	25,0	34,1	33,3	44,0	34,1	34,1	35,0	28,7	30,0	29,9	32,8
MATO GROSSO DO SUL	40,5	41,3	38,0	44,3	40,0	33,7	36,9	44,0	29,2	24,4	36,6
CENTRO-OESTE	38,6	45,1	40,0	46,3	44,8	42,0	41,1	39,7	37,3	32,4	40,4
BRASIL	31,6	39,2	41,7	41,5	41,4	41,1	40,4	39,8	38,5	37,6	39,7

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

No país, os homicídios foram responsáveis por 39,7% das mortes de jovens. Mas, em várias Unidades Federadas, como Alagoas, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Distrito Federal, os homicídios foram a causa de *mais da metade dos óbitos juvenis acontecidos em 2008*.

Em diversas idades simples também se verifica o fato de os homicídios originarem mais da metade das morte de jovens, como pode ser visualizado na Tabela 3.6.2. Efetivamente, além das quatro UF anteriormente mencionadas, constatamos também que Amapá, Pará, Sergipe e Paraná possuem uma ou mais celas que ultrapassam a barreira de 50%.

3.7. Homicídios por Raça/Cor

Além da questão etária, outra fonte de diferenciação dos níveis de violência homicida encontra-se na cor ou raça das vítimas. Como foi alertado nas considerações metodológicas:

- O Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde recém começou a processar informações referentes a raça/cor no ano de 1996, mas com problemas de subnotificação: os dados ficavam muito incompletos até 2002. Por esse motivo, julgou-se procedente começar a analisar as informações referentes a raça/cor a partir de 2002.
- Os dados aqui expostos referentes a 2002 são oriundos de Mapas anteriores²³. Os de 2005 e 2008 foram trabalhados diretamente das bases de dados do Sistema de Informações de Mortalidade. Os quantitativos de população por raça/cor foram obtidos tabulando as projeções da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do IBGE, desses mesmos anos.
- A categoria *Negro* aqui utilizada resulta do somatório das categorias Preto e Pardo utilizadas pelo IBGE.
- As taxas elaboradas relacionando número de homicídios por cor/raça (contidas nas bases de dados do SIM) com os respectivos contingentes populacionais da PNAD apresentam problemas metodológicos que devem ser levados em conta. A fonte de dados para população por raça ou cor é a PNAD, que coleta esses dados por autotranscrição do entrevistado, que escolhe uma entre cinco opções: *Branca, Preta, Parda, Amarela* ou *Indígena*. Já nas certidões de óbito, nossa fonte para homicídios, a classificação é realizada por um agente externo ou documentação preexistente utilizando as mesmas categorias do IBGE. Ambas as classificações nem sempre, nem necessariamente, são coincidentes. Por tal motivo, não os números absolutos, mas sim as taxas de homicídio e índices de vitimização expostas nas Tabelas 3.7.2. e 3.7.5 devem ser tomadas com alguma cautela: são mais aproximativas do que assertivas.

23. *Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil*. 2004.

Voltando à classificação por raça ou cor das certidões de óbito, na Tabela 3.7.1, podemos observar que, mesmo com grandes diferenças entre as Unidades Federadas, a tendência geral desde 2002 é: queda no número absoluto de homicídios na população branca e de aumento na população negra.

Tabela 3.7.1. Número de Homicídios na População Total por Raça/Cor. Brasil, 2002/2008.

UF/REGIÃO	NÚMERO DE HOMICÍDIOS					
	BRANCOS			NEGROS		
	2002	2005	2008	2002	2005	2008
ACRE	46	25	22	100	79	72
AMAZONAS	53	61	33	442	506	767
AMAPÁ	16	20	5	157	169	197
PARÁ	138	170	205	1.027	1.701	2.592
RONDÔNIA	182	144	134	370	388	318
RORAIMA	21	12	15	91	71	74
TOCANTINS	39	44	40	136	154	188
NORTE	495	476	454	2.323	3.068	4.208
ALAGOAS	107	68	51	650	795	1.540
BAHIA	137	167	325	1.280	2.300	4.099
CEARÁ	130	146	191	704	755	1.382
MARANHÃO	92	117	141	465	740	1.070
PARAÍBA	49	44	46	432	605	925
PERNAMBUCO	529	436	419	3.576	3.448	3.868
PIAUI	40	52	53	239	307	324
RIO GRANDE DO NORTE	65	71	101	217	267	562
SERGIPE	65	73	78	380	350	417
NORDESTE	1.214	1.174	1.405	7.943	9.567	14.187
ESPIRITO SANTO	287	245	261	809	1.008	1.255
MINAS GERAIS	888	1.109	1.058	1.916	2.826	2.614
RIO DE JANEIRO	2.863	2.362	1.709	4.907	4.431	3.389
SÃO PAULO	8.220	4.998	3.580	5.988	3.652	2.348
SUDESTE	12.258	8.714	6.608	13.620	11.917	9.606
PARANÁ	1.780	2.276	2.657	400	641	697
RIO GRANDE DO SUL	1.555	1.583	1.853	322	405	472
SANTA CATARINA	433	458	662	84	93	106
SUL	3.768	4.317	5.172	806	1.139	1.275
DISTRITO FEDERAL	103	103	107	632	631	760
GOIÁS	394	385	414	645	927	1.267
MATO GROSSO DO SUL	299	229	253	333	343	359
MATO GROSSO	321	263	237	613	638	687
CENTRO-OESTE	1.117	980	1.011	2.223	2.539	3.073
BRASIL	18.852	15.661	14.650	26.915	28.230	32.349

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

Efetivamente, de 2002 a 2008, para a População Total:

- O número de vítimas brancas caiu de 18.852 para 14.650, o que representa uma significativa diferença negativa, da ordem de 22,3%.
- Já entre os negros, o número de vítimas de homicídio aumentou de 26.915 para 32.349, o que equivale a um crescimento de 20,2%. Com isso, a brecha que já existia em 2002 cresceu mais ainda e de forma drástica, como teremos oportunidade de ver a seguir.

Já a Tabela 3.7.2 relaciona o número de homicídios com a população de cada UF, além de calcular os Índices de Vitimização Negra que resulta da relação entre as taxas de brancos e de negros. Que nos diz esse índice? Em que proporção morrem mais negros do que brancos vítimas de homicídio. Se o índice é zero, morre a mesma proporção de negros e brancos. Se o índice é negativo, morrem proporcionalmente mais brancos que negros. Se positivo, morrem mais negros que brancos. Assim, um índice nacional de 67,1 como mostra a Tabela 3.7.2 para o ano de 2005, indica que, nesse ano, morrem proporcionalmente **67,1% mais negros do que brancos**.

Essa Tabela nos permite verificar que as taxas de homicídio de brancos caíram de 20,6 para 15,9 em cada 100 mil brancos; queda de 22,7% entre 2002 e 2008. Já na população negra, as taxas passaram de 30,0 em 2002 para 33,6 homicídios para cada 100 mil negros em 2008, o que representa um aumento de 12,1%.

Desagregando por região, e mais ainda, por estado, o panorama fica muito variado e heterogêneo, principalmente quando se observa a taxa de homicídios de negros²⁴.

Vários dados dessa Tabela impressionam pela sua magnitude:

- Em 2002, o índice nacional de vitimização negra foi de 45,8. Isto é, nesse ano, no país, morreram proporcionalmente 45,8% mais negros do que brancos.
- Apenas três anos mais tarde, em 2005, esse índice pula para 67,1 (morrem proporcionalmente 67,1% mais negros que brancos).
- Já em 2008, um novo patamar: morrem proporcionalmente 103,4% mais negros que brancos, isto é, acima do dobro!

24. O desvio-padrão (s), cuja função é sintetizar o grau de dispersão de uma distribuição de valores, indica que para as taxas brancas $s = 7,0$, para a negra $s = 16,0$. Isto é, mais do dobro de dispersão.

Tabela 3.7.2. Taxas de Homicídio e Índices de Vitimização por Raça/Cor na População Total. Brasil, 2002/2008.

UF/REGIÃO	TAXAS DE HOMICÍDIO (EM 100 MIL)						VITIMIZAÇÃO		
	BRANCOS			NEGROS			2002	2005	2008
	2002	2005	2008	2002	2005	2008			
ACRE	40,5	15,7	13,3	35,3	16,3	13,9	-12,9	3,4	4,0
AMAZONAS	8,3	8,7	4,3	27,4	20,2	29,5	229,8	138,9	290,2
AMAPÁ	12,8	16,0	4,5	45,6	37,6	38,4	257,4	168,6	211,2
PARÁ	11,2	10,8	13,4	31,5	31,6	44,9	181,5	186,3	293,0
RONDÔNIA	55,2	28,0	24,5	60,7	40,9	33,6	9,9	23,4	32,3
RORAIMA	43,7	13,8	16,1	41,0	24,5	23,2	-6,1	24,4	51,1
TOCANTINS	13,4	13,7	13,3	14,8	16,5	18,9	10,5	20,5	40,7
NORTE	17,8	13,6	12,9	32,1	27,9	36,1	79,9	80,2	169,6
ALAGOAS	11,9	6,7	5,3	32,7	38,9	70,1	175,1	271,3	974,8
BAHIA	4,5	5,7	10,8	12,5	20,7	35,7	175,2	334,0	439,8
CEARÁ	5,0	5,2	6,8	13,9	14,3	24,6	179,8	182,4	344,5
MARANHÃO	6,0	7,6	8,6	10,7	16,1	22,9	78,9	142,1	187,3
PARAÍBA	3,3	3,3	3,3	16,3	25,7	39,1	388,6	678,1	1083,0
PERNAMBUCO	16,9	13,9	12,7	71,4	64,9	72,2	321,5	301,7	428,8
PIAUI	5,9	6,9	7,2	10,7	13,3	13,4	81,9	109,0	90,8
RIO GRANDE DO NORTE	5,3	6,3	8,6	13,2	14,0	28,5	150,9	144,0	313,4
SERGIPE	14,3	13,2	12,3	27,2	25,1	30,1	89,6	83,2	134,6
NORDESTE	8,2	7,7	9,0	23,4	26,3	37,8	185,7	227,3	375,2
ESPIRITO SANTO	19,2	18,6	17,5	47,5	49,9	64,7	147,2	162,7	253,5
MINAS GERAIS	9,4	12,5	11,6	21,4	27,2	24,4	127,9	156,7	101,9
RIO DE JANEIRO	31,5	28,5	20,1	66,0	63,8	47,7	109,8	112,1	96,9
SÃO PAULO	30,3	18,6	13,6	56,0	29,8	17,0	85,1	37,0	18,1
SUDESTE	26,0	19,2	14,6	50,5	37,7	28,6	94,3	71,1	73,0
PARANÁ	23,9	30,3	35,0	17,5	24,1	24,4	-26,9	-25,8	-34,7
RIO GRANDE DO SUL	17,4	17,6	21,1	22,3	24,5	23,3	28,0	39,3	12,5
SANTA CATARINA	8,7	8,9	12,5	14,4	13,5	13,8	65,2	53,8	14,7
SUL	17,7	19,9	23,9	18,7	22,8	22,6	5,7	16,1	-6,4
DISTRITO FEDERAL	10,8	9,8	10,2	53,1	48,2	52,1	390,8	355,2	425,1
GOIÁS	16,9	15,6	17,0	22,1	29,8	37,2	30,5	83,5	129,2
MATO GROSSO DO SUL	26,6	19,9	21,9	33,6	31,4	30,5	26,3	43,4	43,4
MATO GROSSO	31,2	25,1	20,1	39,7	36,0	38,8	27,2	34,7	74,3
CENTRO-OESTE	20,6	17,2	17,4	33,7	34,8	39,3	63,3	85,7	127,8
BRASIL	20,6	17,1	15,9	30,0	31,0	33,6	45,8	67,1	103,4

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

A região que se destaca por seus altos índices de vitimização é a Nordeste, onde estados como Paraíba apresentam uma íngreme escalada desde 2002 para, em 2008, ostentar uma taxa de vítimas negras 12 vezes maior, proporcionalmente, ao das vítimas brancas. Todavia, o estado de Alagoas não fica muito atrás (índice 11 vezes maior), sendo forte também na Bahia, no Ceará, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte.

Fora da região Nordeste, destacam-se os elevados índices de vitimização do Distrito Federal, Espírito Santo, Amazonas, Pará e Amapá.

Ordenando os mesmos dados já expostos na Tabela anterior referentes a 2008, temos a Tabela 3.7.3, a seguir.

Tabela 3.7.3. Ordenamento das UF segundo Taxas de Homicídio Branco e Negro (em 100 Mil) e Índice de Vitimização Negra. População Total. 2008.

TAXAS DE HOMICÍDIO BRANCO			TAXAS DE HOMICÍDIO NEGRO			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO NEGRA		
UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.
PARANÁ	35,0	1º	PERNAMBUCO	72,2	1º	PARAÍBA	1083,0	1º
RONDÔNIA	24,5	2º	ALAGOAS	70,1	2º	ALAGOAS	974,8	2º
MATO GROSSO DO SUL	21,9	3º	ESPIRITO SANTO	64,7	3º	BAHIA	439,8	3º
RIO GRANDE DO SUL	21,1	4º	DISTRITO FEDERAL	52,1	4º	PERNAMBUCO	428,8	4º
MATO GROSSO	20,1	5º	RIO DE JANEIRO	47,7	5º	DISTRITO FEDERAL	425,1	5º
RIO DE JANEIRO	20,1	6º	PARÁ	44,9	6º	CEARÁ	344,5	6º
ESPIRITO SANTO	17,5	7º	PARAÍBA	39,1	7º	RIO GRANDE DO NORTE	313,4	7º
GOIÁS	17,0	8º	MATO GROSSO	38,8	8º	PARÁ	293,0	8º
RORAIMA	16,1	9º	AMAPÁ	38,4	9º	AMAZONAS	290,2	9º
SÃO PAULO	13,6	10º	GOIÁS	37,2	10º	ESPIRITO SANTO	253,5	10º
PARÁ	13,4	11º	BAHIA	35,7	11º	AMAPÁ	211,2	11º
TOCANTINS	13,3	12º	RONDÔNIA	33,6	12º	MARANHÃO	187,3	12º
ACRE	13,3	13º	MATO GROSSO DO SUL	30,5	13º	SERGIPE	134,6	13º
PERNAMBUCO	12,7	14º	SERGIPE	30,1	14º	GOIÁS	129,2	14º
SANTA CATARINA	12,5	15º	AMAZONAS	29,5	15º	MINAS GERAIS	101,9	15º
SERGIPE	12,3	16º	RIO GRANDE DO NORTE	28,5	16º	RIO DE JANEIRO	96,9	16º
MINAS GERAIS	11,6	17º	CEARÁ	24,6	17º	PIAUI	90,8	17º
BAHIA	10,8	18º	PARANÁ	24,4	18º	MATO GROSSO	74,3	18º
DISTRITO FEDERAL	10,2	19º	MINAS GERAIS	24,4	19º	RORAIMA	51,1	19º
RIO GRANDE DO NORTE	8,6	20º	RIO GRANDE DO SUL	23,3	20º	MATO GROSSO DO SUL	43,4	20º
MARANHÃO	8,6	21º	RORAIMA	23,2	21º	TOCANTINS	40,7	21º
PIAUI	7,2	22º	MARANHÃO	22,9	22º	RONDÔNIA	32,3	22º
CEARÁ	6,8	23º	TOCANTINS	18,9	23º	SÃO PAULO	18,1	23º
ALAGOAS	5,3	24º	SÃO PAULO	17,0	24º	SANTA CATARINA	14,7	24º
AMAPÁ	4,5	25º	ACRE	13,9	25º	RIO GRANDE DO SUL	12,5	25º
AMAZONAS	4,3	26º	SANTA CATARINA	13,8	26º	ACRE	4,0	26º
PARAÍBA	3,3	27º	PIAUI	13,4	27º	PARANÁ	-34,7	27º

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

- Paraíba encabeça a lista de níveis de vitimização. Isso é histórico desde que temos dados disponíveis. A escalada no período foi muito violenta. As taxas de homicídio branco do estado já eram extremamente baixas – são as menores do país: 3,3 homicídios em 100 mil brancos para 2,5 em 2007. Já as taxas negras praticamente duplicam no mesmo período, pulando de 16,3 homicídios em cada 100 mil negros para 39,1 em 2007. Com tais taxas – 3,3 em 100 mil para brancos e 39,1 para negros –, o índice de vitimização do estado se eleva a 1.189. Isto é, morrem, no estado, 1.083% mais negros do que brancos, quase **12 vezes mais!**
- Também Alagoas, Bahia, Pernambuco e Distrito Federal apresentam elevados índices de vitimização negra.
- A única UF com índices negativos de vitimização negra é o Paraná, fato histórico já apontado em nossos anteriores estudos. O estado, em 2008, apresentou um índice de vitimização negativo de 3,7. Isso significa que morreram proporcionalmente 34,7% mais brancos que negros.

As Tabelas 3.7.4 a 3.7.6 apresentam as mesmas análises, mas focando na faixa jovem de 15 a 25 anos de idade. Os dados evidenciam que a vitimização negra entre os jovens acontece de forma semelhante, seguindo os mesmos padrões que no restante da população, mas ainda com maior intensidade.

- O número de homicídios de jovens brancos caiu significativamente no período 2002/2008, passando de 6.592 para 4.582, o que representa uma queda de 30% nesses seis anos.
- Já entre os jovens negros, os homicídios passaram de 11.308 para 12.749, o que representa um incremento de 13%. Com isso, a brecha de mortalidade entre brancos e negros cresceu 43% num breve lapso de tempo.
- Da mesma forma, se as taxas brancas caíram 23,3% (de 39,3 para 30,2) as taxas negras cresceram 13,2% no período.
- Com esse diferencial de evolução entre brancos e negros, a brecha histórica de vitimização negra se incentiva drasticamente no quinquênio:
 - Em 2002, morriam proporcionalmente 45,8% mais negros do que brancos.
 - Se esse já é um dado grave, em 2005, esse indicador sobe mais ainda: vai para 77,8%.
 - E, em 2008, o índice atinge 127,6%.

Tabela 3.7.4. Número de Homicídios na População Jovem por Raça/Cor. Brasil, 2002/2008.

UF/REGIÃO	NÚMERO DE HOMICÍDIOS					
	BRANCOS			NEGROS		
	2002	2005	2008	2002	2005	2008
ACRE	18	9	7	47	26	25
AMAZONAS	18	27	11	195	207	300
AMAPÁ	6	7	1	82	84	89
PARÁ	32	50	66	381	667	1.001
RONDÔNIA	37	35	30	125	116	97
RORAIMA	5	3	1	45	16	14
TOCANTINS	8	11	11	48	45	70
NORTE	124	142	127	923	1.161	1.596
ALAGOAS	25	22	16	274	312	632
BAHIA	39	44	106	520	935	1.808
CEARÁ	32	48	54	223	267	558
MARANHÃO	26	37	46	164	271	401
PARAÍBA	16	9	12	167	228	336
PERNAMBUCO	165	163	138	1.463	1.466	1.584
PIAUÍ	6	21	17	103	118	105
RIO GRANDE DO NORTE	20	26	29	75	111	231
SERGIPE	18	19	14	157	109	147
NORDESTE	347	389	432	3.146	3.817	5.802
ESPÍRITO SANTO	87	79	70	352	424	498
MINAS GERAIS	294	395	341	785	1.232	1.070
RIO DE JANEIRO	951	743	547	2.160	1.906	1.343
SÃO PAULO	3.178	1.557	945	2.732	1.464	771
SUDESTE	4.510	2.774	1.903	6.029	5.026	3.682
PARANÁ	666	887	1.017	166	291	337
RIO GRANDE DO SUL	505	516	557	149	174	174
SANTA CATARINA	128	158	230	33	44	41
SUL	1.299	1.561	1.804	348	509	552
DISTRITO FEDERAL	42	47	45	312	280	321
GOIÁS	125	128	133	227	375	455
MATO GROSSO DO SUL	75	72	81	121	121	135
MATO GROSSO	70	67	57	202	199	206
CENTRO-OESTE	312	314	316	862	975	1.117
BRASIL	6.592	5.180	4.582	11.308	11.488	12.749

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.7.5. Taxas de Homicídio e Índices de Vitimização por Raça/Cor na População Jovem. Brasil, 2002/2008.

UF/REGIÃO	TAXAS DE HOMICÍDIO (EM 100 MIL)						VITIMIZAÇÃO		
	BRANCOS			NEGROS			2002	2005	2008
	2002	2005	2008	2002	2005	2008			
ACRE	68,5	27,9	21,3	72,7	28,2	23,6	-12,9	0,4	8,2
AMAZONAS	13,3	22,1	7,9	54,4	42,2	55,3	229,8	151,1	214,7
AMAPÁ	22,3	27,8	6,1	102,3	78,1	89,6	257,4	225,7	300,3
PARÁ	12,6	15,2	24,2	52,6	59,6	86,7	181,5	352,5	412,5
RONDÔNIA	54,0	34,2	29,1	97,5	62,1	53,8	9,9	51,6	72,3
RORAIMA	56,5	16,4	5,3	89,6	23,4	22,6	-6,1	12,3	105,4
TOCANTINS	14,3	19,1	21,2	24,9	22,7	34,3	10,5	25,3	68,7
NORTE	21,6	20,6	20,0	57,7	51,3	67,9	79,9	141,9	232,3
ALAGOAS	15,0	11,2	9,2	66,5	74,1	155,3	175,1	419,0	1304,0
BAHIA	6,3	7,4	20,6	23,0	39,4	79,9	175,2	506,8	798,5
CEARÁ	6,5	8,8	9,9	21,6	24,3	49,6	179,8	238,5	450,3
MARANHÃO	8,4	10,6	14,9	16,6	26,6	43,0	78,9	191,1	266,1
PARAIBA	5,8	3,6	4,9	31,5	43,4	76,8	388,6	685,3	1971,2
PERNAMBUCO	27,8	26,6	24,4	141,5	134,9	156,3	321,5	389,8	496,7
PIAUI	4,1	13,3	12,7	20,0	24,7	20,9	81,9	277,3	61,4
RIO GRANDE DO NORTE	7,9	12,0	12,8	21,4	29,7	63,2	150,9	224,0	419,7
SERGIPE	19,7	16,9	11,3	51,9	38,2	53,4	89,6	108,0	248,8
NORDESTE	11,8	12,8	15,2	42,9	49,8	79,2	185,7	313,4	498,8
ESPÍRITO SANTO	29,5	31,3	27,6	97,0	102,5	136,5	147,2	241,2	347,6
MINAS GERAIS	16,8	25,9	22,9	42,3	59,3	55,4	127,9	198,5	125,1
RIO DE JANEIRO	65,3	56,3	44,5	208,2	157,4	114,3	109,8	154,8	124,0
SÃO PAULO	64,4	32,9	22,5	123,9	60,3	30,7	85,1	42,5	24,9
SUDESTE	53,5	35,4	26,5	111,9	82,0	61,5	94,3	87,0	98,7
PARANÁ	49,7	68,4	81,3	35,3	59,7	69,1	-26,9	-17,5	-17,9
RIO GRANDE DO SUL	33,1	33,8	39,3	56,7	59,6	52,3	28,0	77,9	38,4
SANTA CATARINA	14,0	17,2	25,1	28,4	32,6	31,3	65,2	109,9	36,4
SUL	34,4	41,7	50,3	41,0	55,7	58,0	5,7	40,6	18,5
DISTRITO FEDERAL	22,8	23,4	27,6	125,2	100,8	116,1	390,8	339,7	378,8
GOIÁS	27,3	29,6	34,9	38,7	61,2	72,2	30,5	115,8	125,9
MATO GROSSO DO SUL	34,0	34,1	42,6	56,8	55,1	63,5	26,3	61,8	61,3
MATO GROSSO	37,4	32,7	25,0	63,1	55,1	62,7	27,2	60,0	115,5
CENTRO-OESTE	29,8	29,9	32,9	63,2	66,3	77,1	63,3	122,0	148,2
BRASIL	39,3	31,7	30,2	62,4	62,3	70,6	45,8	77,8	127,6

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

Tabela 3.7.6. Ordenamento das UF segundo Taxas de Homicídio Branco e Negro (em 100 Mil)
e Índice de Vitimização Negra. População Jovem. 2008

TAXAS DE HOMICÍDIO BRANCO			TAXAS DE HOMICÍDIO NEGRO			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO NEGRA		
UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.
PARANÁ	81,3	1º	PERNAMBUCO	156,3	1º	PARAÍBA	1.971,2	1º
RIO DE JANEIRO	44,5	2º	ALAGOAS	155,3	2º	ALAGOAS	1.304,0	2º
MATO GROSSO DO SUL	42,6	3º	ESPIRITO SANTO	136,5	3º	BAHIA	798,5	3º
RIO GRANDE DO SUL	39,3	4º	DISTRITO FEDERAL	116,1	4º	PERNAMBUCO	496,7	4º
GOIÁS	34,9	5º	RIO DE JANEIRO	114,3	5º	CEARÁ	450,3	5º
RONDÔNIA	29,1	6º	AMAPÁ	89,6	6º	RIO GRANDE DO NORTE	419,7	6º
DISTRITO FEDERAL	27,6	7º	PARÁ	86,7	7º	PARÁ	412,5	7º
ESPIRITO SANTO	27,6	8º	BAHIA	79,9	8º	DISTRITO FEDERAL	378,8	8º
SANTA CATARINA	25,1	9º	PARAÍBA	76,8	9º	ESPIRITO SANTO	347,6	9º
MATO GROSSO	25,0	10º	GOIÁS	72,2	10º	AMAPÁ	300,3	10º
PERNAMBUCO	24,4	11º	PARANÁ	69,1	11º	MARANHÃO	266,1	11º
PARÁ	24,2	12º	MATO GROSSO DO SUL	63,5	12º	SERGIPE	248,8	12º
MINAS GERAIS	22,9	13º	RIO GRANDE DO NORTE	63,2	13º	AMAZONAS	214,7	13º
SÃO PAULO	22,5	14º	MATO GROSSO	62,7	14º	GOIÁS	125,9	14º
ACRE	21,3	15º	MINAS GERAIS	55,4	15º	MINAS GERAIS	125,1	15º
TOCANTINS	21,2	16º	AMAZONAS	55,3	16º	RIO DE JANEIRO	124,0	16º
BAHIA	20,6	17º	RONDÔNIA	53,8	17º	MATO GROSSO	115,5	17º
MARANHÃO	14,9	18º	SERGIPE	53,4	18º	RORAIMA	105,4	18º
RIO GRANDE DO NORTE	12,8	19º	RIO GRANDE DO SUL	52,3	19º	RONDÔNIA	72,3	19º
PIAUI	12,7	20º	CEARÁ	49,6	20º	TOCANTINS	68,7	20º
SERGIPE	11,3	21º	MARANHÃO	43,0	21º	PIAUI	61,4	21º
CEARÁ	9,9	22º	TOCANTINS	34,3	22º	MATO GROSSO DO SUL	61,3	22º
ALAGOAS	9,2	23º	SANTA CATARINA	31,3	23º	RIO GRANDE DO SUL	38,4	23º
AMAZONAS	7,9	24º	SÃO PAULO	30,7	24º	SANTA CATARINA	36,4	24º
AMAPÁ	6,1	25º	ACRE	23,6	25º	SÃO PAULO	24,9	25º
RORAIMA	5,3	26º	RORAIMA	22,6	26º	ACRE	8,2	26º
PARAÍBA	4,9	27º	PIAUI	20,9	27º	PARANÁ	-17,9	27º

Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.

Vemos, por todos esses dados, que, para cada branco assassinado em 2008, morreram, proporcionalmente, mais de 2 negros nas mesmas circunstâncias. Pelo balanço histórico dos últimos anos, a tendência desses níveis pesados de vitimização é crescer ainda mais.

Impressionam, aqui, tanto nos números absolutos quanto nas taxas, os pesados índices de vitimização negra em Alagoas e na Paraíba e, em menor medida, também na Bahia, em Pernambuco e no Ceará, dentre outros, cujos índices, em geral, e os do ano de 2008 em particular, atingem níveis extremamente elevados.

Essas evidências nos levam a postular a necessidade de reorientar as políticas nacionais, estaduais e municipais em torno da segurança pública, para enfrentar de forma real e consequente essa grave anomalia.

Com poucas exceções, como a do Paraná, Distrito Federal ou Acre, onde não se observa grande diferencial na evolução dos homicídios brancos e negros, no restante do país, essa vitimização aparece como uma constante.

3.8. Homicídios Segundo o Sexo

Diversos estudos, tanto nacionais quanto internacionais (Mello; Minayo, Unicef)²⁵ já alertaram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências notadamente masculinas. Os dados disponibilizados pelo SIM permitem confirmar esse fato (Tabelas 3.8.1 e 3.8.2).

Ao longo dos diversos mapas que vêm sendo elaborados desde 1998, emerge uma constante: a elevada proporção de mortes masculinas nos diversos capítulos da violência letal do país, principalmente quando a causa são os homicídios. Assim, por exemplo, nos últimos dados disponíveis, os de 2008, pertenciam ao sexo masculino:

- 92,0% das vítimas de homicídio;
- 81,6% das mortes por acidentes de transporte;
- 79,1% dos suicidas.

E, historicamente, essas proporções diferem pouco de ano para ano.

O panorama também resulta muito homogêneo quando desagregamos os dados por Unidades Federadas ou por regiões, como podemos ver nas Tabelas 3.8.1 e 3.8.2. No estado de menor incidência (Roraima), o sexo masculino representa 85,7% do total de homicídios. Na UF de maior participação (Alagoas), esse percentual eleva-se para 95,6%.

Entre os jovens, Tabela 3.8.2, a situação não é muito diferente. Também acima de 90% de mortes masculinas, a variabilidade é muito reduzida: vai de 88,5% em Tocantins a 97,7% no Amapá

Essas taxas de homicídios enormemente díspares entre ambos os sexos está originando um forte desequilíbrio demográfico na distribuição por sexos da população, principalmente a partir dos 20 anos de idade. Só por homicídios, sem contar ainda acidentes de transporte, que serão vistos mais adiante, temos, anualmente, a perda de um contingente de quase de 40 mil homens, o que desequilibra a composição sexual da população adulta, como ficou evidente nas diversas pesquisas divulgados pelo IBGE.

25. MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

MINAYO, M.C. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública* (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

UNICEF. *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

Tabela 3.8.1. Homicídios na População Total por Sexo e UF. Brasil, 2008.

UF/ REGIÃO	NÚMERO		%	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
ACRE	119	14	89,5	10,5
AMAZONAS	764	63	92,4	7,6
AMAPÁ	197	13	93,8	6,2
PARÁ	2.700	164	94,3	5,7
RONDÔNIA	440	39	91,9	8,1
RORAIMA	90	15	85,7	14,3
TOCANTINS	211	21	90,9	9,1
NORTE	4.521	329	93,2	6,8
ALAGOAS	1.804	83	95,6	4,4
BAHIA	4.438	308	93,5	6,5
CEARÁ	1.913	118	94,2	5,8
MARANHÃO	1.162	81	93,5	6,5
PARAÍBA	936	85	91,7	8,3
PERNAMBUCO	4.125	298	93,3	6,7
PIAUI	347	40	89,7	10,3
RIO GRANDE DO NORTE	660	60	91,7	8,3
SERGIPE	539	35	93,9	6,1
NORDESTE	15.924	1.108	93,5	6,5
ESPIRITO SANTO	1.756	191	90,2	9,8
MINAS GERAIS	3.496	372	90,4	9,6
RIO DE JANEIRO	5.008	372	93,1	6,9
SÃO PAULO	5.447	666	89,1	10,9
SUDESTE	15.707	1.601	90,7	9,3
PARANÁ	3.139	307	91,1	8,9
RIO GRANDE DO SUL	2.151	216	90,9	9,1
SANTA CATARINA	702	86	89,1	10,9
SUL	5.992	609	90,8	9,2
DISTRITO FEDERAL	801	72	91,8	8,2
GOIÁS	1.590	161	90,8	9,2
MATO GROSSO DO SUL	631	59	91,4	8,6
MATO GROSSO	858	84	91,1	8,9
CENTRO-OESTE	3.880	376	91,2	8,8
BRASIL	46.024	4.023	92,0	8,0

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 3.8.2. Homicídios na População de 15 a 24 anos por sexo e UF. Brasil, 2008.

UF/ REGIÃO	NÚMERO		%	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
ACRE	33	4	89,2	10,8
AMAZONAS	274	16	94,5	5,5
AMAPÁ	84	2	97,7	2,3
PARÁ	796	34	95,9	4,1
RONDÔNIA	127	7	94,8	5,2
RORAIMA	34	1	97,1	2,9
TOCANTINS	54	7	88,5	11,5
NORTE	1.402	71	95,2	4,8
ALAGOAS	728	35	95,4	4,6
BAHIA	1.329	76	94,6	5,4
CEARÁ	700	35	95,2	4,8
MARANHÃO	371	23	94,2	5,8
PARAÍBA	297	21	93,4	6,6
PERNAMBUCO	1.742	90	95,1	4,9
PIAUI	118	8	93,7	6,3
RIO GRANDE DO NORTE	197	14	93,4	6,6
SERGIPE	178	10	94,7	5,3
NORDESTE	5.660	312	94,8	5,2
ESPIRITO SANTO	638	46	93,3	6,7
MINAS GERAIS	1.495	112	93,0	7,0
RIO DE JANEIRO	2.207	103	95,5	4,5
SÃO PAULO	1.678	168	90,9	9,1
SUDESTE	6.018	429	93,3	6,7
PARANÁ	1.176	85	93,3	6,7
RIO GRANDE DO SUL	704	47	93,7	6,3
SANTA CATARINA	206	22	90,4	9,6
SUL	2.086	154	93,1	6,9
DISTRITO FEDERAL	323	19	94,4	5,6
GOIÁS	482	38	92,7	7,3
MATO GROSSO DO SUL	213	18	92,2	7,8
MATO GROSSO	224	25	90,0	10,0
CENTRO-OESTE	1.242	100	92,5	7,5
BRASIL	16.408	1.066	93,9	6,1

Fonte: SIM/DATASUS

3.9. Comparações Internacionais

Como indicado no capítulo metodológico, as comparações internacionais foram possíveis pela estruturação e disponibilização, por parte da Organização Mundial da Saúde – OMS, de uma base de dados de mortalidade no seu Whosis²⁶ que abrange o conjunto de países membros da organização. A enorme vantagem de utilizar essas bases são as definições unívocas e compartilhadas por todos os países membros, com documentação especificamente desenvolvida e comissões nacionais que operam para seu ajuste e divulgação (as sucessivas versões corrigidas e melhoradas da Classificação Internacional de Doenças – CID – que já se encontra em sua 10ª versão). Contudo, como os países demoram ou atrasam o envio de informações para o Whosis, se incluirmos a totalidade dos países, teremos informações muito defasadas no tempo. Por esse motivo, foram tabulados os resultados de 100 países do mundo cujo único critério de seleção foi possuir dados para um período relativamente homogêneo de tempo: entre 2004 e 2008.

Os resultados dessa comparação podem ser encontrados na Tabela 3.9.1. Alguns aspectos merecem destaque.

- Em primeiro lugar, chamam a atenção os elevados índices do Brasil. Se em anos anteriores já esteve em situação ainda menos confortável, encabeçando o ordenamento em alguns capítulos ou ocupando um dos três primeiros lugares, sua queda para sexto lugar tanto nas taxas totais quanto nas juvenis deveu-se mais a uma forte eclosão de violência em países da América Central do que a quedas em seus próprios índices.
- Regionalmente, os países da América Latina, incluindo o Caribe, destacam-se pelos seus elevados índices de violência homicida. Os quatro primeiros lugares nas taxas do total da população correspondem a países da região, e prevalecem quando olhamos os 10 primeiros lugares.

26. World Health Organization Statistical Information System (WHOSIS)

Tabela 3.9.1. Ordenamento dos países segundo Taxas de Homicídio Total e Jovem Ano: último disponível.

POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.	PAÍS	ANO	TAXA	POS.
EL SALVADOR	2006	57,3	1º	EL SALVADOR	2006	105,6	1º
COLÔMBIA	2006	42,8	2º	ILHAS VIRGENS (EEUU.)	2005	86,2	2º
VENEZUELA	2007	36,4	3º	VENEZUELA	2007	80,4	3º
GUATEMALA	2006	34,5	4º	COLÔMBIA	2006	66,1	4º
ILHAS VIRGENS (EEUU.)	2005	31,9	5º	GUATEMALA	2006	60,6	5º
BRASIL	2008	26,4	6º	BRASIL	2008	52,9	6º
RÚSSIA	2006	20,2	7º	PORTO RICO	2005	46,7	7º
PORTO RICO	2005	19,5	8º	BAHAMAS	2005	31,8	8º
BAHAMAS	2005	18,5	9º	BELIZE	2004	24,4	9º
GUIANA	2005	17,9	10º	PANAMÁ	2006	24,4	10º
EQUADOR	2006	16,9	11º	EQUADOR	2006	22,8	11º
BELIZE	2004	14,6	12º	GUIANA	2005	21,1	12º
PANAMÁ	2006	11,9	13º	ÁFRICA DO SUL	2007	20,4	13º
ÁFRICA DO SUL	2007	11,7	14º	ILHAS CAYMAN	2004	19,5	14º
ILHAS CAYMAN	2004	11,6	15º	NICARÁGUA	2005	16,6	15º
GUIANA FRANCESA	2006	11,5	16º	GUIANA FRANCESA	2006	13,9	16º
CAZAQUISTÃO	2008	11,4	17º	PARAGUAI	2006	13,8	17º
PARAGUAI	2006	10,9	18º	RÚSSIA	2006	13,0	18º
NICARÁGUA	2005	10,4	19º	MARTINICA	2006	13,0	19º
KUWAIT	2008	9,2	20º	EEUU	2005	12,9	20º
UCRÂNIA	2008	8,2	21º	CAZAQUISTÃO	2008	9,7	21º
MÉXICO	2007	7,8	22º	COSTA RICA	2006	9,3	22º
COSTA RICA	2006	7,6	23º	REP. DA MOLDAVIA	2008	9,1	23º
LETÔNIA	2008	7,6	24º	CHILE	2005	8,8	24º
LITUÂNIA	2008	7,4	25º	MÉXICO	2007	8,4	25º
REP. DA MOLDAVIA	2008	7,3	26º	TAILÂNDIA	2006	7,9	26º
ESTÔNIA	2008	6,8	27º	ANTÍGUA E BARBUDA	2006	7,5	27º
BIELORRÚSSIA	2007	6,8	28º	ARUBA	2006	7,1	28º
EEUU	2005	6,0	29º	URUGUAI	2004	7,0	29º
CHILE	2005	5,9	30º	ARGENTINA	2007	6,8	30º
MARTINICA	2006	5,8	31º	CUBA	2007	6,7	31º
QUIRGUISTÃO	2008	5,5	32º	GUADALUPE	2006	6,1	32º
REP. DOMINICANA	2004	5,5	33º	REP. DA COREIA	2006	5,0	33º
TAILÂNDIA	2006	5,1	34º	ALBÂNIA	2004	4,8	34º
ARUBA	2006	5,1	35º	ESTÔNIA	2008	4,5	35º
CUBA	2007	5,0	36º	UCRÂNIA	2008	4,3	36º
ANTÍGUA E BARBUDA	2006	4,9	37º	LITUÂNIA	2008	3,2	37º
URUGUAI	2004	4,4	38º	BIELORRÚSSIA	2007	3,2	38º
ARGENTINA	2007	4,3	39º	LETÔNIA	2008	3,2	39º
MAURÍCIO	2008	4,2	40º	QUIRGUISTÃO	2008	3,1	40º
ALBÂNIA	2004	4,2	41º	FINLÂNDIA	2008	2,7	41º
SEYCHELLES	2005	3,6	42º	MAURÍCIO	2008	2,6	42º
UZBEQUISTÃO	2005	2,8	43º	CANADÁ	2004	2,5	43º
DOMINICA	2006	2,8	44º	NOVA ZELÂNDIA	2006	2,5	44º
RODRIGUES	2008	2,7	45º	BÉLGICA	2004	2,5	45º
ROMÊNIA	2008	2,5	46º	IRLANDA DO NORTE	2007	2,3	46º
GUADALUPE	2006	2,4	47º	UZBEQUISTÃO	2005	2,2	47º
FINLÂNDIA	2008	2,2	48º	ESCÓCIA	2008	2,2	48º
SURINAME	2005	2,2	49º	CROÁCIA	2008	2,0	49º
S.CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	2,1	50º	BULGÁRIA	2008	1,9	50º

continua ▶

POPULAÇÃO TOTAL			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.
HUNGRIA	2008	2,0	51º
SÉRVIA	2008	1,9	52º
TAJIKISTÃO	2005	1,8	53º
ARMÊNIA	2006	1,8	54º
REUNIÃO	2006	1,8	55º
CROÁCIA	2008	1,8	56º
BÉLGICA	2004	1,7	57º
IRLANDA DO NORTE	2007	1,7	58º
ESCÓCIA	2008	1,7	59º
BULGÁRIA	2008	1,7	60º
ESLOVÁQUIA	2005	1,7	61º
REP. DA COREIA	2006	1,6	62º
CANADÁ	2004	1,6	63º
NOVA ZELÂNDIA	2006	1,5	64º
LUXEMBURGO	2006	1,5	65º
PORTUGAL	2005	1,4	66º
GRÉCIA	2008	1,3	67º
CHIPRE	2007	1,3	68º
POLÓNIA	2008	1,3	69º
MALTA	2008	1,2	70º
SUÉCIA	2007	1,2	71º
GRANADA	2005	1,0	72º
ITÁLIA	2007	0,9	73º
HOLANDA	2008	0,9	74º
IRLANDA	2008	0,9	75º
ESPANHA	2005	0,9	76º
REP. CHECA	2008	0,8	77º
ISRAEL	2007	0,8	78º
NORUEGA	2007	0,7	79º
DINAMARCA	2006	0,7	80º
AUSTRÁLIA	2006	0,7	81º
ESLOVÊNIA	2008	0,6	82º
FRANÇA	2007	0,6	83º
SUIÇA	2007	0,6	84º
ALEMANHA	2006	0,6	85º
ÁUSTRIA	2008	0,6	86º
MALÁSIA	2006	0,6	87º
JAPÃO	2008	0,4	88º
REINO UNIDO	2007	0,4	89º
CINGAPURA	2006	0,3	90º
RAE DE HONG KONG	2007	0,3	91º
ISLÂNDIA	2008	0,3	92º
MALDIVAS	2005	0,3	93º
INGLATERRA E GALES	2007	0,2	94º
AZERBAIJÃO	2007	0,2	95º
EGITO	2008	0,1	96º
BERMUDAS	2006	0,0	97º
ILHAS TURKS E CAICOS	2005	0,0	98º
ST.PIERRE E MIQUELON	2006	0,0	99º
SAN MARINO	2005	0,0	100º

POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.
ROMÊNIA	2008	1,8	51º
SÉRVIA	2008	1,7	52º
MALÁSIA	2006	1,4	53º
SUÉCIA	2007	1,4	54º
TAJIKISTÃO	2005	1,4	55º
ISRAEL	2007	1,3	56º
GRÉCIA	2008	1,3	57º
ESLOVÁQUIA	2005	1,3	58º
HUNGRIA	2008	1,2	59º
KUWAIT	2008	1,2	60º
SURINAME	2005	1,1	61º
ESPANHA	2005	1,1	62º
ITÁLIA	2007	1,1	63º
IRLANDA	2008	1,1	64º
DINAMARCA	2006	1,0	65º
REP. DOMINICANA	2004	1,0	66º
REP. CHECA	2008	0,9	67º
AUSTRÁLIA	2006	0,8	68º
CHIPRE	2007	0,8	69º
REUNIÃO	2006	0,7	70º
HOLANDA	2008	0,7	71º
SUIÇA	2007	0,7	72º
REINO UNIDO	2007	0,7	73º
ARMÊNIA	2006	0,6	74º
FRANÇA	2007	0,6	75º
POLÓNIA	2008	0,5	76º
ALEMANHA	2006	0,5	77º
INGLATERRA E GALES	2007	0,4	78º
ESLOVÊNIA	2008	0,4	79º
ÁUSTRIA	2008	0,4	80º
NORUEGA	2007	0,3	81º
JAPÃO	2008	0,3	82º
RAE DE HONG KONG	2007	0,2	83º
AZERBAIJÃO	2007	0,2	84º
EGITO	2008	0,1	85º
BERMUDAS	2006	0,0	86º
CINGAPURA	2006	0,0	86º
DOMINICA	2006	0,0	86º
GRANADA	2005	0,0	86º
ILHAS TURKS E CAICOS	2005	0,0	86º
ISLÂNDIA	2008	0,0	86º
LUXEMBURGO	2006	0,0	86º
MALDIVAS	2005	0,0	86º
MALTA	2008	0,0	86º
RODRIGUES	2008	0,0	86º
S.CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	0,0	86º
SAN MARINO	2005	0,0	86º
SEYCHELLES	2005	0,0	86º
ST.PIERRE E MIQUELON	2006	0,0	86º
PORTUGAL	2005	s/d	

Fontes: Mortalidade: Whosis Mortality Databases (Brasil: SIM/SVS/MS)
 População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division

- Nos últimos anos, países da América Central, como El Salvador ou Guatemala, substituíram a Colômbia no trágico reinado que, durante décadas, ostentou esse país nos *rankings* da violência internacional²⁷.
- Esse fato representa não só uma mudança geográfica, mas também conceitual, e permite verificar a existência de um processo de reconfiguração, tanto geográfica quanto conceitual, da violência homicida na região. Historicamente, os polos dinâmicos da violência encontravam-se localizados na América do Sul, principalmente na Colômbia e no Brasil. Colômbia, por seu longo histórico de violência ligada ao narcotráfico; o Brasil, também parcialmente ligado ao narcotráfico, principalmente em alguns estados de forte consumo pelo seu poder aquisitivo, ou por ser rota para sua distribuição internacional. Assim, apesar de não ser totalmente correto, nas últimas décadas, o termo *violência* na América Latina virou sinônimo de tráfico, com seu aparelho criminal infiltrado nas diversas instâncias da sociedade civil e política e seus assentamentos territoriais nas zonas mais pobres das cidades. Os dados pesquisados indicam, por um lado, quedas significativas nos elevados índices da Colômbia a partir do ano de 2002 e, também, declínio ou estagnação no Brasil a partir de 2003. Paralelamente, os índices de El Salvador e Guatemala crescem de forma drástica, aproximadamente, na mesma época, a partir de mecanismos de violência ligados, principalmente, a gangues juvenis. Com isso, se no continente Sul observa-se um arrefecimento, o crescimento dos índices na América Central fazem com que países dessa região ultrapassem os níveis de violência homicida tanto do Brasil quanto, e principalmente, da Colômbia, fato inédito nas últimas décadas.
- Temos de observar, também, que inclusive os países que apresentam as menores taxas de homicídio na América Latina, quando confrontadas no contexto internacional, assumem uma posição intermediária ou, até mesmo, encontram-se entre os países de violência elevada. Assim, a menor taxa regional, a do Uruguai, com seu índice total de 4,4 homicídios em 100 mil habitantes, encontra-se na 38ª posição no ordenamento internacional, isto é, no grupo das taxas moderadas para acima e bem longe da maior parte dos países da Europa ou da Ásia, cujos índices nem chegam a 2 homicídios em 100 mil habitantes. Também a menor taxa de homicídios jovens, a de Cuba, encontra-se na 31ª posição, mais acima ainda.

3.10. Vitimização Juvenil

Para verificar em que medida existe concentração de homicídios na faixa jovem da população, indicativo da provável existência de problemas nesse setor, foi proposto um Índice de Vitimização Juvenil por Homicídios, que resulta da relação entre a taxa de óbitos por homicídio da população

27. Relatório de Desenvolvimento Humano da América Central 2009/2010, recentemente divulgado pelo PNUD, constata que os índices da região continuaram aumentando vertiginosamente.

de 15 a 24 anos de idade e as taxas correspondentes ao restante da população – considerada não jovem. Essa população não jovem é a que, ainda, não chegou à juventude – a população de 0 a 14 anos – ou a que já passou dessa faixa – acima de 25 anos de idade. Quanto maior for o Índice de Vitimização, maior concentração de homicídios na população jovem. Se o índice de vitimização for próximo de 100, os homicídios atingem por igual tanto a faixa jovem quanto o resto da população. Índices menores de 100 indicam que a juventude encontra-se relativamente preservada e protegida, dado que os homicídios incidem de forma mais pesada nas outras faixas etárias.

O Gráfico 3.10.1 e a Tabela 3.10.1 permitem verificar que as taxas de homicídio juvenil na faixa dos 15 aos 24 anos de idade são muito elevadas quando comparadas às do resto da população.

Efetivamente, podemos observar que:

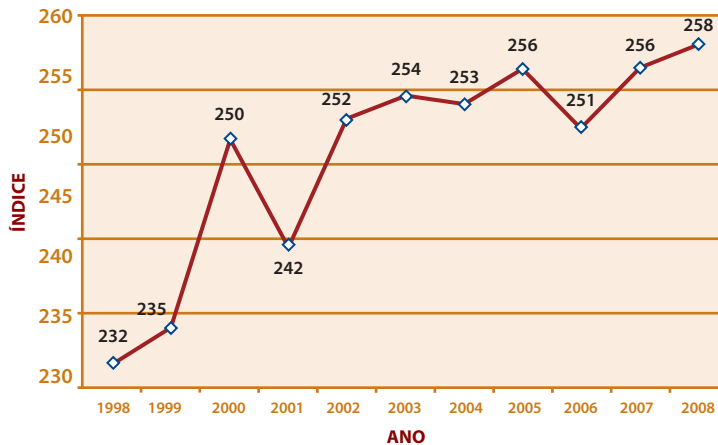
- a. Em todos os anos da década considerada as taxas juvenis mais que duplicam as taxas da população não jovem.
- b. Ainda mais: a tendência dos índices de vitimização foi de crescimento, na década, de forma mais acelerada entre 1998 e 2002, e menos acelerada a partir de 2002, mas sempre crescente.

Tabela 3.10.1. Taxas de Homicídio Jovem (15 a 24 anos), Não Jovem e Índice de Vitimização Juvenil por Homicídio. Brasil, 1998/2008.

INDICADOR	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
TAXA JOVEM	47,7	48,5	51,4	52,3	55,0	56,1	52,4	50,9	51,4	50,1	52,9
TAXA NÃO JOVEM	20,6	20,7	20,5	21,6	21,8	22,1	20,7	19,9	20,5	19,6	20,5
ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO	232	235	250	242	252	254	253	256	251	256	258

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 3.10.1. Índice de Vitimização Juvenil (15 a 24 anos). Brasil, 1998/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

Pela Tabela 3.10.2 é possível conferir que, em todas as regiões e estados do país, em maior ou menor medida, existe vitimização juvenil. Nas regiões, os homicídios juvenis mais que duplicam as taxas de homicídio do resto da população. Nos estados, o panorama não é menos preocupante.

O estado de menor vitimização juvenil, Roraima, no ano de 2008, tinha proporcionalmente 66% mais vítimas juvenis. No outro extremo, Amapá e Paraná e Distrito Federal ostentam quatro vezes mais mortes juvenis do que as outras faixas. Contudo, também em muitos outros estados, as mortes juvenis triplicam com relação às do restante da população.

Com isso, o Índice de Vitimização nacional do ano 2008 foi de 258, o que significa que temos, proporcionalmente, duas vezes e meia mais homicídios juvenis do que nas restantes faixas etárias.

Muito preocupante, também, é a constatação de que esse índice de vitimização vem crescendo historicamente de forma lenta, mas gradual e sistemática. No início da década analisada, o Índice de Vitimização Juvenil era de 220 (2,2 homicídios de jovens por cada homicídio de não jovem). Em 2008, esse índice aumentou para 258, o que representa um crescimento de 17,3% no índice, que inicialmente já era muito elevado.

Tabela 3.10.2. Evolução dos Índices de Vitimização Juvenil (15 a 24 anos) por UF e Região. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	313	135	303	243	290	254	275	188	246	149	192	-38,6
AMAPÁ	268	304	379	330	380	434	385	341	294	380	300	11,7
AMAZONAS	327	301	283	250	262	298	239	251	278	260	240	-26,5
PARÁ	231	162	199	216	199	219	201	222	208	228	232	0,3
RONDÔNIA	157	131	157	133	150	139	183	156	151	179	158	0,8
RORAIMA	195	198	257	217	270	172	247	115	179	169	66	-66,0
TOCANTINS	153	176	193	133	169	137	168	148	189	146	217	41,7
NORTE	231	198	223	201	210	217	212	211	213	223	222	-4,1
ALAGOAS	158	205	229	245	234	260	292	264	299	289	282	78,7
BAHIA	209	218	214	208	227	238	216	240	251	256	299	43,2
CEARÁ	201	186	214	203	197	185	213	223	224	246	245	21,5
MARANHÃO	147	147	221	219	176	179	197	193	204	207	211	44,0
PARAÍBA	192	201	265	259	234	205	209	226	226	238	229	19,5
PERNAMBUCO	263	244	262	267	251	256	276	292	279	284	282	7,2
PIAUI	232	246	220	180	237	198	224	223	232	172	184	-20,8
RIO GRANDE DO NORTE	266	135	168	176	191	198	202	267	195	226	261	-1,7
SERGIPE	161	185	211	212	233	230	174	177	226	223	195	21,2
NORDESTE	228	218	234	232	226	227	235	245	249	253	263	15,3
ESPIRITO SANTO	216	234	226	236	277	250	258	278	258	249	284	31,7
MINAS GERAIS	181	207	245	238	244	278	288	298	289	294	283	56,6
RIO DE JANEIRO	257	269	280	268	280	279	282	299	297	296	297	15,3
SÃO PAULO	262	266	291	272	294	293	264	240	219	201	198	-24,6
SUDESTE	249	258	277	263	280	282	271	270	258	255	253	1,9
PARANÁ	190	197	227	219	267	262	302	304	291	316	309	62,9
RIO GRANDE DO SUL	209	239	217	222	246	228	270	249	234	260	224	7,2
SANTA CATARINA	158	147	141	186	195	221	207	247	245	263	246	55,5
SUL	194	208	212	216	249	244	279	277	266	290	270	39,1
DISTRITO FEDERAL	288	289	276	315	322	322	302	325	273	313	317	10,2
GOIÁS	167	178	210	219	206	214	235	266	271	261	242	44,9
MATO GROSSO	140	135	147	158	158	164	159	172	207	165	167	18,9
MATO GROSSO DO SUL	173	174	199	162	177	216	214	209	188	217	238	36,9
CENTRO-OESTE	187	189	202	209	207	224	226	241	240	238	236	26,3
BRASIL	232	235	250	242	252	254	253	256	251	256	258	11,1

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.10.3. Taxas de Homicídio Jovens Não Jovens e Índices de Vitimização. Brasil, 2008.

UF/REGIÃO	TAXAS DE HOMICÍDIO JOVENS	TAXAS DE HOMICÍDIO NÃO JOVENS	ÍNDICES DE VITIMIZAÇÃO
ACRE	31,7	16,4	192
AMAPÁ	72,5	24,2	300
AMAZONAS	46,0	19,2	240
PARÁ	71,3	30,7	232
RONDÔNIA	45,5	28,8	158
RORAIMA	18,1	27,3	66
TOCANTINS	31,7	14,6	217
NORTE	56,8	25,6	222
ALAGOAS	125,3	44,4	282
BAHIA	70,7	23,7	299
CEARÁ	45,5	18,6	245
MARANHÃO	33,6	15,9	211
PARAÍBA	49,8	21,7	229
PERNAMBUCO	106,1	37,6	282
PIAUÍ	19,5	10,6	184
RIO GRANDE DO NORTE	46,0	17,6	261
SERGIPE	47,2	24,2	195
NORDESTE	63,8	24,3	263
ESPIRITO SANTO	120,0	42,3	284
MINAS GERAIS	41,6	14,7	283
RIO DE JANEIRO	76,9	25,9	297
SÃO PAULO	25,3	12,8	198
SUDESTE	43,5	17,1	253
PARANÁ	73,3	23,7	309
RIO GRANDE DO SUL	40,4	18,0	224
SANTA CATARINA	25,4	10,3	246
SUL	50,0	18,5	270
DISTRITO FEDERAL	77,2	24,3	317
GOIÁS	57,7	23,9	242
MATO GROSSO	47,0	28,2	167
MATO GROSSO DO SUL	55,9	23,5	238
CENTRO-OESTE	58,6	24,8	236
BRASIL	52,9	20,5	258

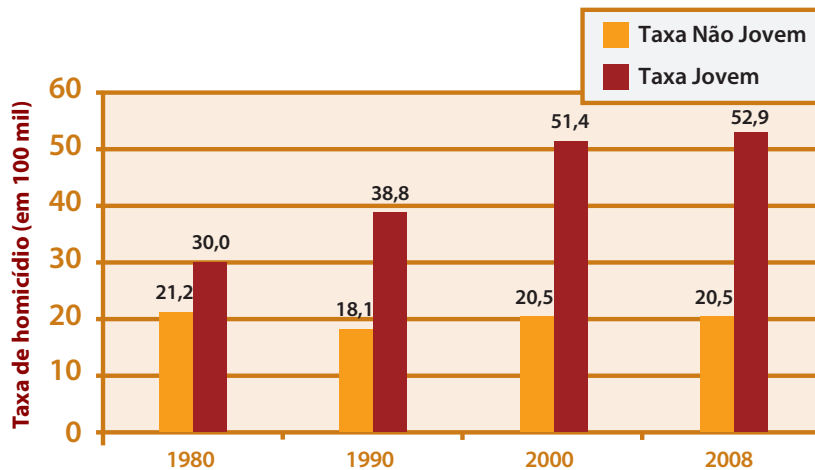
Fonte: SIM/SVS/MS

Esses elevados níveis de vitimização juvenil constituem um fato relativamente recente, mas não se originaram na última década. As características da mortalidade juvenil não permaneceram congeladas ao longo do tempo, mas mudaram radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar “*novos padrões da mortalidade juvenil*”.

Estudos históricos realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro (Vermelho e Mello Jorge²⁸) mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas, foram progressivamente substituídas pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente acidentes de trânsito e homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa significativa mudança. Em 1980, as “causas externas” já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Vinte e sete anos depois, em 2008, quase 3/4 da mortalidade juvenil deve-se a causas externas (ou também, causas violentas, como costumam ser denominadas). E, como já tivemos oportunidade de expor ao longo do trabalho, o principal responsável por essas taxas são os homicídios.

Uma evidência mais acurada da estruturação histórica da violência homicida e seu significado para nossa juventude pode ser obtida comparando a evolução diferenciada das taxas de homicídios da população jovem e da não jovem ao longo do tempo, desde que contamos com estatísticas de mortalidade desagregadas, como é detalhado no Gráfico 3.10.2

Gráfico 3.10.2. Evolução das Taxas de Homicídio Jovem (15 a 24 anos) e Não Jovem. Brasil, 1980/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

28. VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M. H. P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

Levando em conta o tamanho da população, teríamos que a taxa de homicídios entre os jovens passou de 30 (em 100 mil jovens), em 1980, para 52,9 no ano de 2008. Já a taxa na população não jovem permaneceu praticamente constante ao longo dos 28 anos considerados, evidenciando, inclusive, uma leve queda: passou de 21,2 em 100 mil para 20,5 no final do período. Isso evidencia, de forma clara, que os avanços da violência homicida no Brasil das últimas décadas tiveram como motor exclusivo e excludente a morte de jovens. No restante da população, os índices até caíram levemente.

Essas situações, que nos remetem a complexos problemas determinantes da eclosão da violência juvenil no país, aparecem, tanto na mídia como em boa parte da bibliografia, como uma constante de nossa modernidade, consequência quase natural de um fenômeno denominado “juventude”, como se o termo juventude estivesse inexorável e indissolúvelmente associado à violência. Assim, a violência juvenil começa a aparecer como uma categoria autoexplicativa quase universal e natural de nossa cultura globalizada quando, na realidade, é um fenômeno que ainda precisa ser explicado como fato notadamente social e cultural. Por fim, a tal “universalidade” da violência juvenil: os dados internacionais disponíveis parecem ir na contramão dessa pretensa generalidade.

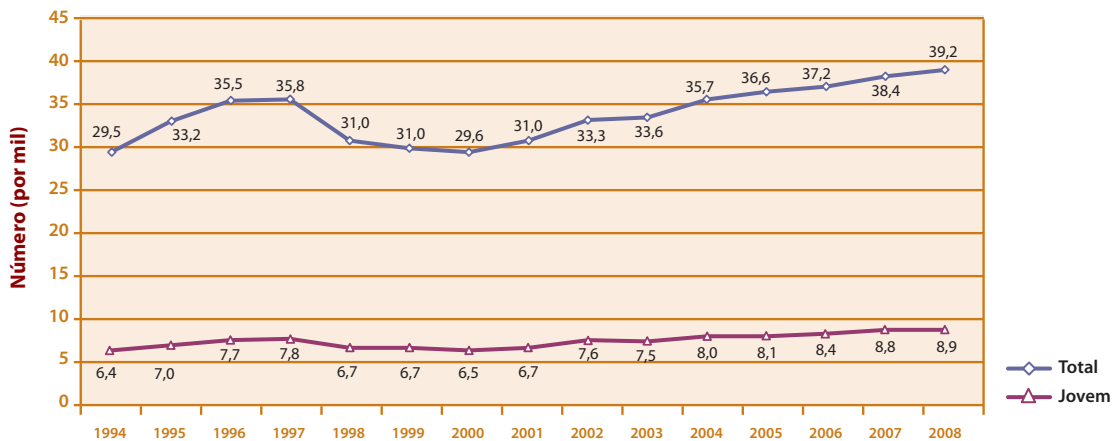
4. ACIDENTES DE TRANSPORTE

4.1. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas UF

Na década analisada, o número de óbitos por acidentes de transporte passou de 30.994 em 1998 para 39.211 em 2008, o que representa um aumento de 20,8% – levemente superior ao incremento populacional do país, que foi de 17,2% no mesmo período.

Todavia, não podemos esquecer que em 1997 foi aprovado o novo Código de Trânsito Brasileiro, instituído pela Lei n. 9.503 de setembro desse ano. Se considerarmos os dados desde 1998, ano tomado como base em todo o documento, passaria despercebido o impacto nos números causado pela lei. Por esse motivo, o Gráfico 4.1.1 apresenta as mortes em acidentes de transporte desde 1994, três anos antes da aprovação da lei.

Gráfico 4.1.1. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte (por mil). População Total e Jovem. Brasil, 1994/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

Podemos verificar a existência de uma inflexão na evolução da mortalidade por acidentes de transporte, que permite caracterizar 3 grandes períodos relacionados com o Código de 1997. No primeiro período, que vem, inclusive, desde antes de 1994 e vai até 1997, observam-se fortes aumentos, ano a ano (salvo no ano da promulgação da nova lei), no número de óbitos. No segundo período, que se inicia em 1997 (com a nova Lei), e vai até o ano 2000, observa-se que os números caem, principalmente em 1998, quando a queda em relação a 1997 foi superior a 13%. Nos anos subsequentes, as quedas foram bem moderadas, da ordem de 2% ao ano. Mas a partir de 2000, é possível observar novos e marcados incrementos, da ordem de 4,8% ao ano, fazendo com que, já em 2004, os quantitativos retornassem ao patamar de 1997, para depois continuar crescendo de forma contínua e sistemática.

Com independência dos ciclos e do novo Código, com diversas oscilações, o período que compreende 1998 a 2008 evidencia ainda preocupantes aumentos no número de óbitos por acidentes de transporte: 26,5% para a população total e 32,4% para a população jovem.

Na população total, a região Nordeste é a que ostenta os maiores índices de crescimento, com um aumento de 56,1% entre 1998 e 2008 causados, fundamentalmente, pelo significativo crescimento dos quantitativos nos estados do Maranhão, da Paraíba, de Piauí e de Sergipe. Também as regiões Norte (crescimento de 51,7%) e Centro-Oeste (49,4%) acompanharam de perto o crescimento nordestino.

Em outro extremo, a região Sudeste é a que apresenta o melhor saldo, com um crescimento no período decenal de 8,4% devido, principalmente, às quedas absolutas de 9,8% observadas no Rio de Janeiro e a quase estagnação (crescimento de 2,5%) observada em São Paulo.

Além do Rio de Janeiro, somente o Rio Grande do Norte, Alagoas e Roraima apresentaram leves quedas ao longo do período analisado.

A Tabela 4.1.2 possibilita acompanhar a evolução das mortes por acidentes de transporte na população jovem. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal de 32,4% foi levemente superior ao da população total, mas com situações regionais bem semelhantes às observadas para a população em seu conjunto.

Tabela 4.1.1. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	77	72	90	102	134	101	87	99	85	102	119	54,5
AMAZONAS	314	282	347	275	315	340	404	414	437	382	469	49,4
AMAPÁ	90	79	96	112	127	116	119	110	123	100	95	5,6
PARÁ	781	554	690	763	909	918	911	1.011	1.054	1.112	1.174	50,3
RONDÔNIA	321	288	322	307	367	399	386	427	456	381	487	51,7
RORAIMA	130	151	136	129	141	84	85	105	111	145	122	-6,2
TOCANTINS	230	256	342	331	365	370	471	400	364	453	482	109,6
NORTE	1.943	1.682	2.023	2.019	2.358	2.328	2.463	2.566	2.630	2.675	2.948	51,7
ALAGOAS	672	596	558	554	590	525	571	595	579	669	602	-10,4
BAHIA	1.038	1.097	1.213	1.217	1.344	1.310	1.326	1.790	1.753	1.968	1.785	72,0
CEARÁ	1.064	1.151	1.267	1.373	1.525	1.586	1.686	1.766	1.704	1.736	1.756	65,0
MARANHÃO	407	369	441	519	682	682	766	909	850	1.041	1.164	186,0
PARAIBA	375	431	430	440	675	541	656	665	713	722	818	118,1
PERNAMBUCO	1.533	1.440	1.442	1.333	1.493	1.405	1.423	1.427	1.453	1.450	1.561	1,8
PIAUI	307	315	449	444	536	541	585	643	781	785	839	173,3
RIO GRANDE DO NORTE	483	396	472	423	429	399	437	461	487	479	471	-2,5
SERGIPE	189	310	373	363	434	404	454	393	376	445	476	151,9
NORDESTE	6.068	6.105	6.645	6.666	7.708	7.393	7.904	8.649	8.696	9.295	9.472	56,1
ESPÍRITO SANTO	818	787	836	849	954	859	874	878	949	1.054	1.071	30,9
MINAS GERAIS	3.065	2.750	2.500	2.802	2.947	3.129	3.518	3.615	3.862	4.007	4.121	34,5
RIO DE JANEIRO	2.926	2.394	2.617	2.744	2.832	2.856	2.921	2.936	3.137	2.726	2.639	-9,8
SÃO PAULO	7.561	7.585	6.006	6.909	6.404	7.025	7.045	7.184	7.305	7.802	7.748	2,5
SUDESTE	14.370	13.516	11.959	13.304	13.137	13.869	14.358	14.613	15.253	15.589	15.579	8,4
PARANÁ	2.670	2.636	2.492	2.510	2.647	2.809	3.136	3.028	2.978	3.211	3.233	21,1
RIO GRANDE DO SUL	1.801	1.794	1.883	1.793	2.094	2.029	2.113	2.045	1.985	1.954	2.061	14,4
SANTA CATARINA	1.424	1.531	1.503	1.560	1.664	1.683	1.836	1.899	1.962	1.934	1.857	30,4
SUL	5.895	5.961	5.878	5.863	6.405	6.521	7.085	6.972	6.925	7.099	7.151	21,3
DISTRITO FEDERAL	593	584	582	554	604	684	585	610	581	630	616	3,9
GOIÁS	1.099	1.188	1.378	1.351	1.538	1.454	1.629	1.563	1.437	1.505	1.656	50,7
MATO GROSSO DO SUL	414	443	414	506	626	601	707	749	689	698	718	73,4
MATO GROSSO	612	639	761	742	889	769	943	888	1.038	928	1.071	75,0
CENTRO-OESTE	2.718	2.854	3.135	3.153	3.657	3.508	3.864	3.810	3.745	3.761	4.061	49,4
BRASIL	30.994	30.118	29.640	31.005	33.265	33.619	35.674	36.610	37.249	38.419	39.211	26,5

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.1.2. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 anos. Local: UF e regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	13	16	12	18	24	33	20	27	23	20	29	123,1
AMAZONAS	75	69	90	64	80	68	78	99	94	77	114	52,0
AMAPÁ	27	18	23	23	37	26	31	25	25	22	23	-14,8
PARÁ	161	123	165	201	234	235	217	222	202	270	252	56,5
RONDÔNIA	73	70	71	73	76	82	90	77	92	84	90	23,3
RORAIMA	34	43	27	26	35	31	13	16	26	31	25	-26,5
TOCANTINS	52	75	74	69	81	95	102	89	81	86	95	82,7
NORTE	435	414	462	474	567	570	551	555	543	590	628	44,4
ALAGOAS	154	123	119	103	130	123	133	112	127	136	154	0,0
BAHIA	177	220	279	264	317	280	292	376	352	402	362	104,5
CEARÁ	248	245	274	327	326	339	364	387	379	410	429	73,0
MARANHÃO	116	74	114	112	152	160	170	209	197	247	283	144,0
PARAIBA	90	104	106	101	161	126	170	154	191	161	202	124,4
PERNAMBUCO	346	305	315	268	334	299	314	299	353	304	319	-7,8
PIAUÍ	61	77	96	99	133	131	137	159	211	179	195	219,7
RIO GRANDE DO NORTE	109	85	99	87	103	101	93	93	134	109	110	0,9
SERGIPE	39	69	83	78	101	86	105	85	102	108	90	130,8
NORDESTE	1.340	1.302	1.485	1.439	1.757	1.645	1.778	1.874	2.046	2.056	2.144	60,0
ESPIRITO SANTO	155	166	178	183	214	174	195	192	186	228	231	49,0
MINAS GERAIS	623	555	532	576	646	665	750	753	831	856	919	47,5
RIO DE JANEIRO	501	445	494	477	578	603	574	569	655	588	530	5,8
SÃO PAULO	1.792	1.823	1.327	1.571	1.509	1.615	1.698	1.699	1.707	1.879	1.913	6,8
SUDESTE	3.071	2.989	2.531	2.807	2.947	3.057	3.217	3.213	3.379	3.551	3.593	17,0
PARANÁ	552	543	522	528	546	629	700	681	709	777	757	37,1
RIO GRANDE DO SUL	352	354	379	370	445	442	428	473	450	422	450	27,8
SANTA CATARINA	334	395	376	392	442	429	494	532	542	525	449	34,4
SUL	1.238	1.292	1.277	1.290	1.433	1.500	1.622	1.686	1.701	1.724	1.656	33,8
DISTRITO FEDERAL	125	140	133	130	154	148	130	115	110	157	113	-9,6
GOIÁS	272	294	333	294	329	289	340	320	295	334	373	37,1
MATO GROSSO DO SUL	85	99	80	96	136	122	145	184	154	163	164	92,9
MATO GROSSO	151	141	185	171	232	169	227	190	197	200	223	47,7
CENTRO-OESTE	633	674	731	691	851	728	842	809	756	854	873	37,9
BRASIL	6.717	6.671	6.486	6.701	7.555	7.500	8.010	8.137	8.425	8.775	8.894	32,4

Fonte: SIM/SVS/MS

As tabelas a seguir relacionam esses quantitativos com as respectivas populações: são as Taxas de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 mil).

Tabela 4.1.3. Taxas de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 mil). Faixa Etária: População Total.
Local: UF e Regiões. Período: 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	14,6	13,1	16,1	17,8	22,8	16,8	14,2	14,8	12,4	14,5	17,5	19,9
AMAZONAS	11,9	10,5	12,3	9,5	10,6	11,2	13,0	12,8	13,2	11,3	14,0	17,6
AMAPÁ	20,7	17,3	20,1	22,5	24,6	21,7	21,5	18,5	20,0	15,7	15,5	-25,1
PARÁ	13,2	9,5	11,1	12,0	14,1	14,0	13,6	14,5	14,8	15,3	16,0	21,5
RONDÔNIA	24,2	23,7	23,3	21,8	25,6	27,4	26,1	27,8	29,2	24,0	32,6	34,7
RORAIMA	43,2	47,4	41,9	38,3	40,6	23,5	23,1	26,8	27,5	34,9	29,6	-31,6
TOCANTINS	20,9	19,1	29,6	27,9	30,2	30,1	37,6	30,6	27,3	33,3	37,6	80,1
NORTE	15,9	13,5	15,7	15,2	17,5	16,9	17,5	17,5	17,5	17,4	19,5	22,4
ALAGOAS	24,5	21,0	19,8	19,4	20,4	18,0	19,4	19,7	19,0	21,7	19,2	-21,4
BAHIA	8,1	8,4	9,3	9,2	10,1	9,7	9,8	13,0	12,6	14,0	12,3	52,0
CEARÁ	14,8	15,8	17,1	18,2	19,9	20,4	21,4	21,8	20,7	20,8	20,8	40,4
MARANHÃO	7,4	7,5	7,8	9,1	11,8	11,6	12,9	14,9	13,7	16,6	18,5	149,5
PARAÍBA	11,1	12,4	12,5	12,7	19,3	15,4	18,5	18,5	19,7	19,8	21,9	96,9
PERNAMBUCO	19,8	18,9	18,2	16,6	18,5	17,2	17,3	17,0	17,1	16,9	17,9	-9,7
PIAUI	11,1	9,7	15,8	15,5	18,5	18,5	19,8	21,4	25,7	25,6	26,9	142,3
RIO GRANDE DO NORTE	17,9	14,4	17,0	15,0	15,0	13,8	14,9	15,4	16,0	15,5	15,2	-15,3
SERGIPE	11,1	17,3	20,9	20,0	23,5	21,6	23,9	20,0	18,8	21,9	23,8	114,5
NORDESTE	13,0	12,9	13,9	13,8	15,8	15,0	15,9	17,0	16,8	17,8	17,8	37,2
ESPIRITO SANTO	27,3	25,8	27,0	26,9	29,8	26,4	26,5	25,8	27,4	29,9	31,0	13,6
MINAS GERAIS	20,1	15,4	14,0	15,5	16,1	16,9	18,8	18,8	19,8	20,3	20,8	3,3
RIO DE JANEIRO	20,9	16,9	18,2	18,8	19,2	19,2	19,4	19,1	20,2	17,3	16,6	-20,4
SÃO PAULO	21,1	20,7	16,2	18,4	16,8	18,1	18,0	17,8	17,8	18,7	18,9	-10,5
SUDESTE	21,1	18,9	16,5	18,1	17,6	18,4	18,8	18,6	19,2	19,3	19,4	-7,9
PARANÁ	28,7	27,9	26,1	25,9	27,0	28,4	31,3	29,5	28,7	30,5	30,5	6,4
RIO GRANDE DO SUL	18,1	18,6	18,5	17,4	20,1	19,3	19,9	18,9	18,1	17,6	19,0	4,9
SANTA CATARINA	27,5	29,0	28,1	28,6	30,1	30,0	32,3	32,4	32,9	32,0	30,7	11,6
SUL	24,1	24,4	23,4	23,0	24,9	25,1	26,9	25,8	25,4	25,7	26,0	7,9
DISTRITO FEDERAL	30,8	26,4	28,4	26,4	28,1	31,2	26,2	26,1	24,4	25,9	24,1	-21,8
GOIÁS	23,0	25,5	27,5	26,4	29,5	27,4	30,2	27,8	25,1	25,8	28,3	23,2
MATO GROSSO DO SUL	29,9	21,5	19,9	24,0	29,2	27,7	32,2	33,1	30,0	29,9	30,7	2,7
MATO GROSSO	25,4	25,3	30,4	29,0	34,1	29,0	35,0	31,7	36,3	31,9	36,2	42,5
CENTRO-OESTE	26,1	24,9	26,9	26,5	30,2	28,5	30,8	29,3	28,2	27,8	29,7	13,6
BRASIL	19,2	18,0	17,5	18,0	19,0	19,0	19,9	19,9	19,9	20,3	20,7	7,7

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.1.4. Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 mil). Faixa Etária: 15 a 24 anos.
Local: UF e Regiões. Período: 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
ACRE	11,3	13,4	9,7	14,2	18,5	24,8	14,7	19,0	16,1	13,8	20,9	84,6
AMAZONAS	13,0	11,8	14,4	9,9	12,2	10,1	11,3	14,1	13,3	10,9	16,4	26,5
AMAPÁ	27,0	17,7	21,5	20,6	32,0	21,7	25,0	19,4	19,1	16,4	17,7	-34,3
PARÁ	12,3	9,8	12,2	14,5	16,6	16,3	14,8	14,7	13,3	17,8	16,5	34,5
RONDÔNIA	26,6	25,7	24,1	24,3	24,9	26,4	28,5	24,5	29,2	26,6	29,9	12,4
RORAIMA	52,7	64,0	38,6	35,7	46,8	40,2	16,4	19,4	31,2	36,7	30,2	-42,7
TOCANTINS	26,4	25,6	29,7	27,0	31,1	35,7	37,6	32,4	29,4	31,1	36,3	37,6
NORTE	16,7	15,1	16,4	16,3	19,2	18,9	17,9	17,6	17,1	18,5	20,1	20,1
ALAGOAS	27,2	19,7	19,6	16,8	21,0	19,6	21,0	18,1	20,7	22,4	25,0	-8,1
BAHIA	6,4	7,9	9,6	9,0	10,7	9,4	9,7	12,9	12,3	14,3	12,8	99,7
CEARÁ	16,8	16,7	18,2	21,4	21,0	21,6	22,9	23,5	22,9	24,7	25,2	49,8
MARANHÃO	8,4	6,9	9,1	8,8	11,8	12,3	12,9	15,3	14,5	18,4	20,9	148,7
PARAÍBA	12,9	14,8	14,9	14,1	22,3	17,3	23,2	21,0	26,3	22,4	27,3	111,9
PERNAMBUCO	21,2	19,0	19,1	16,1	19,8	17,6	18,3	17,9	21,3	18,5	19,1	-10,1
PIAUI	12,8	11,6	15,5	15,8	21,0	20,5	21,2	24,4	32,8	28,2	30,4	137,3
RIO GRANDE DO NORTE	19,6	15,5	17,4	15,1	17,6	17,1	15,5	15,3	22,1	18,0	18,0	-8,2
SERGIPE	10,9	18,7	21,7	20,1	25,6	21,4	25,8	20,7	25,0	26,6	23,0	110,7
NORDESTE	13,6	13,0	14,6	13,9	16,8	15,6	16,7	17,6	19,4	19,7	20,3	49,2
ESPIRITO SANTO	26,2	26,2	28,0	28,3	32,6	26,1	28,8	28,8	28,1	34,8	36,8	40,3
MINAS GERAIS	20,7	16,2	15,0	16,0	17,7	18,0	20,1	20,9	23,3	24,2	25,9	24,9
RIO DE JANEIRO	20,2	17,0	18,9	18,0	21,6	22,3	21,0	21,7	25,3	22,9	21,1	4,4
SÃO PAULO	26,1	25,7	18,5	21,5	20,4	21,5	22,3	23,1	23,5	26,1	27,7	6,2
SUDESTE	23,6	21,7	18,1	19,8	20,5	21,0	21,8	22,5	24,0	25,4	26,4	12,0
PARANÁ	29,9	30,2	28,7	28,6	29,2	33,3	36,6	36,5	38,0	41,7	40,0	33,8
RIO GRANDE DO SUL	19,6	20,8	20,8	20,1	23,9	23,5	22,5	24,9	23,9	22,6	24,7	25,9
SANTA CATARINA	33,7	39,1	37,1	38,0	42,2	40,3	45,8	49,4	50,3	48,8	41,3	22,6
SUL	26,7	28,5	27,4	27,3	30,0	31,0	33,2	34,8	35,3	35,9	34,5	29,1
DISTRITO FEDERAL	32,1	27,5	29,0	27,7	32,1	30,2	26,0	24,9	24,0	34,4	23,8	-25,7
GOIÁS	26,0	31,0	32,5	28,0	30,8	26,6	30,7	30,4	28,0	31,7	35,1	35,0
MATO GROSSO DO SUL	30,8	24,4	19,4	22,9	32,0	28,3	33,2	42,4	35,5	37,7	37,7	22,4
MATO GROSSO	30,5	26,3	35,4	32,0	42,6	30,5	40,2	34,5	35,7	36,2	39,3	28,8
CENTRO-OESTE	28,9	28,2	30,2	27,9	33,8	28,4	32,3	32,4	30,3	34,2	34,4	18,9
BRASIL	20,8	19,9	19,0	19,4	21,5	21,1	22,3	23,0	24,0	25,2	25,7	23,4

Fonte: SIM/SVS/MS

Podemos ver, por essas tabelas, que o índice de 2008 de 20,7 vítimas em 100 mil habitantes para o conjunto da população já é 7,7% superior ao registrado em 1998, primeiro ano de vigência do novo Código de Trânsito. Mas nesse mesmo lapso, os índices juvenis passam de 20,8 para 25,7 em 100 mil jovens. Isso representa um incremento bem maior: 23,4%.

A Tabela 4.1.3 permite verificar as enormes disparidades regionais e/ou estaduais com relação ao crescimento da mortalidade por acidentes de transporte na população total. O Nordeste, apresentando um aumento de 37,2%, o Norte 22,4% e o Centro-Oeste com 13,6%, são regiões cujo crescimento é superior ao nível nacional. Já no Sul, o aumento foi semelhante ao nacional, e o Sudeste constitui a única região com saldo negativo (7,9%) na década relatada. Esse saldo pode ser atribuído às significativas quedas de São Paulo e, principalmente, do Rio de Janeiro. Além deles, também o Distrito Federal, o Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Roraima e Amapá apresentam saldo negativo, isto é, melhoria em suas taxas.

No crescimento decenal das taxas de óbito juvenis (Tabela 4.1.4), a heterogeneidade de situações é maior ainda. Nesse campo, destaca-se o Nordeste, cujas taxas crescem 49,2% entre 1998 e 2008. Também o Sul apresenta elevado crescimento: 29,1%. Já na região Sudeste, observa-se o menor incremento nacional: 12%.

O Gráfico 4.1.2 possibilita perceber as grandes oscilações ocorridas ao longo do período, onde ficam mais bem delineadas 3 grandes fases que falávamos ao início do capítulo:

- a.** Fase I. Pré-Código de Trânsito: como indicado, vai até 1996, quando se alastra a inércia histórica de constantes incrementos nas mortes por acidentes de transporte que vinham sendo observadas já desde a década de 1980, com taxas que, ano a ano, sofrem fortes incrementos. Nesses anos prévios à implantação do novo Código, as taxas anuais de crescimento da mortalidade foram muito elevadas, da ordem de 7,2% ao ano.
- b.** Fase II. Impacto do Código, de 1997 a 2000, já com a vigência do novo Código: pode-se perceber uma significativa inflexão. As taxas começam a cair rapidamente, com um ritmo médio de 7,5% ao ano na população total e 7,7% na população jovem. Se a esta queda somarmos a tendência histórica de aumento de 7,2% ao ano, que vinha sendo observada no período anterior, temos que o real impacto da nova lei de trânsito foram quedas médias, durante o período de 1997/2000, de 14,7% ao ano, as quais podem ser consideradas bem expressivas.
- c.** Todavia, a partir de 2000, inicia-se a fase III, a Pós-Código: por situações que deveriam ser pesquisadas²⁹, não só se interrompem as quedas do período anterior, mas as taxas começam a crescer novamente com um ritmo relativamente moderado na população total: entre 2000 e 2008, a taxa de crescimento anual foi de 2,1%, crescimento mais acelerado no início, e mais lento nos últimos anos do período. Já com as taxas jovens, começa a se delinear o que

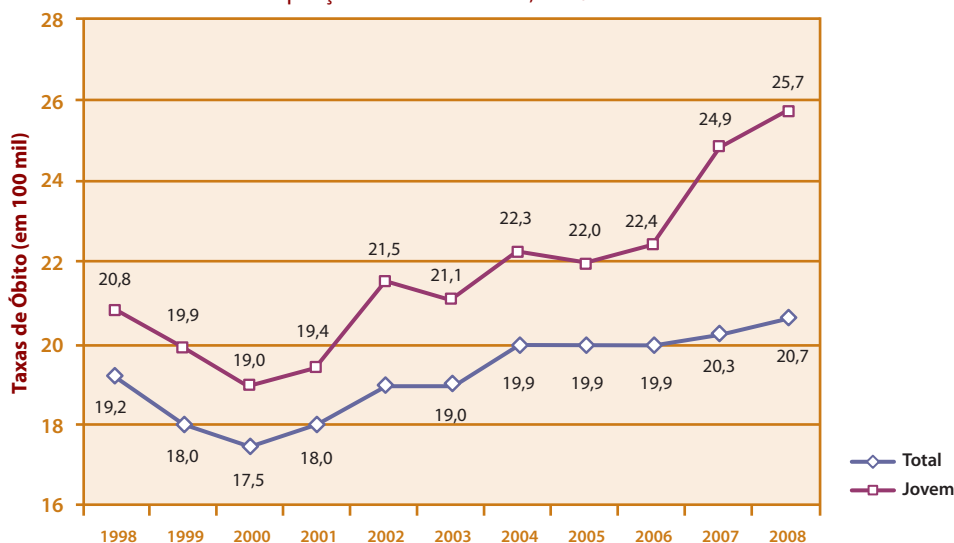
29. Provavelmente, debilitação dos controles, da fiscalização, das campanhas educativas etc.

aparenta ser um novo fenômeno. Historicamente, desde 1979, quando começamos a ter dados de mortalidade disponíveis do SIM, as taxas jovens acompanhavam bem de perto as taxas do conjunto da população. Ainda no Mapa da Violência de 2006 colocávamos:

Contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistente um quadro significativo de vitimização juvenil. Efetivamente, as taxas de vitimização de 15,1% para as UFs, de 14,3% para as capitais e de 19,6% para as Regiões Metropolitanas podem ser consideradas baixas, colocando as vítimas não jovens num patamar bem próximo das vítimas não jovens.

Devemos retomar esse tema no item referente à vitimização juvenil.

Gráfico 4.1.2. Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte.
População Total e Jovem. Brasil, 1998/2008.



Fonte: SIM/SVS/MS

As taxas até aqui detalhadas permitem ordenar as UFs segundo a incidência das mortes por acidentes de transporte, tanto para a população jovem quanto para a total.

Pela Tabela 4.1.5 podemos verificar que, na década analisada, aconteceram drásticas mudanças na distribuição geográfica da mortalidade por acidentes de transporte. Na população total, estados como Tocantins e Mato Grosso, que 10 anos antes apresentavam taxas relativamente baixas no contexto nacional, tiveram significativos incrementos na letalidade dos acidentes de transporte de forma tal que, em 2008, assumem as primeiras posições nesse mapa. Por outro lado, Santa Catarina continua em situação de destaque na mortalidade juvenil por acidentes de transporte.

Tabela 4.1.5. Ordenamento das UFs por Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte (em 100 mil) na População Total e Jovem. Brasil, 1998/2008.

POPULAÇÃO TOTAL					POPULAÇÃO JOVEM				
UF	1998		2008		UF	1998		2008	
	TAXA	POSIÇÃO	TAXA	POSIÇÃO		TAXA	POSIÇÃO	TAXA	POSIÇÃO
TOCANTINS	20,9	13º	37,6	1º	SANTA CATARINA	33,7	2º	41,3	1º
MATO GROSSO	25,4	7º	36,2	2º	PARANÁ	29,9	6º	40,0	2º
RONDÔNIA	24,2	9º	32,6	3º	MATO GROSSO	30,5	5º	39,3	3º
ESPIRITO SANTO	27,3	6º	31,0	4º	MATO GROSSO DO SUL	30,8	4º	37,7	4º
MATO GROSSO DO SUL	29,9	3º	30,7	5º	ESPIRITO SANTO	26,2	11º	36,8	5º
SANTA CATARINA	27,5	5º	30,7	6º	TOCANTINS	26,4	10º	36,3	6º
PARANÁ	28,7	4º	30,5	7º	GOIÁS	26,0	13º	35,1	7º
RORAIMA	43,2	1º	29,6	8º	PIAUI	12,8	22º	30,4	8º
GOIÁS	23,0	10º	28,3	9º	RORAIMA	52,7	1º	30,2	9º
PIAUI	11,1	24º	26,9	10º	RONDÔNIA	26,6	9º	29,9	10º
DISTRITO FEDERAL	30,8	2º	24,1	11º	SÃO PAULO	26,1	12º	27,7	11º
SERGIPE	11,1	25º	23,8	12º	PARAIBA	12,9	21º	27,3	12º
PARAIBA	11,1	23º	21,9	13º	MINAS GERAIS	20,7	15º	25,9	13º
CEARÁ	14,8	19º	20,8	14º	CEARÁ	16,8	19º	25,2	14º
MINAS GERAIS	20,1	15º	20,8	15º	ALAGOAS	27,2	7º	25,0	15º
ALAGOAS	24,5	8º	19,2	16º	RIO GRANDE DO SUL	19,6	18º	24,7	16º
RIO GRANDE DO SUL	18,1	17º	19,0	17º	DISTRITO FEDERAL	32,1	3º	23,8	17º
SÃO PAULO	21,1	11º	18,9	18º	SERGIPE	10,9	25º	23,0	18º
MARANHÃO	7,4	27º	18,5	19º	RIO DE JANEIRO	20,2	16º	21,1	19º
PERNAMBUCO	19,8	16º	17,9	20º	MARANHÃO	8,4	26º	20,9	20º
ACRE	14,6	20º	17,5	21º	ACRE	11,3	24º	20,9	21º
RIO DE JANEIRO	20,9	12º	16,6	22º	PERNAMBUCO	21,2	14º	19,1	22º
PARÁ	13,2	21º	16,0	23º	RIO GRANDE DO NORTE	19,6	17º	18,0	23º
AMAPÁ	20,7	14º	15,5	24º	AMAPÁ	27,0	8º	17,7	24º
RIO GRANDE DO NORTE	17,9	18º	15,2	25º	PARÁ	12,3	23º	16,5	25º
AMAZONAS	11,9	22º	14,0	26º	AMAZONAS	13,0	20º	16,4	26º
BAHIA	8,1	26º	12,3	27º	BAHIA	6,4	27º	12,8	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

4.2. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Capitais

Se no país como um todo, entre 1998 e 2008, houve um aumento absoluto de 26,5% no número de óbitos por acidentes de transporte, nas capitais dos estados o incremento foi praticamente inexistente, apenas 3,2%, pelo que o número de vítimas de 2008 foi bem semelhante ao encontrado 10 anos atrás, pese ao aumento da população e do parque automotriz.

É na região Nordeste que se pode observar o maior incremento do período: 21% devido aos largos aumentos em São Luís e, em menor escala, em Aracaju. Também o Centro-Oeste apresenta elevado crescimento: 15,8%, devido fundamentalmente ao incremento de 41% registrado em Goiânia. No outro extremo, a região Sudeste evidencia queda de 12%, explicada principalmente pela incidência do Rio de Janeiro, onde os números diminuem 31,3%

Considerando a faixa de 15 a 24 anos das Capitais (Tabela 4.2.2), vemos que o crescimento no número dos óbitos juvenis foi levemente superior ao total da população: 5,2%, com uma dinâmica bem semelhante, só que, neste caso, foram 13 as unidades com quedas no número absoluto de óbitos.

Descontando Palmas, dada sua recente criação que distorce as estatísticas, observam-se elevados aumentos em São Luís e Porto Velho, que, em 2008, mais que quadruplicaram o número de óbitos de 1998.

Também Aracaju e Salvador³⁰ evidenciam elevados índices de crescimento. Em compensação, 13 Unidades apresentam decréscimo em termos absolutos, com destaque para Belém, cujos números caem para menos da metade.

30. Surpreendem as fortes oscilações na contabilização da Capital Salvador e de sua região Metropolitana.

Tabela 4.2.1. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária, População Total.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1998/2008.

CAPITAIS/ REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	276	124	235	236	287	305	251	326	183	143	140	-49,3
BOA VISTA	83	99	86	78	104	52	49	73	78	104	85	2,4
MACAPÁ	72	76	85	101	111	97	100	90	104	83	76	5,6
MANAUS	287	238	258	225	231	262	309	297	349	282	276	-3,8
PALMAS	22	34	79	57	70	79	70	82	77	112	92	318,2
PORTO VELHO	111	117	125	88	131	125	124	161	226	181	185	66,7
RIO BRANCO	61	50	72	81	97	67	59	71	52	81	82	34,4
NORTE	912	738	940	866	1.031	987	962	1.100	1.069	986	936	2,6
ARACAJU	83	139	171	174	181	189	204	177	200	189	227	173,5
FORTALEZA	434	469	442	518	635	567	613	632	612	627	438	0,9
JOÃO PESSOA	184	191	173	171	202	178	178	199	174	181	200	8,7
MACEIÓ	334	319	245	305	280	225	227	240	225	203	214	-35,9
NATAL	187	129	158	149	111	107	99	113	81	86	111	-40,6
RECIFE	560	545	513	496	521	506	543	520	494	524	540	-3,6
SALVADOR	74	62	124	170	178	177	145	496	487	397	167	125,7
SÃO LUÍS	73	96	110	156	190	185	191	221	210	243	295	304,1
TERESINA	188	203	223	254	277	289	284	276	354	384	370	96,8
NORDESTE	2.117	2.153	2.159	2.393	2.575	2.423	2.484	2.874	2.837	2.834	2.562	21,0
BELO HORIZONTE	699	569	525	629	581	576	608	596	708	670	652	-6,7
RIO DE JANEIRO	1.314	958	1.025	1.133	1.147	1.025	1.107	978	1.083	726	903	-31,3
SÃO PAULO	1.577	1.658	727	1.676	827	1.528	1.445	1.579	1.593	1.844	1.558	-1,2
VITÓRIA	143	178	143	152	162	160	160	174	153	161	171	19,6
SUDESTE	3.733	3.363	2.420	3.590	2.717	3.289	3.320	3.327	3.537	3.401	3.284	-12,0
CURITIBA	437	488	463	461	464	487	537	530	483	514	500	14,4
FLORIANÓPOLIS	68	81	94	85	99	93	102	120	147	115	129	89,7
PORTO ALEGRE	350	375	365	315	379	346	329	312	265	259	274	-21,7
SUL	855	944	922	861	942	926	968	962	895	888	903	5,6
BRASÍLIA	600	584	582	554	604	684	585	610	581	630	616	2,7
CAMPO GRANDE	227	164	143	177	201	203	220	243	209	198	227	0,0
CUIABÁ	159	137	169	154	226	160	156	154	158	166	192	20,8
GOIÂNIA	424	463	488	445	536	564	568	581	524	586	598	41,0
CENTRO OESTE	1.410	1.348	1.382	1.330	1.567	1.611	1.529	1.588	1.472	1.580	1.633	15,8
BRASIL	9.027	8.546	7.823	9.040	8.832	9.236	9.263	9.851	9.810	9.689	9.318	3,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.2.2. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1998/2008.

CAPITAIS/ REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	54	30	56	57	63	79	53	60	31	25	23	-57,4
BOA VISTA	20	31	12	16	26	22	8	11	19	22	15	-25,0
MACAPÁ	22	18	20	20	34	23	29	21	22	19	22	0,0
MANAUS	72	58	68	49	62	53	59	64	76	55	61	-15,3
PALMAS	5	12	15	12	22	22	11	16	19	23	16	220,0
PORTO VELHO	21	21	26	13	27	22	27	28	43	34	34	61,9
RIO BRANCO	11	11	8	16	12	18	12	20	13	16	19	72,7
NORTE	205	181	205	183	246	239	199	220	223	194	190	-7,3
ARACAJU	19	27	41	35	50	39	41	46	53	51	45	136,8
FORTALEZA	90	93	90	129	106	103	115	127	117	119	86	-4,4
JOÃO PESSOA	43	43	39	31	45	38	42	41	40	37	39	-9,3
MACEIÓ	71	68	51	60	68	55	49	45	48	35	51	-28,2
NATAL	39	21	25	21	17	27	18	24	20	13	30	-23,1
RECIFE	123	104	90	93	126	106	116	102	95	108	96	-22,0
SALVADOR	10	12	31	34	38	35	36	100	91	84	29	190,0
SÃO LUÍS	17	15	31	36	41	41	50	47	45	52	57	235,3
TERESINA	53	48	43	58	69	68	60	77	98	91	79	49,1
NORDESTE	465	431	441	497	560	512	527	609	607	590	512	10,1
BELO HORIZONTE	171	135	109	141	153	124	134	120	139	142	163	-4,7
RIO DE JANEIRO	198	173	184	207	241	206	230	196	247	158	169	-14,6
SÃO PAULO	365	394	177	424	223	379	407	393	379	436	392	7,4
VITÓRIA	32	35	34	33	38	37	32	40	25	29	39	21,9
SUDESTE	766	737	504	805	655	746	803	749	790	765	763	-0,4
CURITIBA	81	91	86	98	112	116	129	117	106	121	127	56,8
FLORIANÓPOLIS	16	21	23	25	28	24	20	33	57	34	31	93,8
PORTO ALEGRE	74	75	75	67	71	69	61	74	64	63	57	-23,0
SUL	171	187	184	190	211	209	210	224	227	218	215	25,7
BRASÍLIA	140	140	133	130	154	148	130	115	110	157	113	-19,3
CAMPO GRANDE	46	43	31	32	49	43	45	58	46	48	62	34,8
CUIABÁ	43	25	47	34	57	35	39	42	42	37	36	-16,3
GOIÂNIA	95	131	128	99	119	113	144	117	110	142	141	48,4
CENTRO-OESTE	324	339	339	295	379	339	358	332	308	384	352	8,6
BRASIL	1.931	1.875	1.673	1.970	2.051	2.045	2.097	2.134	2.155	2.151	2.032	5,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Nas Tabelas 4.2.3 e 4.2.4 e no Gráfico 4.2.1 a seguir, os mesmos dados foram relativizados segundo as respectivas populações.

Vemos que as taxas de mortalidade juvenis (25,6 em 100 mil) das capitais são maiores do que as taxas totais dessas mesmas capitais (20,7 em 100 mil). Contudo, se até 2005 a evolução das taxas juvenis acompanhava de perto as taxas globais, a partir desse ano começa um processo relativamente inédito no histórico das estatísticas neste campo: as taxas globais caem enquanto as juvenis tendem a subir. Esse fato vai ser aprofundado no item relativo à vitimização juvenil. Via de regra, as taxas juvenis acompanharam *vis-à-vis* as taxas do conjunto da população.

Gráfico 4.2.1. Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte.
População Total e Jovem. Capitais do Brasil, 1998/2008.

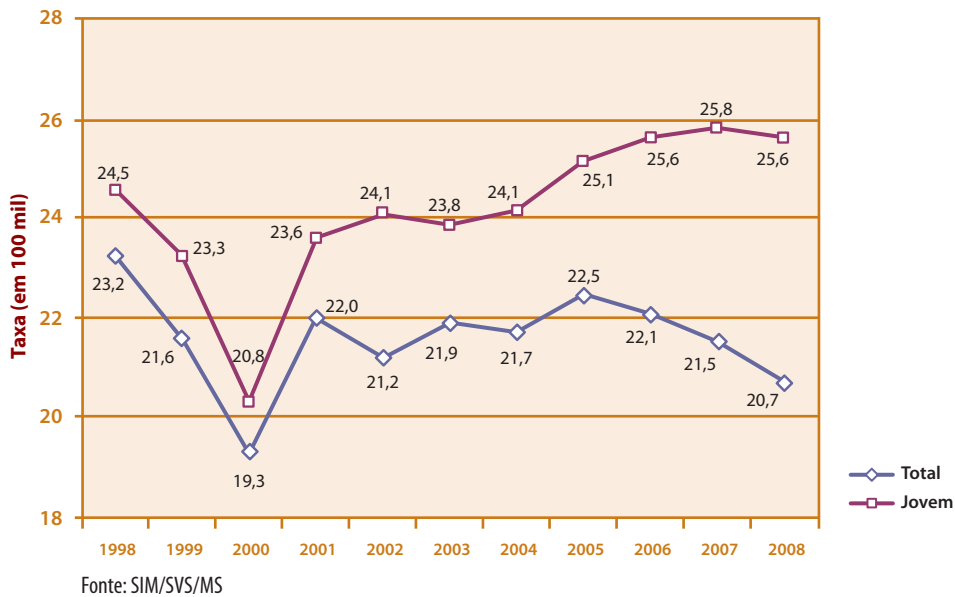


Tabela 4.2.3. Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte (em 100 Mil). Faixa Etária: População Total.
Local: Capitais e Regiões. Período:1998/2008.

CAPITAIS/ REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	22,8	45,6	18,4	18,1	21,7	22,7	18,4	23,2	12,8	9,9	9,8	-56,9
BOA VISTA	45,3	51,6	42,9	37,4	48,5	23,5	21,5	30,1	31,2	40,5	32,6	-28,1
MACAPÁ	28,6	28,4	30,0	34,1	36,2	30,5	30,3	25,3	28,2	21,8	21,2	-26,0
MANAUS	22,4	17,7	18,4	15,5	15,5	17,2	19,7	18,1	20,7	16,3	16,1	-27,9
PALMAS	19,7	27,3	57,5	37,8	43,4	45,9	38,2	39,4	34,9	48,0	50,0	153,8
PORTO VELHO	35,3	36,0	37,4	25,7	37,7	35,3	34,4	43,1	59,3	46,7	48,8	38,2
RIO BRANCO	25,3	20,2	28,5	31,0	36,2	24,4	21,0	23,2	16,6	25,1	27,2	7,5
NORTE	25,4	31,6	24,1	21,6	25,1	23,4	22,3	24,3	23,0	20,7	20,3	-20,2
ARACAJU	18,7	30,7	37,1	37,2	38,2	39,4	42,0	35,5	39,6	36,9	42,3	126,1
FORTALEZA	21,1	22,4	20,6	23,7	28,6	25,1	26,7	26,6	25,3	25,5	17,7	-16,1
JOÃO PESSOA	32,1	32,6	28,9	28,2	32,6	28,3	27,9	30,1	25,9	26,5	28,9	-10,1
MACEIÓ	43,9	40,9	30,7	37,3	33,6	26,5	26,2	26,6	24,4	21,6	23,2	-47,3
NATAL	27,3	18,5	22,2	20,6	15,1	14,4	13,1	14,5	10,3	10,7	13,9	-49,1
RECIFE	40,4	38,8	36,1	34,5	36,0	34,6	36,9	34,6	32,6	34,3	34,8	-13,8
SALVADOR	11,1	11,1	5,1	6,8	7,1	6,9	5,6	18,6	17,9	14,4	5,7	-49,0
SÃO LUÍS	8,8	11,3	12,6	17,5	21,0	20,0	20,3	22,6	21,0	23,9	29,9	239,7
TERESINA	27,4	29,0	31,2	34,8	37,4	38,5	37,2	35,0	44,1	47,1	46,1	68,3
NORDESTE	21,7	21,7	21,2	23,1	24,5	22,7	23,0	25,8	25,0	24,6	21,9	0,7
BELO HORIZONTE	32,3	5,6	23,5	27,8	25,4	25,0	26,1	25,1	29,5	27,6	26,8	-17,1
RIO DE JANEIRO	23,0	16,6	17,5	19,2	19,3	17,2	18,4	16,0	17,6	11,7	14,7	-36,3
SÃO PAULO	15,6	16,1	7,0	16,0	7,8	14,3	13,4	14,4	14,5	16,6	14,2	-9,1
VITÓRIA	51,2	62,3	48,9	51,3	54,1	52,9	52,3	55,5	48,3	50,2	53,8	5,1
SUDESTE	20,4	15,7	12,9	18,9	14,2	17,1	17,1	16,9	17,8	17,0	16,5	-19,1
CURITIBA	28,5	31,3	29,2	28,5	28,2	29,1	31,6	30,1	27,0	28,3	27,4	-4,0
FLORIANÓPOLIS	22,2	25,0	27,5	24,1	27,5	25,2	27,0	30,2	36,2	27,6	32,1	44,4
PORTO ALEGRE	26,4	27,9	26,8	22,9	27,4	24,8	23,4	21,8	18,4	17,8	19,2	-27,4
SUL	27,0	29,3	28,0	25,7	27,8	27,0	27,8	26,8	24,6	24,1	24,7	-8,6
BRASÍLIA	31,0	29,3	28,4	26,4	28,1	31,2	26,2	26,1	24,4	25,9	24,1	-22,3
CAMPO GRANDE	35,9	25,3	21,5	26,1	29,0	28,8	30,6	32,4	27,3	25,4	30,4	-15,4
CUIABÁ	34,7	29,1	35,0	31,2	45,2	31,5	30,2	28,8	29,1	30,1	35,2	1,6
GOIÂNIA	40,4	43,2	44,6	40,0	47,5	49,2	48,8	48,4	42,9	47,3	47,3	17,0
CENTRO-OESTE	34,6	32,2	32,2	30,4	35,1	35,4	33,0	33,0	30,0	31,6	31,9	-7,7
BRASIL	23,2	21,6	19,3	22,0	21,2	21,9	21,7	22,5	22,1	21,5	20,7	-10,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.2.4. Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte (em 100 mil). Faixa Etária: 15 a 24 anos.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1998/2008.

CAPITAIS/ REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	19,5	10,6	19,4	19,4	21,1	26,1	17,3	20,1	10,7	8,8	8,5	-56,5
BOA VISTA	49,3	72,4	26,6	34,2	54,0	44,3	15,7	21,5	37,1	42,9	29,4	-40,4
MACAPÁ	37,8	29,3	30,8	29,5	48,4	31,6	38,4	27,1	27,8	23,5	29,3	-22,5
MANAUS	24,3	18,7	21,0	14,7	18,1	15,1	16,4	17,9	21,5	15,7	17,9	-26,2
PALMAS	18,4	39,6	44,8	32,6	56,0	52,4	24,6	34,3	39,0	45,4	40,7	121,1
PORTO VELHO	31,1	30,1	36,0	17,6	36,0	28,8	34,8	35,5	53,7	41,9	43,4	39,6
RIO BRANCO	20,4	19,8	14,1	27,2	20,0	29,2	19,0	31,2	20,0	24,2	31,3	53,3
NORTE	25,0	21,2	23,2	20,1	26,4	25,0	20,3	22,6	23,0	20,2	20,8	-17,0
ARACAJU	19,0	26,5	39,6	33,3	47,0	36,2	37,6	43,4	51,5	51,0	44,4	133,6
FORTALEZA	21,0	21,1	20,0	28,1	22,7	21,7	23,8	26,0	23,7	23,9	17,4	-17,1
JOÃO PESSOA	35,5	34,7	30,9	24,1	34,4	28,6	31,1	30,3	29,4	27,1	28,7	-19,2
MACEIÓ	43,4	40,8	30,1	34,6	38,4	30,5	26,6	24,5	26,2	19,1	28,9	-33,5
NATAL	27,3	14,3	16,6	13,8	11,0	17,2	11,3	15,1	12,6	8,2	19,4	-28,8
RECIFE	43,9	36,8	31,6	32,3	41,0	36,2	39,3	35,0	33,1	38,1	34,1	-22,3
SALVADOR	8,8	8,8	5,6	6,0	6,6	6,0	6,1	17,5	16,6	15,9	5,3	-39,5
SÃO LUÍS	8,6	7,3	14,7	16,7	18,7	18,4	22,0	20,8	20,0	23,2	27,1	215,1
TERESINA	33,6	29,6	25,9	34,3	40,1	39,0	33,9	43,6	55,8	52,0	47,3	40,9
NORDESTE	21,9	19,8	19,9	22,0	24,1	22,0	22,3	26,1	26,3	25,8	22,6	3,2
BELO HORIZONTE	38,9	30,2	24,0	30,8	33,0	26,5	28,4	26,4	31,8	33,9	39,7	2,2
RIO DE JANEIRO	20,0	17,2	18,0	20,1	23,2	19,7	21,9	19,3	25,2	16,7	18,2	-8,9
SÃO PAULO	18,7	19,9	8,8	20,9	10,9	18,4	19,6	19,6	19,5	23,3	21,7	15,8
VITÓRIA	56,1	59,6	56,3	53,9	61,4	59,1	50,6	65,6	42,6	51,4	72,4	29,0
SUDESTE	22,3	21,1	14,2	22,5	18,1	20,5	21,9	21,2	23,1	23,2	23,8	6,9
CURITIBA	26,7	29,5	27,5	30,7	34,6	35,3	38,6	35,5	32,6	37,8	40,1	50,2
FLORIANÓPOLIS	25,8	31,8	32,9	34,7	38,0	31,8	25,9	43,4	76,0	46,0	44,5	72,6
PORTO ALEGRE	31,0	30,8	30,1	26,7	28,1	27,1	23,7	29,6	26,3	26,6	25,0	-19,4
SUL	28,3	30,3	29,1	29,6	32,4	31,7	31,4	34,2	35,3	34,6	35,0	23,7
BRASÍLIA	32,1	31,3	29,0	27,7	32,1	30,2	26,0	23,7	23,3	34,4	23,8	-25,7
CAMPO GRANDE	36,1	32,8	23,0	23,2	34,8	30,0	30,8	39,6	31,3	32,6	44,8	24,0
CUIABÁ	42,5	24,0	43,9	31,2	51,5	31,1	34,1	37,4	38,0	34,0	34,5	-18,9
GOIÂNIA	41,2	55,6	53,3	40,5	47,9	44,9	56,3	47,5	46,4	62,3	62,4	51,3
CENTRO-OESTE	36,2	36,9	36,0	30,7	38,7	34,0	35,2	33,5	28,6	40,8	37,3	3,1
BRASIL	24,5	23,3	20,3	23,6	24,1	23,8	24,1	25,1	25,6	25,8	25,6	4,3

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.2.5. Ordenamento das Capitais por Taxas de Óbito e Acidentes de Transporte (em 100 Mil)
na População Total e na População Jovem. Brasil, 1998/2008.

POPULAÇÃO TOTAL					POPULAÇÃO JOVEM				
UF	1998		2008		UF	1998		2008	
	TAXA	POSIÇÃO	TAXA	POSIÇÃO		TAXA	POSIÇÃO	TAXA	POSIÇÃO
VITÓRIA	51,2	1º	53,8	1º	VITÓRIA	56,1	1º	72,4	1º
PALMAS	19,7	23º	50,0	2º	GOIÂNIA	41,2	6º	62,4	2º
PORTO VELHO	35,3	7º	48,8	3º	TERESINA	33,6	11º	47,3	3º
GOIÂNIA	40,4	5º	47,3	4º	CAMPO GRANDE	36,1	9º	44,8	4º
TERESINA	27,4	14º	46,1	5º	FLORIANÓPOLIS	25,8	17º	44,5	5º
ARACAJU	18,7	24º	42,3	6º	ARACAJU	19,0	23º	44,4	6º
CUIABÁ	34,7	8º	35,2	7º	PORTO VELHO	31,1	13º	43,4	7º
RECIFE	40,4	4º	34,8	8º	PALMAS	18,4	25º	40,7	8º
BOA VISTA	45,3	2º	32,6	9º	CURITIBA	26,7	16º	40,1	9º
FLORIANÓPOLIS	22,2	21º	32,1	10º	BELO HORIZONTE	38,9	7º	39,7	10º
CAMPO GRANDE	35,9	6º	30,4	11º	CUIABÁ	42,5	5º	34,5	11º
SÃO LUÍS	8,8	27º	29,9	12º	RECIFE	43,9	3º	34,1	12º
JOÃO PESSOA	32,1	10º	28,9	13º	RIO BRANCO	20,4	20º	31,3	13º
CURITIBA	28,5	13º	27,4	14º	BOA VISTA	49,3	2º	29,4	14º
RIO BRANCO	25,3	17º	27,2	15º	MACAPÁ	37,8	8º	29,3	15º
BELO HORIZONTE	32,3	9º	26,8	16º	MACEIÓ	43,4	4º	28,9	16º
BRASÍLIA	31,0	11º	24,1	17º	JOÃO PESSOA	35,5	10º	28,7	17º
MACEIÓ	43,9	3º	23,2	18º	SÃO LUÍS	8,6	27º	27,1	18º
MACAPÁ	28,6	12º	21,2	19º	PORTO ALEGRE	31,0	14º	25,0	19º
PORTO ALEGRE	26,4	16º	19,2	20º	BRASÍLIA	32,1	12º	23,8	20º
FORTALEZA	21,1	22º	17,7	21º	SÃO PAULO	18,7	24º	21,7	21º
MANAUS	22,4	20º	16,1	22º	NATAL	27,3	15º	19,4	22º
RIO DE JANEIRO	23,0	18º	14,7	23º	RIO DE JANEIRO	20,0	21º	18,2	23º
SÃO PAULO	15,6	25º	14,2	24º	MANAUS	24,3	18º	17,9	24º
NATAL	27,3	15º	13,9	25º	FORTALEZA	21,0	19º	17,4	25º
BELÉM	22,8	19º	9,8	26º	BELÉM	19,5	22º	8,5	26º
SALVADOR	11,1	26º	5,7	27º	SALVADOR	8,8	26º	5,3	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

Nas três últimas tabelas, alguns fatos merecem ainda destaque:

- A persistência histórica de elevadas taxas de mortalidade no trânsito de algumas capitais, como Vitória, caso realmente preocupante pela sua continuidade histórica. Com menor intensidade Porto Velho e Goiânia, nas taxas totais, e Goiânia, nas juvenis.
- Capitais, como Teresina, Florianópolis ou Aracaju, que de uma situação de relativa tranquilidade passam a ostentar elevados índices de violência no trânsito.
- E outras ainda que de uma situação de elevada violência passam a ter uma condição mais aceitável, como o caso de Maceió.
- Em uma faixa etária ou outra, Vitória, Palmas e Goiânia ostentam índices acima de 50 vítimas em 100 mil habitantes das capitais, o que pode ser considerado extremadamente elevado.

4.3. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Regiões Metropolitanas

Nas Regiões Metropolitanas, a evolução dos óbitos por acidentes de transporte aconteceu de forma semelhante ao das capitais. Efetivamente, se nas UF a década apresentou um incremento de 26,5% no número de mortes, nas Capitais foi de apenas 3,2%, e nas Regiões Metropolitanas registra-se uma leve queda de 1,1%.

Fora Salvador, com problemas de registro de dados, não foram observadas grandes mudanças na década, com extremos que vão da RM do Rio de Janeiro caindo 19,8% e a RM de Fortaleza crescendo 29,1. Excetuando-se Salvador, essas duas RM marcam o extremo das oscilações do período.

Tabela 4.3.1. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total.
Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELÉM	340	146	245	279	324	348	289	377	348	269	318	-6,5
BELO HORIZONTE	988	801	737	843	833	873	907	997	1.128	1.055	1.029	4,1
CURITIBA	715	752	690	665	700	741	809	853	730	809	794	11,0
FORTALEZA	494	549	544	644	761	692	731	780	758	780	638	29,1
PORTO ALEGRE	649	693	678	655	766	755	740	698	652	629	650	0,2
RECIFE	737	678	681	622	679	659	688	672	637	666	674	-8,5
RIO DE JANEIRO	1.902	1.447	1.533	1.640	1.745	1.733	1.798	1.744	1.928	1.470	1.526	-19,8
SALVADOR	95	76	138	201	203	204	167	610	593	510	226	137,9
SÃO PAULO	2.742	2.797	1.683	2.732	1.821	2.608	2.444	2.576	2.549	2.918	2.644	-3,6
VITÓRIA	372	402	397	391	458	424	409	404	396	437	439	18,0
TOTAL 10 RM	9.034	8.341	7.326	8.672	8.290	9.037	8.982	9.711	9.719	9.543	8.938	-1,1

Fonte: SIM/SVS/MS

Entre os jovens, novamente excluindo Salvador, os extremos podem ser encontrados na RM de Recife, com queda de 27,8%, e Curitiba, com aumento de 47,2%.

Tabela 4.3.2. Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População de 15 a 24 anos.
Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELEM	66	33	59	66	72	94	59	66	56	54	55	-16,7
BELO HORIZONTE	213	184	145	186	210	194	202	197	229	217	252	18,3
CURITIBA	127	147	129	141	163	159	190	181	155	181	187	47,2
FORTALEZA	103	110	114	156	138	122	140	151	144	157	127	23,3
PORTO ALEGRE	122	134	141	136	148	164	152	155	152	147	147	20,5
RECIFE	162	124	118	117	157	143	143	135	133	139	117	-27,8
RIO DE JANEIRO	305	253	267	279	360	361	376	331	410	337	292	-4,3
SALVADOR	17	14	33	41	39	41	39	121	111	105	40	135,3
SÃO PAULO	672	660	406	683	469	638	671	651	637	709	698	3,9
VITÓRIA	71	84	89	85	101	85	77	82	80	77	89	25,4
TOTAL 10 RM	1.858	1.743	1.501	1.890	1.857	2.001	2.049	2.070	2.107	2.123	2.004	7,9

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.3.3. Taxas de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 Mil). Faixa etária: População Total.
Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELEM	20,5	8,6	13,6	15,1	17,2	18,2	14,8	18,5	16,7	12,6	15,3	-25,4
BELO HORIZONTE	24,4	19,4	16,9	18,9	18,4	18,9	19,3	20,4	22,7	20,8	20,4	-16,4
CURITIBA	27,3	28,0	24,9	23,3	24,1	24,9	26,6	26,8	22,4	24,3	24,4	-10,8
FORTALEZA	17,5	19,0	18,2	21,1	24,5	21,9	22,7	23,3	22,2	22,4	18,1	3,6
PORTO ALEGRE	18,3	19,3	18,2	17,3	20,0	19,5	18,8	17,3	15,9	15,1	16,1	-12,0
RECIFE	23,3	21,2	20,4	18,4	19,8	19,0	19,6	18,7	17,5	18,0	18,1	-22,5
RIO DE JANEIRO	18,6	14,1	14,3	15,2	16,0	15,7	16,2	15,4	16,8	12,7	13,2	-29,0
SALVADOR	3,4	2,7	4,6	6,5	6,5	6,4	5,2	17,8	17,0	14,4	6,0	76,4
SÃO PAULO	16,0	16,1	9,4	15,1	9,9	14,0	13,0	13,3	13,0	14,6	13,5	-15,8
VITÓRIA	28,0	29,7	27,6	26,5	30,5	27,7	26,2	24,8	23,8	25,8	26,4	-5,8
TOTAL 10 RM	18,3	16,7	14,1	16,4	15,5	16,6	16,3	17,1	16,8	16,3	15,3	-16,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Se na população total três metrópoles superam o patamar de 20 vítimas por 100 mil habitantes (Vitória, Curitiba e Belo Horizonte), para a faixa jovem são 5 as RM nessa situação: as três anteriores, além de Porto Alegre e São Paulo.

Tabela 4.3.4. Taxas de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 Mil). Faixa Etária: 15 a 24 anos.
Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ%
BELEM	17,2	8,4	14,6	15,9	17,0	21,8	13,4	14,3	11,9	12,8	13,7	-20,6
BELO HORIZONTE	25,4	21,6	16,2	20,3	22,5	20,4	20,9	19,6	22,3	23,6	28,2	11,0
CURITIBA	24,1	27,2	23,6	25,0	28,3	27,0	31,6	28,7	24,0	29,8	31,9	32,2
FORTALEZA	17,7	18,6	18,3	24,5	21,3	18,5	20,8	21,6	20,2	21,9	17,8	0,4
PORTO ALEGRE	19,2	20,8	20,5	19,4	20,9	22,8	20,9	20,7	20,0	20,4	21,3	11,2
RECIFE	24,3	18,4	17,2	16,8	22,2	20,0	19,8	18,2	17,7	19,8	16,9	-30,6
RIO DE JANEIRO	16,6	13,7	13,8	14,3	18,3	18,2	18,7	16,2	19,8	18,3	16,1	-2,9
SALVADOR	2,7	2,2	4,8	5,8	5,4	5,6	5,2	15,3	13,8	15,2	5,7	109,7
SÃO PAULO	20,1	19,4	11,5	19,1	13,0	17,4	18,1	17,0	16,4	20,4	20,9	3,9
VITÓRIA	26,3	30,5	29,8	27,8	32,4	26,8	23,8	24,3	23,2	24,4	29,5	12,3
TOTAL 10 RM	19,1	17,7	14,6	18,1	17,5	18,6	18,8	18,3	18,4	20,0	19,8	3,5

Fonte: SIM/SVS/MS

4.4. As Mortes por Acidentes de Transporte nos Municípios

Como indicado no capítulo inicial referente à metodologia do estudo, para evitar fortes oscilações nos índices que frequentemente acontecem nos municípios de pequeno porte – onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas – optou-se por trabalhar com municípios de 10 mil habitantes ou mais. Para municípios entre 10 e 30 mil habitantes (ou jovens), utilizou-se a taxa média dos últimos 3 anos disponíveis: 2006, 2007 e 2008.

Dado que seria extenso demais elencar na publicação os 5.564 municípios, decidiu-se detalhar nessa publicação somente os 100 municípios de maior índice e oferecer a possibilidade de consultar ou acessar a lista total de municípios no *site* www.mapadaviolencia.org.br.

As duas tabelas a seguir (4.4.1 e 4.4.2) detalham esses 100 municípios de maior índice de vítimas de acidentes de transporte nas populações total e jovem, respectivamente. Nessas tabelas, além de identificar o município e a UF, registra-se a população em 2008, segundo o IBGE³¹, que serve de base para a estimativa das taxas e a média de anos utilizada para seu cálculo (de 10 a 30 mil casos, a média 2006 a 2008, de 30 mil para acima, os quantitativos de 2008). Também o número de vítimas registrado pelo SIM/SVS/Datusus em 2006, 2007 e 2008 e, por último, as taxas e a posição do município no contexto nacional.

Pode-se observar que grande número de municípios ultrapassa, largamente, as maiores taxas internacionais, atingindo níveis sem comparação. Isso não quer dizer que o município ou a população local seja direta ou imediatamente responsável pela situação: uma rodovia perigosa que atravessa o município, um acidente de grandes proporções podem ser a causa das elevadas taxas.

31. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08).

Tabela 4.4.1. Número e Taxas de Óbitos por Acidentes de Transporte (em 100 Mil)
nos Municípios com 10 Mil Habitantes ou Mais. Brasil, 2006/2008.

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (PORMIL)	MÉDIA ANOS	ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
BARBALHA	CE	52,5	1	97	85	109	207,6	1º
CAMPINA GRANDE DO SUL	PR	36,6	1	41	48	52	141,9	2º
PARIQUERA-AÇU	SP	18,8	3	20	30	27	136,4	3º
NOVA ALVORADA DO SUL	MS	12,4	3	16	12	21	131,4	4º
POUSO REDONDO	SC	14,3	3	16	17	19	121,2	5º
MIRACATU	SP	23,7	3	40	8	27	105,5	6º
BACABEIRA	MA	15,1	3	8	17	18	94,8	7º
AUGUSTINÓPOLIS	TO	15,2	3	10	20	11	89,6	8º
FELIXLÂNDIA	MG	14,2	3	18	11	8	87,1	9º
VASSOURAS	RJ	34,0	1	16	17	28	82,3	10º
JOÃO NEIVA	ES	14,7	3	11	16	9	81,6	11º
LUZ	MG	17,8	3	11	16	16	80,7	12º
CÉU AZUL	PR	11,3	3	7	15	5	79,4	13º
JACIARA	MT	25,7	3	13	16	31	77,7	14º
APIÚNA	SC	10,8	3	6	9	10	77,3	15º
PRATA	MG	26,6	3	7	25	29	76,5	16º
ARAGUAÍNA	TO	119,1	1	77	65	91	76,4	17º
SORRISO	MT	57,8	1	38	35	43	74,4	18º
PALMEIRA	PR	32,3	1	11	15	24	74,3	19º
RIO DO SUL	SC	59,2	1	65	55	44	74,3	20º
POXORÉO	MT	18,0	3	17	9	14	74,1	21º
MANACAPURU	AM	85,3	1	7	4	63	73,9	22º
SILVA JARDIM	RJ	22,2	3	8	18	23	73,7	23º
REGENTE FEIJÓ	SP	17,7	3	35	1	3	73,6	24º
ELDORADO	MS	12,3	3	7	9	11	73,1	25º
ITAGUARA	MG	12,8	3	11	9	8	72,8	26º
JOAÇABA	SC	25,2	3	22	14	19	72,7	27º
RIO VERDE DE MATO GROSSO	MS	19,1	3	9	16	16	71,4	28º
MORRETES	PR	16,9	3	10	16	10	71,2	29º
SAPUCAIA	RJ	17,4	3	17	5	15	71,1	30º
GURUPI	TO	73,5	1	31	34	52	70,7	31º
PARAPUÁ	SP	11,4	3	6	8	10	70,3	32º
OURO PRETO DO OESTE	RO	37,1	1	4	11	26	70,0	33º
VENDA NOVA DO IMIGRANTE	ES	19,7	3	13	11	17	69,4	34º
ESTRELA	RS	30,3	1	11	9	21	69,2	35º
CAMPO MOURÃO	PR	85,5	1	49	45	59	69,0	36º
SOBRAL	CE	180,0	1	98	135	124	68,9	37º
PONTE SERRADA	SC	11,6	3	7	10	7	68,8	38º
OURILÂNDIA DO NORTE	PA	21,2	3	8	20	15	67,7	39º
RIALMA	GO	10,9	3	4	1	17	67,6	40º
LAJEADO	RS	71,1	1	24	59	48	67,5	41º
PARAIBUNA	SP	16,9	3	9	16	9	67,2	42º
POCONÉ	MT	32,1	1	2	10	21	65,5	43º
TERRA DE AREIA	RS	10,2	3	9	7	4	65,2	44º
TEIXEIRA SOARES	PR	10,3	3	11	7	2	64,5	45º
ITAPEBI	BA	11,9	3	7	9	7	64,3	46º
FRANCISCO BELTRÃO	PR	75,5	1	52	34	48	63,6	47º
DIAMANTINO	MT	19,0	3	6	14	16	63,3	48º

continua ▶

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (PORMIL)	MÉDIA ANOS	ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
SANTA CECÍLIA	SC	15,8	3	5	14	11	63,1	49º
GOIANÉSIA DO PARÁ	PA	28,6	3	15	28	11	63,0	50º
UMUARAMA	PR	98,9	1	48	72	62	62,7	51º
IBIRAPITANGA	BA	24,1	3	10	17	18	62,4	52º
COLATINA	ES	110,7	1	41	64	69	62,3	53º
ÍMBITUBA	SC	38,6	1	25	18	24	62,2	54º
OURICURI	PE	66,1	1	12	15	41	62,0	55º
SÃO LOURENÇO DA SERRA	SP	17,8	3	16	9	8	61,9	56º
ARAPIRACA	AL	208,4	1	126	172	129	61,9	57º
GRÃO MOGOL	MG	15,1	3	9	8	11	61,8	58º
CAMPINA GRANDE	PB	381,4	1	209	231	232	60,8	59º
PIRAÍ	RJ	25,8	3	20	15	12	60,8	60º
MANHUAÇU	MG	77,6	1	28	48	47	60,6	61º
TIBAGI	PR	19,3	3	3	16	16	60,3	62º
JUATUBA	MG	20,6	3	7	13	17	60,0	63º
FUNDÃO	ES	16,1	3	9	11	9	59,9	64º
SÃO DOMINGOS DO PRATA	MG	17,9	3	7	13	12	59,8	65º
RONDONÓPOLIS	MT	179,1	1	106	84	107	59,7	66º
JABOTICATUBAS	MG	16,2	3	11	7	11	59,5	67º
SANTO ANTÔNIO DO AMPARO	MG	18,0	3	8	2	22	59,4	68º
ALFREDO WAGNER	SC	10,2	3	9	3	6	59,1	69º
CARMÓPOLIS DE MINAS	MG	16,4	3	9	8	12	58,9	70º
ENGENHEIRO CALDAS	MG	10,8	3	3	6	10	58,8	71º
TIJUCAS DO SUL	PR	13,6	3	3	9	12	58,7	72º
SÃO MATEUS	ES	100,7	1	51	36	59	58,6	73º
NOVA MUTUM	MT	25,7	3	10	14	21	58,5	74º
ENGENHEIRO BELTRÃO	PR	14,3	3	7	7	11	58,4	75º
ALTO ARAGUAIA	MT	14,3	3	9	11	5	58,2	76º
PICOS	PI	72,5	1	37	34	42	57,9	77º
CORNÉLIO PROCÓPIO	PR	48,4	1	16	33	28	57,8	78º
PEDRA PRETA	MT	16,2	3	11	9	8	57,6	79º
RIBAS DO RIO PARDO	MS	19,8	3	6	12	16	57,3	80º
REDENÇÃO	PA	66,8	1	30	37	38	56,9	81º
LENÇÓIS	BA	10,0	3	1	9	7	56,6	82º
ARAÇARIGUAMA	SP	13,0	3	12	7	3	56,3	83º
IBIRAÇU	ES	10,7	3	7	2	9	56,2	84º
BERTIOGA	SP	42,9	1	13	38	24	55,9	85º
CÁCERES	MT	86,8	1	39	39	48	55,3	86º
SANGÃO	SC	10,9	3	8	3	7	55,3	87º
TEÓFILO OTONI	MG	130,5	1	61	73	72	55,2	88º
MARABÁ	PA	199,9	1	74	136	110	55,0	89º
TRÊS CORAÇÕES	MG	74,9	1	26	27	41	54,8	90º
CIANORTE	PR	67,6	1	32	34	37	54,7	91º
NOVA LARANJEIRAS	PR	11,6	3	8	7	4	54,6	92º
SÃO PEDRO	SP	31,3	1	9	6	17	54,4	93º
SERTANÓPOLIS	PR	16,0	3	16	6	4	54,1	94º
IBATIBA	ES	20,4	3	15	8	10	54,0	95º
SIQUEIRA CAMPOS	PR	17,3	3	5	11	12	54,0	96º
CANDÓI	PR	16,1	3	10	8	8	53,9	97º
VITÓRIA	ES	317,8	1	153	161	171	53,8	98º
CASIMIRO DE ABREU	RJ	29,8	3	19	20	9	53,7	99º
LAPA	PR	42,9	1	17	8	23	53,6	100º

Fonte: SIM/SVS/MS (A tabela completa está em www.mapadaviolencia.org.br.)

Tabela 4.4.2. Número e Taxas de Óbitos Jovens por Acidentes de Transporte (em 100 Mil)
nos Municípios com 10 Mil Jovens ou Mais. Brasil, 2006/2008.

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (PORMIL)	MÉDIA ANOS	ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE			TAXA	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
BARBALHA	CE	10,7	3	23	31	36	280,3	1
RIO DO SUL	SC	10,4	3	18	20	14	166,5	2
UMUARAMA	PR	17,2	3	18	15	19	100,8	3
TUBARÃO	SC	17,1	3	9	29	11	95,6	4
SORRISO	MT	11,7	3	8	12	12	91,4	5
BRUSQUE	SC	18,4	3	13	16	19	86,8	6
CASCADEL	PR	55,9	1	39	40	47	84,1	7
ARAPIRACA	AL	40,6	1	28	40	33	81,2	8
TOLEDO	PR	21,0	3	19	24	8	81,1	9
CAMPO MOURÃO	PR	15,3	3	13	11	13	80,5	10
RONDONÓPOLIS	MT	33,5	1	22	14	27	80,5	11
SOBRAL	CE	37,3	1	25	35	29	77,7	12
CAMPINA GRANDE	PB	74,7	1	53	53	58	77,7	13
TRÊS RIOS	RJ	12,2	3	13	7	8	76,8	14
VITÓRIA	ES	53,9	1	25	29	39	72,4	15
IMPERATRIZ	MA	48,8	1	30	34	35	71,7	16
MARABÁ	PA	43,3	1	15	46	31	71,5	17
FRANCISCO BELTRÃO	PR	13,8	3	13	3	13	70,2	18
JARAGUÁ DO SUL	SC	25,2	3	18	17	16	67,4	19
CAMPOS DOS GOYTACAZES	RJ	72,0	1	42	48	48	66,7	20
DOURADOS	MS	35,0	1	21	34	23	65,7	21
JUNDIAÍ	SP	55,2	1	40	24	36	65,2	22
LAJEADO	RS	12,8	3	4	11	10	64,9	23
BRAGANÇA PAULISTA	SP	23,9	3	12	24	10	64,1	24
COLATINA	ES	19,8	3	12	11	15	64,0	25
MANHUAÇU	MG	14,1	3	8	7	12	63,8	26
MANACAPURU	AM	18,2	3	0	1	33	62,4	27
GOIÂNIA	GO	226,1	1	110	142	141	62,4	28
CATANDUVA	SP	18,2	3	6	15	13	62,3	29
INDAIATUBA	SP	30,7	1	5	16	19	61,8	30
PIRASSUNUNGA	SP	11,3	3	5	7	9	61,7	31
RUSSAS	CE	13,6	3	6	10	9	61,4	32
PATO BRANCO	PR	12,7	3	8	6	9	60,3	33
CIANORTE	PR	11,7	3	5	7	9	60,0	34
ARARUAMA	RJ	17,3	3	17	12	2	59,8	35
PICOS	PI	14,5	3	10	5	11	59,8	36
SARANDI	PR	15,1	3	9	6	12	59,7	37
ARAPONGAS	PR	17,9	3	15	9	8	59,6	38
CONCÓRDIA	SC	11,8	3	4	8	9	59,4	39
ARAGUAÍNA	TO	24,3	3	14	13	15	57,5	40
ANÁPOLIS	GO	59,3	1	23	33	34	57,4	41
GUARAPUAVA	PR	31,6	1	14	16	18	57,0	42
APUCARANA	PR	21,3	3	15	8	13	56,5	43
ITAPERUNA	RJ	15,5	3	7	8	11	56,0	44
SAQUAREMA	RJ	10,8	3	6	6	6	55,5	45
AMPARO	SP	10,8	3	2	12	4	55,5	46
GURUPI	TO	14,8	3	6	6	12	53,9	47
MOSSORÓ	RN	48,3	1	37	28	26	53,8	48

continua ►

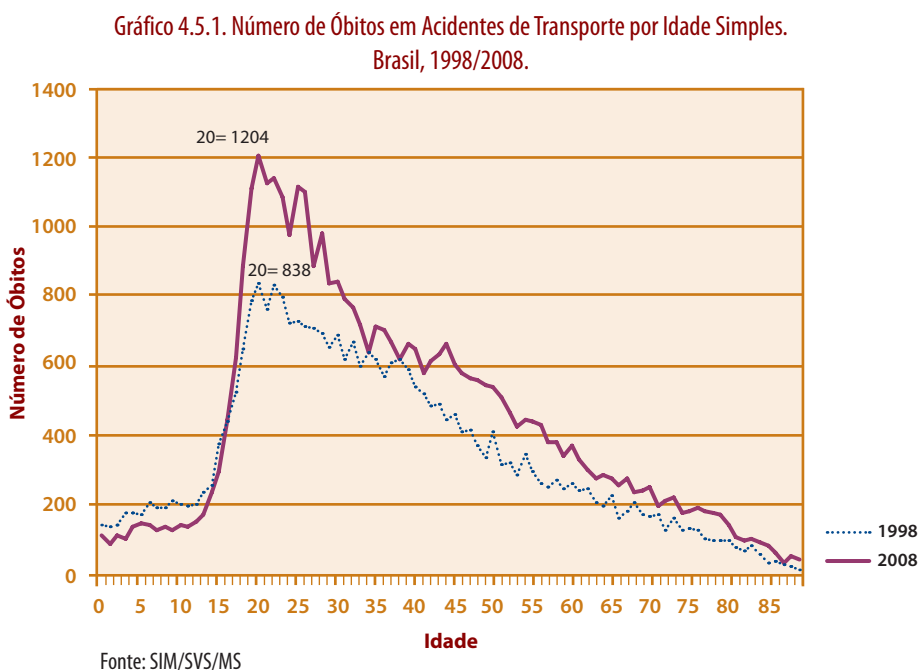
MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO 2008 (PORMIL)	MÉDIA ANOS	ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE			TAXA	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
ATIBAIA	SP	21,7	3	11	10	14	53,7	49
JAÚ	SP	21,2	3	10	9	15	53,4	50
BOTUCATU	SP	20,7	3	10	11	12	53,2	51
ÇAÇAPAVA	SP	14,6	3	5	11	7	52,7	52
CHAPECÓ	SC	32,5	1	13	26	17	52,3	53
PARANAÍ	PR	14,0	3	8	12	2	52,3	54
PASSO FUNDO	RS	32,9	1	14	15	17	51,6	55
LINHARES	ES	24,6	3	6	13	19	51,4	56
TUCURUÍ	PA	20,1	3	9	11	11	51,3	57
BARRETOS	SP	18,9	3	8	7	14	51,1	58
SOUSA	PB	12,4	3	7	3	9	50,9	59
ARARAQUARA	SP	31,7	1	11	26	16	50,5	60
ALFENAS	MG	13,2	3	7	7	6	50,4	61
SÃO MATEUS	ES	19,5	3	10	10	9	49,6	62
TANGARÁ DA SERRA	MT	14,8	3	6	11	5	49,6	63
TIANGUÁ	CE	14,2	3	5	8	8	49,2	64
MONTENEGRO	RS	10,2	3	5	6	4	49,1	65
UBÁ	MG	17,0	3	13	6	6	49,0	66
CAMPO LARGO	PR	20,4	3	5	13	12	48,9	67
ITAJUBÁ	MG	15,7	3	9	7	7	48,7	68
PRESIDENTE PRUDENTE	SP	33,0	1	16	9	16	48,5	69
SOROCABA	SP	99,0	1	71	67	48	48,5	70
CRICIÚMA	SC	35,5	1	25	18	17	47,9	71
MONTES CLAROS	MG	69,2	1	20	32	33	47,7	72
SÃO SEBASTIÃO	SP	13,3	3	6	5	8	47,5	73
TÉRESINA	PI	166,9	1	98	91	79	47,3	74
ÇAÇADOR	SC	12,8	3	9	6	3	46,8	75
JI-PARANÁ	RO	22,2	3	7	12	12	46,6	76
CURVELO	MG	13,6	3	7	8	4	46,6	77
PATOS DE MINAS	MG	24,3	3	11	8	15	46,6	78
ARARANGUÁ	SC	10,8	3	5	3	7	46,2	79
CUBATÃO	SP	23,1	3	9	13	10	46,2	80
LAVRAS	MG	15,9	3	3	9	10	46,0	81
VARZEA GRANDE	MT	45,8	1	10	14	21	45,9	82
JATAÍ	GO	15,3	3	7	10	4	45,9	83
CAMPINAS	SP	170,1	1	57	70	78	45,8	84
BALNEÁRIO CAMBORIÚ	SC	16,8	3	10	9	4	45,7	85
ITAJAÍ	SC	30,8	1	24	23	14	45,4	86
MARINGÁ	PR	57,4	1	21	20	26	45,3	87
SANTOS	SP	57,4	1	29	22	26	45,3	88
SÃO CARLOS	SP	35,4	1	8	20	16	45,1	89
JACUNDÁ	PA	11,8	3	5	7	4	45,1	90
CAMPO GRANDE	MS	138,5	1	46	48	62	44,8	91
FLORIANÓPOLIS	SC	69,6	1	57	34	31	44,5	92
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	ES	36,0	1	13	21	16	44,5	93
ARACAJU	SE	101,4	1	53	51	45	44,4	94
TAUÁ	CE	10,5	3	3	6	5	44,3	95
SÃO JOSÉ	SC	36,2	1	11	17	16	44,3	96
BLUMENAU	SC	52,3	1	27	32	23	44,0	97
LIMOEIRO DO NORTE	CE	10,7	3	3	2	9	43,5	98
PORTO VELHO	RO	78,3	1	43	34	34	43,4	99
AÇAILÂNDIA	MA	22,4	3	11	8	10	43,2	100

Fonte: SIM/SVS/MS (A tabela completa está em www.mapadaviolencia.org.br.)

4.5. As Idades das Vítimas

O gráfico 4.5.1 permite conferir que as mortes por acidente de transporte, quando considerada a idade do acidentado, crescem de forma rápida a partir dos 13 anos de idade, atingem sua máxima expressão aos 22 anos (838 vítimas em 1998 e 1.204 em 2008) e declinam progressivamente a partir dessa idade.

Outra questão que o mesmo gráfico nos aponta visualmente é que, entre 1998 e 2008, se registra um significativo aumento no número de vítimas na faixa dos 18 aos 30 anos de idade, bem superior ao observado nas restantes faixas.



Esses quantitativos encontram-se mais bem detalhados na Tabela 4.5.1. Vemos que entre 1998 e 2008 foram registradas significativas quedas no número de mortes, da ordem de 30%, de 0 a 13 anos de idade. Nos 14 e 15 anos também há quedas, porém de menor intensidade. Nos 16 anos a curva praticamente zera, iniciando uma íngreme escalada a partir dos 17 anos de idade.

Tabela 4.5.1. Número de Óbitos em Acidentes de Transporte por Idades Simples e Faixa Etária. Brasil, 1998/2008.

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS EM ACIDENTES		
	1998	2008	Δ %
0 A 4 ANOS	761	533	-30,0
5 A 9 ANOS	957	673	-29,7
10 A 14 ANOS	1.079	822	-23,8
10 ANOS	200	139	-30,5
11 ANOS	194	134	-30,9
12 ANOS	201	148	-26,4
13 ANOS	232	169	-27,2
14 ANOS	252	232	-7,9
15 A 19 ANOS	2.768	3.360	21,4
15 ANOS	373	296	-20,6
16 ANOS	440	442	0,5
17 ANOS	523	622	18,9
18 ANOS	646	887	37,3
19 ANOS	786	1.113	41,6
20 A 24 ANOS	3.949	5.534	40,1
20 ANOS	838	1.204	43,7
21 ANOS	763	1.127	47,7
22 ANOS	830	1.140	37,3
23 ANOS	795	1.088	36,9
24 ANOS	723	975	34,9
25 A 29 ANOS	3.492	4.926	41,1
30 A 34 ANOS	3.212	3.758	17,0
35 A 39 ANOS	2.999	3.365	12,2
40 A 44 ANOS	2.472	3.131	26,7
45 A 49 ANOS	1.987	2.842	43,0
50 A 59 ANOS	2.980	4.331	45,3
60 A 69 ANOS	2.077	2.830	36,3
70 E MAIS ANOS	1.831	2.826	54,3

Fonte: SIM/SVS/MS

Dos 19 aos 30 anos de idade, observamos um número de vítimas bem maior e também um crescimento decenal muito elevado, da ordem de 40%. A partir dos 30 anos, o crescimento decenal fica bem mais moderado, voltando a subir a partir dos 40 anos, com um pico de crescimento bem elevado (54,3%) na faixa dos 70 e mais anos de idade.

Na Tabela 4.5.2 foram calculadas as taxas de Óbito por Acidentes de Transporte correspondentes de 2008, considerando a população em cada faixa etária e comparados esses dados com os existentes dez anos antes, em 1998.

Tabela 4.5.2. Taxas de Óbito em Acidentes de Transporte (em 100 Mil) por Idade e Faixa Etária. Brasil, 1998/2008.

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS EM ACIDENTES		
	1998	2008	Δ %
0 A 4 ANOS	4,7	3,3	-29,6
5 A 9 ANOS	5,7	4,0	-29,8
10 A 14 ANOS	6,0	5,0	-16,8
10 ANOS	5,5	4,2	-23,6
11 ANOS	5,6	4,1	-26,6
12 ANOS	5,7	4,5	-22,0
13 ANOS	6,3	5,1	-19,5
14 ANOS	6,7	7,0	4,7
15 A 19 ANOS	16,1	19,8	23,2
15 ANOS	10,3	8,9	-13,2
16 ANOS	12,1	13,2	8,8
17 ANOS	15,3	18,4	20,1
18 ANOS	19,3	25,9	34,3
19 ANOS	24,9	32,2	29,2
20 A 24 ANOS	26,6	31,3	17,7
20 ANOS	27,1	34,6	27,6
21 ANOS	25,2	32,1	27,6
22 ANOS	27,9	32,2	15,3
23 ANOS	27,3	30,5	11,7
24 ANOS	25,4	27,1	7,0
25 A 29 ANOS	26,1	28,3	8,6
30 A 34 ANOS	25,1	24,8	-1,4
35 A 39 ANOS	26,7	25,3	-5,4
40 A 44 ANOS	26,0	24,9	-4,0
45 A 49 ANOS	25,9	25,1	-3,3
50 A 59 ANOS	27,1	25,5	-5,9
60 A 69 ANOS	28,0	27,6	-1,6
70 E MAIS ANOS	34,6	33,2	-3,8

Fonte: SIM/SVS/MS

Nessa tabela, podem-se observar:

- Quedas significativas nos índices de 0 a 14 anos de idade.
- Concomitante crescimento significativo dos 17 aos 22 anos de idade.
- Novamente quedas, bem mais moderadas, a partir dos 30 anos de idade.

Vemos também que a distribuição, tanto em 1998 quanto em 2008, é bimodal, com um pico nos 20 anos de idade, com elevados índices também dos 19 aos 23 anos. O outro pico é encontrado na faixa mais velha da população, a partir dos 70 anos de idade.

4.6. Óbitos em Acidentes de Transporte Segundo o Sexo

Tanto nos óbitos por acidentes de transporte como no caso dos homicídios, pode ser observada uma forte prevalência de mortes masculinas. Provavelmente, devido à maior presença no trânsito de motoristas e/ou ocupantes de veículos do sexo masculino – 81,6% dos óbitos por acidentes de transporte na população total são homens.

Entre os jovens, essa proporção é pouco maior – 83%. Comparando essas taxas com os Mapas anteriores, é possível verificar um leve aumento da mortalidade masculina nos acidentes de transporte. Em 1998, essa participação masculina foi de 79,5% na população total e de 80,4% na população jovem.

Observando as regiões e os estados, vemos que o panorama é muito homogêneo, sem grandes variações.

Tabela 4.6.1. Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo o Sexo. População Total. UF e Regiões (2008).

UF/REGIÃO	NÚMERO		%	TAXAS	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	MASCULINO	FEMININO
ACRE	102	17	85,7	29,8	5,0
AMAZONAS	366	103	78,0	21,8	6,2
AMAPÁ	71	24	74,7	23,1	7,9
PARÁ	973	201	82,9	26,3	5,6
RONDÔNIA	404	83	83,0	53,2	11,3
RORAIMA	98	24	80,3	45,2	12,3
TOCANTINS	391	91	81,1	60,2	14,4
NORTE	2.405	543	81,6	31,4	7,3
ALAGOAS	504	98	83,7	33,0	6,1
BAHIA	1.461	320	82,0	20,4	4,4
CEARÁ	1.454	302	82,8	35,2	7,0
MARANHÃO	970	193	83,4	30,9	6,1
PARAÍBA	712	106	87,0	39,0	5,5
PERNAMBUCO	1.270	290	81,4	30,0	6,4
PIAUI	716	123	85,3	46,4	7,8
RIO GRANDE DO NORTE	409	62	86,8	26,9	3,9
SERGIPE	400	76	84,0	40,8	7,5
NORDESTE	7.896	1.570	83,4	30,3	5,8
ESPÍRITO SANTO	898	173	83,8	52,6	9,9
MINAS GERAIS	3.298	821	80,1	33,6	8,2
RIO DE JANEIRO	2.082	556	78,9	27,4	6,7
SÃO PAULO	6.381	1.363	82,4	31,9	6,5
SUDESTE	12.659	2.913	81,3	32,4	7,1
PARANÁ	2.627	603	81,3	50,2	11,3
RIO GRANDE DO SUL	1.640	421	79,6	30,8	7,6
SANTA CATARINA	1.480	372	79,9	49,2	12,2
SUL	5.747	1.396	80,5	42,4	10,0
DISTRITO FEDERAL	491	125	79,7	40,2	9,4
GOIÁS	1.325	330	80,1	45,8	11,2
MATO GROSSO DO SUL	582	135	81,2	50,0	11,5
MATO GROSSO	858	213	80,1	56,9	14,7
CENTRO-OESTE	3.256	803	80,2	48,0	11,6
BRASIL	31.963	7.225	81,6	34,3	7,5

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.6.2. Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo o Sexo. População Total. Capitais (2008).

CAPITAL/ REGIÃO	NÚMERO		%	TAXAS	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	MASCULINO	FEMININO
BELÉM	115	25	82,1	17,1	3,3
BOA VISTA	73	12	85,9	53,5	9,6
MACAPÁ	58	18	76,3	33,0	9,8
MANAUS	231	45	83,7	27,9	5,1
PALMAS	75	17	81,5	86,3	17,5
PORTO VELHO	156	29	84,3	83,5	15,1
RIO BRANCO	69	13	84,1	47,4	8,3
NORTE	777	159	83,0	34,8	6,7
ARACAJU	193	34	85,0	77,3	11,8
FORTALEZA	356	82	81,3	30,8	6,2
JOÃO PESSOA	177	23	88,5	54,4	6,3
MACEIÓ	176	38	82,2	40,5	7,8
NATAL	95	16	85,6	25,4	3,8
RECIFE	429	111	79,4	59,6	13,4
SALVADOR	140	27	83,8	10,1	1,7
SÃO LUÍS	244	51	82,7	53,2	9,6
TERESINA	311	59	84,1	82,4	13,9
NORDESTE	2.121	441	82,8	38,7	7,1
BELO HORIZONTE	513	139	78,7	44,8	10,8
RIO DE JANEIRO	684	219	75,7	23,7	6,7
SÃO PAULO	1.245	312	80,0	24,0	5,4
VITÓRIA	134	37	78,4	89,4	22,0
SUDESTE	2.576	707	78,5	27,5	6,7
CURITIBA	403	96	80,8	46,0	10,1
FLORIANÓPOLIS	98	31	76,0	50,3	14,9
PORTO ALEGRE	211	63	77,0	31,6	8,3
SUL	712	190	78,9	41,0	9,9
BRASÍLIA	491	125	79,7	40,2	9,4
CAMPO GRANDE	183	44	80,6	50,6	11,4
CUIABÁ	158	34	82,3	60,4	12,0
GOIÂNIA	467	131	78,1	77,8	19,7
CENTRO-OESTE	1.299	334	79,5	53,1	12,5
BRASIL	7.485	1.831	80,3	35,2	7,7

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.6.3. Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo o Sexo. População Jovem. UF e Regiões (2008).

UF/REGIÃO	NÚMERO		%	TAXAS	
	MASCULINO	FEMININO		MASCULINO	FEMININO
ACRE	24	5	82,8	34,2	7,3
AMAZONAS	80	34	70,2	23,0	9,9
AMAPÁ	17	6	73,9	26,5	9,2
PARÁ	203	49	80,6	26,2	6,5
RONDÔNIA	69	21	76,7	45,3	14,1
RORAIMA	21	4	84,0	49,6	9,9
TOCANTINS	79	16	83,2	59,6	12,4
NORTE	493	135	78,5	31,1	8,7
ALAGOAS	130	24	84,4	42,2	7,8
BAHIA	298	64	82,3	20,7	4,6
CEARÁ	348	81	81,1	40,5	9,6
MARANHÃO	228	55	80,6	33,1	8,3
PARAÍBA	179	23	88,6	47,8	6,3
PERNAMBUCO	272	47	85,3	32,3	5,6
PIAUI	169	26	86,7	51,9	8,2
RIO GRANDE DO NORTE	97	13	88,2	31,4	4,3
SERGIPE	79	11	87,8	40,1	5,6
NORDESTE	1.800	344	84,0	33,7	6,6
ESPÍRITO SANTO	194	37	84,0	61,2	11,9
MINAS GERAIS	759	160	82,6	42,0	9,2
RIO DE JANEIRO	436	94	82,3	34,7	7,5
SÃO PAULO	1.619	293	84,7	46,8	8,5
SUDESTE	3.008	584	83,7	44,0	8,6
PARANÁ	636	121	84,0	66,3	13,0
RIO GRANDE DO SUL	373	77	82,9	40,2	8,6
SANTA CATARINA	370	79	82,4	67,1	14,8
SUL	1.379	277	83,3	56,6	11,7
DISTRITO FEDERAL	87	26	77,0	37,7	10,7
GOIÁS	303	70	81,2	56,8	13,2
MATO GROSSO DO SUL	128	36	78,0	58,0	16,8
MATO GROSSO	182	41	81,6	63,0	14,7
CENTRO-OESTE	700	173	80,2	55,0	13,7
BRASIL	7.380	1.513	83,0	42,2	8,8

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.6.4. Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo o Sexo. População Jovem. Capitais (2008).

CAPITAL/ REGIÃO	NÚMERO		%	TAXAS	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	MASCULINO	FEMININO
BELÉM	18	5	78,3	13,7	3,6
BOA VISTA	13	2	86,7	50,3	7,9
MACAPÁ	16	6	72,7	43,7	15,6
MANAUS	47	14	77,0	28,3	8,1
PALMAS	12	4	75,0	66,4	18,8
PORTO VELHO	26	8	76,5	66,5	20,4
RIO BRANCO	17	2	89,5	57,6	6,4
NORTE	149	41	78,4	33,3	8,8
ARACAJU	42	3	93,3	85,0	5,8
FORTALEZA	71	15	82,6	29,2	6,0
JOÃO PESSOA	36	3	92,3	53,3	4,4
MACEIÓ	43	8	84,3	49,8	8,9
NATAL	26	4	86,7	34,1	5,1
RECIFE	80	16	83,3	57,2	11,3
SALVADOR	24	5	82,8	8,9	1,8
SÃO LUÍS	43	14	75,4	42,6	12,8
TERESINA	67	12	84,8	82,1	14,1
NORDESTE	432	80	84,4	38,7	7,0
BELO HORIZONTE	143	20	87,7	70,4	9,7
RIO DE JANEIRO	134	35	79,3	29,0	7,5
SÃO PAULO	335	57	85,5	37,6	6,2
VITÓRIA	30	9	76,9	111,4	33,4
SUDESTE	642	121	84,1	40,5	7,5
CURITIBA	105	22	82,7	66,0	14,0
FLORIANÓPOLIS	27	4	87,1	76,7	11,6
PORTO ALEGRE	50	7	87,7	43,5	6,2
SUL	182	33	84,7	58,8	10,8
BRASÍLIA	87	26	77,0	37,7	10,7
CAMPO GRANDE	53	9	85,5	76,1	13,1
CUIABÁ	35	1	97,2	67,8	1,9
GOIÂNIA	121	20	85,8	108,7	17,4
CENTRO-OESTE	296	56	84,1	63,9	11,7
BRASIL	1.701	331	83,7	43,4	8,2

Fonte: SIM/SVS/MS

4.7. Sazonalidade dos Óbitos por Acidentes de Transporte

Com a finalidade de verificar em que medida os óbitos por acidentes de transporte apresentam flutuações temporais, os dados foram discriminados segundo o mês e o dia da semana em que o óbito ocorreu. Deve-se salientar que esse é só um *proxi* de sazonalidade, dado que a data de óbito nem sempre – e não necessariamente – coincide com a data do acidente que levou à morte do indivíduo.

As análises realizadas na população total e entre os jovens permitiram verificar que as diferenças em relação aos meses do ano são praticamente inexistentes. Não foram detectados padrões de mortalidade nos meses do ano.

Entretanto, quando consideramos os óbitos por acidentes de transporte segundo o dia da semana (Tabela 4.7.1), vemos que as diferenças se avolumam, marcando verdadeiros ciclos semanais de mortalidade.

No ano de 2008, morreram a cada dia 107,1 pessoas vítimas de acidentes de transporte. Desse total, 24,3 eram jovens, e 82,8 não jovens.

Se desconsiderarmos as segundas-feiras e as sextas-feiras, quando acidentes acontecem formando parte já do “final de semana” (sexta-feira à noite ou segunda-feira de madrugada) temos que nos dias úteis – considerando apenas terças, quartas e quintas – a média das vítimas na população total foi de 87,1 mortes diárias – 17,9 jovens e 69,2 não jovens. Todavia, aos sábados esse número cresce para 55,4% no total da população e 84,4% entre os jovens. Aos domingos, cresce ainda mais: as vítimas jovens aumentam 139,8%, as não jovens 65,7%, perfazendo, em conjunto, um diferencial de 80,9% com respeito aos dias úteis da semana.

Tabela 4.7.1. Mortes Diárias por Acidentes de Transporte nos Dias da Semana. População Total e Jovem. Brasil, 2008.

DIA DA SEMANA	JOVEM	NÃO JOVEM	TOTAL
SEGUNDA	21,0	77,0	98,0
TERÇA	17,9	68,0	85,9
QUARTA	17,3	69,2	86,5
QUINTA	18,4	70,4	88,8
SEXTA	19,8	78,9	98,7
SÁBADO	33,0	102,3	135,3
DOMINGO	42,9	114,6	157,5
TOTAL	24,3	82,8	107,1
MÉDIA DE DIAS ÚTEIS*	17,9	69,2	87,1
Δ % SÁBADO	84,4%	47,9%	55,4%
Δ % DOMINGO	139,8%	65,7%	80,9%

* Média da terça, quarta e quinta.

Fonte: SIM/SVS/MS

A Tabela 4.7.2 detalha a porcentagem de óbitos por acidentes de transporte acontecidos em cada dia da semana de 2008. Assim, por exemplo, nas segundas-feiras do ano aconteceram 12,3% do total de homicídios entre jovens, 13,2% do total de homicídios entre os não jovens e 13% do total de homicídios do ano. Podemos ver, nessa tabela, que o incremento dos homicídios nos finais de semana, principalmente aos domingos, é significativamente maior entre os jovens.

Tabela 4.7.2. Distribuição em % dos Óbitos nos Dias da Semana. População Total e Jovem. Brasil, 2008.

DIA DA SEMANA	JOVEM	NÃO JOVEM	TOTAL
SEGUNDA	12,3%	13,2%	13%
TERÇA	10,7%	11,9%	11,6%
QUARTA	10,3%	12,1%	11,7%
QUINTA	10,8%	12,1%	11,8%
SEXTA	11,6%	13,5%	13,1%
SÁBADO	19,3%	17,6%	17,9%
DOMINGO	25,1%	19,7%	20,9%
TOTAL	100%	100%	100%

Fonte: SIM/SVS/MS

4.8. Comparações Internacionais

Pela Tabela 4.8.1 é possível observar que, entre os 99 países considerados no estudo, o Brasil ocupa a 10ª posição quanto a taxas de óbitos por acidentes de transporte na população total, e a 14ª posição quanto a taxas referidas à população jovem. Essa diferença de posição é explicada no item a seguir, ao tratar de vitimização juvenil no Brasil e no mundo. Nossos índices aparecem, no contexto internacional, relativamente elevados quando se referem à população total ou à jovem.

Tabela 4.8.1. Ordenamento dos Países Segundo Taxas de Óbito por Acidentes de Transporte. Ano: Último Disponível.

POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POSIÇÃO	PAÍS	ANO	TAXA	POSIÇÃO
VENEZUELA	2007	28,9	1º	BERMUDAS	2006	61,5	1º
EL SALVADOR	2006	27,3	2º	ARUBA	2006	42,7	2º
RÚSSIA	2006	26,8	3º	VENEZUELA	2007	37,6	3º
CAZAQUISTÃO	2008	23,6	4º	BELIZE	2004	34,8	4º
SAN MARINO	2005	23,5	5º	GUADALUPE	2006	31,8	5º
BELIZE	2004	22,9	6º	DOMINICA	2006	30,9	6º
BAHAMAS	2005	22,2	7º	BELGICA	2004	29,0	7º
BERMUDAS	2006	21,1	8º	TAILÂNDIA	2006	27,6	8º
UCRÂNIA	2008	20,8	9º	EEUU	2005	26,7	9º
BRASIL	2008	20,7	10º	MALÁSIA	2006	26,7	10º
GUIANA	2005	20,5	11º	CROÁCIA	2008	26,2	11º
BIELORRÚSSIA	2007	19,8	12º	UCRÂNIA	2008	26,1	12º
QUIRGUISTÃO	2008	19,5	13º	MARTINICA	2006	25,9	13º
EQUADOR	2006	18,2	14º	BRASIL	2008	25,7	14º
LITUÂNIA	2008	17,9	15º	CHIPRE	2007	25,6	15º
ROMÉNIA	2008	17,8	16º	GRÉCIA	2008	25,2	16º
LETÓNIA	2008	17,3	17º	CAZAQUISTÃO	2008	25,1	17º
GUADALUPE	2006	16,8	18º	BAHAMAS	2005	23,9	18º
REP. DA COREIA	2006	16,3	19º	BIELORRÚSSIA	2007	22,7	19º
EEUU	2005	16,1	20º	LETÓNIA	2008	22,5	20º
REP. DA MOLDÁVIA	2008	16,0	21º	GUIANA	2005	22,4	21º
TAILÂNDIA	2006	16,0	22º	LITUÂNIA	2008	22,3	22º
CROÁCIA	2008	15,9	23º	BULGÁRIA	2008	21,6	23º
COSTA RICA	2006	15,9	24º	PARAGUAI	2006	21,3	24º
SURINAME	2005	15,9	25º	ESLOVÉNIA	2008	21,2	25º
POLÓNIA	2008	15,8	26º	PORTO RICO	2005	20,9	26º
PANAMÁ	2006	15,4	27º	POLÓNIA	2008	20,8	27º
GRÉCIA	2008	15,3	28º	ÍLHAS CAYMAN	2004	19,5	28º
COLÓMBIA	2006	15,3	29º	EL SALVADOR	2006	19,5	29º
ARUBA	2006	15,2	30º	KUWAIT	2008	19,4	30º
MAURÍCIO	2008	14,5	31º	ESTÓNIA	2008	18,5	31º
MARTINICA	2006	14,5	32º	ROMÉNIA	2008	18,5	32º
PARAGUAI	2006	14,5	33º	IRLANDA DO NORTE	2007	18,4	33º
CHILE	2005	14,4	34º	REP. DA MOLDÁVIA	2008	17,8	34º
BULGÁRIA	2008	14,3	35º	NOVA ZELÂNDIA	2006	17,7	35º
ESLOVÁQUIA	2005	14,2	36º	ESPAÑHA	2005	17,7	36º
MÉXICO	2007	14,0	37º	REUNIÃO	2006	17,5	37º
REP. DOMINICANA	2004	13,6	38º	ITÁLIA	2007	17,5	38º
PORTUGAL	2005	13,3	39º	EQUADOR	2006	17,3	39º
HUNGRIA	2008	12,9	40º	SURINAME	2005	17,2	40º
ÁFRICA DO SUL	2007	12,8	41º	MÉXICO	2007	16,7	41º
CHIPRE	2007	12,6	42º	CANADÁ	2004	16,7	42º
GRANADA	2005	12,4	43º	GUIANA FRANCESA	2006	16,7	43º
ESTÓNIA	2008	12,4	44º	REP. DOMINICANA	2004	16,6	44º
SÉRVIA	2008	12,4	45º	PANAMÁ	2006	16,4	45º
ESLOVÉNIA	2008	12,3	47º	LUXEMBURGO	2006	16,2	47º
PORTO RICO	2005	12,2	48º	REP. CHECA	2008	16,0	48º
BÉLGICA	2004	11,6	49º	QUIRGUISTÃO	2008	15,9	49º
ALBÂNIA	2004	11,3	50º	COLÓMBIA	2006	15,7	50º
ESPAÑHA	2005	11,3	51º	COSTA RICA	2006	15,3	51º

continua ▶

POPULAÇÃO TOTAL			
PAÍS	ANO	TAXA	POSIÇÃO
REP. CHECA	2008	11,2	52º
NOVA ZELÂNDIA	2006	10,8	53º
ARGENTINA	2007	10,8	54º
SEYHELLES	2005	10,7	55º
URUGUAI	2004	10,5	56º
GUIANA FRANCESA	2006	10,0	57º
ITÁLIA	2007	9,8	58º
IRLANDA DO NORTE	2007	9,8	59º
NICARÁGUA	2005	9,7	60º
REUNIÃO	2006	9,6	61º
EGITO	2008	9,5	62º
CANADÁ	2004	9,5	63º
ILHAS CAYMAN	2004	9,3	64º
UZBEQUISTÃO	2005	9,1	65º
CUBA	2007	8,8	66º
LUXEMBURGO	2006	8,5	67º
DOMINICA	2006	8,3	68º
SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	8,3	69º
ÁUSTRIA	2008	8,1	70º
MALÁSIA	2006	8,0	71º
FINLÂNDIA	2008	7,6	72º
AUSTRÁLIA	2006	7,5	73º
FRANÇA	2007	7,5	74º
ALEMANHA	2006	6,5	75º
IRLANDA	2008	6,4	76º
ISRAEL	2007	6,1	77º
DINAMARCA	2006	6,0	78º
JAPÃO	2008	6,0	79º
NORUEGA	2007	5,8	80º
ESCÓCIA	2008	5,6	81º
REINO UNIDO	2007	5,6	82º
ARMÊNIA	2006	5,5	83º
SUIÇA	2007	5,5	84º
SUÉCIA	2007	5,5	85º
INGLATERRA E GALES	2007	5,4	86º
ISLÂNDIA	2008	5,0	87º
MALTA	2008	4,6	88º
ILHAS VIRGENS-EEUU	2005	4,6	89º
TAJIKISTÃO	2005	4,5	90º
HOLANDA	2008	4,4	91º
CINGAPURA	2006	4,3	92º
GUATEMALA	2006	3,0	93º
RAE DE HONG KONG	2007	2,4	94º
ANTÍGUA E BARBUDA	2006	1,2	95º
AZERBAIJÃO	2007	1,0	96º
MALDIVAS	2005	0,3	97º
RODRIGUES	2008	0,0	98º
ST. PIERRE E MIQUELON	2006	0,0	98º
KUWAIT	2008	s/d	

POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POSIÇÃO
ESLOVÁQUIA	2005	15,2	52º
ÁUSTRIA	2008	14,6	53º
SÉRVIA	2008	14,2	54º
AUSTRÁLIA	2006	14,0	55º
FRANÇA	2007	13,9	56º
DINAMARCA	2006	13,4	57º
MAURÍCIO	2008	13,4	58º
ARGENTINA	2007	13,3	59º
ILHAS VIRGENS-EEUU	2005	13,3	60º
RÚSSIA	2006	13,0	61º
HUNGRIA	2008	12,7	62º
ALEMANHA	2006	12,3	63º
CHILE	2005	12,0	64º
ÁFRICA DO SUL	2007	11,7	65º
FINLÂNDIA	2008	11,7	66º
URUGUAI	2004	11,3	67º
IRLANDA	2008	10,7	68º
REINO UNIDO	2007	10,6	69º
NICARÁGUA	2005	10,5	70º
INGLATERRA E GALES	2007	10,1	71º
ESCÓCIA	2008	9,8	72º
EGITO	2008	9,7	73º
ALBÂNIA	2004	9,7	74º
SUÉCIA	2007	9,5	75º
REP. DA	2006	9,1	76º
ISRAEL	2007	9,0	77º
SUIÇA	2007	8,7	78º
CUBA	2007	8,1	79º
CINGAPURA	2006	8,0	80º
NORUEGA	2007	7,8	81º
ANTÍGUA E BARBUDA	2006	7,5	82º
HOLANDA	2008	6,8	83º
ISLÂNDIA	2008	6,4	84º
ARMÊNIA	2006	5,9	85º
UZBEQUISTÃO	2005	5,6	86º
JAPÃO	2008	5,3	87º
MALTA	2008	5,2	88º
GRANADA	2005	4,7	89º
TAJIKISTÃO	2005	2,6	90º
GUATEMALA	2006	2,2	91º
RAE DE HONG KONG	2007	1,8	92º
MALDIVAS	2005	1,3	93º
AZERBAIJÃO	2007	0,9	94º
RODRIGUES	2008	0,0	95º
S. CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	0,0	95º
SAN MARINO	2005	0,0	95º
SEYHELLES	2005	0,0	95º
ST. PIERRE E MIQUELON	2006	0,0	95º
PORTUGAL	2005	s/d	

Fontes: Mortalidade: Whosis Mortality Databases (Brasil: SIM/SVS/MS).
População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division.

4.9. Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte

Existe uma imagem difundida, reforçada por diversos casos apresentados na mídia, de que as novas formas de violência juvenil seriam também manifestadas no trânsito na forma de “pegas” de adolescentes ou jovens “irresponsáveis” que usam os carros dos pais sem habilitação ou condições etc. Esse tema aflorou também nas discussões da nova Lei de Trânsito, quando tratada a idade mínima para se obter Carteira de Habilitação. Se essa facilidade dos jovens de matar ou morrer no trânsito fosse real, ou generalizada no país, deveríamos ter elevadas taxas de vitimização juvenil. No entanto, os dados não parecem indicar isso.

Como foi esclarecido no capítulo anterior, referente a homicídios, para verificar em que medida existe concentração de mortalidade por acidentes de transporte na faixa jovem, indicativo da provável existência de problemas nesse setor, foi proposto um Índice de Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte. Esse índice relaciona a taxa de óbitos por acidentes de transporte da população de 15 a 24 anos de idade e as taxas correspondentes ao restante da população: considerada não jovem: a que ainda não chegou à juventude (a população de 0 a 14 anos) ou a que já passou dessa faixa (acima de 25 anos de idade). Quanto maior for o Índice de Vitimização, maior concentração de mortes na população jovem. Se esse índice for próximo de 100, a mortalidade atinge por igual tanto a faixa jovem quanto o resto da população. Índices menores de 100 indicam que a juventude encontra-se relativamente preservada e protegida, enquanto os acidentes de transporte incidem de forma mais pesada nas outras faixas etárias.

A Tabela 4.9.1 permite acompanhar a evolução desse índice na década 1998/2008. Podemos ver que até 2004 os índices de vitimização juvenil foram muito baixos: entre 10 e 17% a mais que na população não jovem. O *Mapa da violência: os jovens do Brasil de, 2006*,³² já detectava essa situação. Colocou-se nesse estudo, com dados até 2004:

Contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistem um quadro significativo de vitimização juvenil (...). Também não parece ser um fenômeno típico das grandes metrópoles. As taxas das UFs encontram-se bem próximas às das capitais e das Regiões Metropolitanas (...). Uma revisão das taxas internacionais (...) parece corroborar nossas afirmações sobre os baixos níveis de vitimização juvenil no Brasil, no tocante a acidentes de transporte. (...) podemos perceber que nossas taxas de vitimização juvenil (11,7%) são relativamente baixas, quando comparadas às de outros países do mundo, o que nos coloca, neste campo, na posição 44 entre os 84 países aqui analisados.

32. WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2006: os jovens do Brasil*. Brasília, OEI. 2006.

Tabela 4.9.1. Taxas de Óbito por Acidente de Transporte Jovem, Não Jovem e Índice de Vitimização. Brasil, 1998/2008.

INDICADOR	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
TAXA JOVEM	20,8	19,9	19,0	19,4	21,5	21,1	22,3	23,0	24,0	25,2	25,7
TAXA NÃO JOVEM	18,7	17,8	17,1	17,7	18,4	18,4	19,3	19,1	19,0	19,2	19,6
ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO	111	112	111	110	117	115	116	120	126	131	131

Fonte: SIM/SVS/MS

Entretanto, se isso acontecia até 2004, a partir desse ano os índices apontam um crescimento moderado, mas preocupante, da vitimização juvenil. Se o índice era de 116 em 2004, em 2008 já passou a 131, isto é, 31% a mais de vítimas juvenis. Tentar qualificar melhor esse fenômeno, onde acontece e com que intensidade, é a finalidade do restante deste item.

As Tabelas 4.9.2 e 4.9.3 permitem verificar a situação da vitimização dos jovens nas UFs e nas Capitais dos Estados. Pelos dados contidos nessas tabelas, é possível constatar que:

- a. Contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistem um quadro significativo de vitimização juvenil. Efetivamente, as taxas de vitimização de 15,1% para as UFs, de 14,3% para as capitais e de 19,6% para as Regiões Metropolitanas podem ser consideradas baixas, colocando as vítimas não jovens em um patamar próximo ao das vítimas não jovens.
- b. Também não parece ser um fenômeno típico das grandes metrópoles. As taxas das UFs encontram-se bem próximas às das capitais e das Regiões Metropolitanas.
- c. Se os índices globais do país apontam a inexistência de diferenças marcadas de vitimização juvenil, as taxas apresentam uma elevada variabilidade entre as regiões e as UFs do país, o que indica a presença de problemas focalizados em algumas regiões ou estados.

Tabela 4.9.2. Vitimização Juvenil por Óbitos em Acidentes de Transporte. UF e Regiões (2004).

UF/ REGIÃO	TAXAS DE ÓBITO		ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO
	JOVEM	NÃO JOVEM	
ACRE	14,7	14,0	5,0
AMAZONAS	11,3	13,5	-16,3
AMAPÁ	25,0	20,5	22,0
PARÁ	14,8	13,3	11,6
RONDÔNIA	28,5	25,4	12,1
RORAIMA	16,4	25,0	-34,4
TOCANTINS	37,6	37,6	0,1
NORTE	17,9	17,4	2,7
ALAGOAS	21,0	18,9	11,0
BAHIA	9,7	9,8	-1,0
CEARÁ	22,9	21,1	8,4
MARANHÃO	12,9	12,9	-0,3
PARAÍBA	23,2	17,3	34,1
PERNAMBUCO	18,3	17,0	7,5
PIAUI	21,2	19,4	9,3
RIO GRANDE DO NORTE	15,5	14,8	4,8
SERGIPE	25,8	23,3	10,5
NORDESTE	16,7	15,6	6,8
ESPIRITO SANTO	28,8	25,9	11,3
MINAS GERAIS	20,1	18,4	9,2
RIO DE JANEIRO	21,0	19,1	10,0
SÃO PAULO	22,3	16,9	32,0
SUDESTE	21,8	18,1	20,6
PARANÁ	36,6	30,1	21,9
RIO GRANDE DO SUL	22,5	19,3	16,4
SANTA CATARINA	45,8	29,1	57,2
SUL	33,2	25,5	30,1
DISTRITO FEDERAL	26,0	26,2	-1,0
GOIÁS	30,7	30,0	2,2
MATO GROSSO DO SUL	33,2	31,9	4,0
MATO GROSSO	40,2	33,6	19,9
CENTRO-OESTE	32,3	30,5	5,9
BRASIL	22,3	19,3	15,1

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 4.9.3. Vitimização Juvenil por Óbitos em Acidentes de Transporte. Capitais (2004).

CAPITAIS/ REGIÃO	TAXAS DE ÓBITO		ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO
	JOVEM	NÃO JOVEM	
BELÉM	17,3	18,8	-7,9
BOA VISTA	15,7	23,2	-32,6
MACAPÁ	38,4	27,9	37,4
MANAUS	16,4	20,7	-21,1
PALMAS	24,6	42,6	-42,2
PORTO VELHO	34,8	34,3	1,3
RIO BRANCO	19,0	21,5	-11,9
NORTE	20,3	22,9	-11,3
ARACAJU	37,6	43,3	-13,1
FORTALEZA	23,8	27,5	-13,4
JOÃO PESSOA	31,1	27,0	15,3
MACEIÓ	26,6	26,1	2,1
NATAL	11,3	13,6	-16,9
RECIFE	39,3	36,2	8,4
SALVADOR	6,1	5,4	11,7
SÃO LUÍS	22,0	19,8	11,2
TERESINA	33,9	38,2	-11,5
NORDESTE	22,3	23,2	-3,7
BELO HORIZONTE	28,4	25,5	11,2
RIO DE JANEIRO	21,9	17,7	24,0
SÃO PAULO	19,6	12,0	63,8
VITÓRIA	50,6	52,8	-4,1
SUDESTE	21,9	16,0	37,1
CURITIBA	38,6	29,9	29,1
FLORIANÓPOLIS	25,9	27,3	-5,1
PORTO ALEGRE	23,7	23,4	1,7
SUL	31,4	27,0	16,6
BRASÍLIA	26,0	26,2	-1,0
CAMPO GRANDE	30,8	30,5	0,9
CUIABÁ	34,1	29,1	17,2
GOIÂNIA	56,3	46,7	20,5
CENTRO-OESTE	35,2	32,4	8,8
BRASIL (CAPITAIS)	24,1	21,1	14,3

Fonte: SIM/SVS/MS

- d. As regiões Sudeste (20,6) e Sul (30,1%) apresentam as maiores taxas de vitimização juvenil do país, o que deveria levar a um diagnóstico mais acurado da situação nessas regiões.
- e. São Paulo, Mato Grosso e, principalmente, Santa Catarina, pelos seus elevados índices, são estados que já apresentam níveis mais que moderados de vitimização de jovens.
- f. Entre as capitais, destacam-se e preocupam pelos seus elevados índices: São Paulo, Macapá, Rio de Janeiro e Curitiba, incluindo aqui as Regiões Metropolitanas de São Paulo e de Curitiba.

**Tabela 4.9.4. Vitimização Juvenil por Óbitos em Acidentes de Transporte.
Regiões Metropolitanas (2004).**

REGIÃO METROPOLITANA	TAXAS DE ÓBITO		ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO
	JOVEM	NÃO JOVEM	
BELÉM	13,4	15,2	-11,7
BELO HORIZONTE	20,9	18,9	10,3
CURITIBA	31,6	25,4	24,4
FORTALEZA	20,8	23,2	-10,3
PORTO ALEGRE	20,9	18,4	13,6
RECIFE	19,8	19,6	1,1
RIO DE JANEIRO	18,7	15,6	20,1
SALVADOR	5,2	5,1	2,0
SÃO PAULO	18,1	11,7	54,3
VITÓRIA	23,8	26,8	-11,4
TOTAL	18,76	15,68	19,6

Fonte: SIM/SVS/MS

5. SUICÍDIOS

5.1. Evolução dos Suicídios nas Unidades Federadas

Entre os anos 1998 e 2008, o total de suicídios no país passa de 6.985 para 9.328, o que representa um aumento de 33,5%. Esse aumento foi superior ao da população do país no mesmo período, que foi de 17,8%, ao dos homicídios que cresceram 19,5% e ao dos óbitos por acidentes de transporte, 26,5%.

Destaca-se a região Nordeste de forma preocupante, cujos suicídios passaram de 1.049 para 2.199 – mais que duplicaram no período ao crescer 109%. Nessa região, três unidades – Paraíba, Piauí e Sergipe – mais que triplicam seus quantitativos. Bahia, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte mais que duplicam.

Também nas regiões Norte e Centro-Oeste o aumento dos suicídios foi elevado. Na região Norte, o foco foram os estados de Tocantins, Amapá e Acre, onde os suicídios mais que duplicam. No Centro-Oeste o foco foi Goiás, cujos suicídios aumentam 88,6%. As regiões Sul e Sudeste tiveram crescimento abaixo da média nacional, sendo Minas Gerais o único estado dessas duas regiões a evidenciar crescimento relevante: 78%

Entre os jovens, esse aumento foi bem menor: 22,6%, passando de 1.454 para 1.783 suicídios entre 1998 e 2008. Regionalmente, o crescimento foi bem semelhante ao da população total, mas com situações estaduais muito diferenciadas. Essas situações vão desde o Amapá, que quintuplica seu número de suicidas jovens ou Maranhão, que mais que quadriplica, até estados como Espírito Santo, onde os suicídios caem 37%. Neste aspecto, deve-se apontar que foram 5 os estados que apresentam queda absoluta nos números de suicídios, o que torna o panorama nacional bem complexo e heterogêneo.

Considerando a população (Tabelas 5.1.3 e 5.1.4), temos que o país passou de 4,2 a 4,9 suicidas em 100 mil habitantes e de 4,4 para 5,1 suicidas em 100 mil jovens na década analisada. Vemos que a maior concentração de suicídios encontra-se na região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul e na região Centro-Oeste, principalmente no estado de Mato Grosso do Sul.

Tabela 5.1.1. Número de Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: UFs e Regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
ACRE	16	7	27	30	22	26	26	19	25	36	33	106,3
AMAZONAS	80	54	77	94	80	91	98	91	98	129	147	83,8
AMAPÁ	13	11	16	30	35	35	38	40	25	26	31	138,5
PARÁ	181	96	117	146	139	137	135	167	158	179	217	19,9
RONDÔNIA	64	61	78	74	45	53	63	64	65	41	76	18,8
RORAIMA	20	27	22	17	19	20	26	27	34	43	31	55,0
TOCANTINS	32	33	36	42	49	72	64	68	71	89	84	162,5
NORTE	406	289	373	433	389	434	450	476	476	543	619	52,5
ALAGOAS	76	67	71	98	83	68	95	78	97	109	105	38,2
BAHIA	145	154	200	234	233	295	261	356	387	419	380	162,1
CEARÁ	266	304	273	376	459	420	457	539	492	523	542	103,8
MARANHÃO	67	65	67	106	116	88	96	111	156	155	175	161,2
PARAIBA	50	58	36	44	77	80	93	104	131	135	156	212,0
PERNAMBUCO	275	267	275	269	255	295	290	311	295	379	363	32,0
PIAUI	69	51	77	115	127	140	161	153	181	214	222	221,7
RIO GRANDE DO NORTE	67	86	85	112	106	148	117	158	145	132	147	119,4
SERGIPE	34	38	50	73	83	86	80	84	77	101	109	220,6
NORDESTE	1.049	1.090	1.134	1.427	1.539	1.620	1.650	1.894	1.961	2.167	2.199	109,6
ESPIRITO SANTO	124	95	107	117	126	152	149	166	159	136	149	20,2
MINAS GERAIS	590	503	595	797	794	941	906	986	1.017	1.023	1.050	78,0
RIO DE JANEIRO	379	316	391	459	465	360	398	430	404	353	344	-9,2
SÃO PAULO	1.752	1.549	1.421	1.638	1.554	1.556	1.534	1.625	1.726	1.709	1.854	5,8
SUDESTE	2.845	2.463	2.514	3.011	2.939	3.009	2.987	3.207	3.306	3.221	3.397	19,4
PARANÁ	663	594	583	666	582	590	669	673	591	632	599	-9,7
RIO GRANDE DO SUL	1.083	1.092	1.021	1.039	1.033	1.032	1.052	1.077	1.151	1.102	1.163	7,4
SANTA CATARINA	403	387	429	456	432	410	422	449	386	453	489	21,3
SUL	2.149	2.073	2.033	2.161	2.047	2.032	2.143	2.199	2.128	2.187	2.251	4,7
DISTRITO FEDERAL	98	84	90	88	110	93	106	112	129	122	132	34,7
GOIÁS	193	262	323	324	371	325	327	318	275	289	364	88,6
MATO GROSSO DO SUL	112	145	170	139	167	189	193	193	195	184	182	62,5
MATO GROSSO	133	124	141	146	153	159	161	151	169	155	184	38,3
CENTRO-OESTE	536	615	724	697	801	766	787	774	768	750	862	60,8
BRASIL	6.985	6.530	6.778	7.729	7.715	7.861	8.017	8.550	8.639	8.868	9.328	33,5

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.1.2. Número de Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UFs e Regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
ACRE	3	3	12	12	8	7	11	5	7	11	4	33,3
AMAZONAS	37	17	28	40	36	33	25	36	35	65	59	59,5
AMAPÁ	3	7	10	16	16	17	16	15	11	10	15	400,0
PARÁ	69	35	41	50	56	50	49	50	44	44	73	5,8
RONDÔNIA	22	17	21	22	15	16	20	20	11	10	24	9,1
RORAIMA	8	15	8	8	11	5	12	9	15	16	14	75,0
TOCANTINS	10	8	15	10	9	17	16	17	17	26	21	110,0
NORTE	152	102	135	158	151	145	149	152	140	182	210	38,2
ALAGOAS	18	20	14	33	29	15	20	19	28	21	29	61,1
BAHIA	34	35	39	47	56	54	54	69	72	72	56	64,7
CEARÁ	61	67	69	85	99	112	106	122	110	114	110	80,3
MARANHÃO	12	20	21	40	37	28	27	25	40	39	56	366,7
PARAÍBA	12	16	8	11	16	20	12	19	27	28	29	141,7
PERNAMBUCO	57	65	58	66	63	87	64	69	73	73	84	47,4
PIAUI	15	8	16	29	35	40	50	42	33	47	56	273,3
RIO GRANDE DO NORTE	11	18	15	21	25	22	20	29	31	25	29	163,6
SERGIPE	9	11	17	10	17	21	13	17	20	30	18	100,0
NORDESTE	229	260	257	342	377	399	366	411	434	449	467	103,9
ESPÍRITO SANTO	27	20	11	29	25	27	29	20	24	19	17	-37,0
MINAS GERAIS	129	126	115	163	171	178	190	155	187	175	187	45,0
RIO DE JANEIRO	45	56	53	77	77	60	61	68	49	52	38	-15,6
SÃO PAULO	367	310	257	332	304	331	286	293	327	287	301	-18,0
SUDESTE	568	512	436	601	577	596	566	536	587	533	543	-4,4
PARANÁ	148	133	136	147	117	127	156	142	116	120	124	-16,2
RIO GRANDE DO SUL	165	168	155	145	146	148	165	159	161	117	162	-1,8
SANTA CATARINA	61	57	65	76	74	57	64	69	63	72	75	23,0
SUL	374	358	356	368	337	332	385	370	340	309	361	-3,5
DISTRITO FEDERAL	30	25	24	32	29	19	23	20	32	33	33	10,0
GOIÁS	45	54	75	64	76	72	80	76	60	56	63	40,0
MATO GROSSO DO SUL	29	43	57	52	54	59	64	57	59	56	62	113,8
MATO GROSSO	27	30	42	35	36	49	45	30	28	28	44	63,0
CENTRO-OESTE	131	152	198	183	195	199	212	183	179	173	202	54,2
BRASIL	1.454	1.384	1.382	1.652	1.637	1.671	1.678	1.652	1.680	1.646	1.783	22,6

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.1.3. Taxas de Suicídio (em 100 Mil). Faixa Etária: População Total. Local: UFs e Regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
ACRE	3,0	1,3	4,8	5,2	3,7	4,3	4,2	2,8	3,6	5,1	4,9	61,7
AMAZONAS	3,0	2,0	2,7	3,2	2,7	3,0	3,2	2,8	3,0	5,8	4,4	46,7
AMAPÁ	3,0	2,4	3,4	6,0	6,8	6,5	6,9	6,7	4,1	4,1	5,1	70,0
PARÁ	3,1	1,6	1,9	2,3	2,2	2,1	2,0	2,4	2,2	2,5	3,0	-4,4
RONDÔNIA	4,8	4,5	5,7	5,3	3,1	3,6	4,3	4,2	4,2	2,6	5,1	6,0
RORAIMA	6,7	8,6	6,8	5,0	5,5	5,6	7,1	6,9	8,4	10,4	7,5	12,1
TOCANTINS	2,9	2,9	3,1	3,5	4,1	5,9	5,1	5,2	5,3	6,5	6,6	126,2
NORTE	3,3	2,3	2,9	3,3	2,9	3,1	3,2	3,2	3,2	3,5	4,1	23,9
ALAGOAS	2,8	2,4	2,5	3,4	2,9	2,3	3,2	2,6	3,2	3,5	3,4	19,9
BAHIA	1,1	1,2	1,5	1,8	1,7	2,2	1,9	2,6	2,8	3,0	2,6	138,2
CEARÁ	3,7	4,2	3,7	5,0	6,0	5,4	5,8	6,7	6,0	6,3	6,4	73,3
MARANHÃO	1,2	1,2	1,2	1,8	2,0	1,5	1,6	1,8	2,5	2,5	2,8	131,3
PARAÍBA	1,5	1,7	1,0	1,3	2,2	2,3	2,6	2,9	3,6	3,7	4,2	177,9
PERNAMBUCO	3,6	3,4	3,5	3,4	3,2	3,6	3,5	3,7	3,5	4,4	4,2	15,4
PIAUI	2,5	1,8	2,7	4,0	4,4	4,8	5,5	5,1	6,0	7,0	7,1	184,6
RIO GRANDE DO NORTE	2,5	3,1	3,1	4,0	3,7	5,1	4,0	5,3	4,8	4,3	4,7	89,3
SERGIPE	2,0	2,2	2,8	4,0	4,5	4,6	4,2	4,3	3,8	5,0	5,5	172,6
NORDESTE	2,3	2,3	2,4	3,0	3,2	3,3	3,3	3,7	3,8	4,2	4,1	80,1
ESPÍRITO SANTO	4,2	3,1	3,5	3,7	3,9	4,7	4,5	4,9	4,6	3,9	4,3	2,7
MINAS GERAIS	3,4	2,8	3,3	4,4	4,3	5,1	4,8	5,1	5,2	5,2	5,3	55,6
RIO DE JANEIRO	2,7	2,2	2,7	3,2	3,2	2,4	2,6	2,8	2,6	2,2	2,2	-19,7
SÃO PAULO	4,9	4,3	3,8	4,4	4,1	4,0	3,9	4,0	4,2	4,1	4,5	-7,7
SUDESTE	4,0	3,5	3,5	4,1	3,9	4,0	3,9	4,1	4,2	4,0	4,2	5,9
PARANÁ	7,1	6,3	6,1	6,9	5,9	6,0	6,7	6,6	5,7	6,0	5,7	-20,3
RIO GRANDE DO SUL	10,9	10,8	10,0	10,1	9,9	9,8	9,9	9,9	10,5	9,9	10,7	-1,7
SANTA CATARINA	7,8	7,3	8,0	8,4	7,8	7,3	7,4	7,7	6,5	7,5	8,1	3,6
SUL	8,8	8,4	8,1	8,5	8,0	7,8	8,1	8,2	7,8	7,9	8,2	-7,0
DISTRITO FEDERAL	5,0	4,2	4,4	4,2	5,1	4,2	4,7	4,8	5,4	5,0	5,2	3,2
GOIÁS	4,0	5,4	6,5	6,3	7,1	6,1	6,1	5,7	4,8	4,9	6,2	55,7
MATO GROSSO DO SUL	5,6	7,1	8,2	6,6	7,8	8,7	8,8	8,5	8,5	7,9	7,8	39,3
MATO GROSSO	5,5	5,1	5,6	5,7	5,9	6,0	6,0	5,4	5,9	5,3	6,2	12,7
CENTRO-OESTE	4,8	5,4	6,2	5,9	6,6	6,2	6,3	5,9	5,8	5,5	6,3	31,1
BRASIL	4,2	3,9	4,0	4,5	4,4	4,4	4,5	4,6	4,6	4,7	4,9	17,1

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.1.4. Taxas de Suicídio (em 100 Mil). Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UFs e Regiões. Brasil, 1998/2008.

UF/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
ACRE	2,6	2,5	9,7	9,4	6,2	5,3	8,1	3,5	4,9	7,6	2,9	10,7
AMAZONAS	6,3	2,8	4,5	6,2	5,5	4,9	3,6	5,1	5,0	9,2	8,5	34,9
AMAPÁ	3,1	6,9	9,4	14,3	13,8	14,2	12,9	11,7	8,4	7,5	11,6	274,2
PARÁ	5,4	2,7	3,0	3,6	4,0	3,5	3,3	3,3	2,9	2,9	4,8	-11,3
RONDÔNIA	7,8	5,9	7,1	7,3	4,9	5,2	6,3	6,4	3,5	3,2	8,0	2,2
RORAIMA	12,4	22,3	11,4	11,0	14,7	6,5	15,1	10,9	18,0	18,9	16,9	36,3
TOCANTINS	4,3	3,3	6,0	3,9	3,5	6,4	5,9	6,2	6,2	9,4	8,0	86,7
NORTE	5,7	3,7	4,8	5,4	5,1	4,8	4,8	4,8	4,4	5,7	6,7	17,7
ALAGOAS	3,1	3,3	2,3	5,4	4,7	2,4	3,2	3,1	4,6	3,5	4,7	51,9
BAHIA	1,2	1,3	1,3	1,6	1,9	1,8	1,8	2,4	2,5	2,6	2,0	64,8
CEARÁ	4,2	4,5	4,6	5,6	6,4	7,1	6,7	7,4	6,6	6,9	6,5	53,6
MARANHÃO	1,0	1,6	1,7	3,1	2,9	2,1	2,0	1,8	3,0	2,9	4,1	313,4
PARAÍBA	1,7	2,3	1,1	1,5	2,2	2,7	1,6	2,6	3,7	3,9	3,9	130,9
PERNAMBUCO	3,5	4,0	3,5	4,0	3,7	5,1	3,7	4,1	4,4	4,4	5,0	43,4
PIAUI	2,5	1,3	2,6	4,6	5,5	6,3	7,8	6,5	5,1	7,4	8,7	248,9
RIO GRANDE DO NORTE	2,0	3,2	2,6	3,6	4,3	3,7	3,3	4,8	5,1	4,1	4,7	137,1
SERGIPE	2,5	2,9	4,5	2,6	4,3	5,2	3,2	4,1	4,9	7,4	4,6	83,8
NORDESTE	2,3	2,6	2,5	3,3	3,6	3,8	3,4	3,9	4,1	4,3	4,4	92,2
ESPÍRITO SANTO	4,4	3,2	1,7	4,5	3,8	4,1	4,3	3,0	3,6	2,9	2,7	-38,5
MINAS GERAIS	3,7	3,6	3,2	4,5	4,7	4,8	5,1	4,3	5,2	4,9	5,3	42,2
RIO DE JANEIRO	1,8	2,2	2,0	2,9	2,9	2,2	2,2	2,6	1,9	2,0	1,5	-16,0
SÃO PAULO	5,3	4,4	3,6	4,6	4,1	4,4	3,8	4,0	4,5	4,0	4,4	-17,7
SUDESTE	4,2	3,7	3,1	4,2	4,0	4,1	3,8	3,8	4,2	3,8	4,0	-4,9
PARANÁ	8,3	7,4	7,5	8,0	6,3	6,7	8,2	7,6	6,2	6,4	6,6	-21,1
RIO GRANDE DO SUL	9,3	9,3	8,5	7,9	7,8	7,9	8,7	8,4	8,5	6,3	8,9	-4,5
SANTA CATARINA	6,2	5,7	6,4	7,4	7,1	5,4	5,9	6,4	5,9	6,7	6,9	11,3
SUL	8,2	7,8	7,6	7,8	7,1	6,9	7,9	7,6	7,0	6,4	7,5	-8,3
DISTRITO FEDERAL	6,9	5,6	5,2	6,8	6,0	3,9	4,6	4,3	7,0	7,2	7,0	0,9
GOIÁS	4,6	5,4	7,3	6,1	7,1	6,6	7,2	7,2	5,7	5,3	5,9	28,8
MATO GROSSO DO SUL	7,3	10,6	13,8	12,4	12,7	13,7	14,6	13,1	13,6	12,9	14,3	95,9
MATO GROSSO	5,4	5,9	8,0	6,5	6,6	8,8	8,0	5,4	5,1	5,1	7,8	44,4
CENTRO-OESTE	5,6	6,4	8,2	7,4	7,7	7,8	8,1	7,3	7,2	6,9	8,0	42,0
BRASIL	4,4	4,1	4,1	4,8	4,7	4,7	4,7	4,7	4,8	4,7	5,1	17,0

Fonte: SIM/DATASUS

A Tabela 5.1.5 apresenta as UFs segundo sua taxa de suicídio no total da população e entre jovens. Tanto o Rio Grande do Sul, no total, quanto Roraima, entre os jovens, continuam, depois de uma década, encabeçando os ordenamentos.

**Tabela 5.1.5. Ordenamento das UFs por Taxas de Suicídio (em 100 Mil)
na População Total e na População Jovem. Brasil, 1998/2008.**

POPULAÇÃO TOTAL					POPULAÇÃO JOVEM				
UF	1998		2008		UF	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.		TAXA	POS.	TAXA	POS.
RIO GRANDE DO SUL	10,9	1º	10,7	1º	RORAIMA	12,4	1º	16,9	1º
SANTA CATARINA	7,8	2º	8,1	2º	MATO GROSSO DO SUL	7,3	5º	14,3	2º
MATO GROSSO DO SUL	5,6	5º	7,8	3º	AMAPÁ	3,1	18º	11,6	3º
RORAIMA	6,7	4º	7,5	4º	RIO GRANDE DO SUL	9,3	2º	8,9	4º
PIAUI	2,5	22º	7,1	5º	PIAUI	2,5	21º	8,7	5º
TOCANTINS	2,9	19º	6,6	6º	AMAZONAS	6,3	7º	8,5	6º
CEARÁ	3,7	12º	6,4	7º	TOCANTINS	4,3	14º	8,0	7º
GOIÁS	4,0	11º	6,2	8º	RONDÔNIA	7,8	4º	8,0	8º
MATO GROSSO	5,5	6º	6,2	9º	MATO GROSSO	5,4	10º	7,8	9º
PARANÁ	7,1	3º	5,7	10º	DISTRITO FEDERAL	6,9	6º	7,0	10º
SERGIPE	2,0	24º	5,5	11º	SANTA CATARINA	6,2	8º	6,9	11º
MINAS GERAIS	3,4	14º	5,3	12º	PARANÁ	8,3	3º	6,6	12º
DISTRITO FEDERAL	5,0	7º	5,2	13º	CEARÁ	4,2	15º	6,5	13º
AMAPÁ	3,0	18º	5,1	14º	GOIÁS	4,6	12º	5,9	14º
RONDÔNIA	4,8	9º	5,1	15º	MINAS GERAIS	3,7	16º	5,3	15º
ACRE	3,0	16º	4,9	16º	PERNAMBUCO	3,5	17º	5,0	16º
RIO GRANDE DO NORTE	2,5	23º	4,7	17º	PARÁ	5,4	9º	4,8	17º
SÃO PAULO	4,9	8º	4,5	18º	RIO GRANDE DO NORTE	2,0	23º	4,7	18º
AMAZONAS	3,0	17º	4,4	19º	ALAGOAS	3,1	19º	4,7	19º
ESPIRITO SANTO	4,2	10º	4,3	20º	SERGIPE	2,5	22º	4,6	20º
PARAÍBA	1,5	25º	4,2	21º	SÃO PAULO	5,3	11º	4,4	21º
PERNAMBUCO	3,6	13º	4,2	22º	MARANHÃO	1,0	27º	4,1	22º
ALAGOAS	2,8	20º	3,4	23º	PARAÍBA	1,7	25º	3,9	23º
PARÁ	3,1	15º	3,0	24º	ACRE	2,6	20º	2,9	24º
MARANHÃO	1,2	26º	2,8	25º	ESPIRITO SANTO	4,4	13º	2,7	25º
BAHIA	1,1	27º	2,6	26º	BAHIA	1,2	26º	2,0	26º
RIO DE JANEIRO	2,7	21º	2,2	27º	RIO DE JANEIRO	1,8	24º	1,5	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

Mas, ao longo da década, aconteceram diversas mudanças.

a. Na população total:

- Nos primeiros lugares, conserva-se distribuição muito semelhante à observada em 1998, com Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Roraima com os índices elevados.
- Unidades Federadas que na década passada apresentavam índices de suicídios relativamente baixos, como Piauí, Tocantins e Sergipe, apresentam fortes incrementos.

- Outros estados, como Espírito Santo e Pernambuco, conservando índices mais ou menos semelhantes aos de 10 anos atrás, veem sua posição mudar drasticamente, mais pelas mudanças observadas em outros estados do que em alterações internas.

b. Entre os jovens:

- Observam-se mudanças mais significativas do que na população total. Caso do Amapá ou do Piauí, com crescimento muito forte.
- De forma inversa, estados como São Paulo e Espírito Santo evidenciam quedas também significativas.

5.2. Evolução dos Suicídios nas Capitais

Nas capitais, o crescimento dos suicídios no período 1998/2008 foi bem menor do que nos estados como um todo: 33,5% para os estados e 7,7% para as capitais. Na população jovem, essa diferença é maior ainda: 22,6% de aumento nos estados e 8,4% de queda nas capitais. Esse contraste nos indica, primariamente, que os polos dinâmicos do suicídio encontram-se fora das capitais e como veremos no próximo item, também fora das grandes regiões metropolitanas, formando parte de um fenômeno global que desde mapas anteriores denominamos “interiorização da violência”. Também vemos que nas capitais o total de suicídios cresceu bem mais do que os da faixa jovem (7,7% de crescimento na população total e queda de 8,4% nos jovens). Mas temos crescimento de suicídios juvenis em Macapá, São Luís e Cuiabá, que mais que triplicam seus índices.

Observando as taxas (em 100 mil) que permitem relacionar os quantitativos de suicídio com a base populacional, temos o detalhamento das Tabelas 5.2.3 e 5.2.4.

Em primeiro lugar, vemos que as taxas juvenis das capitais (5,3 suicídios em 100 mil jovens) ainda são levemente maiores que as da população total: 4,7 em 100 mil.

Já a Tabela 5.2.5 permite visualizar o ordenamento das capitais segundo sua taxa de suicídio total e o da população jovem. Em primeiro lugar, algumas capitais apresentam taxas de suicídio juvenis extremamente elevadas, como o caso de Boa Vista, Teresina, Porto Velho, Macapá e Palmas que superam a barreira dos 10 suicídios em 100 mil jovens.

Por outro lado, há grandes flutuações na década analisada. Capitais que apresentavam elevados índices de suicídio na década passada, como Belo Horizonte e Curitiba, no final da década mostram baixos níveis relativos. O contrário acontece com Teresina ou Macapá nos suicídios jovens: pulam de uma relativa tranquilidade para os primeiros lugares.

Tabela 5.2.1. Número de Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
BELÉM	108	23	48	58	56	45	22	35	35	35	36	-66,7
BOA VISTA	16	16	18	10	11	11	14	14	20	22	15	-6,3
MACAPÁ	7	6	13	23	26	22	26	26	19	15	16	128,6
MANAUS	69	42	63	67	48	60	67	52	65	72	91	31,9
PALMAS	3	2	9	7	9	8	7	6	12	18	13	333,3
PORTO VELHO	15	12	13	15	12	16	16	18	22	15	25	66,7
RIO BRANCO	12	7	20	26	18	19	18	9	10	18	19	583,3
NORTE	230	108	184	206	180	181	170	160	183	195	215	-6,5
ARACAJU	16	13	24	39	31	47	30	32	33	44	43	168,8
FORTALEZA	74	98	81	105	180	152	158	200	167	175	169	128,4
JOÃO PESSOA	18	14	9	14	21	23	26	34	37	24	36	100,0
MACEIÓ	31	22	14	47	18	23	32	21	44	36	43	38,7
NATAL	20	19	15	19	11	45	13	18	21	11	12	-40,0
RECIFE	83	76	92	88	68	85	68	81	81	102	92	10,8
SALVADOR	8	3	15	15	16	35	16	85	65	57	13	62,5
SÃO LUÍS	21	30	29	42	42	25	29	27	43	34	41	95,2
TÉRESINA	41	30	33	47	57	49	72	42	48	57	77	87,8
NORDESTE	342	341	312	416	444	484	444	540	539	540	526	53,8
BELO HORIZONTE	135	99	104	137	127	128	114	115	116	118	104	-23,0
RIO DE JANEIRO	130	79	159	242	219	156	149	165	155	135	140	7,7
SÃO PAULO	571	500	412	461	353	427	417	461	504	509	520	-8,9
VITÓRIA	15	15	19	13	22	12	21	24	15	17	16	6,7
SUDESTE	851	693	694	853	721	723	701	765	790	779	780	-8,3
CURITIBA	104	77	63	99	79	88	109	96	109	78	85	-18,3
FLORIANÓPOLIS	28	25	27	20	19	20	16	26	30	27	25	-10,7
PORTO ALEGRE	156	121	123	110	105	115	99	88	130	100	122	-21,8
SUL	288	223	213	229	203	223	224	210	269	205	232	-19,4
BRASÍLIA	99	84	90	88	110	93	106	112	129	122	132	33,3
CAMPO GRANDE	32	30	37	30	37	36	48	43	44	34	35	9,4
CUIABÁ	9	13	19	6	19	32	32	20	17	21	26	188,9
GOIÂNIA	51	69	94	85	118	88	106	85	84	76	103	102,0
CENTRO-OESTE	191	196	240	209	284	249	292	260	274	253	296	55,0
BRASIL	1.902	1.561	1.643	1.913	1.832	1.860	1.831	1.935	2.055	1.972	2.049	7,7

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.2.2. Número de Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais e Regiões. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
BELÉM	38	11	19	17	19	17	2	13	10	10	11	-71,1
BOA VISTA	8	6	7	5	7	4	6	4	6	6	8	0,0
MACAPÁ	3	4	7	11	10	11	12	9	8	6	9	200,0
MANAUS	32	14	24	28	19	21	16	16	21	34	33	3,1
PALMAS	2	1	5	2	2	3	2	2	-	8	4	100,0
PORTO VELHO	6	6	2	8	5	4	4	9	4	5	10	66,7
RIO BRANCO	2	3	10	12	5	5	7	1	4	5	0	-100,0
NORTE	91	45	74	83	67	65	49	54	53	74	75	-17,6
ARACAJU	3	4	7	6	8	15	5	8	11	13	7	133,3
FORTALEZA	22	27	27	29	38	47	38	41	34	33	30	36,4
JOÃO PESSOA	5	5	2	4	5	8	8	5	8	4	4	-20,0
MACEIÓ	5	9	1	19	6	6	5	6	8	7	11	120,0
NATAL	7	3	3	5	4	4	3	7	7	3	3	-57,1
RECIFE	17	12	14	21	19	25	14	19	19	23	15	-11,8
SALVADOR	2	0	3	3	2	8	5	21	15	1	0	-100,0
SÃO LUÍS	4	8	9	15	9	9	7	6	8	9	14	250,0
TÉRESINA	9ª	5	7	15	19	17	26	16	11	17	24	166,7
NORDESTE	74	73	73	117	110	139	111	129	121	110	108	45,9
BELO HORIZONTE	31	26	23	27	28	26	29	27	21	21	23	-25,8
RIO DE JANEIRO	11	12	20	44	38	31	16	28	21	18	9	-18,2
SÃO PAULO	125	106	72	109	59	101	76	92	106	79	89	-28,8
VITÓRIA	4	4	2	4	5	4	2	4	-	5	5	25,0
SUDESTE	171	148	117	184	130	162	123	151	148	123	126	-26,3
CURITIBA	28	26	14	21	16	20	23	25	27	25	18	-35,7
FLORIANÓPOLIS	4	8	4	3	6	3	2	4	7	8	6	50,0
PORTO ALEGRE	29	24	30	21	21	22	18	18	18	14	17	-41,4
SUL	61	58	48	45	43	45	43	47	52	47	41	-32,8
BRASÍLIA	33	25	24	32	29	19	23	20	32	33	33	0,0
CAMPO GRANDE	5	9	9	14	8	11	15	17	10	10	8	60,0
CUIABÁ	2	3	7	1	6	12	7	6	3	3	7	250,0
GOIÂNIA	16	15	24	17	32	21	30	19	18	10	19	18,8
CENTRO-OESTE	76	77	64	64	75	63	75	62	63	56	67	-11,8
BRASIL	455	380	376	493	425	474	401	443	437	410	417	-8,4

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.2.3. Taxas de Suicídio (em 100 Mil). Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
BELÉM	8,9	7,9	3,7	4,4	4,2	3,4	1,6	2,5	2,5	2,4	2,5	-71,6
BOA VISTA	8,7	8,3	9,0	4,8	5,1	5,0	6,2	5,8	8,0	8,6	5,7	-33,9
MACAPÁ	2,8	2,2	4,6	7,8	8,5	6,9	7,9	7,3	5,2	3,9	4,5	59,2
MANAUS	5,4	3,1	4,5	4,6	3,2	3,9	4,3	3,2	3,8	4,2	5,3	-1,4
PALMAS	2,7	1,6	6,6	4,6	5,6	4,6	3,8	2,9	5,4	7,7	7,1	161,7
PORTO VELHO	4,8	3,7	3,9	4,4	3,4	4,5	4,4	4,8	5,8	3,9	6,6	37,4
RIO BRANCO	5,0	2,8	7,9	9,9	6,7	6,9	6,4	2,9	3,2	5,6	6,3	444,1
NORTE	6,4	4,9	4,7	5,1	4,4	4,3	3,9	3,5	3,9	4,1	5,7	-10,9
ARACAJU	3,6	2,9	5,2	8,3	6,5	9,8	6,2	6,4	6,5	8,6	8,0	122,5
FORTALEZA	3,6	4,7	3,8	4,8	8,1	6,7	6,9	8,4	6,9	7,1	6,8	89,8
JOÃO PESSOA	3,1	2,4	1,5	2,3	3,4	3,7	4,1	5,1	5,5	3,5	5,2	67,6
MACEIÓ	4,1	2,8	1,8	5,7	2,2	2,7	3,7	2,3	4,8	3,8	4,7	13,5
NATAL	2,9	2,7	2,1	2,6	1,5	6,0	1,7	2,3	2,7	1,4	1,5	-48,2
RECIFE	6,0	5,4	6,5	6,1	4,7	5,8	4,6	5,4	5,3	6,7	5,9	-1,1
SALVADOR	0,4	0,1	0,6	0,6	0,6	1,4	0,6	3,2	2,4	2,1	0,4	10,2
SÃO LUÍS	2,5	3,5	3,3	4,7	4,6	2,7	3,1	2,8	4,3	3,3	4,2	66,2
TÉRESINA	6,0	4,3	4,6	6,4	7,7	6,5	9,4	5,3	6,0	7,0	9,6	59,9
NORDESTE	3,5	3,4	3,1	4,0	4,2	4,5	4,1	4,8	4,8	4,7	4,5	28,3
BELO HORIZONTE	6,2	1,0	4,6	6,1	5,6	5,6	4,9	4,8	4,8	4,9	4,3	-31,1
RIO DE JANEIRO	2,3	1,4	2,7	4,1	3,7	2,6	2,5	2,7	2,5	2,2	2,3	-1,2
SÃO PAULO	5,6	4,9	3,9	4,4	3,3	4,0	3,9	4,2	4,6	4,6	4,7	-15,5
VITÓRIA	5,4	5,3	6,5	4,4	7,3	4,0	6,9	7,7	4,7	5,3	5,0	-6,8
SUDESTE	4,7	3,3	3,7	4,5	3,8	3,8	3,6	3,9	4,0	3,9	3,9	-16,6
CURITIBA	6,8	4,9	4,0	6,1	4,8	5,3	6,4	5,5	6,1	4,3	4,6	-31,6
FLORIANÓPOLIS	9,1	7,7	7,9	5,7	5,3	5,4	4,2	6,6	7,4	6,5	6,2	-31,7
PORTO ALEGRE	11,8	9,0	9,0	8,0	7,6	8,2	7,0	6,2	9,0	6,9	8,5	-27,7
SUL	9,1	6,9	6,5	6,8	6,0	6,5	6,4	5,9	7,4	5,6	6,3	-30,4
BRASÍLIA	5,1	4,2	4,4	4,2	5,1	4,2	4,7	4,8	5,4	5,0	5,2	1,2
CAMPO GRANDE	5,1	4,6	5,6	4,4	5,3	5,1	6,7	5,7	5,7	4,4	4,7	-8,2
CUIABÁ	2,0	2,8	3,9	1,2	3,8	6,3	6,2	3,7	3,1	3,8	4,8	138,6
GOIÂNIA	4,9	6,4	8,6	7,6	10,4	7,7	9,1	7,1	6,9	6,1	8,1	66,1
CENTRO-OESTE	4,7	4,7	5,6	4,8	6,4	5,5	6,3	5,4	5,6	5,1	5,8	23,1
BRASIL	4,9	3,9	4,1	4,7	4,4	4,4	4,3	4,4	4,6	4,4	4,7	-4,2

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.2.4. Taxas de Suicídio (em 100 Mil). Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais e Regiões. Brasil, 1998/2008.

CAPITAL/REGIÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Δ% 98/08
BELÉM	13,7	3,9	6,6	5,8	6,4	5,6	0,7	4,1	3,1	3,5	4,1	-70,4
BOA VISTA	19,7	14,0	13,3	10,7	14,5	8,1	11,7	7,4	10,7	11,7	15,7	-20,5
MACAPÁ	5,2	6,5	10,8	16,2	14,2	15,1	15,9	11,1	9,5	7,4	12,0	130,4
MANAUS	10,8	4,5	7,4	8,4	5,5	6,0	4,4	4,2	5,4	9,7	9,7	-10,2
PALMAS	7,4	3,3	14,9	5,4	5,1	7,1	4,5	3,9		15,8	10,2	37,5
PORTO VELHO	8,9	8,6	2,8	10,8	6,7	5,2	5,2	11,2	4,9	6,2	12,8	43,4
RIO BRANCO	3,7	5,4	17,6	20,4	8,3	8,1	11,1	1,5	5,7	7,6	0,0	-100,0
NORTE	11,1	5,3	8,3	9,1	7,2	6,8	5,0	5,2	5,0	7,7	8,2	-26,2
ARACAJU	3,0	3,9	6,8	5,7	7,5	13,9	4,6	7,1	9,7	13,0	6,9	130,1
FORTALEZA	5,1	6,1	6,0	6,3	8,1	9,9	7,9	8,2	6,7	6,6	6,1	19,0
JOÃO PESSOA	4,1	4,0	1,6	3,1	3,8	6,0	5,9	3,6	5,6	2,9	2,9	-28,3
MACEIÓ	3,1	5,4	0,6	10,9	3,4	3,3	2,7	3,1	4,1	3,8	6,2	100,9
NATAL	4,9	2,0	2,0	3,3	2,6	2,5	1,9	4,3	4,2	1,9	1,9	-60,3
RECIFE	6,1	4,2	4,6	7,3	6,2	8,5	4,7	6,3	6,3	8,1	5,3	-12,7
SALVADOR	0,4	0,0	0,7	0,5	0,3	1,4	0,8	3,4	2,4	0,2	0,0	-100,0
SÃO LUÍS	2,0	3,9	4,3	7,0	4,1	4,0	3,1	2,5	3,3	4,0	6,7	232,7
TÉRESINA	5,7	3,1	4,2	8,9	11,1	9,7	14,7	8,7	5,9	9,7	14,4	152,3
NORDESTE	3,6	3,5	3,3	5,2	4,8	6,0	4,7	5,3	4,9	4,8	4,8	32,4
BELO HORIZONTE	7,0	5,8	4,8	5,9	6,0	5,6	6,1	5,6	4,3	5,0	5,6	-19,9
RIO DE JANEIRO	1,1	1,2	2,0	4,3	3,7	3,0	1,5	2,6	2,0	1,9	1,0	-11,8
SÃO PAULO	6,4	5,3	3,6	5,4	2,9	4,9	3,7	4,4	5,0	4,2	4,9	-23,2
VITÓRIA	7,0	6,8	3,3	6,5	8,1	6,4	3,2	6,2		8,9	9,3	32,6
SUDESTE	5,0	4,2	3,3	5,1	3,6	4,5	3,4	4,1	3,9	3,7	3,9	-21,3
CURITIBA	9,2	8,4	4,5	6,6	4,9	6,1	6,9	7,2	7,7	7,8	5,7	-38,2
FLORIANÓPOLIS	6,5	12,1	5,7	4,2	8,1	4,0	2,6	4,9	8,4	10,8	8,6	32,6
PORTO ALEGRE	12,2	9,8	12,1	8,4	8,3	8,6	7,0	6,9	6,8	5,9	7,5	-38,9
SUL	10,1	9,4	7,6	7,0	6,6	6,8	6,4	6,8	7,4	7,5	6,7	-33,9
BRASÍLIA	7,6	5,6	5,2	6,8	6,0	3,9	4,6	3,8	6,0	7,2	7,0	-8,4
CAMPO GRANDE	3,9	6,9	6,7	10,1	5,7	7,7	10,3	11,2	6,4	6,8	5,8	48,1
CUIABÁ	2,0	2,9	6,5	0,9	5,4	10,7	6,1	5,1	2,5	2,8	6,7	234,9
GOIÂNIA	6,9	6,4	10,0	7,0	12,9	8,3	11,7	7,2	6,7	4,4	8,4	21,8
CENTRO-OESTE	6,3	5,7	6,8	6,7	7,7	6,3	7,4	5,9	5,8	6,0	7,1	12,8
BRASIL	5,8	4,7	4,5	5,9	5,0	5,5	4,6	5,0	4,8	5,1	5,3	-9,5

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.2.5. Ordenamento das Capitais por Taxas de Suicídio (em 100 Mil)
na População Total e na População Jovem. Capitais, 1998/2008.

POPULAÇÃO TOTAL					POPULAÇÃO JOVEM				
CAPITAL	1998		2008		CAPITAL	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.		TAXA	POS.	TAXA	POS.
TERESINA	6,0	8º	9,6	1º	BOA VISTA	19,7	1º	15,7	1º
PORTO ALEGRE	11,8	1º	8,5	2º	TERESINA	5,7	15º	14,4	2º
GOIÂNIA	4,9	15º	8,1	3º	PORTO VELHO	8,9	6º	12,8	3º
ARACAJU	3,6	18º	8,0	4º	MACAPÁ	5,2	16º	12,0	4º
PALMAS	2,7	23º	7,1	5º	PALMAS	7,4	8º	10,2	5º
FORTALEZA	3,6	19º	6,8	6º	MANAUS	10,8	4º	9,7	6º
PORTO VELHO	4,8	16º	6,6	7º	VITÓRIA	7,0	10º	9,3	7º
RIO BRANCO	5,0	14º	6,3	8º	FLORIANÓPOLIS	6,5	12º	8,6	8º
FLORIANÓPOLIS	9,1	2º	6,2	9º	GOIÂNIA	6,9	11º	8,4	9º
RECIFE	6,0	7º	5,9	10º	PORTO ALEGRE	12,2	3º	7,5	10º
BOA VISTA	8,7	4º	5,7	11º	BRASÍLIA	7,6	7º	7,0	11º
MANAUS	5,4	10º	5,3	12º	ARACAJU	3,0	23º	6,9	12º
JOÃO PESSOA	3,1	20º	5,2	13º	CUIABÁ	2,0	25º	6,7	13º
BRASÍLIA	5,1	12º	5,2	14º	SÃO LUIS	2,0	24º	6,7	14º
VITÓRIA	5,4	11º	5,0	15º	MACEIÓ	3,1	22º	6,2	15º
CUIABÁ	2,0	26º	4,8	16º	FORTALEZA	5,1	17º	6,1	16º
SÃO PAULO	5,6	9º	4,7	17º	CAMPO GRANDE	3,9	20º	5,8	17º
CAMPO GRANDE	5,1	13º	4,7	18º	CURITIBA	9,2	5º	5,7	18º
MACEIÓ	4,1	17º	4,7	19º	BELO HORIZONTE	7,0	9º	5,6	19º
CURITIBA	6,8	5º	4,6	20º	RECIFE	6,1	14º	5,3	20º
MACAPÁ	2,8	22º	4,5	21º	SÃO PAULO	6,4	13º	4,9	21º
BELO HORIZONTE	6,2	6º	4,3	22º	BELÉM	13,7	2º	4,1	22º
SÃO LUIS	2,5	24º	4,2	23º	JOÃO PESSOA	4,1	19º	2,9	23º
BELÉM	8,9	3º	2,5	24º	NATAL	4,9	18º	1,9	24º
RIO DE JANEIRO	2,3	25º	2,3	25º	RIO DE JANEIRO	1,1	26º	1,0	25º
NATAL	2,9	21º	1,5	26º	RIO BRANCO	3,7	21º	0,0	26º
SALVADOR	0,4	27º	0,4	27º	SALVADOR	0,4	27º	0,0	27º

Fonte: SIM/SVS/MS

5.3. Evolução dos Suicídios nas Regiões Metropolitanas

O crescimento no número de suicídios nas regiões Metropolitanas no período 1998 a 2008 foi de 10,3% na população total, mas caiu 7,3% entre os jovens. O maior incremento decenal na população total e na jovem registra-se na região metropolitana de Fortaleza, onde os números triplicam no período. Entre os jovens tem que ser destacado que em 5 das 10 regiões metropolitanas os quantitativos de suicídios caem no período.

As Tabelas 5.3.3 e 5.3.4 permitem verificar que as taxas de suicídios na população total das zonas metropolitanas apresentam uma leve queda, mas entre os jovens registra-se que a queda decenal foi significativa.

As maiores taxas, tanto para a população total quanto para os jovens, podem ser encontradas nas regiões metropolitanas de Porto Alegre e Fortaleza, só que para os jovens, temos que incluir também Curitiba e Belo Horizonte.

Tabela 5.3.1. Número de Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	ANO											Δ% 98/08
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	
BELEM	121	34	52	63	61	54	32	51	43	40	54	-55,4
BELO HORIZONTE	185	156	171	189	198	203	193	210	216	207	212	14,6
CURITIBA	172	129	102	151	130	138	165	185	169	129	132	-23,3
FORTALEZA	83	115	89	132	217	178	204	250	202	220	226	172,3
PORTO ALEGRE	362	304	288	306	277	265	272	253	297	267	294	-18,8
RECIFE	110	101	122	120	89	125	102	113	113	156	129	17,3
RIO DE JANEIRO	211	158	246	318	316	247	242	260	254	226	215	1,9
SALVADOR	8	4	18	25	24	47	19	101	87	76	25	212,5
SÃO PAULO	826	720	607	688	574	651	647	687	724	716	793	-4,0
VITÓRIA	59	38	52	51	47	58	67	73	73	62	65	10,2
TOTAL 10 RM	2.137	1.759	1.747	2.043	1.933	1.966	1.943	2.183	2.178	2.099	2.145	0,4

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.3.2. Número de Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	ANO											Δ% 98/08
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	
BELEM	42	14	19	19	21	19	9	17	12	12	18	-57,1
BELO HORIZONTE	49	45	44	46	46	42	53	40	37	28	36	-26,5
CURITIBA	38	42	24	34	36	30	36	47	36	31	31	-18,4
FORTALEZA	23	32	30	35	44	51	53	51	44	46	47	104,3
PORTO ALEGRE	59	54	58	49	55	44	39	46	46	29	47	-20,3
RECIFE	25	18	22	31	20	37	23	27	27	33	22	-12,0
RIO DE JANEIRO	25	23	32	55	57	44	30	44	34	31	21	-16,0
SALVADOR	2	1	4	6	6	11	5	23	18	5	3	50,0
SÃO PAULO	181	167	105	149	104	155	122	143	155	122	133	-26,5
VITÓRIA	14	9	5	11	12	13	9	13	12	10	10	-28,6
TOTAL 10 RM	458	405	343	435	401	446	379	451	421	347	368	-19,7

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.3.3. Taxa de Suicídios (em 100 Mil). Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	ANO											Δ% 98/08
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	
BELÉM	7,3	2,0	2,9	3,4	3,2	2,8	1,6	2,5	2,1	1,9	2,6	-64,4
BELO HORIZONTE	4,6	3,8	3,9	4,2	4,4	4,4	4,1	4,3	4,3	4,1	4,2	-8,6
CURITIBA	6,6	4,8	3,7	5,3	4,5	4,6	5,4	5,8	5,2	3,9	4,0	-38,7
FORTALEZA	2,9	4,0	3,0	4,3	7,0	5,6	6,3	7,5	5,9	6,3	6,4	121,6
PORTO ALEGRE	10,2	8,5	7,7	8,1	7,2	6,8	6,9	6,3	7,2	6,4	7,3	-28,6
RECIFE	3,5	3,2	3,7	3,5	2,6	3,6	2,9	3,1	3,1	4,2	3,5	-1,2
RIO DE JANEIRO	2,1	1,5	2,3	2,9	2,9	2,2	2,2	2,3	2,2	2,0	1,9	-11,4
SALVADOR	0,3	0,1	0,6	0,8	0,8	1,5	0,6	2,9	2,5	2,1	0,7	121,2
SÃO PAULO	4,8	4,2	3,4	3,8	3,1	3,5	3,4	3,5	3,7	3,6	4,0	-15,8
VITÓRIA	4,4	2,8	3,6	3,5	3,1	3,8	4,3	4,5	4,4	3,7	3,9	-11,2
TOTAL	4,3	3,5	3,4	3,9	3,6	3,6	3,5	3,8	3,8	3,6	3,7	-14,4

Fonte: SIM/DATASUS

Tabela 5.3.4. Taxa de Suicídios (em 100 Mil). Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Brasil, 1998/2008.

REGIÃO METROPOLITANA	ANO											Δ% 98/08
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	
BELÉM	11,0	3,6	4,7	4,6	5,0	4,4	2,0	3,7	2,6	2,8	4,5	-59,3
BELO HORIZONTE	5,8	5,3	4,9	5,0	4,9	4,4	5,5	4,0	3,6	3,1	4,0	-30,6
CURITIBA	7,2	7,8	4,4	6,0	6,3	5,1	6,0	7,5	5,6	5,1	5,3	-26,7
FORTALEZA	4,0	5,4	4,8	5,5	6,8	7,7	7,9	7,3	6,2	6,4	6,6	64,4
POTO ALEGRE	9,3	8,4	8,4	7,0	7,8	6,1	5,4	6,1	6,1	4,0	6,8	-26,6
RECIFE	3,7	2,7	3,2	4,4	2,8	5,2	3,2	3,6	3,6	4,7	3,2	-14,3
RIO DE JANEIRO	1,4	1,2	1,7	2,8	2,9	2,2	1,5	2,1	1,6	1,7	1,2	-17,2
SALVADOR	0,3	0,2	0,6	0,8	0,8	1,5	0,7	2,9	2,2	0,7	0,4	41,6
SÃO PAULO	5,4	4,9	3,0	4,2	2,9	4,2	3,3	3,7	4,0	3,5	4,0	-26,3
VITÓRIA	5,2	3,3	1,7	3,6	3,9	4,1	2,8	3,9	3,5	3,2	3,3	-36,2
TOTAL	4,7	4,1	3,3	4,2	3,8	4,1	3,5	4,0	3,7	3,3	3,6	-22,8

Fonte: SIM/DATASUS

5.4. Os Suicídios nos Municípios

Como já foi indicado em capítulos anteriores e na metodologia do estudo, para evitar as oscilações em municípios de pequeno porte, onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas, foi decidido trabalhar com municípios de 10 mil habitantes ou mais e no caso das taxas juvenis, com municípios com um mínimo de 10 mil jovens. Também em municípios com menos de 30 mil habitantes (ou jovens) trabalhou-se com a taxa média dos últimos 3 anos disponíveis: 2006, 2007 e 2008.

Dado que seria extenso demais elencar na publicação os 5.564 municípios nos vários capítulos de mortalidade abordados, decidiu-se indicar aqui os 100 municípios de maior índice em cada categoria e oferecer, a quem se interessar, a possibilidade de consultar ou acessar a lista total de municípios no *site* www.mapadaviolencia.org.br.

As duas Tabelas a seguir – 5.4.1 e 5.4.2 – detalham os 100 municípios de maior taxa de suicídios na população total e na juvenil, respectivamente. Nessas Tabelas, além de identificar o município e a UF, é registrada a população em 2008 segundo o IBGE³³, que serve de base para a estimativa das taxas e a média de anos utilizada para o cálculo das mesmas (de 10 a 30 mil casos, a média 2006 a 2008, de 30 mil para acima, os quantitativos de 2008). Também o número de suicídios registrado pelo SIM/SVS/DATASUS em 2006, 2007 e 2008 e, por último, as taxas e a posição do município no contexto nacional.

No Brasil, não existe uma tradição ou cultura suicida como em outros países, fato que podemos conferir no item 5.8, nas comparações internacionais. Mas podemos observar nas Tabelas a seguir a existência de municípios com índices exageradamente elevados não só para o contexto nacional, mas também no plano internacional. Nos primeiros lugares das duas Tabelas temos alguns municípios com taxas acima dos 30 suicídios em 100 mil casos, que é a marca dos países como Lituânia e Rússia, que encabeçam a listagem no nível internacional.

33. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08).

Tabela 5.4.1. Número e Taxas (em 100 Mil) de Suicídio nos Municípios com 10 Mil Habitantes ou Mais. Brasil.

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (MIL)	MÉDIA ANOS	SUICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
AMAMBÁI	MS	34,5	1	9	7	17	49,3	1º
PARANHOS	MS	11,4	3	3	5	4	35,0	2º
IBIRUBÁ	RS	19,3	3	10	5	5	34,5	3º
BONFIM	RR	10,6	3	2	5	3	31,4	4º
SINIMBU	RS	10,7	3	5	3	2	31,2	5º
GETÚLIO VARGAS	RS	16,4	3	7	3	5	30,5	6º
TABATINGA	AM	47,1	1	2	8	14	29,8	7º
ARROIO DO TIGRE	RS	13,1	3	5	4	2	27,9	8º
ENCRUZILHADA DO SUL	RS	25,0	3	5	7	8	26,6	9º
ARROIO DOS RATOS	RS	14,1	3	2	4	5	26,0	10º
VENÂNCIO AIRES	RS	67,1	1	14	21	17	25,3	11º
PINHEIRO MACHADO	RS	13,2	3	3	5	2	25,2	12º
TRÊS DE MAIO	RS	23,9	3	5	6	7	25,1	13º
LAGOA VERMELHA	RS	28,2	3	4	10	7	24,8	14º
NOVA PRATA DO IGUAÇU	PR	10,8	3	4	3	1	24,7	15º
PLANALTO	RS	10,8	3	2	4	2	24,7	16º
RODEIO	SC	11,1	3	5	2	1	23,9	17º
AGUDO	RS	17,1	3	2	4	6	23,4	18º
CANGUÇU	RS	55,7	1	4	9	13	23,3	19º
DORES DO INDAIÁ	MG	14,4	3	3	5	2	23,2	20º
MINEIROS	GO	47,5	1	5	6	11	23,2	21º
CORONEL SAPUCAIA	MS	14,4	3	0	2	8	23,1	22º
LARANJAL DO JARI	AP	39,3	1	2	3	9	22,9	23º
OEIRAS	PI	36,1	1	4	6	8	22,2	24º
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA	AM	40,8	1	10	9	9	22,1	25º
CACEQUI	RS	13,8	3	3	3	3	21,8	26º
ALCÂNTARAS	CE	10,7	3	3	2	2	21,8	27º
PIUMHI	MG	32,3	1	0	2	7	21,7	28º
SÃO PEDRO DO SUL	RS	17,1	3	0	4	7	21,5	29º
CAARAPÓ	MS	23,4	3	6	7	2	21,3	30º
FREDERICO WESTPHALEN	RS	28,3	3	8	5	5	21,2	31º
PRESIDENTE OLEGÁRIO	MG	18,9	3	6	4	2	21,2	32º
HORIZONTINA	RS	19,0	3	6	2	4	21,0	33º
NOVA RESENDE	MG	14,6	3	1	5	3	20,5	34º
BOM PRINCÍPIO	RS	11,5	3	2	3	2	20,2	35º
PALMITOS	SC	16,6	3	7	1	2	20,1	36º
SÃO MIGUEL DO OESTE	SC	35,0	1	1	4	7	20,0	37º
SÃO LUIZ GONZAGA	RS	35,2	1	6	2	7	19,9	38º
NOVA PETRÓPOLIS	RS	18,5	3	1	5	5	19,8	39º
CORONEL VÍVIDA	PR	22,0	3	1	7	5	19,7	40º
BREJO SANTO	CE	41,0	1	3	3	8	19,5	41º
PARIQUERA-AÇU	SP	18,8	3	3	3	5	19,5	42º
CAPITÃO LEÓNIDAS MARQUES	PR	13,9	3	3	3	2	19,1	43º
ITAPIRANGA	SC	15,8	3	0	5	4	18,9	44º
AGUAI	SP	31,8	1	1	4	6	18,9	45º
DOMINGOS MARTINS	ES	32,3	1	2	2	6	18,6	46º
RIO DO SUL	SC	59,2	1	2	1	11	18,6	47º
CASSILÂNDIA	MS	21,5	3	3	5	4	18,6	48º
ESPINOSA	MG	32,3	1	1	1	6	18,5	49º

continua ▶

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (MIL)	MÉDIA ANOS	SUICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	Posição
				2006	2007	2008		
GRAVATAL	SC	10,8	3	1	1	4	18,5	50º
JUCURUTU	RN	18,0	3	3	6	1	18,5	51º
SÃO FRANCISCO DE ASSIS	RS	19,9	3	4	6	1	18,4	52º
SÃO LOURENÇO DO SUL	RS	43,5	1	7	5	8	18,4	53º
SANTA RITA DO PASSA QUATRO	SP	27,4	3	3	2	10	18,2	54º
CUNHA PORÃ	SC	11,0	3	3	0	3	18,2	55º
PORTO XAVIER	RS	11,1	3	1	2	3	17,9	56º
GUARANÉSIA	MG	18,6	3	4	3	3	17,9	57º
SÃO JOÃO	PR	11,2	3	2	2	2	17,9	58º
VALE DO SOL	RS	11,2	3	2	1	3	17,8	59º
SÃO BENEDITO	CE	44,9	1	2	4	8	17,8	60º
SÃO SEPÉ	RS	24,4	3	4	5	4	17,8	61º
SÃO MANUEL	SP	39,4	1	1	2	7	17,8	62º
SANT'ANA DO LIVRAMENTO	RS	84,8	1	4	10	15	17,7	63º
ITARARÉ	SP	51,0	1	6	3	9	17,6	64º
PAPAGAIOS	MG	15,1	3	3	3	2	17,6	65º
MOREIRA SALES	PR	13,3	3	3	1	3	17,6	66º
AUGUSTINÓPOLIS	TO	15,2	3	1	6	1	17,5	67º
IBIÁ	MG	22,9	3	4	3	5	17,5	68º
PATOS DE MINAS	MG	138,5	1	8	17	24	17,3	69º
IBICUITINGA	CE	11,6	3	1	0	5	17,3	70º
NOVA LARANJEIRAS	PR	11,6	3	2	2	2	17,2	71º
RIO MARIA	PA	17,5	3	6	1	2	17,2	72º
NOVA HARTZ	RS	17,5	3	5	1	3	17,1	73º
CRUZ ALTA	RS	64,8	1	4	9	11	17,0	74º
CLÁUDIO	MG	25,6	3	5	5	3	16,9	75º
APODI	RN	35,6	1	2	3	6	16,8	76º
NÃO-ME-TOQUE	RS	15,9	3	3	3	2	16,8	77º
ANTONINA	PR	17,9	3	4	5	0	16,8	78º
SANTO ANTÔNIO	RN	21,9	3	2	7	2	16,7	79º
GUAPÓ	GO	14,0	3	3	3	1	16,7	80º
SANTO ANTÔNIO DAS MISSÕES	RS	12,1	3	2	1	3	16,5	81º
LAGOA DOURADA	MG	12,2	3	0	4	2	16,4	82º
GUAPORÉ	RS	22,4	3	4	4	3	16,4	83º
TENENTE PORTELA	RS	14,3	3	2	2	3	16,3	84º
ÁGUAS DE LINDÓIA	SP	16,3	3	3	3	2	16,3	85º
TURVO	PR	14,4	3	3	1	3	16,2	86º
PASSO FUNDO	RS	185,9	1	32	24	30	16,1	87º
PIRIPIRI	PI	62,0	1	7	4	10	16,1	88º
SANTA TERESA	ES	20,7	3	4	4	2	16,1	89º
ALTO ALEGRE	RR	14,6	3	1	6	0	16,0	90º
JOAÇABA	SC	25,2	3	0	8	4	15,9	91º
SÃO JOSÉ DO EGITO	PE	31,6	1	0	3	5	15,8	92º
SÃO BORJA	RS	63,3	1	8	9	10	15,8	93º
CAPINZAL	SC	19,0	3	2	3	4	15,8	94º
ITUIQUIRA	MT	12,7	3	1	3	2	15,8	95º
GUABIRUBA	SC	16,9	3	3	4	1	15,8	96º
PAU DOS FERROS	RN	27,5	3	4	5	4	15,7	97º
SÃO JOSÉ DO CERRITO	SC	10,6	3	2	1	2	15,7	98º
MALLET	PR	12,8	3	2	2	2	15,7	99º
IRACEMA	CE	14,9	3	1	4	2	15,6	100º

Fonte: SIM/SVS/MS (A tabela completa está em www.mapadaviolencia.org.br.)

Tabela 5.4.2. Número e Taxas (em 100 Mil) de Suicídio Juvenil nos Municípios com 10 Mil Jovens ou Mais. Brasil, 2006-2008.

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (MIL)	MÉDIA ANOS	SUICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	POSIÇÃO
				2006	2007	2008		
TABATINGA	AM	10,2	3	0	6	7	42,4	1º
DOURADOS	MS	35,0	1	10	9	12	34,3	2º
PIRIPIRI	PI	12,2	3	3	2	3	21,8	3º
VENÂNCIO AIRES	RS	10,8	3	1	2	4	21,5	4º
LINS	SP	11,2	3	2	2	3	20,8	5º
ACARAÚ	CE	11,6	3	1	4	2	20,1	6º
BARBACENA	MG	21,7	3	6	2	5	19,9	7º
CAMPO MOURÃO	PR	15,3	3	4	2	3	19,6	8º
GURUPI	TO	14,8	3	1	2	5	18,0	9º
FORMIGA	MG	11,3	3	1	4	1	17,7	10º
TRÊS CORAÇÕES	MG	13,3	3	3	3	1	17,5	11º
SÃO CARLOS	SP	35,4	1	2	2	6	16,9	12º
SANT'ANA DO LIVRAMENTO	RS	14,0	3	0	3	4	16,6	13º
MOSSORÓ	RN	48,3	1	5	4	8	16,6	14º
SANTO ÂNGELO	RS	12,6	3	3	1	2	15,8	15º
ARARAQUARA	SP	31,7	1	2	3	5	15,8	16º
BOA VISTA	RR	51,1	1	6	6	8	15,7	17º
BEBEDOURO	SP	12,8	3	2	3	1	15,6	18º
RIO GRANDE	RS	32,3	1	3	3	5	15,5	19º
CAXIAS DO SUL	RS	71,6	1	12	6	11	15,4	20º
MACAÍBA	RN	13,2	3	6	0	0	15,2	21º
PASSO FUNDO	RS	32,9	1	8	3	5	15,2	22º
ALFENAS	MG	13,2	3	2	2	2	15,1	23º
GARANHUNS	PE	25,1	3	3	4	4	14,6	24º
TERESINA	PI	166,9	1	11	17	24	14,4	25º
CÁCERES	MT	16,3	3	3	1	3	14,3	26º
SORRISO	MT	11,7	3	3	0	2	14,3	27º
CONCÓRDIA	SC	11,8	3	1	2	2	14,1	28º
PICOS	PI	14,5	3	2	1	3	13,8	29º
SOBRAL	CE	37,3	1	7	5	5	13,4	30º
SANTA MARIA	RS	45,2	1	7	1	6	13,3	31º
TUCURUÍ	PA	20,1	3	3	2	3	13,2	32º
BARRA DO GARÇAS	MT	10,2	3	1	0	3	13,1	33º
SERRA TALHADA	PE	15,5	3	2	1	3	12,9	34º
TAILÂNDIA	PA	15,6	3	2	3	1	12,8	35º
PORTO VELHO	RO	78,3	1	4	5	10	12,8	36º
VACARIA	RS	10,5	3	2	0	2	12,7	37º
CASCADEL	PR	55,9	1	1	4	7	12,5	38º
ARAXÁ	MG	16,0	3	2	0	4	12,5	39º
CARUARU	PE	56,8	1	3	0	7	12,3	40º
ÁLEGRETE	RS	13,5	3	0	4	1	12,3	41º
PARAUPEBAS	PA	32,8	1	1	2	4	12,2	42º
CRUZ ALTA	RS	10,9	3	0	1	3	12,2	43º
MACAPÁ	AP	75,1	1	8	6	9	12,0	44º
RONDONÓPOLIS	MT	33,5	1	5	4	4	11,9	45º
VILHENA	RO	14,1	3	2	0	3	11,9	46º
AVARÉ	SP	14,1	3	2	2	1	11,8	47º
ANÁPOLIS	GO	59,3	1	2	7	7	11,8	48º
SÃO ROQUE	SP	11,3	3	3	1	0	11,8	49º

continua ▶

MUNICÍPIO	UF	POP. JOVEM 2008 (MIL)	MÉDIA ANOS	SUICÍDIOS JOVENS			TAXA 2008	Posição
				2006	2007	2008		
SÃO BENTO DO SUL	SC	14,2	3	3	2	0	11,7	50º
QUIXERAMOBIM	CE	14,2	3	2	2	1	11,7	51º
SANTA ROSA	RS	11,4	3	2	0	2	11,7	52º
MARACANAÚ	CE	42,9	1	3	2	5	11,6	53º
VIÇOSA DO CEARÁ	CE	11,6	3	1	0	3	11,5	54º
AQUIRAZ	CE	14,9	3	2	2	1	11,2	55º
TELEMÁCO BORBA	PR	11,9	3	1	2	1	11,2	56º
TOLEDO	PR	21,0	3	2	2	3	11,1	57º
BREVES	PA	21,0	3	1	1	5	11,1	58º
APUCARANA	PR	21,3	3	1	3	3	11,0	59º
VARGINHA	MG	21,3	3	3	1	3	11,0	60º
ITUIUTABA	MG	15,2	3	1	3	1	10,9	61º
PETROLINA	PE	55,6	1	4	3	6	10,8	62º
PONTA GROSSA	PR	55,8	1	4	5	6	10,8	63º
PELOTAS	RS	55,9	1	3	4	6	10,7	64º
TATUÍ	SP	18,6	3	3	2	1	10,7	65º
CAMPINA GRANDE	PB	74,7	1	2	11	8	10,7	66º
CASTRO	PR	12,5	3	2	1	1	10,7	67º
LEME	SP	15,6	3	2	1	2	10,7	68º
SÃO LEOPOLDO	RS	37,7	1	5	2	4	10,6	69º
CRUZEIRO DO SUL	AC	15,8	3	0	4	1	10,5	70º
JI-PARANÁ	RO	22,2	3	1	0	6	10,5	71º
PATO BRANCO	PR	12,7	3	0	4	0	10,5	72º
GUANAMBI	BA	15,9	3	4	1	0	10,5	73º
SERTÃOZINHO	SP	19,1	3	2	2	2	10,4	74º
TRÊS LAGOAS	MS	16,0	3	3	2	0	10,4	75º
SÃO JOÃO DA BOA VISTA	SP	13,0	3	3	1	0	10,3	76º
PALMAS	TO	39,3	1	0	8	4	10,2	77º
MONTES CLAROS	MG	69,2	1	6	11	7	10,1	78º
ITABAIANA	SE	16,6	3	1	3	1	10,0	79º
PIRACICABA	SP	59,9	1	4	3	6	10,0	80º
TIMBAÚBA	PE	10,1	3	0	2	1	9,9	81º
SANTA CRUZ DO SUL	RS	20,1	3	3	1	2	9,9	82º
BALNEÁRIO CAMBORIÚ	SC	16,8	3	3	0	2	9,9	83º
ARAPIRACA	AL	40,6	1	7	2	4	9,8	84º
MONTENEGRO	RS	10,2	3	2	0	1	9,8	85º
CAXIAS	MA	30,6	1	2	0	3	9,8	86º
CEARÁ-MIRIM	RN	13,6	3	1	3	0	9,8	87º
UBERLÂNDIA	MG	113,3	1	6	4	11	9,7	88º
MANAUS	AM	340,1	1	21	34	33	9,7	89º
BOTUCATU	SP	20,7	3	4	2	0	9,7	90º
SÃO FÉLIX DO XINGU	PA	13,9	3	0	3	1	9,6	91º
PATOS DE MINAS	MG	24,3	3	1	2	4	9,6	92º
GUARAPUAVA	PR	31,6	1	4	4	3	9,5	93º
CRATEÚS	CE	14,1	3	1	1	2	9,5	94º
MOGI DAS CRUZES	SP	63,9	1	3	3	6	9,4	95º
TIANGUÁ	CE	14,2	3	3	1	0	9,4	96º
VITÓRIA	ES	53,9	1	0	5	5	9,3	97º
LONDRINA	PR	86,4	1	3	2	8	9,3	98º
TRAIRI	CE	10,8	3	2	1	0	9,3	99º
CHAPECÓ	SC	32,5	1	2	2	3	9,2	100º

Fonte: SIM/SVS/MS (A tabela completa está em www.mapadaviolencia.org.br.)

Um segundo fato nessas Tabelas chama poderosamente a nossa atenção: alguns desses municípios que aparecem encabeçando as listas de mortalidade suicida são locais de assentamento de comunidades indígenas, como Amambai e Paranhos do Mato Grosso do Sul, que encabeçam a lista de suicídios na primeira Tabela, onde Dourados, também no Mato Grosso do Sul, e Tabatinga, no Amazonas, que encabeçam a lista de suicídios juvenis.

Esse fato nos levou a reprocessar a informação, desagregando os suicídios indígenas. Os municípios com maior número de suicídios indígenas são os que aparecem na Tabela 5.4.3.

Tabela 5.4.3. Número e Participação dos Suicídios Indígenas no Total de Suicídios. Municípios Selecionados. Brasil, 2008.

MUNICÍPIO	UF	SUICÍDIOS TOTAIS			SUICÍDIOS JOVENS			% JOVENS INDÍGENAS
		TOTAL	INDÍGENA	%	TOTAL	INDÍGENA	%	
AMAMBAI	MS	17	15	88,2	9	9	100,0	60,0
DOURADOS	MS	25	13	52,0	12	8	66,7	61,5
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA	AM	9	9	100,0	7	7	100,0	77,8
TABATINGA	AM	14	9	64,3	7	5	71,4	55,6
CORONEL SAPUCAIA	MS	8	4	50,0	7	3	42,9	75,0
PARANHOS	MS	4	4	100,0				
TACURU	MS	5	4	80,0	3	3	100,0	75,0
SANTA ISABEL DO RIO NEGRO	AM	4	3	75,0	1	1	100,0	33,3
SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ	AM	3	3	100,0	2	2	100,0	66,7

Fonte: SIM/SVS/MS

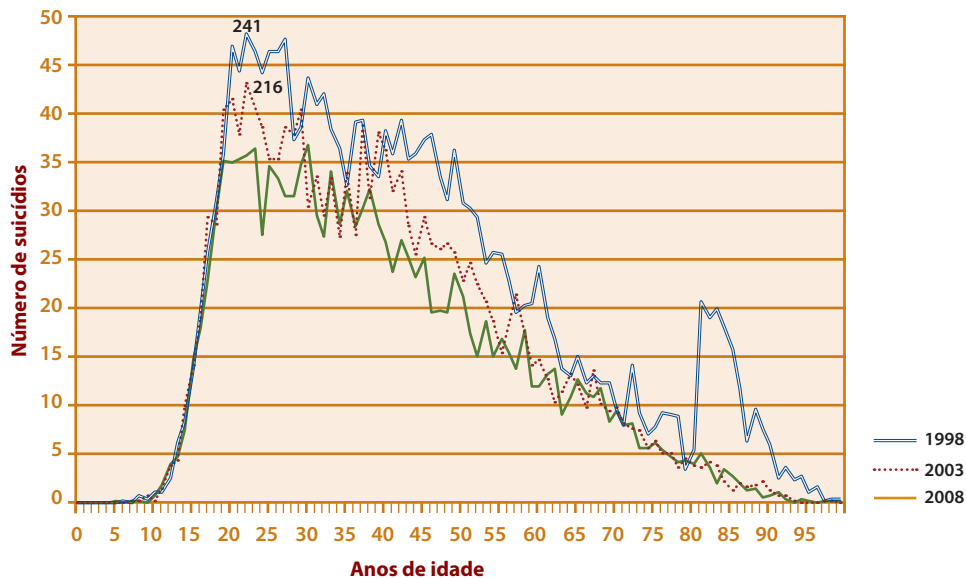
Vemos por essa Tabela que, por exemplo, em Amambai, que encabeça a lista de taxas na população total, dos 17 suicídios que aconteceram em 2008, 15 foram indígenas, o que significa 88,2% do total de suicídios do município. Nesse município, o total dos 9 suicídios juvenis, foi de indígenas. Vemos que em ambos universos, nesses municípios preponderam de forma absoluta os suicídios indígenas. Outro fato chama também a atenção: nesses municípios a vitimização juvenil por suicídio é também extremamente elevada. Os jovens, que normalmente representam aproximadamente 20% da população total, prevalecentes quando se trata de suicídios: em Amambai, 60% do total de suicídios indígenas foram jovens e assim na maior parte dos municípios elencados.

Esse tema deverá ser retomado ainda no item 5.7, quando abordarmos o tema da cor/raça dos suicidas.

5.5. A Idade dos Suicidas

O gráfico 5.5.1 permite visualizar a distribuição etária dos suicidas. Em todos os anos analisados, o suicídio praticamente inexistente até os 10 anos. A partir dessa idade, inicia-se uma forte escalada, para chegar à sua máxima expressão entre os 20 e os 27 anos de idade. A partir desse pico, começa um suave declínio, caindo progressivamente o número absoluto com a idade. No ano de 2008, surpreende um brusco incremento em idades avançadas, acima dos 80 anos de idade.

Gráfico 5.5.1. Número de Suicídios por Idades Simples. Brasil, 1998/2003/2008.



A Tabela 5.5.1 permite matizar os dados anteriores, relacionando-os com os totais de população em cada grupo etário.

Vemos que as taxas de suicídios guardam uma relativa correspondência com a idade. A partir dos 10 anos, elevam-se gradualmente até os 45/49 anos de idade. A partir desse ponto, com oscilações, permanece na faixa de 7 a 8 suicídios em cada 100 mil habitantes.

Tabela 5.5.1. Número de Suicídios por Idades Simples e Faixas Etárias. Brasil, 1998/2008.

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE SUICÍDIOS		
	1998	2008	Δ %
10 A 14 ANOS	94	96	2,1
10 ANOS	4	5	25,0
11 ANOS	9	5	-44,4
12 ANOS	20	13	-35,0
13 ANOS	24	31	29,2
14 ANOS	37	42	13,5
15 A 19 ANOS	604	632	4,6
15 ANOS	74	70	-5,4
16 ANOS	90	99	10,0
17 ANOS	114	129	13,2
18 ANOS	150	155	3,3
19 ANOS	176	179	1,7
20 A 24 ANOS	850	1151	35,4
20 ANOS	175	235	34,3
21 ANOS	177	222	25,4
22 ANOS	178	241	35,4
23 ANOS	182	232	27,5
24 ANOS	138	221	60,1
25 A 29 ANOS	830	1082	30,4
30 A 34 ANOS	782	1007	28,8
35 A 39 ANOS	757	897	18,5
40 A 44 ANOS	630	923	46,5
45 A 49 ANOS	539	881	63,5
50 A 59 ANOS	815	1247	53,0
60 A 69 ANOS	568	760	33,8
70 E MAIS ANOS	456	616	35,1

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 5.5.2. Taxas de Suicídio por Idades Simples e Faixas Etárias. Brasil, 1998/2008.

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	TAXAS DE SUICÍDIO		
	1998	2008	Δ %
10 A 14 ANOS	0,5	0,6	11,6
10 ANOS	0,1	0,2	37,3
11 ANOS	0,3	0,2	-41,0
12 ANOS	0,6	0,4	-31,1
13 ANOS	0,7	0,9	42,7
14 ANOS	1,0	1,3	29,0
15 A 19 ANOS	3,5	3,7	6,2
15 ANOS	2,0	2,1	3,5
16 ANOS	2,5	3,0	19,2
17 ANOS	3,3	3,8	14,3
18 ANOS	4,5	4,5	1,0
19 ANOS	5,6	5,2	-7,2
20 A 24 ANOS	5,7	6,5	13,7
20 ANOS	5,7	6,7	19,2
21 ANOS	5,8	6,3	8,3
22 ANOS	6,0	6,8	13,7
23 ANOS	6,2	6,5	4,0
24 ANOS	4,8	6,1	27,0
25 A 29 ANOS	6,2	6,2	0,3
30 A 34 ANOS	6,1	6,6	8,5
35 A 39 ANOS	6,7	6,7	-0,1
40 A 44 ANOS	6,6	7,3	11,0
45 A 49 ANOS	7,0	7,8	10,5
50 A 59 ANOS	7,4	7,3	-0,9
60 A 69 ANOS	7,7	7,4	-3,4
70 E MAIS ANOS	8,6	7,2	-15,8

Fonte: SIM/SVS/MS

5.6. Os Suicídios por Sexo

As Tabelas a seguir permitem verificar a distribuição dos suicídios registrados pelo SIM durante o ano de 2008, nas Unidades Federadas e nas Capitais, para a população total e a população jovem.

É possível observar aqui, da mesma forma que nos acidentes de transporte e nos homicídios, que a mortalidade por suicídios é notadamente masculina. Uma elevada proporção de homens: 79,1% dos suicidas nas Unidades Federadas e 74% nas capitais pertencem ao sexo masculino. Já entre os jovens, essa proporção masculina é semelhante: 77,8% nas Unidades e 83,7% nas Capitais. Essas proporções vêm se mantendo mais ou menos constantes ao longo do tempo.

Pode-se observar também que existem variações de algum peso entre os estados. Piauí aparece como o estado com menor proporção de suicídios masculinos na população total – 70,3% – e, no outro extremo, a Bahia, com 88,2% de suicidas masculinos. De toda forma, vemos que a variabilidade é reduzida.

Tabela 5.6.1. Número e Taxas de Suicídio Segundo o Sexo. População Total. UF e Regiões. Ano: 2008.

UF/REGIÃO	NÚMERO		% MASC.	TAXA (EM 100 MIL)	
	MASC.	FEM.		MASC.	FEM.
ACRE	28	5	84,8	8,2	1,5
AMAZONAS	118	29	80,3	7,0	1,7
AMAPÁ	27	4	87,1	8,8	1,3
PARÁ	185	32	85,3	5,0	0,9
RONDÔNIA	64	12	84,2	8,4	1,6
RORAIMA	23	8	74,2	10,6	4,1
TOCANTINS	68	16	81,0	10,5	2,5
NORTE	513	106	82,9	6,7	1,4
ALAGOAS	87	18	82,9	5,7	1,1
BAHIA	335	45	88,2	4,7	0,6
CEARÁ	428	114	79,0	10,4	2,6
MARANHÃO	138	37	78,9	4,4	1,2
PARAÍBA	117	39	75,0	6,4	2,0
PERNAMBUCO	257	106	70,8	6,1	2,4
PIAUI	156	66	70,3	10,1	4,2
RIO GRANDE DO NORTE	119	28	81,0	7,8	1,8
SERGIPE	82	27	75,2	8,4	2,6
NORDESTE	1.719	480	78,2	6,6	1,8
ESPIRITO SANTO	109	40	73,2	6,4	2,3
MINAS GERAIS	824	226	78,5	8,4	2,3
RIO DE JANEIRO	245	99	71,2	3,2	1,2
SÃO PAULO	1.479	375	79,8	7,4	1,8
SUDESTE	2.657	740	78,2	6,8	1,8
PARANÁ	465	134	77,6	8,9	2,5
RIO GRANDE DO SUL	935	228	80,4	17,6	4,1
SANTA CATARINA	391	98	80,0	13,0	3,2
SUL	1.791	460	79,6	13,2	3,3
DISTRITO FEDERAL	96	36	72,7	7,9	2,7
GOIÁS	293	71	80,5	10,1	2,4
MATO GROSSO DO SUL	154	28	84,6	13,2	2,4
MATO GROSSO	152	32	82,6	10,1	2,2
CENTRO-OESTE	695	167	80,6	10,2	2,4
BRASIL	7.375	1.953	79,1	7,9	2,0

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 5.6.2. Número e Taxas de Suicídio Segundo o Sexo. População de 15 a 24 Anos de Idade. UF e Regiões. Ano: 2008.

UF/REGIÃO	NÚMERO		% MASC.	TAXA (EM 100 MIL)	
	MASC.	FEM.		MASC.	FEM.
ACRE	4	0	100,0	5,7	0,0
AMAZONAS	45	14	76,3	12,9	4,1
AMAPÁ	14	1	93,3	21,8	1,5
PARÁ	61	12	83,6	7,9	1,6
RONDÔNIA	18	6	75,0	11,8	4,0
RORAIMA	12	2	85,7	28,3	4,9
TOCANTINS	19	2	90,5	14,3	1,5
NORTE	173	37	82,4	10,9	2,4
ALAGOAS	22	7	75,9	7,1	2,3
BAHIA	48	8	85,7	3,3	0,6
CEARÁ	80	30	72,7	9,3	3,6
MARANHÃO	41	15	73,2	5,9	2,3
PARAÍBA	19	10	65,5	5,1	2,7
PERNAMBUCO	59	25	70,2	7,0	3,0
PIAUI	33	23	58,9	10,1	7,3
RIO GRANDE DO NORTE	22	7	75,9	7,1	2,3
SERGIPE	11	7	61,1	5,6	3,6
NORDESTE	335	132	71,7	6,3	2,5
ESPIRITO SANTO	7	10	41,2	2,2	3,2
MINAS GERAIS	143	44	76,5	7,9	2,5
RIO DE JANEIRO	26	12	68,4	2,1	1,0
SÃO PAULO	248	53	82,4	7,2	1,5
SUDESTE	424	119	78,1	6,2	1,8
PARANÁ	96	28	77,4	10,0	3,0
RIO GRANDE DO SUL	134	28	82,7	14,5	3,1
SANTA CATARINA	61	14	81,3	11,1	2,6
SUL	291	70	80,6	11,9	3,0
DISTRITO FEDERAL	22	11	66,7	9,5	4,5
GOIÁS	54	9	85,7	10,1	1,7
MATO GROSSO DO SUL	54	8	87,1	24,5	3,7
MATO GROSSO	34	10	77,3	11,8	3,6
CENTRO-OESTE	164	38	81,2	12,9	3,0
BRASIL	1.387	396	77,8	7,9	2,3

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 5.6.3. Número e Taxas de Suicídio Segundo o Sexo. População Total. Capitais. Ano: 2008.

CAPITAL/REGIÃO	NÚMERO		% MASC.	TAXA (EM 100 MIL)	
	MASC.	FEM.		MASC.	FEM.
BELEM	31	5	86,1	4,6	0,7
BOA VISTA	9	6	60,0	6,6	4,8
MACAPÁ	15	1	93,8	8,5	0,5
MANAUS	73	18	80,2	8,8	2,0
PALMAS	10	3	76,9	11,5	3,1
PORTO VELHO	20	5	80,0	10,7	2,6
RIO BRANCO	15	4	78,9	10,3	2,6
NORTE	173	42	80,5	7,7	1,8
ARACAJU	29	14	67,4	11,6	4,9
FORTALEZA	130	39	76,9	11,2	3,0
JOÃO PESSOA	29	7	80,6	8,9	1,9
MACEIÓ	35	8	81,4	8,0	1,6
NATAL	9	3	75,0	2,4	0,7
RECIFE	56	36	60,9	7,8	4,3
SALVADOR	11	2	84,6	0,8	0,1
SÃO LUÍS	31	10	75,6	6,8	1,9
TERESINA	49	28	63,6	13,0	6,6
NORDESTE	379	147	72,1	6,9	2,4
BELO HORIZONTE	68	36	65,4	5,9	2,8
RIO DE JANEIRO	92	48	65,7	3,2	1,5
SÃO PAULO	408	112	78,5	7,9	1,9
VITÓRIA	9	7	56,3	6,0	4,2
SUDESTE	577	203	74,0	6,2	1,9
CURITIBA	55	30	64,7	6,3	3,1
FLORIANÓPOLIS	20	5	80,0	10,3	2,4
PORTO ALEGRE	93	29	76,2	13,9	3,8
SUL	168	64	72,4	9,7	3,3
BRASÍLIA	96	36	72,7	7,9	2,7
CAMPO GRANDE	27	8	77,1	7,5	2,1
CUIABÁ	20	6	76,9	7,6	2,1
GOIÂNIA	76	27	73,8	12,7	4,1
CENTRO-OESTE	219	77	74,0	9,0	2,9
BRASIL	1.516	533	74,0	7,1	2,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 5.6.4. Número e Taxas de Suicídio Segundo o Sexo. População de 15 a 24 Anos de Idade. Capitais. Ano: 2008.

CAPITAL/REGIÃO	NÚMERO		% MASC.	TAXA (EM 100 MIL)	
	MASC.	FEM.		MASC.	FEM.
BELÉM	18	5	78,3	13,7	3,6
BOA VISTA	13	2	86,7	50,3	7,9
MACAPÁ	16	6	72,7	43,7	15,6
MANAUS	47	14	77,0	28,3	8,1
PALMAS	12	4	75,0	66,4	18,8
PORTO VELHO	26	8	76,5	66,5	20,4
RIO BRANCO	17	2	89,5	57,6	6,4
NORTE	149	41	78,4	33,3	8,8
ARACAJU	42	3	93,3	85,0	5,8
FORTALEZA	71	15	82,6	29,2	6,0
JOÃO PESSOA	36	3	92,3	53,3	4,4
MACEIÓ	43	8	84,3	49,8	8,9
NATAL	26	4	86,7	34,1	5,1
RECIFE	80	16	83,3	57,2	11,3
SALVADOR	24	5	82,8	8,9	1,8
SÃO LUÍS	43	14	75,4	42,6	12,8
TERESINA	67	12	84,8	82,1	14,1
NORDESTE	432	80	84,4	38,7	7,0
BELO HORIZONTE	143	20	87,7	70,4	9,7
RIO DE JANEIRO	134	35	79,3	29,0	7,5
SÃO PAULO	335	57	85,5	37,6	6,2
VITÓRIA	30	9	76,9	111,4	33,4
SUDESTE	642	121	84,1	40,5	7,5
CURITIBA	105	22	82,7	66,0	14,0
FLORIANÓPOLIS	27	4	87,1	76,7	11,6
PORTO ALEGRE	50	7	87,7	43,5	6,2
SUL	182	33	84,7	58,8	10,8
BRASÍLIA	87	26	77,0	37,7	10,7
CAMPO GRANDE	53	9	85,5	76,1	13,1
CUIABÁ	35	1	97,2	67,8	1,9
GOIÂNIA	121	20	85,8	108,7	17,4
CENTRO-OESTE	296	56	84,1	63,9	11,7
BRASIL	1.701	331	83,7	43,4	8,2

5.7. Cor/Raça e Suicídios

As tabelas a seguir detalham o número de suicídios segundo a raça/cor das vítimas. Vemos que também neste caso o suicídio de brancos cresce 8,6% entre 2002 e 2008, enquanto o de negros aumenta 51,3%.

Os jovens brancos apresentam a mesma taxa de suicídios que os brancos na população total (4,8 em 100 mil), mas os suicídios entre os jovens negros (4 em 100 mil) são maiores que na população total de negros (3,3 em 100 mil). Assim, a taxa entre os jovens brancos é 17,3% maior do que entre os jovens negros.

Entre os jovens, o suicídio de brancos até cai levemente, -2,8%, enquanto entre negros o suicídio cresce 29,4%.

No caso dos suicídios, não foi possível estimar as taxas, dado que as estimativas de população por raça/cor, inferidas a partir da matrizes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, originaram graves problemas de imputação, motivo pelo qual decidiu-se trabalhar só com os números absolutos de suicídios do SIM.

Pelas mesmas Tabelas é possível observar que Unidades Federadas, como Paraíba, Rondônia e Santa Catarina, tiveram fortes incrementos nos suicídios negros, quando o normal nos suicídios brancos foram quedas estaduais.

Tabela 5.7.1. Número de Suicídios na População Total por Raça/Cor. Regiões e UFs. Brasil, 2002/2005/2008.

UF/REGIÃO	BRANCOS				NEGROS			
	2002	2005	2008	Δ %	2002	2005	2008	Δ %
ACRE	7	7	8	14,3	14	10	18	28,6
AMAZONAS	11	8	11	0,0	61	66	108	77,0
AMAPÁ	4	3	1	-75,0	30	37	30	0,0
PARÁ	18	19	25	38,9	118	146	182	54,2
RONDÔNIA	22	23	21	-4,5	20	40	48	140,0
RORAIMA	5	4	4	-20,0	11	15	18	63,6
TOCANTINS	15	12	13	-13,3	35	55	71	102,9
NORTE	82	76	83	1,2	289	369	475	64,4
ALAGOAS	17	13	3	-82,4	46	45	88	91,3
BAHIA	39	44	48	23,1	151	264	299	98,0
CEARÁ	88	53	81	-8,0	199	298	354	77,9
MARANHÃO	26	17	32	23,1	87	89	137	57,5
PARAÍBA	27	9	20	-25,9	38	83	128	236,8
PERNAMBUCO	62	58	87	40,3	177	229	265	49,7
PIAUI	26	30	48	84,6	90	115	165	83,3
RIO GRANDE DO NORTE	28	43	36	28,6	69	100	98	42,0
SERGIPE	24	12	24	0,0	45	60	64	42,2
NORDESTE	337	279	379	12,5	902	1.283	1.598	77,2
ESPIRITO SANTO	55	66	50	-9,1	41	69	70	70,7
MINAS GERAIS	424	516	551	30,0	295	387	427	44,7
RIO DE JANEIRO	279	255	209	-25,1	165	166	128	-22,4
SÃO PAULO	1.174	1.220	1.305	11,2	322	373	478	48,4
SUDESTE	1.932	2.057	2.115	9,5	823	995	1.103	34,0
PARANÁ	491	574	496	1,0	85	86	95	11,8
RIO GRANDE DO SUL	947	985	1.045	10,3	81	89	107	32,1
SANTA CATARINA	374	376	447	19,5	20	28	35	75,0
SUL	1.812	1.935	1.988	9,7	186	203	237	27,4
DISTRITO FEDERAL	27	36	29	7,4	83	76	101	21,7
GOIÁS	157	134	134	-14,6	163	171	214	31,3
MATO GROSSO DO SUL	61	83	59	-3,3	55	55	63	14,5
MATO GROSSO	67	61	61	-9,0	84	89	120	42,9
CENTRO-OESTE	312	314	283	-9,3	385	391	498	29,4
BRASIL	4.475	4.661	4.848	8,3	2.585	3.241	3.911	51,3

Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 5.7.2. Número de Suicídios na População de 15 a 24 Anos por Raça/Cor. Regiões e UFs. Brasil, 2002/2005/2008.

UF/REGIÃO	BRANCOS				NEGROS			
	2002	2005	2008	Δ %	2002	2005	2008	Δ %
ACRE	4	0	1	-75,0	4	4	1	-75,0
AMAZONAS	6	4	4	-33,3	25	23	38	52,0
AMAPÁ	1	0	1	0,0	15	15	14	-6,7
PARÁ	9	5	8	-11,1	46	45	65	41,3
RONDÔNIA	7	5	5	-28,6	7	15	15	114,3
RORAIMA	3	1	1	-66,7	7	4	8	14,3
TOCANTINS	4	3	4	0,0	5	14	17	240,0
NORTE	34	18	24	-29,4	109	120	158	45,0
ALAGOAS	4	2	1	-75,0	14	10	22	57,1
BAHIA	7	6	5	-28,6	35	55	46	31,4
CEARÁ	17	10	18	5,9	36	72	66	83,3
MARANHÃO	8	3	6	-25,0	27	20	48	77,8
PARAÍBA	7	2	4	-42,9	6	14	24	300,0
PERNAMBUCO	21	11	25	19,0	38	51	58	52,6
PIAUÍ	5	5	10	100,0	27	34	41	51,9
RIO GRANDE DO NORTE	6	7	8	33,3	17	19	18	5,9
SERGIPE	2	2	4	100,0	14	14	12	-14,3
NORDESTE	77	48	81	5,2	214	289	335	56,5
ESPIRITO SANTO	11	5	4	-63,6	6	12	9	50,0
MINAS GERAIS	88	74	91	3,4	72	66	84	16,7
RIO DE JANEIRO	33	34	19	-42,4	42	33	19	-54,8
SÃO PAULO	210	192	207	-1,4	84	99	86	2,4
SUDESTE	342	305	321	-6,1	204	210	198	-2,9
PARANÁ	97	122	97	0,0	20	16	27	35,0
RIO GRANDE DO SUL	131	146	140	6,9	15	13	21	40,0
SANTA CATARINA	65	55	68	4,6	3	8	6	100,0
SUL	293	323	305	4,1	38	37	54	42,1
DISTRITO FEDERAL	6	8	3	-50,0	23	12	29	26,1
GOIÁS	18	28	20	11,1	45	45	38	-15,6
MATO GROSSO DO SUL	11	19	13	18,2	17	14	19	11,8
MATO GROSSO	16	11	8	-50,0	19	18	35	84,2
CENTRO-OESTE	51	66	44	-13,7	104	89	121	16,3
BRASIL	797	760	775	-2,8	669	745	866	29,4

Fonte: SIM/SVS/MS

Se esses dados mostram um forte diferencial de crescimento entre brancos e pretos, com aumento dos suicídios negros, o fato que nos chamava a atenção das análises em nível municipal no item 5.4 devem ser retomados. Vimos nesse item a existência de municípios onde praticamente a totalidade dos suicídios é indígena com destaque para o suicídio juvenil.

Conforme dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), existem aproximadamente 400 mil índios residindo em aldeias no Brasil, correspondendo a 0,25% da população brasileira. Segundo a mesma instituição, a população indígena no Brasil é maior, pois esses números não incluem os índios que residem em locais fora de aldeias – estima-se que esses somam cerca de 100 mil.

No ano de 2008, foram registrados pelo SIM exatamente 100 suicídios indígenas. Isso já daria uma taxa nacional de 20 suicídios a cada 100 mil índios, isto é, quatro vezes acima da média nacional (4,9 suicídios em 100 mil).

Mas, a distribuição geográfica é extremamente desigual. Segundo a mesma fonte, só 12 das 27 UFs registraram suicídios indígenas em 2009. Dentre eles, com mais de 1 suicídio, destacam-se:

- Mato Grosso do Sul54
- Amazonas27
- Roraima 9
- São Paulo 2

Assim, Mato Grosso do Sul e Amazonas concentravam 81% do total nacional de suicídios indígenas.

Segundo dados da Funai, o Amazonas contava com 83.966 indígenas, pelo que sua taxa de suicídios específica para essa população seria de 32,2 em 100 mil. Já para o Mato Grosso do Sul, que contava com 32.519 indígenas, a taxa de suicídios seria de 166,1 a cada 100 mil indígenas.

Entre os jovens, podemos estimar para o Amazonas uma taxa de 101 suicidas para 100 mil jovens (registraram-se 17 suicídios juvenis em 2008) e de 446 para Mato Grosso do Sul, que registrou 29 suicídios juvenis nesse ano.

5.8. Comparações Internacionais

A Tabela 5.8.1 permite verificar que, comparado com a centena de países arrolados, para os quais dispomos de dados provenientes da Organização Mundial da Saúde, o Brasil apresenta taxas de suicídios relativamente baixas, tanto na sua população total quanto entre seus jovens. Mas, na população total, ocupa a posição 73º e na população jovem, a posição 60º.

Tabela 5.8.1. Ordenamento dos Países Segundo Taxas de Suicídio Total e Jovem.
Ano: Último Disponível entre 2004 e 2008.

POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.	PAÍS	ANO	TAXA	POS.
LITUÂNIA	2008	33,1	1º	CAZAQUISTÃO	2008	29,5	1º
RÚSSIA	2006	30,1	2º	GUIANA	2005	27,0	2º
BIELORRÚSSIA	2007	27,4	3º	RÚSSIA	2006	25,6	3º
CAZAQUISTÃO	2008	25,6	4º	LITUÂNIA	2008	24,7	4º
HUNGRIA	2008	24,7	5º	NOVA ZELÂNDIA	2006	19,7	5º
GUIANA	2005	24,0	6º	BIELORRÚSSIA	2007	19,0	6º
JAPÃO	2008	24,0	7º	ESTÔNIA	2008	17,0	7º
LETÔNIA	2008	23,3	8º	BÉLGICA	2004	16,3	8º
REP. DA COREIA	2006	22,2	9º	FINLÂNDIA	2008	16,2	9º
UCRÂNIA	2008	20,5	10º	SURINAME	2005	16,0	10º
ESLOVÊNIA	2008	20,0	11º	JAPÃO	2008	15,4	11º
FINLÂNDIA	2008	19,4	12º	IRLANDA	2008	15,4	12º
BÉLGICA	2004	19,2	13º	NICARÁGUA	2005	14,6	13º
KUWAIT	2008	18,7	14º	URUGUAI	2004	14,2	14º
ESTÔNIA	2008	18,1	15º	UCRÂNIA	2008	14,0	15º
SUIÇA	2007	18,0	16º	BELIZE	2004	13,9	16º
CROÁCIA	2008	17,9	17º	IRLANDA DO NORTE	2007	13,8	17º
SÉRVIA	2008	17,6	18º	LETÔNIA	2008	13,2	18º
REP. DA MOLDÁVIA	2008	17,4	19º	EL SALVADOR	2006	12,6	19º
FRANÇA	2007	16,3	20º	ESLOVÊNIA	2008	12,4	20º
ST. PIERRE E MIQUELON	2006	16,3	21º	SUIÇA	2007	12,2	21º
SURINAME	2005	15,9	22º	CHILE	2005	12,0	22º
URUGUAI	2004	15,4	23º	EQUADOR	2006	11,6	23º
ÁUSTRIA	2008	15,2	24º	POLÓNIA	2008	11,4	24º
POLÓNIA	2008	14,9	25º	CANADÁ	2004	11,0	25º
LUXEMBURGO	2006	14,4	26º	ARGENTINA	2007	10,9	26º
RAE DE HONG KONG	2007	13,3	27º	EEUU	2005	10,0	27º
REP. CHECA	2008	13,2	28º	NORUEGA	2007	9,9	28º
ESLOVÁQUIA	2005	12,6	29º	COSTA RICA	2006	9,6	29º
NOVA ZELÂNDIA	2006	12,5	30º	QUIRGUISTÃO	2008	9,6	30º
BULGÁRIA	2008	12,3	31º	COLÔMBIA	2006	9,4	31º
SUÉCIA	2007	12,3	32º	REP. DA COREIA	2006	9,3	32º
IRLANDA DO NORTE	2007	12,2	33º	ESCÓCIA	2008	9,2	33º
DINAMARCA	2006	11,9	34º	REP. DA MOLDÁVIA	2008	9,0	34º
ISLÂNDIA	2008	11,9	35º	SUÉCIA	2007	8,8	35º
ALEMANHA	2006	11,9	36º	REUNIÃO	2006	8,8	36º
ROMÊNIA	2008	11,5	37º	ISLÂNDIA	2008	8,5	37º
CUBA	2007	11,5	38º	CROÁCIA	2008	8,4	38º
REUNIÃO	2006	11,4	39º	REP. CHECA	2008	8,2	39º
CANADÁ	2004	11,3	40º	AUSTRÁLIA	2006	7,9	40º
ESCÓCIA	2008	11,0	41º	RAE DE HONG KONG	2007	7,8	41º
EEUU	2005	11,0	42º	ÁUSTRIA	2008	7,5	42º
CHILE	2005	10,5	43º	PARAGUAI	2006	7,5	43º
CINGAPURA	2006	10,3	44º	ESLOVÁQUIA	2005	7,5	44º
NORUEGA	2007	10,3	45º	HUNGRIA	2008	7,4	45º
IRLANDA	2008	9,5	46º	PANAMÁ	2006	7,3	46º
PORTUGAL	2005	9,4	47º	LUXEMBURGO	2006	7,2	47º
ARUBA	2006	9,1	48º	ALBÂNIA	2004	6,7	48º
QUIRGUISTÃO	2008	9,0	49º	MAURÍCIO	2008	6,7	49º
MARTINICA	2006	9,0	50º	ROMÊNIA	2008	6,5	50º

continua ▶

POPULAÇÃO TOTAL			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.
HOLANDA	2008	8,7	51º
GUADALUPE	2006	8,5	52º
AUSTRÁLIA	2006	8,2	53º
COSTA RICA	2006	8,2	54º
ESPAÑA	2005	7,8	55º
BELIZE	2004	7,6	56º
ARGENTINA	2007	7,4	57º
PORTO RICO	2005	7,4	58º
NICARÁGUA	2005	7,2	59º
EL SALVADOR	2006	6,9	60º
MAURÍCIO	2008	6,8	61º
EQUADOR	2006	6,5	62º
REINO UNIDO	2007	6,4	63º
ITÁLIA	2007	6,3	64º
GUIANA FRANCESA	2006	6,2	65º
SEYCHELLES	2005	6,0	66º
INGLATERRA E GALES	2007	5,9	67º
PANAMÁ	2006	5,8	68º
GRANADA	2005	5,7	69º
TAILÂNDIA	2006	5,7	70º
RODRIGUES	2008	5,3	71º
COLÓMBIA	2006	5,3	72º
BRASIL	2008	4,9	73º
ALBÂNIA	2004	4,7	74º
UZBEQUISTÃO	2005	4,7	75º
ISRAEL	2007	4,3	76º
PARAGUAI	2006	4,2	77º
MÉXICO	2007	4,0	78º
VENEZUELA	2007	3,5	79º
MALTA	2008	3,4	80º
SAN MARINO	2005	3,4	81º
GRÉCIA	2008	3,3	82º
TAJUISTÃO	2005	2,7	83º
GUATEMALA	2006	2,7	84º
ARMÊNIA	2006	2,4	85º
CHIPRE	2007	2,3	86º
ILHAS VIRGENS-EEUU	2005	1,8	87º
REP. DOMINICANA	2004	1,7	88º
BERMUDAS	2006	1,5	89º
BAHAMAS	2005	1,3	90º
ÁFRICA DO SUL	2007	1,3	91º
AZERBAIJÃO	2007	0,6	92º
MALDIVAS	2005	0,3	93º
MALÁSIA	2006	0,1	94º
EGITO	2008	0,1	95º
ANTÍGUA E BARBUDA	2006	0,0	96º
DOMINICA	2006	0,0	96º
ILHAS CAYMAN	2004	0,0	96º
ILHAS TURKS E CAICOS	2005	0,0	96º
S.CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	0,0	96º

POPULAÇÃO JOVEM			
PAÍS	ANO	TAXA	POS.
FRANÇA	2007	6,5	51º
SÉRVIA	2008	5,9	52º
BULGÁRIA	2008	5,9	53º
ALEMANHA	2006	5,9	54º
MÉXICO	2007	5,8	55º
MARTINICA	2006	5,6	56º
PORTO RICO	2005	5,4	57º
DINAMARCA	2006	5,4	58º
UZBEQUISTÃO	2005	5,2	59º
BRASIL	2008	5,1	60º
HOLANDA	2008	4,9	61º
VENEZUELA	2007	4,8	62º
ISRAEL	2007	4,8	63º
TAILÂNDIA	2006	4,7	64º
REINO UNIDO	2007	4,6	65º
GUATEMALA	2006	4,4	66º
ESPAÑA	2005	3,9	67º
CINGAPURA	2006	3,8	68º
CUBA	2007	3,8	69º
INGLATERRA E GALES	2007	3,7	70º
ITÁLIA	2007	3,4	71º
GUIANA FRANCESA	2006	2,8	72º
TAJUISTÃO	2005	2,7	73º
CHIPRE	2007	2,5	74º
MALTA	2008	1,7	75º
ÁFRICA DO SUL	2007	1,6	76º
ARMÊNIA	2006	1,6	77º
REP. DOMINICANA	2004	1,6	78º
KUWAIT	2008	1,3	79º
GRÉCIA	2008	1,2	80º
AZERBAIJÃO	2007	0,4	81º
MALÁSIA	2006	0,2	82º
EGITO	2008	0,1	83º
ANTÍGUA E BARBUDA	2006	0,0	83º
ARUBA	2006	0,0	83º
BAHAMAS	2005	0,0	83º
BERMUDAS	2006	0,0	83º
DOMINICA	2006	0,0	83º
GRANADA	2005	0,0	83º
GUADALUPE	2006	0,0	83º
ILHAS CAYMAN	2004	0,0	83º
ILHAS TURKS E CAICOS	2005	0,0	83º
ILHAS VIRGENS-EEUU	2005	0,0	83º
MALDIVAS	2005	0,0	83º
RODRIGUES	2008	0,0	83º
S.CRISTÓVÃO E NEVIS	2006	0,0	83º
SAN MARINO	2005	0,0	83º
SEYCHELLES	2005	0,0	83º
ST.PIERRE E MIQUELON	2006	s/d	
PORTUGAL	2005	s/d	

Fontes: Mortalidade: Whosis Mortality Databases (Brasil: SIM/SYS/MS).
População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos percorrido um longo caminho tentando qualificar uma década – de 1998 a 2008 – de violências letais que, no sentido trágico do termo, têm-se tornado em nossas vivências e temores cotidianos.

Duas pesquisas realizadas por órgãos oficiais recentemente divulgadas corroboram essa inserção da violência em nosso dia a dia.

A primeira é o complemento de Vitimização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE³⁴ de 2009, divulgada nos últimos dias de 2010. Considerando o ano anterior à pesquisa³⁵:

- 47,2% das pessoas de 10 anos ou mais, o que equivale a 29 milhões de brasileiros, não se sentiam seguras na cidade em que moravam;
- 8,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais – 7,3% – foram vítimas de roubo ou furto nesse ano; e
- 2,5 milhões de pessoas – 1,6% – sofreram agressão física.

O IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República – também em fins de 2010, lança seu *Sistema de Indicadores de Percepção Social*, um de cujos capítulos igualmente enfoca as percepções da população em torno da segurança pública³⁶.

34. IBGE. *Características da vitimização e do acesso à Justiça no Brasil. 2009*. PNAD, IBGE/CNJ. 2010.

35. De 27 de setembro de 2008 a 26 de setembro de 2009

36. IPEA. *SIPS. Sistema de Indicadores de Percepção Social. Segurança Pública*. IPEA/SAE. 2/12/2010.

Num primeiro bloco de questões, os entrevistados deveriam indicar seu temor em relação a vários tipos de incidentes violentos, e as alternativas de resposta oferecidas eram: *Muito Medo*, *Pouco Medo*, *Nenhum Medo*. No quadro a seguir, consta a proporção que respondeu *Muito Medo*:

- Assassinato 78,6%;
- Assalto a mão armada..... 73,7%;
- Arrombamento 68,7%;
- Agressão física 48,7%.

São dados realmente preocupantes: 8 em 10 brasileiros têm muito medo de morrer assassinado e 7 em 10 de ser assaltado com arma em punho. Mas representa só o reverso da mesma moeda que tivemos oportunidade de esmiuçar ao longo dos vários capítulos até aqui trabalhados.

Se os anos extremos da década analisada, 1998 e 2008, nos apresentam uma imagem inicial de aparente congelamento ou estagnação nos diversos índices de violência letal, as análises realizadas ao longo dos capítulos nos indicam que foram vários os movimentos e mudanças acontecidos no decorrer do período, pelo que a estrutura que encontramos em 2008 difere significativamente da existente em 1998. Quais foram essas mudanças?

No terreno dos homicídios, vemos que a taxa de 1998 – 25,9 homicídios em 100 mil habitantes – está bem próxima da encontrada em 2008: 26,4 homicídios em 100 mil habitantes. Mas, se os índices são semelhantes, as realidades que esses índices nos revelam são marcadamente diferenciais:

- No período, acontece um fenômeno inédito no histórico dos dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Pela primeira vez, os quantitativos de homicídio sofrem quedas significativas por dois anos consecutivos. Foi a partir de 2004, ano do Estatuto e da Campanha do Desarmamento.
- Esse fato divide a década em três grandes blocos:
 - Até 2003, elevado crescimento dos homicídios, com um ritmo médio de 4% ao ano.
 - Queda expressiva em 2004, que se prolonga com menor intensidade em 2005, resultante, em grande parte, das políticas de desarmamento.
- Mas nos anos finais do período, observamos fortes oscilações, resultado da preponderância relativa de várias situações que se encontram ainda em curso:
 - Um grupo pequeno de estados, mas de grande peso demográfico – São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – inicia um processo de forte reversão de seus índices, puxando as taxas nacionais para baixo.
 - Outros estados, como Pernambuco e Espírito Santo, historicamente polos dinâmicos do incremento da violência, incluindo aqui também Mato Grosso e Acre, praticamente estagnaram durante o período

- Estados que tiveram uma súbita e forte erupção de violência, mais que duplicando suas taxas no período, como Pará, Alagoas ou Goiás.
- Por último, outro grupo de estados em situação peculiar³⁷. No início do período analisado, mal chegavam aos 10 homicídios em 100 mil habitantes. Poderiam ser considerados, no início da década, os estados mais *tranquilos* do Brasil em termos relativos. Por motivos diversos, também se viram incorporados na voragem homicida. A taxa média desses 7 estados, que em 1998 foi de 7,9 homicídios em 100 mil habitantes, pulou para 21,3 em 2008. Representa um aumento de 170% na década, algo em torno de 11% ao ano. Assim, em 2008, não encontramos nenhum estado brasileiro com taxa de homicídios abaixo de 10 para cada 100 mil habitantes. A menor taxa de 2008, a do Piauí, é de 12,4 homicídios em 100 mil habitantes. Dessa forma, sem aumentar sua *intensidade* global – em torno de 26 homicídios em 100 mil –, a violência homicida está-se espalhando por unidades que, até uma década atrás, eram aparentemente *imunes*.

Esse último ponto indica a existência não de um, mas de dois processos concomitantes de desconcentração. Por um lado, como tivemos oportunidade de desenvolver no capítulo 3, há um fenômeno de interiorização da violência homicida. Se até 1996 o crescimento dos homicídios centrava-se nas capitais e nos grandes conglomerados metropolitanos, entre 1996 e 2003 esse crescimento praticamente estagna e o dinamismo se transfere aos municípios do interior dos estados. A partir de 2003, as taxas médias nacionais das capitais e regiões metropolitanas começam a encolher, enquanto as do interior continuam a crescer, mas com um ritmo mais lento. Vários fatores parecem explicar essa reversão: o Plano Nacional de Segurança Pública de 1999 e o Fundo Nacional de Segurança, de janeiro de 2001, canalizando recursos para o aparelhamento dos sistemas de segurança pública das regiões de maior incidência, dificultam a ação da criminalidade organizada que migra para áreas de menor risco. Também o processo de desconcentração econômica, com o aparecimento de polos de crescimento no interior dos estados, atua como fator impulsor da violência.

Esses mesmos fatores parecem impulsionar um segundo tipo de desconcentração, agora entre os estados. Em 1998, os 5 estados com maiores taxas de homicídios apresentavam uma média de 52,6 homicídios em 100 mil habitantes. A média dos 5 estados com as menores taxas foi de 7,0. A relação entre ambas foi de 7,5 (7,5 vezes maior). Já em 2008, os 5 estados de maior nível de homicídios apresentam uma taxa bem pouco menor que a de 1998: 48,2 homicídios em 100 mil habitantes. Mas a taxa média dos estados com menor nível aumentou muito: de 7,0 para 15,6 em 100 mil habitantes. Agora, essa relação entre os 5 de maior nível de homicídios e os 5 de menor nível cai para 3,1: menos da metade.

37. Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Piauí e Maranhão, com taxas que vão de 5 homicídios em 100 mil habitantes neste último até 10,4 para Sergipe.

Além dessa homogeneização crescente das taxas de homicídios, diversos outros processos, detectados em mapas anteriores continuam a ter plena vigência.

- a. Continua a crescer a vitimização juvenil por homicídios. Se em 1998 a taxa de homicídios de jovens era 232% maior que a taxa de homicídios da população não jovem (menos de 15 e mais de 24 anos de idade), em 2008 as taxas juvenis já são 258% maiores. Se essa é a média nacional, há ainda as Unidades Federadas com índices de vitimização acima de 300%, como Paraná e o Distrito Federal. Ou diversos estados com jovens representando mais da metade das vítimas de homicídio.
- b. A masculinidade das vítimas. Em 2008, continua praticamente inalterada a marca histórica de 92% de masculinidade nas vítimas de homicídio.
- c. Os elevados níveis de vitimização negra. Indicador trabalhado a partir do ano 2002, evidencia um forte e preocupante crescimento. Se em 2002 morriam proporcionalmente 46% mais negros que brancos, esse percentual eleva-se para 67% em 2005 e mais ainda, para 103% em 2008. Assim, morrem proporcionalmente mais do dobro de negros do que brancos. E isso acontece porque, por um lado, as taxas de homicídios brancos caíram de 20,6 homicídios em 100 mil brancos em 2002 para 15,9 em 2008. Já entre os negros, as taxas subiram: de 30 em 100 mil negros em 2002 para 33,6 em 2008.
- d. Entre os jovens, esse processo de vitimização por raça/cor foi mais grave ainda. O diferencial (índice de vitimização) que em 2002 era também de 46% eleva-se para 78% em 2005 e pula para 127% em 2008. Mas essas são médias nacionais. Esmiuçando os dados, vemos que há estados como Paraíba ou Alagoas em que por cada jovem branco assassinado morrem proporcionalmente mais de 13 jovens negros (13 em Alagoas, mas são 20 na Paraíba).
- e. No contexto internacional, o Brasil ocupa a sexta posição, tanto no total de homicídios quanto nos homicídios juvenis, nos 100 países que apresentam dados oriundos da Organização Mundial da Saúde. Já ocupou posições ainda menos favoráveis. Mas a melhoria não teve sua origem nos próprios índices, que permaneceram quase constantes ao longo da década, e só os juvenis cresceram levemente. O que aconteceu é que vários países, principalmente da América Central, iniciaram uma séria voragem de violência homicida, ultrapassando em intensidade países tidos como paradigmáticos na violência homicida, como a Colômbia. Ainda assim, se observamos alguns estados, como Alagoas ou Espírito Santo, vemos que apresentam taxas semelhantes ou ainda mais elevadas que os países que lideram o triste *ranking* internacional dos homicídios.

No terreno das mortes em acidentes de transporte, aconteceram alguns fenômenos semelhantes. A promulgação do último Código de Trânsito, em 1997, originou um decréscimo circunstancial dos quantitativos da violência. As quedas, em termos absolutos, duraram três anos. Entre 1997

e 2000 o número de mortes no trânsito cai de 35,8 mil para 29,6 mil. Mas, a partir dessa data, os números voltam a subir de forma sustentada. Já em 2004 retorna ao patamar anterior ao Código, e em 2008 o número nacional se eleva para 39,2 mil vítimas.

As taxas do Brasil em 2008 o levam à 10ª posição entre os 100 países do mundo analisados e à 14ª quando se trata de vítimas jovens. Não devemos esquecer que no Mapa anterior que trata também de acidentes de transporte³⁸ com dados a 2004, o Brasil ocupava a 16ª posição quanto a taxas de óbitos por acidentes de transporte na população total, e a 30ª posição quanto a taxas que se referem à população jovem. Impressiona o brusco câmbio, principalmente na faixa jovem, onde o Brasil passa da posição 30ª a ocupar o 14º lugar. Essa escalada juvenil deve-se, fundamentalmente, aos incrementos observados a partir de 2004.

Historicamente, as taxas juvenis acompanham bem de perto as taxas do conjunto da população, de forma que praticamente não existiam grandes diferenças no movimento de uma e de outra, sendo baixa ou nula a vitimização juvenil nos acidentes de transporte. Como colocamos no mapa de 2006 anteriormente referenciado: *Contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistem um quadro significativo de vitimização juvenil. Efetivamente, as taxas de vitimização (...) podem ser consideradas baixas, colocando as vítimas não jovens num patamar bem próximo ao das vítimas jovens.* Mas, os dados do Capítulo 4.9 indicam o que parece ser o início de um processo de vitimização juvenil também nas mortes por acidentes de transporte. As taxas de vitimização, que permaneciam constantes na faixa de 10 a 15% (10 a 15% mais vítimas jovens que não jovens), elevam-se, em poucos anos, entre 2004 e 2008, para 31%. Nesse período, se as taxas não jovens permaneceram praticamente constantes, a juvenis crescem 15%. Nesse terreno, algumas Unidades, como Santa Catarina ou a Paraíba, ou Capitais, como São Paulo, destacam-se pelas elevadas taxas de vitimização juvenil, indicando claramente a existência de problemas juvenis pouco controlados nesse campo.

Outros aspectos contidos no mesmo capítulo merecem ainda destaque:

- Também nos óbitos por acidentes de transporte continua a histórica marca de aproximadamente 82% de mortes masculinas.
- Incrementos significativos nos finais de semana, principalmente entre os jovens, que aos domingos³⁹ aumentam em 140% os níveis de mortalidade.
- Um bom número de municípios que apresentam níveis de mortalidade por acidentes de transporte que, pela sua magnitude, fogem totalmente dos padrões conhecidos. Detectar e superar as causas que originam essa situação converte-se em uma urgente necessidade para as autoridades competentes.

38. Waiselfsz, J. J. *Mapa da violência 2006: os jovens do Brasil*. Brasília, OEI, 2006.

39. Domingos considerados de 0 a 0 hora.

Mudando para o capítulo de suicídios, os dados arrolados permitem verificar que das três causas de mortalidade violenta trabalhadas no estudo, os suicídios são os que mais cresceram na década: 17% tanto para a população total quanto para a jovem.

Também resulta evidente que o nível de suicídios do Brasil, em termos internacionais, pode ser considerado relativamente baixo. Efetivamente, com sua taxa total de 4,9 suicídios em 100 mil habitantes, ocupa a posição 73 entre os 100 países pesquisados. Já entre os jovens, uma taxa bem próxima – 5,1 suicídios para cada 100 mil jovens – levam o Brasil a uma posição intermediária: a 60ª. Isso aponta que os suicídios juvenis são menos frequentes, no mundo, que os suicídios adultos, acontecendo o contrário no país. Verificando os 100 países pesquisados, é possível confirmar que em 70 deles as taxas de suicídio totais são iguais ou maiores que as juvenis. Em outras palavras, não é frequente que seja registrado, proporcionalmente, maior número de suicídios entre jovens do que no restante da população, o que já constitui uma primeira anomalia cujas causas podemos supor ou hipotetizar, mas para cuja resposta temos poucas evidências empíricas.

Apesar dessa baixa incidência, há estados, como Rio Grande do Sul, que mais que duplicam a média nacional – esse destaque já é histórico. Mas para os jovens, três estados apresentam taxas que superam os 10 suicídios em 100 mil: Roraima, Mato Grosso do Sul e Amapá, tornando-os área de risco para sua juventude.

Podemos afirmar que no Brasil não existe uma tradição ou cultura suicida como em outros países do mundo, mas foi possível verificar, no capítulo correspondente, a existência de um largo número de municípios com índices exageradamente elevados não só para o contexto nacional, mas também no plano internacional. E há um fato que chamou poderosamente nossa atenção nesses municípios: vários deles que aparecem encabeçando as listas são locais de assentamento de comunidades indígenas. É o caso de Amambaí e Paranhos no Mato Grosso do Sul, que encabeçam a lista de suicídios na população total, ou de Dourados, também no Mato Grosso do Sul, e Tabatinga, no Amazonas, que encabeçam a lista de suicídios juvenis.

Isso nos levou a reprocessar toda a informação, agora desagregando os suicídios indígenas⁴⁰. Esse reprocessamento permitiu detectar a existência de um limitado número de municípios⁴¹ que, ocupando os primeiros postos ou em posição de destaque nas listas, contam com a **totalidade ou a grande maioria de seus** suicídios na sua população indígena. Assim, nesses municípios preponderam, decididamente, os suicídios indígenas e, de forma mais destacada, os suicídios dos indígenas jovens!

40. Como esclarecido no primeiro capítulo, para raça/cor só trabalhamos, nos estudos anteriores e no atual, com a categoria *negro*, resultante da somatória de *pretos e pardos*. *Indígena* não era tomado em conta – assim como *amarelo* – por representar só 0,2% da população segundo o IBGE.

41. Amambaí (MS), Dourados (MS), São Gabriel da Cachoeira (AM), Tabatinga (AM), Coronel Sapucaia (MS), Paranhos (MS), Tacuru (MS), Santa Isabel do Rio Negro (AM) e Santo Antônio do Içá (AM).

Estimativas realizadas a partir de dados de população da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do número de suicídios indígenas registrados pela SIM/MS, a taxa nacional de suicídios indígenas seria de 20 para cada 100 mil índios (quatro vezes a média nacional). Se essa é a média nacional, a população indígena encontra-se distribuída de forma muito desigual no território. Tomando só os dois estados que registram 81% dos suicídios indígenas – Mato Grosso do Sul e Amazonas –, teríamos, pelos dados de população indígena da FUNAI, que o Amazonas apresenta uma taxa de 32,2 suicídios cada 100 mil indígenas (seis vezes a média nacional) e Mato Grosso do Sul, de 166 suicídios por cada 100 mil indígenas (mais de 34 vezes a média nacional). Essas estimativas se referem à população total. Tomando especificamente a população indígena jovem, teríamos para o Amazonas uma taxa de 101 suicidas para 100 mil jovens e de 446 para Mato Grosso do Sul, índices que não têm comparação nem no contexto internacional, entre os países com taxas de suicídio consideradas trágicas. Não resta dúvida de que, neste campo, deveríamos ter condições de formular, de forma rápida e emergencial, políticas e estratégias em condições de enfrentar esse flagelo.

Temos dado, nessa década analisada, grandes passos. O principal: conseguiu-se estagnar a voragem de violência, principalmente a homicida, que vinha crescendo, a passos largos, durante longo tempo. Mas a situação, ainda, é de equilíbrio instável. Várias forças pressionam em sentido antagônico. Programas federais, estaduais ou municipais, de forma isolada ou articulada, conseguem fazer cair as taxas da violência homicida (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) ou ao menos, frear seu crescimento nos últimos anos da década (Pernambuco e Espírito Santo), enquanto em noutros estados assistimos a uma verdadeira explosão de violência, como notadamente o caso de Alagoas, e também Pará e Paraíba, dentre outros. Mas, os dados apontam que ainda nos encontramos num impasse, o qual, pensamos, pode e deve ser quebrado. Esse impasse nos indica, de forma indiscutível, que os esforços, políticas, campanhas e estratégias são ainda insuficientes se pretendemos reverter decididamente os níveis de violência e as consequentes inseguranças da população. Mostra-nos, ainda, que devemos aprofundar os caminhos percorridos e diagramar novas iniciativas de enfrentamento. Os nossos exemplos são bons, têm poder indicativo, mas falta, ainda, revalorizar e fortalecer os achados nesse caminho. Se o presente estudo contribuir de alguma forma para atingir esse objetivo, terá cumprido seu propósito.

BIBLIOGRAFIA

DUBET, F. *Penser le sujet*. Paris: Fayard, 1995.

DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996.

IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08).

MELLO JORGE, M. H. P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública* (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, D.C., 1985.

PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano da América Central. PNUD, 2009/2010.

PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia. Brasília, ago., 1997.

RAMOS de SOUZA, et all. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1996.

SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/l, 1995.

UNICEF. *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

- VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*. 30 (4). 1996.
Apud: MELLO JORGE, M. H. P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.
- WASELFISSZ, J. J. *Mortes matadas por armas de fogo, 1979-2003*. Brasília: UNESCO, 2004.
- _____. *Juventude, violência e cidadania: o jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez/ UNESCO, 1998.
- _____. *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, 2004.
- _____. *Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil*. Brasília: OEI, 2006.
- WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo social: revista de Sociologia da USP*, v. 9, n. 1, 1997.



CONSELHO ADMINISTRATIVO

PRESIDENTE

Ben Sangari

SECRETÁRIO

John George de Carle Gottheiner

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Brito Cruz

Cláudio Moura Castro

Fredric Litto

John Penick

Jorge Klor D'Alva

José Eli da Veiga

Raquel Teixeira

CORPO DIRETIVO

VICE-PRESIDENTE

Jorge Werthein

DIRETORA EXECUTIVA

Bianca Penna Moreira Rinzler

DIRETOR DE PESQUISA

Julio Jacobo Waiselfisz

